



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEdU

RAPHAEL ALVES DA SILVA

**NARRATIVAS MEMÉTICAS: O LUGAR DAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS
DIANTE DE UMA ARQUITETURA MUDIÁTICA INTERATIVA QUE DESAFIA A
VERDADE.**

Recife

2024

RAPHAEL ALVES DA SILVA

**NARRATIVAS MEMÉTICAS: O LUGAR DAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS
DIANTE DE UMA ARQUITETURA MIDIÁTICA INTERATIVA QUE DESAFIA A
VERDADE.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco - PPGEd, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Educação.
Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Tícia Cassiany Ferro Cavalcante

Recife

2024

RAPHAEL ALVES DA SILVA

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silva, Raphael Alves da.

Narrativas meméticas: o lugar das práticas educacionais diante de uma arquitetura midiática interativa que desafia a verdade / Raphael Alves da Silva. - Recife, 2024.

263f.: il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

Orientação: Tícia Cassiany Ferro Cavalcante.

Inclui referências e anexos.

1. Narrativas meméticas; 2. Educação; 3. Gêneros textuais digitais. I. Cavalcante, Tícia Cassiany Ferro. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

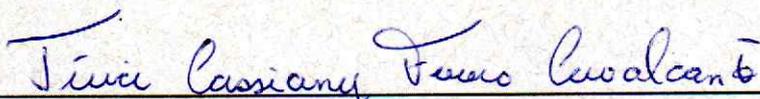
RAPHAEL ALVES DA SILVA

NARRATIVAS MEMÉTICAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: LUGAR DAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS DIANTE DE UMA ARQUITETURA MIDIÁTICA INTERATIVA QUE DESAFIA A VERDADE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Educação.

Aprovado em: 27/11/2024

BANCA EXAMINADORA



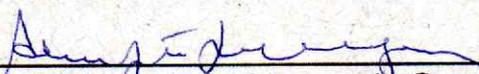
Prof.^a Dr.^a Tícia Cassiany Ferro Cavalcante (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco



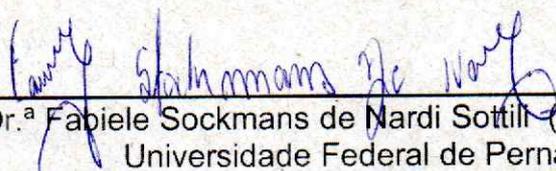
Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo Barbosa (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco



Prof.^a Dr.^a Kátia Silva Cunha (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco



Prof.^a Dr.^a Adriana Leite Limaverde Gomes (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Ceará



Prof.^a Dr.^a Fabiele Sockmans de Nardi Sottill (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos que contribuíram para que este trabalho fosse realizado. Sem eles, eu certamente não teria sido capaz de concluí-lo.

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Tícia Ferro, que não só acreditou na proposta, mas também esteve sempre disponível para que nosso trabalho conjunto seguisse da melhor maneira. Sobre nossa parceria, destaco um outro aspecto: minha escrita sempre foi rotulada como “muito ensaística”. Hoje, isso já não me incomoda, pois acredito que é possível ser formal e respeitoso com os protocolos, utilizando uma abordagem que permita uma escrita mais pessoal e acessível. Escrever dessa forma foi uma escolha deliberada, feita para aproximar o conteúdo da tese dos leitores, especialmente daqueles que, assim como eu, sentem certo desconforto com uma escrita excessivamente formal. Nesse sentido, sinto-me ainda mais grato à Tícia, que, sem maiores reservas, incentivou e assumiu os riscos implicados nessa decisão. Serei eternamente grato por isso.

Agradeço também ao meu companheiro, Lourinaldo Junior, que, nos últimos anos, se dedicou a manter o equilíbrio em nossa vida, minimizando o impacto de uma rotina intensa que envolveu não apenas a pesquisa, mas também o trabalho. Estudei todos esses anos sem financiamento. Dividi, por sete meses, uma bolsa com outros alunos e, por isso, a escrita desta tese ocorreu enquanto eu trabalhava exaustivamente em três empregos. Sem o apoio de alguém tão afetuoso e compreensivo, eu certamente teria desistido.

Agradeço à minha família, pela base educacional que me proporcionou e pelo constante apoio ao meu sucesso.

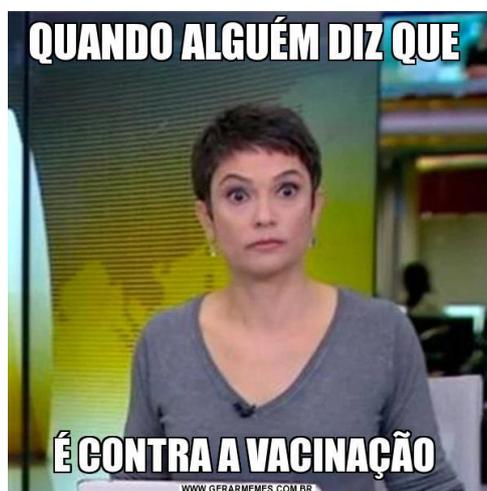
Um agradecimento especial à professora Tany Mara Monfredini, que já não está entre nós, mas com quem troquei as primeiras conversas sobre estudar memes. Agradeço também à Prof.^a Dr.^a Rose Mary do Nascimento Fraga, que apoiou com empolgação meu TCC sobre memes na graduação, e à Prof.^a Dr.^a Flávia Perez, que orientou e apoiou minha pesquisa de mestrado, também sobre memes. Agradeço às professoras Dras. Fabiele Stockmans e Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo, que

estiveram na banca de qualificação e muito contribuíram para o resultado deste processo.

Um agradecimento especial aos alunos e professores que participaram das reuniões que geraram os dados e reflexões presentes no último capítulo, compartilhando comigo seus anseios, dúvidas e sugestões. Este trabalho foi concebido na tentativa de contribuir não apenas para a formação de uma sociedade mais justa e crítica em relação ao uso das mídias, mas também para aprimorar nossas práticas educacionais.

Quero finalizar dizendo que, apesar de todos os desafios enfrentados nos últimos anos enquanto professor e estudante – incluindo o isolamento social vivido exatamente nos dois primeiros anos de doutorado, a falta de incentivo e o isolamento forçado da minha turma devido ao ensino remoto durante a pandemia –, continuo sendo um defensor da escola, do ensino público e da universidade.

Meme “Sandra Annenberg assustada”.



Fonte: Reprodução/ Gerar memes.

RESUMO

Esta tese de doutorado, intitulada “Narrativas meméticas em tempos de pandemia: o lugar das práticas educacionais diante de uma arquitetura midiática interativa que desafia a verdade”, tem como principal objetivo investigar se as práticas de ensino no campo das linguagens têm incluído o estudo dos memes, analisando sua estrutura e conteúdo como gêneros textuais digitais, bem como sua contribuição para a construção de significados e para a formação de posicionamentos sociais em contextos sociais e culturais. Para alcançar esse propósito, foram elencados objetivos específicos, que buscam compreender a influência dos memes, como gêneros textuais digitais, na formação de percepções coletivas em tempos de crise, além de estabelecer uma base teórica e metodológica para sua análise crítica. Esses objetivos também incluem a investigação do papel dos memes no ambiente educacional, considerando sua arquitetura composicional e os desafios e potencialidades de seu uso como ferramenta pedagógica. As metodologias aplicadas incluem, primeiro, uma proposta intitulada “Roteiro de Arquitetura Memética”, na qual, tomando como base os estudos de Bronckart (1999), crio um modelo analítico que orienta a análise das interações a partir das estruturas composicionais dos memes. Depois disso, utilizo duas outras metodologias, já conhecidas: uma voltada para a realização de encontros com os estudantes, tomando como base Hernández (1998) e Creswell (2010), e outra para a circulação de formulários, a partir de Gil (2019), ambas com a intenção de capturar olhares dos agentes envolvidos com as práticas de ensino-aprendizagem. Os diálogos teóricos, por sua vez, possuem caráter amplamente interdisciplinar, conectando autores de diferentes áreas do conhecimento. Da sociologia, cito autores como Berger (1997); da filosofia, como Foucault (2009); teóricos da educação, como Gómez (2015), Durkheim (1995) e Soares (2004); autores que analisam gêneros textuais, multimodalidade e humor, como Rojo (2012) e Brait (2008); especialistas na teorização sobre imagem, como Benjamin (1985); e, claro, estudiosos dos memes, como Shifman (2014), Wiggins (2022) e Xie (2022). Concluí que a ausência de ferramentas metodológicas que ajudem na interpretação dos memes impede que possamos compreender melhor como eles se inserem nas interações permitidas pelas plataformas digitais. Além disso, identifiquei que o ensino de memes, embora considerado de grande importância para um grupo considerável de estudantes, enfrenta resistências, justificadas em grande medida pelo desconhecimento ou pela falta de interesse acerca desse gênero textual por parte dos educadores, além da baixa presença nos currículos de licenciatura do país que tratam de gêneros digitais e de uma abordagem tímida na Base Nacional Comum Curricular. Portanto, acredito ser fundamental que todos esses desafios ganhem visibilidade com a intenção de promover uma discussão mais ampla sobre a relevância dos memes na educação contemporânea.

Palavras-chave: narrativas meméticas; gêneros textuais digitais; arquitetura composicional; educação; percepções sociais; verdade.

RESUMEN

Esta tesis doctoral, titulada “Narrativas meméticas en tiempos de pandemia: el lugar de las prácticas educativas ante una arquitectura mediática interactiva que desafía la verdad”, tiene como objetivo principal investigar si las prácticas de enseñanza en el ámbito de las lenguas han incluido el estudio de los memes, analizando su estructura y contenido como géneros textuales digitales, así como su contribución a la construcción de significados y a la formación de posicionamientos sociales en contextos sociales y culturales. Para alcanzar este propósito, se establecieron objetivos específicos que buscan comprender la influencia de los memes, como géneros textuales digitales, en la formación de percepciones colectivas en tiempos de crisis, además de establecer una base teórica y metodológica para su análisis crítico. Estos objetivos también incluyen la investigación del papel de los memes en el ámbito educativo, considerando su arquitectura composicional y los desafíos y potencialidades de su uso como herramienta pedagógica. Las metodologías aplicadas incluyen, en primer lugar, una propuesta titulada “Esquema de Arquitectura Memética”, en la cual, tomando como base los estudios de Bronckart (1999), creo un modelo analítico que orienta el análisis de las interacciones a partir de las estructuras composicionales de los memes. Además, utilizo dos metodologías adicionales conocidas: una enfocada en la realización de talleres con estudiantes, basada en Hernández (1998) y Creswell (2010), y otra en la circulación de cuestionarios, según Gil (2019), ambas con la intención de capturar las perspectivas de los agentes involucrados en las prácticas de enseñanza-aprendizaje. Los diálogos teóricos, a su vez, tienen un carácter ampliamente interdisciplinario, conectando autores de diferentes áreas del conocimiento. Desde la sociología, cito a autores como Berger (1997); desde la filosofía, a Foucault (2009); teóricos de la educación como Gómez (2015), Durkheim (1995) y Soares (2004); autores que analizan géneros textuales, multimodalidad y humor, como Rojo (2012) y Brait (2008); especialistas en teoría de la imagen, como Benjamin (1985); y, por supuesto, estudiosos de los memes, como Shifman (2014), Wiggins (2022) y Xie (2022). Concluyo que la falta de herramientas metodológicas que ayuden en la interpretación de los memes impide que comprendamos mejor cómo se integran en las interacciones permitidas por las plataformas digitales. Además, identifiqué que la enseñanza de los memes, aunque considerada de gran importancia para un grupo considerable de estudiantes, enfrenta resistencias, justificadas en gran medida por el desconocimiento o la falta de interés en este género textual por parte de los educadores, además de su escasa presencia en los currículos de formación docente en el país que abordan géneros digitales y una aproximación limitada en la Base Nacional Común Curricular. Por lo tanto, considero fundamental que todos estos desafíos sean visibilizados con la intención de promover una discusión más amplia sobre la relevancia de los memes en la educación contemporánea.

Palabras clave: narrativas meméticas; géneros textuales digitales; arquitectura composicional; educación; percepciones sociales; verdad.

ABSTRACT

This doctoral thesis, titled "Memetic Narratives in Times of Pandemic: The Role of Educational Practices in the Face of an Interactive Media Architecture that Challenges the Truth," aims to investigate whether language teaching practices have incorporated the study of memes, analyzing their structure and content as digital textual genres, as well as their contributions to meaning-making and the formation of social stances in social and cultural contexts. To achieve this purpose, specific objectives were outlined to explore the influence of memes, as digital textual genres, in shaping collective perceptions during times of crisis, and to establish a theoretical and methodological foundation for their critical analysis. These objectives also encompass investigating the role of memes in educational settings, considering their compositional architecture and the challenges and potential of their use as pedagogical tools. The applied methodologies include, first, a proposal titled "Memetic Architecture Framework," which, drawing on Bronckart's studies (1999), develops an analytical model guiding the examination of interactions based on the compositional structures of memes. Additionally, two well-known methodologies were used: one focusing on conducting workshops with students, based on Hernández (1998) and Creswell (2010), and another involving the distribution of surveys, following Gil (2019), both aimed at capturing the perspectives of those involved in teaching-learning practices. The theoretical discussions, in turn, are broadly interdisciplinary, connecting authors from various fields. From sociology, I reference authors like Berger (1997); from philosophy, Foucault (2009); educational theorists such as Gómez (2015), Durkheim (1995), and Soares (2004); scholars analyzing textual genres, multimodality, and humor, like Rojo (2012) and Brait (2008); experts on image theory, such as Benjamin (1985); and, of course, meme theorists like Shifman (2014), Wiggins (2022), and Xie (2022). I concluded that the lack of methodological tools to aid in meme interpretation hinders our understanding of how they integrate into interactions facilitated by digital platforms. Furthermore, I found that meme education, although deemed highly important by a significant number of students, faces resistance, largely due to educators' unfamiliarity or lack of interest in this textual genre, along with its minimal presence in national teacher training curricula that address digital genres and its limited approach in the National Common Curricular Base. Therefore, I believe that all these challenges should be highlighted to promote a broader discussion on the relevance of memes in contemporary education.

Keywords: memetic narratives; digital textual genres; compositional architecture; education; social perceptions; truth.

LISTA DE SIGLAS

TDIC - Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

RMVP - Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda (Ministério do Reich para Iluminismo Público e Propaganda)

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

ANJ – Associação Nacional de Jornais

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

Anvisa – Agência Nacional de Vigilância Sanitária

UPA – Unidade de Pronto Atendimento

PNI – Programa Nacional de Imunização

PT – Partido dos Trabalhadores

SUS – Sistema Único de Saúde

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

UNE – União Nacional dos Estudantes

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

MEC – Ministério da Educação

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - meme "TCC".....	20
Imagem 2 - Meme "Mortadela".....	23
Imagem 3 - Meme "Eu sou gado".....	23
Imagem 4 - Meme "Dilma e a Bruxa do 171".....	27
Imagem 5 - Meme "Dilma e Beyoncé".....	28
Imagem 6 - Meme "Chico feliz e Chico sério".....	32
Imagem 7 - Meme "Tecnologia de ponta".....	38
Imagem 8 - Terminal público de consultas ao videotexto ("olhão").....	40
Imagem 9 - Olhão utilizado na Mostra de Grafismo em Videotexto, Museu de Arte de São Paulo.....	41
Imagem 10 - Instalação de Arte e VideoTexto na 17ª Bienal.....	43
Imagem 11 - Recorte do catálogo da 17ª Bienal. Definições para o "Videotexto".....	44
Imagem 12 - Meme "Sequência Narrativa".....	53
Imagem 13 - Cartaz da RMVP.....	59
Imagem 14 - Cartaz da RMVP.....	59
Imagem 15 - <i>Cartaz da RMVP</i>	59
Imagem 16 - Meme "Bolsonaro soldado".....	61
Imagem 17 - Meme "Família tradicional".....	61
Imagem 18 - Meme "Bolsonaro messias".....	61
Imagem 19 - Meme "Peste Negra e Europa".....	62
Imagem 20 - Judeus sendo queimados na fogueira em 1349.....	64
Imagem 21 - "São Sebastião Intercedendo pela Peste Sticken",.....	65
Imagem 22 - "O Triunfo da Morte com a Dança da Morte",.....	66
Imagem 23 - Meme "Sanitarista".....	67
Imagem 24 - Charge – "O Malho".....	69
Imagem 25 - Charge – "O Jornal do Brasil".....	70
Imagem 26 - Charge – "Tagarela".....	70
Imagem 27 - Meme "Sexo sem camisinha".....	74
Imagem 28 - Capa da edição de 6 de junho de 1977 da Newsweek.....	75
Imagem 29 - Meme "Torta em Anita Bryant".....	76
Imagem 30 - "Peste Gay é a epidemia do século".....	77
Imagem 31 - "Aids é castigo".....	77
Imagem 32 - Cartaz Língua de Sinais (AIDS).....	78
Imagem 33 - Cartaz "Ninguém está imune".....	78
Imagem 34 - Cartaz "Visa/Aids".....	79
Imagem 35 - Propaganda "Onde está a Aids?".....	79
Imagem 36 - Edição Wally "Corona Vírus".....	80
Imagem 37 - Meme "estão todos com som?".....	83
Imagem 38 - Print da matéria publicada pelo Portal Glamurama.....	89
Imagem 39 - Print da matéria publicada pelo Portal IG.....	90
Imagem 40 - Print da matéria publicada pelo Portal Glamurama.....	90
Imagem 41 - Meme "John Travolta confuso".....	94
Imagem 42 - Meme "John Travolta confuso (carteira)".....	94
Imagem 43 - Meme "John Travolta confuso (sala vazia)".....	94
Imagem 44 - Grafite de Alexamenos.....	96
Imagem 45 - Contornos digitalizados do "Grafite de Alexamenos".....	97
Imagem 46 - Pintura na parede da catacumba de Commodilla.....	97
Imagem 47 - "A cabeça de Cristo".....	98
Imagem 48 - Meme "O maior milagre de Jesus".....	99
Imagem 49 - Meme "Amy Winehouse e a Santa ceia".....	100
Imagem 50 - Meme "Trollface e a Santa ceia".....	100
Imagem 51 - Meme "Equipe Bolsonaro e a Santa ceia".....	100

Imagem 52 - Print publicado por Dominik Salonen.	102
Imagem 53 – Meme “Resolver no diálogo”.	104
Imagem 54 - Meme “Lula é o Zé Gotinha”.	114
Imagem 55 – Meme “Os três Zé Gotinhas”.	116
Imagem 56 - Meme “TICS na educação”.	119
Imagem 57 - Meme “Diga lá”.	121
Imagem 58 - GIF “Jacaré Vacinada”.	122
Imagem 59 - Qr code para acessar o áudio do meme sonoro.	122
Imagem 60 - Meme “Sonic vacinado”.	124
Imagem 61 - Meme "'Bolsonaros' e rejeição da vacina".	125
Imagem 62 - Meme "senhora vacinada".	126
Imagem 63 - Meme “Zé Gotinha Turbinado”.	127
Imagem 64 - Meme “não lavou as mãos”.	127
Imagem 65 - Meme “Não tomei vacina”.	129
Imagem 66 - Imagem original do ex-governador de São Paulo,	129
Imagem 67 - Meme “vacina para todos”.	130
Imagem 68 - Meme “Estética Pixar”.	130
Imagem 69 - Meme “Supla vacinado”.	132
Imagem 70 - Meme “eu vi no zap”.	132
Imagem 71 - Meme “plaquinha”.	133
Imagem 72 - Meme sequencial “vo morrer”.	134
Imagem 73 - Meme “Nazaré confusa”.	135
Imagem 74 - Meme "Drake Hotline Bling".	135
Imagem 75 - Meme “reinstalar 2020”.	148
Imagem 76 - Meme “Corona vírus incrível”.	151
Imagem 77 - Meme “Galão de vacina”.	153
Imagem 78 - Meme “Já estou vacinado”.	155
Imagem 79 - Meme “Bolsonaro e a ema”.	157
Imagem 80 - Meme “Chora Bolsonaro”.	158
Imagem 81 - Meme “virou jacaré depois da vacina”.	161
Imagem 82 - Meme “virou jacaré depois da vacina”.	162
Imagem 83 - Meme “Que jacaré você vai ser após a vacina?”.	164
Imagem 84 - Banner da campanha de vacinação da prefeitura de Caibaté/RS.	165
Imagem 85 - Imagem da campanha de vacinação da prefeitura de Santana/AP.	166
Imagem 86 - Imagem de Arthur Maciel tomando vacina fantasiado de jacaré.	166
Imagem 87 - Funcionários de Várzea Grande/SP advertidos por replicarem o meme do jacaré.	168
Imagem 88 - Meme “Ficar em casa não é fácil”.	171
Imagem 89 - Perfil da página frente libertária no Instagram.	172
Imagem 90 - Perfil da página Endireitei no Instagram.	173
Imagem 91 - Meme “virei o Wally gay”.	174
Imagem 92 - Meme “Não é sobre vacina é sobre liberdade”.	176
Imagem 93 - Meme “vacina com microchip”.	177
Imagem 94 - Meme “Vacina é o chip da besta”.	178
Imagem 95 - Meme “vacina transformer”.	179
Imagem 96 - Meme “Joker questionando a vacina”.	180
Imagem 97 - Meme “não lembro que vacina tomei”.	181
Imagem 98 - Meme “Vacina petista não entra no meu corpo”.	182
Imagem 99 - Meme “Viva o SUS e o lucro capitalista”.	184
Imagem 100 - Meme “aqui quem fala é ela, a Pfizer”.	185
Imagem 101 - Meme “tecnologia em sala de aula”.	188
Imagem 102 - Charge de Hilde reverenciando a atitude repressiva do golpe de 1964.	192
103 - Charge em referência à repressão estudantil durante a ditadura militar.	192
Imagem 104 - Cartaz do período da ditadura militar no Brasil.	194
Imagem 105 - BNCC 2017.	207

Imagem 106 - Meme “escola na mídia x escola na vida real”	217
Imagem 107 - Intensidade da interação dos estudantes com memes.	222
Imagem 108 - Motivos informados pelos alunos que não interagem com memes.	223
Imagem 109 - Respostas coletadas sobre a influência dos memes na opinião das pessoas.	224
Imagem 110 - Frequência com que os professores entrevistados utilizam memes em sala de aula.	225
Imagem 111 - Percentual de alunos entrevistados que afirmam que professores utilizam memes em sala de aula. Comparativo entre escolas privadas e públicas.	226
Imagem 112 - Áreas de atuação dos professores que utilizam memes em sala de aula. ..	227
Imagem 113 - Meme “sapo na panela”	229
Imagem 114 - Meme “três doses de miranha”	232
Imagem 115 - Meme “Xaveco-vacina”	232
Imagem 116 - Frequência do uso de memes no contexto pedagógico.	237
Imagem 117 - Meme “Conclusão”	244

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1 - Classificação dos memes quanto à arquitetura multimodal.....	121
Diagrama 2 - Classificação dos memes quanto ao ator memético.	123
Diagrama 3 - Classificação dos memes quanto à arquitetura composicional para a construção do sentido.	128
Diagrama 4 - Classificação dos memes quanto à sequência e aos mecanismos de textualização.	134
Diagrama 5 - Classificação dos memes quanto às marcas linguísticas humorísticas.....	137
Diagrama 7 - Roteiro de Arquitetura Memética.....	139
Diagrama 8 - Esquema de classificação para memes estáticos.	143

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Incidência do conteúdo temático predominante nos memes.....	175
Tabela 2 - Oferta de disciplinas relacionadas ao uso de tecnologias mídias e gêneros digitais em cursos de letras de 15 universidades federais do Brasil.....	209
Tabela 3 - Quantitativo de alunos de escolas públicas e privadas participantes da pesquisa.	221
Tabela 4 - Distribuição dos estudantes por série.	221
Tabela 5 - Perfil dos professores quanto ao tempo de conclusão.....	235

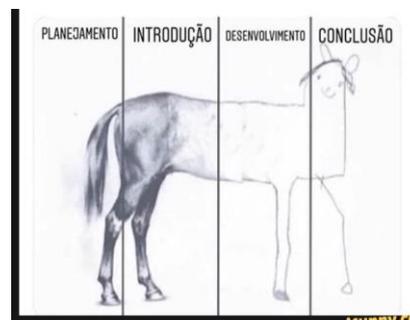
SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	20
1.1 OBJETIVO GERAL	35
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.	36
2 DO VIDEOTEXTO AOS MEMES: TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS E CULTURAIS EM MOVIMENTO	37
3 NARRATIVAS EM TEMPOS DE CRISES: GÊNEROS TEXTUAIS E A HISTÓRICA DISPUTA PELA VERDADE	51
3.1 NARRATIVAS SOBRE A MORTE E O USO DO PODER DURANTE A PESTE NEGRA	60
3.2 NARRATIVAS DE CONTESTAÇÃO E O USO DO PODER DURANTE A REVOLTA DA VACINA	65
3.3 NARRATIVAS DE CONDENAÇÃO E RESISTÊNCIA DURANTE A PANDEMIA DE AIDS	72
4 A DINÂMICA DOS MEMES: RETOMADAS CONCEITUAIS E UMA NOVA ARQUITETURA PENSADA PARA O MUNDO DIGITAL	80
4.1 ARQUITETOS DIGITAIS: CRIADORES DE MEMES E NOVOS ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO	87
4.1.1 A reinterpretação memética de imagens sagradas: Jesus Cristo nas redes sociais	93
5 APROXIMAÇÕES E CONVERSAS COM JEAN-PAUL BRONCKART	100
6 ARQUITETURA DOS MEMES: UM POSSÍVEL CAMINHO METODOLÓGICO	114
6.1 ROTEIRO DE ARQUITETURA MEMÉTICA: UMA POSSÍVEL (E INTRODUTÓRIA) ABORDAGEM ANALÍTICA	115
6.1.1 Quanto à arquitetura multimodal dos memes	116
6.1.2 Quanto ao Ator Memético	118
6.1.3 Quanto à arquitetura composicional para a construção de sentido	123
6.1.4 Quanto às Marcas Verbais	126
6.1.5 Quanto à Sequência e aos Mecanismos de Textualização	128
6.1.6 Quanto às marcas humorísticas	132
6.2 PARÂMETROS PARA UMA TIPOLOGIA GERAL DOS MEMES	135
6.2.1 Memes de posicionamento	135
6.2.2 Meme de Representações Culturais	136
6.2.3 Memes comportamentais	136
6.2.4 Memes informativos	137
6.2.5 Esquema de classificação para memes estáticos	137
6.3 ALÉM DA CLASSIFICAÇÃO: O ROTEIRO DE ANÁLISE MEMÉTICA COMO INSTRUMENTO INTERPRETATIVO.....	139
7 MEMES PANDÊMICOS: HUMOR, INVERDADES E DISPUTAS DE NARRATIVA	142
7.1 MAPEANDO INCIDÊNCIAS: A ARQUITETURA COMPOSICIONAL DOS MEMES NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS ANTIVACINA	166
8 ENTRE O QUADRO E A TELA: DESAFIOS PARA INTEGRAR GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS NAS DIRETRIZES EDUCACIONAIS	180
8.1 O QUE DIZEM OS PARÂMETROS CURRICULARES: AVANÇOS E RETROCESSOS NO ENSINO DOS GÊNEROS TEXTUAIS	187

.....	
8.1.1 Conhecimentos de Língua Portuguesa e outras ausências	190
8.2 A BASE COMUM CURRICULAR E SEUS DESAFIOS	195
9 PERCEPÇÕES DOS AGENTES DO ENSINO-APRENDIZAGEM SOBRE O USO PEDAGÓGICO DOS MEMES	208
9.1 UM CAMINHO DE TRATAMENTO POSSÍVEL	210
9.2 O QUE DIZEM OS ESTUDANTES	211
9.2.1 Sobre as áreas de atuação docente	217
9.2.2 Sobre os objetivos pedagógicos	218
9.2.3 Análise de Memes pelos Estudantes	219
9.3 UMA SEGUNDA ABORDAGEM METODOLÓGICA PARA COMPREENDER A VOZ DOS PROFESSORES	226
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	235
11 REFERÊNCIAS	241
12 ANEXOS	250

1 INTRODUÇÃO

Imagem 1 - meme "TCC".



Fonte: Reprodução/iFunny Brazil

Diante do surgimento e da propagação em larga escala das novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), muitos questionamentos são constantemente levantados sobre o uso dessas ferramentas no campo da educação escolar. Quando analisamos o impacto trazido por tais tecnologias, a partir de uma perspectiva sociofilosófica, percebemos que elas incidiram diretamente na produção e recepção de informações, na mesma medida em que promoveram o surgimento de uma linguagem com enorme potencial de propagação. Algo, talvez, só imaginado pelos grandes escritores de ficção, especialmente aqueles tidos como loucos.

Em 1927, por exemplo, foi lançado pelo visionário cineasta austríaco Fritz Lang o filme “Metrópolis”, considerado um dos maiores clássicos do cinema mudo. Curiosamente, a história se passa em 2026, em um cenário distópico no qual uma elite utiliza a tecnologia para se manter no poder. Fica evidente, através da condução dos eventos contidos na obra, quais são as consequências que a má utilização dos meios tecnológicos pode trazer para uma sociedade. Assim, contaminados pela beleza estética e pelo tom melancólico adotado por Fritz, percebemos que suas ideias contribuem para a construção de um prognóstico importante sobre como, sem mediação, as máquinas podem ser colocadas a serviço de um projeto não participativo que garante, baseado na apropriação dos recursos e das técnicas necessárias para o seu uso, a perpetuação, o aprofundamento e a naturalização de mazelas sociais, culturais, econômicas e humanas. Mello, Marçal e Fonsêca (2009), por exemplo, afirmam que “Metrópolis”

se refere à crise da modernidade, elucidando uma previsão trágica de um

futuro fantasticamente aterrorizante, em que apresenta o mundo do trabalho como um universo caótico e perverso no qual a tecnologia massacra qualquer indício do que sobraria da humanidade. (Mello, Marçal, Fonsêca, 2009, p. 309).

Hoje, mais de 90 anos depois do lançamento da obra, convivem diferentes percepções sobre o impacto exercido pelas tecnologias nas relações estabelecidas pelos e entre os atores sociais. Foi pensando na importância dessa questão que busquei, durante a minha jornada acadêmica como estudante de Letras e, posteriormente, como pesquisador na área de Educação, construir e fortalecer pontes entre as práticas que emergem da virtualidade digital e o ambiente da sala de aula. Inicialmente, levando em consideração a produção de outros colegas e de autores da área, procurei entender como se dava o processo de elaboração dos memes e de que maneira os discursos se manifestavam ou ganhavam novas rotas de interação. Dentro dessa perspectiva, discuti como o preconceito contra LGBTQIA+ se manifesta discursivamente nos memes e, posteriormente, já no mestrado, foquei na análise de uma escola imaginária, intitulada “Escola da Depressão”, que se estruturou por meio da criação e publicação de memes em uma página que utiliza esse mesmo nome.

Todos esses trabalhos, mesmo que focados no papel dos memes dentro de recortes específicos, revelavam um caráter político à medida que tratavam de questões socialmente relevantes. Assim como outros pesquisadores, os estudos que desenvolvi também procuravam contribuir para a elaboração e o fortalecimento de ferramentas que pudessem ser utilizadas para criar, interpretar e compartilhar memes com base em uma perspectiva mais inclusiva e crítica, seja pensando nas demandas dos colegas que caminham na mesma área, seja pensando no usuário comum que interage com esses objetos cotidianamente. O que até aquele momento me inquietava bastante era a tímida formulação de estudos que buscassem discutir o trabalho dos memes nas salas de aula, priorizando não apenas a análise de suas categorias, sua composição enquanto gênero textual digital¹ ou a apresentação de uma tipologia, mas principalmente a maneira como eles vinham sendo usados como poderosas ferramentas discursivas para a construção e a manutenção de disputas narrativas que

¹ Na tese, adotarei a terminologia 'gênero textual digital' ou, de forma mais sintética, 'gênero digital', em coerência com minha abordagem, que dialoga com a perspectiva sociointeracionista discursiva de Bronckart (1999). Esse uso abarca produções que articulam linguagem verbal e imagética, funcionando, portanto, como um sinônimo para gêneros verbo-visuais.

estimulavam, especialmente através da internet, um novo tipo de participação social.

Um estado da arte que realizei em dezembro de 2023 colocou em evidência essa questão. Hoje, temos uma considerável produção acadêmica sobre os memes, e ela continua se desenvolvendo, criando suas próprias bases epistemológicas e ramificações a partir dos fenômenos que identifica, sempre contando com aquilo que outras áreas do conhecimento podem fornecer. Na plataforma “Periódicos CAPES”, foram encontrados, considerando como marco temporal os últimos vinte e quatro anos, mais de 1400 trabalhos quando realizada uma busca com os descritores “memes” e “política”. Do total, 95% são artigos, 4% são resenhas e apenas 1% está disponível no formato de livro.

O campo da sociologia é aquele que, até o momento, produziu mais materiais dentro desse escopo. São, ao todo, 220 publicações, enquanto as áreas de Linguística e Educação possuem, respectivamente, 48 e 42 trabalhos. Mesmo ciente de que todas essas pesquisas contribuem para o fortalecimento de um campo importante do ponto de vista científico e de que os estudos dos memes são, devido à natureza do próprio gênero, interdisciplinares, foquei nos estudos realizados por linguistas e pesquisadores da área de educação, na tentativa de vislumbrar mais claramente como o terreno de produção ao qual estou inserido tem se desenvolvido.

O processo de investigação e a leitura de uma parte considerável desses trabalhos nos anos iniciais do doutorado revelaram um interesse particular por parte dos seus autores em questões que envolvem o surgimento e a popularidade de memes específicos, assim como estudos focados nos discursos engendrados neles. É comum, na cultura dos memes da internet, constatar um aumento no nível de produção e de consumo dentro de um determinado espaço de tempo, a partir daquilo que ganha destaque nas mídias. Foi exatamente o que aconteceu nos meses que antecederam o processo de impeachment em 2016 e durante a corrida presidencial em 2018, que culminou com a vitória de Jair Bolsonaro. Nesse contexto, memes como o da “Barbie Fascista” e muitos outros que usavam imagens de políticos ou de seus apoiadores ganharam as redes sociais e contribuíram para que um novo vocabulário se instaurasse ainda mais no imaginário popular. “Mortadelas” e “gado” são bons exemplos do processo de adjetivação geralmente reforçado pelas interações meméticas, conforme as imagens disponibilizadas abaixo.

Imagem 2 - Meme “Mortadela”.

**Mi defende lá no feice qui eu ti dô
um pão com mortadela**



Fonte: Reprodução/Pinterest

Imagem 3 - Meme “Eu sou gado”.



Fonte: Reprodução/Museu de Memes

Essa característica dos memes chamou minha atenção, pois eles estavam ativamente presentes em uma dinâmica complexa, fruto de um processo de polarização política que se tornava cada vez mais representativo no país. Nesse contexto, reconheci o potencial dos memes como gêneros textuais digitais poderosos, capazes de sintetizar construções textuais políticas e culturais de forma rápida e acessível. Sua capacidade de condensar opiniões, reforçar estereótipos e influenciar debates em espaços digitais me fez perceber que, além de um fenômeno de entretenimento, eles desempenhavam um papel significativo na construção e na reprodução de sentido

que, muitas vezes, polarizavam ainda mais o cenário social e político. Essa percepção sobre o papel dos memes na esfera política foi reforçada ao longo da minha pesquisa, especialmente ao analisar trabalhos acadêmicos que abordam esse fenômeno. Dentre eles, destaco especificamente o artigo "*Os Memes como Representações Políticas nas Redes Sociais: Uma Análise de Forma e Conteúdo na Produção de Sentido e Construção de Identificação com atores envolvidos nas interações e movimentos*", escrito por estudantes das Faculdades Integradas de Bauru, em São Paulo. Neste trabalho, os pesquisadores utilizam Teorias da Linguagem e da Comunicação para ampliar a visão sobre como os atores envolvidos nas interações comunicativas fazem uso dos memes e buscam avaliar o impacto dessa prática de linguagem digital.

Além desses, quero citar o artigo "*Uma Breve Reflexão Sobre Memes Políticos, Humor e Conversação Cotidiana Informal*", publicado em 2016 por Fernanda Freire, da UERJ, que debate as ações comunicativas, tomando como recorte os memes que circularam durante a sessão do impeachment da ex-presidenta Dilma na Câmara dos Deputados. Já o artigo "*A Política dos Memes e os Memes da Política: Proposta Metodológica de Análise de Conteúdo de Memes dos Debates Eleitorais de 2014*"² retoma eventos relacionados à disputa presidencial de 2014 para propor uma discussão baseada nos fundamentos da Análise de Conteúdo, conforme autores como Krippendorff (2013), Hsieh e Shannon (2005), e Taecharungroj e Nueangjamnong (2015). Dois outros artigos debatem a presença dos memes nas eleições de 2018. O primeiro, intitulado "*A Estrutura Discursiva dos Memes Utilizados como Ferramenta de Marketing Político na Eleição Presidencial*", escrito por Sérgio Roberto Trein em 2018, deixa de lado o foco nas Teorias da Comunicação e prioriza os aspectos discursivos das produções meméticas. O segundo, "*Elegemos um Meme?!: Política e Experiência Estética nos Memes de Ação Popular das Eleições 2018*", produzido por Maicon José de Faria Milanezi em 2020, dá maior visibilidade aos aspectos semióticos presentes nos memes criados para indicar posicionamentos a favor ou contra os dois candidatos que disputaram o segundo turno.

A leitura desses textos me deixou satisfeito no que tange à utilização dos conceitos elaborados sobre os memes até o momento. Por ser considerado um campo de análise muito recente, é natural que as discussões propostas dialoguem com teorias e métodos de organização já consolidados em outros campos da ciência.

² Viktor Chagas, Fernanda Alcântara Freire, Daniel Rios e Dandara Magalhães. Revista Intexto, 2017.

Sendo assim, na medida em que esses estudos vão sendo publicados e ao mesmo tempo analisados por pares, novas ferramentas de estudos são ofertadas, garantindo mais autonomia para aqueles que, como eu, se arriscam nesse terreno repleto de possibilidades. Contudo, durante essa leitura, percebi uma carência de abordagens que buscassem propor novas formas de ler e interpretar memes. Os autores, em sua maioria, optam por métodos e conceitos preexistentes, muitas vezes oriundos de bases teóricas estrangeiras, o que limita a exploração de perspectivas inovadoras no estudo dos memes. Esse fato, embora compreensível, considerando a natureza recente do campo, indica a existência de um campo a ser explorado, que deve, também, contemplar os aspectos de produção e circulação que ocorrem no contexto brasileiro.

Foi exatamente no ano de 2016, no início do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, que as questões em torno das narrativas presentes nos ambientes digitais capturaram meu olhar. Passei a assumir, conforme defendem Ferreira-Alves e Gonçalves (2014), que as narrativas não estão presentes apenas no âmbito da criação literária. Pelo contrário, devem ser encaradas como uma forma de pensamento, um modo de representar a realidade ou, como defende Berger (1997), como uma maneira de as pessoas apreenderem o mundo. À medida que o processo político ganhava destaque na mídia e as notícias sobre ele circulavam incansavelmente, percebi que havia uma espécie de cobertura sendo feita por uma via paralela, sem qualquer tipo de filtro ético e completamente enviesada por intencionalidades amplamente ideológicas. Dentro dessa corrente rica em produção de sentido, percebi que os memes ocupavam um espaço de destaque, ajudando a propagar pontos de vista por meio de um tipo de humor quase sempre contaminado por violências e preconceitos.

A percepção do potencial dessa discussão me levou a uma decisão: catalogar os memes produzidos durante esse período. Esse processo de armazenamento mostrou-se essencial para enfatizar a necessidade de analisar esse fenômeno. Rapidamente, compreendi que estávamos diante de um complexo processo de representação da realidade, capaz de influenciar, em certa medida, as interpretações do episódio em questão e a construção coletiva de memória discursiva. Ao contrário das narrativas orais e escritas, que possuem terrenos de circulação identificáveis e já estudados, as narrativas digitais, levando em consideração esse processo inicial de observação, pareciam ser construídas dentro de redes que permitem maior grau de participação. A partir dos recursos disponibilizados por plataformas como Facebook, Twitter,

Instagram e TikTok, e diante do fato de que existe hoje um expressivo número de pessoas letradas para a criação e o consumo de memes, é natural que a comunicação estabelecida demonstre novos tipos de agenciamento. Prova disso é que as narrativas construídas nesses espaços, no que tange à sua elaboração material, carregam elementos imagéticos e verbais reconhecidos pelos atores sociais, mas demonstram fortes rupturas no que diz respeito à linearidade e à cronologia.

Essas rupturas na narrativa digital, por sua vez, desafiam as abordagens tradicionais da comunicação e da construção de histórias, criando um terreno fértil para explorar como as novas mídias e a cultura digital moldam a forma como percebemos e interpretamos eventos atuais. Além disso, elas também criam um valioso campo para compreender como a disseminação de informações e a formação de opiniões evoluem em uma sociedade cada vez mais conectada e digitalizada. O ato de narrar e a maneira como registramos e passamos adiante as histórias que vivenciamos enquanto sociedade sempre foram objetos de fascinação e amplamente consumidos. Desde a invenção da prensa por volta de 1450, passando pelo surgimento do rádio, da TV e do cinema, até a invenção dos computadores e da internet, as narrativas se proliferaram, moldando comportamentos e percepções sociais. À medida que essas formas de narrativa evoluíam, ferramentas de análise foram elaboradas, encontrando no âmbito educacional um espaço significativo para o seu tratamento. Nesse sentido, universidades e escolas passaram a trabalhar essas narrativas a partir de uma perspectiva mais analítica, prezando pela investigação e contextualização. Para continuar cumprindo sua função social, o sistema educacional precisou adaptar-se a essas mudanças, visando preparar os alunos para novas formas de construção das narrativas, sobretudo quando estas emergem de novos terrenos de produção de sentido.

Quando estamos diante de um meme, por exemplo, mobilizamos diferentes processos de interpretação. A maneira como ele é organizado e os elementos presentes em sua composição exigem que o leitor estabeleça relações de sentido que vão além das estruturas verbais e imagéticas tradicionais. Isso contrasta com as experiências anteriores vividas pelos atores sociais que consumiam informações de forma mais passiva através de canais de televisão ou jornais impressos. Se até hoje a escola utiliza gêneros textuais como quadrinhos, tirinhas e charges para desenvolver habilidades interpretativas, o surgimento dos memes trouxe novos desafios. Conforme argumenta Shifman (2014), a interpretação de memes exige que o leitor seja capaz de estabelecer conexões de sentido que dependem fortemente de seu repertório

sociocultural. Assim, é necessário que ele identifique as referências imagéticas e a linguagem verbal presentes nesse gênero, conseguindo, a partir delas, captar os significados e as intencionalidades implicadas.

Imagem 4 - Meme “Dilma e a Bruxa do 171”.



Fonte: Reprodução/Veja SP

No meme acima, por exemplo, encontramos duas imagens, balões de diálogo emprestados da linguagem dos quadrinhos, três frases e pequenos recursos visuais que indicam a fonte criadora do meme. Isoladamente, cada um desses elementos possui um sentido próprio; no entanto, quando combinados, formam um discurso³ que emerge da maneira como esses componentes são organizados. Isso demonstra que nada na criação de um meme é feito ao acaso. Pelo contrário, sua construção resulta de sobreposições, colagens e inserções de texto que seguem uma lógica específica, com o objetivo de criar um discurso que ressoe com determinado público ou grupo social.

Estamos, assim, diante de um meme que visa criticar a ex-presidenta Dilma Rousseff, comparando-a à personagem "Bruxa do 71" do seriado de televisão mexicano *Chaves*. Essa comparação é reforçada pelo jogo de palavras entre "Bruxa do 71" e "Bruxa do 171", insinuando que Dilma, além de ser vista como uma bruxa, também é associada a uma figura criminoso. Os balões de diálogo, assim como ocorre nas histórias em quadrinhos, indicam que as frases estão sendo enunciadas por

³ A palavra discurso será utilizada para se referir aos produtos de atividades de linguagem que se situam em contextos sociais concretos e que refletem práticas de interação.

alguém.

O criador do meme, com competências básicas de criação imagética e inserção dos elementos composicionais, geralmente é uma figura anônima ou alguém que se esconde por trás de uma página, sem mostrar o rosto ou assinar com o próprio nome. Nesse anonimato reside um dos maiores potenciais do meme como gênero textual digital: sua capacidade de amplificar textos que reverberam entre coletividades, permitindo que atores sociais participem de discussões políticas e sociais por meio de uma composição imagética que ganha vida e se redimensiona para além de seu criador original. Esse processo gera uma nova construção de posicionamentos dentro da esfera interativa digital, promovendo uma afinidade de sentido que evolui nas discussões emergentes desse ambiente interativo e digitalizado.

Em direção contrária, o meme a seguir, utilizando uma imagem e uma frase em inglês, promove um discurso favorável à ex-presidenta Dilma. Para sua criação, o rosto original da cantora Beyoncé foi substituído pelo de Dilma. O fundo da imagem é retirado do clipe "*Formation*", lançado por Beyoncé em 2016, cuja abertura traz a frase "Bitch, I'm back by popular demand" ("Vadia, estou de volta por demanda popular").

Imagem 5 - Meme "Dilma e Beyoncé".



Fonte: Reprodução/Facebook

A produção e circulação dos memes revelam um campo fértil para a manifestação de sentidos diversos, permitindo que posicionamentos sociais sejam declarados de forma rápida e acessível. Ao utilizar memes, as interações geram uma dinâmica textual que pode extrapolar grupos de afinidade ideológica e alcançar muitas pessoas. Esses posicionamentos sociais são disseminados rapidamente por meio de aplicativos de mensagens, fóruns e espaços interativos especializados, reforçando a ideia de

que os memes não são apenas entretenimento, mas também uma poderosa forma de interações políticas e sociais. Essa dinâmica também ressalta o sensacionalismo político, potencializado pela integração das tecnologias de comunicação e as expressões visuais e performativas impulsionadas pelas mídias de ampla circulação.

Nesse contexto, a viralização de memes desempenha um papel crucial na esfera política, especialmente ao analisarmos o tratamento memético direcionado à ex-presidente Dilma Rousseff. Entre 2013, com o início dos protestos contra seu governo, e 2016, quando foi destituída, sua imagem foi amplamente explorada e transformada em memes. As narrativas construídas por grupos opositores à sua gestão eram fortemente marcadas por discursos de machismo e misoginia, evidenciando como os memes podem ser utilizados não apenas como ferramentas de crítica política, mas também como veículos que reproduzem e amplificam preconceitos, contribuindo para a deslegitimação de figuras públicas.

Um dos momentos mais críticos desse processo ocorreu em 2015, quando começaram a circular veículos com adesivos que sexualizavam a imagem da ex-presidente Dilma Rousseff, como forma de protesto contra o aumento dos preços dos combustíveis. A parte superior da imagem usada no adesivo era uma fotografia de sua campanha presidencial, enquanto a parte inferior, retirada de outra fonte, não tinha qualquer relação com Dilma. Assim como muitos memes, esse adesivo utilizava a técnica da colagem para transmitir uma mensagem política, destacando como a lógica composicional dos memes transcendeu o ambiente digital e passou a influenciar outras formas de comunicação visual no mundo físico. O uso manipulativo dessas imagens evidencia a violência simbólica presente na construção de discursos, que encontra diferentes formas de manifestação baseadas na lógica composicional e na essência da cultura memética, tanto no ambiente digital quanto fora dele. Dado o poder de disseminação e o impacto do meme, é possível concluir que o caráter repetitivo e compartilhável que possui, aliado ao formato simplificado e acessível para sua elaboração, parece potencializar sua capacidade de influenciar percepções, moldando a visão política de quem os consome e contribuindo para que discursos polarizados alcancem novos públicos.

Assim, a primeira conclusão a que cheguei, logo no processo de delimitação da problemática, foi a de que possíveis respostas para as questões até aqui colocadas dependem do uso de diferentes instrumentos analíticos e metodológicos. Falar sobre memes é desafiador nesse aspecto, pois essa forma de comunicação digital não

apenas reflete, mas também molda discursos sociais, políticos e culturais. Muitos pesquisadores, por exemplo, fazem uso da análise de conteúdo para examinar padrões e temas, outros focam na análise semiótica para decifrar significados nas interações entre texto e imagem. Existem aqueles que percebem na análise de discurso um caminho para investigar relações de poder e construção de identidades e outros que seguem o caminho da etnografia digital para observar as dinâmicas sociais em torno da produção e consumo de memes. No meu caso, considerando essa tentativa de criar instrumentos de análise, irei me filiar aos estudos de Bronckart (1999), uma vez que sua abordagem sociointeracionista oferece uma base sólida para compreender a linguagem como prática social e contexto de construção de sentidos. Entendo também ser fundamental refletir sobre as práticas educativas atuais em relação ao estudo dos memes, investigando até que ponto essas abordagens estão sendo implementadas nas salas de aula e, assim, garantindo que professores e alunos possam desenvolver uma compreensão crítica sobre esse fenômeno cultural em constante evolução.

Se antes o texto escrito ocupava um espaço relativamente fixo no papel e distribuí-lo exigia uma considerável logística, hoje, quando registrado nas mídias digitais, sua circulação é imediata e cada vez mais difícil de rastrear. Uma mensagem publicada na internet ocupa um lócus virtual que difere dos seus antigos terrenos de pertencimento, não porque possui um significado ou uma dimensão de sentido diferente, mas porque está inscrita em uma espécie de “organização abstrata que se atualiza numa pluralidade de línguas, de versões, de edições, de tipografias”, como defende Lévy (2011, p. 19).

Como professor com mais de 15 anos de experiência na rede de ensino, percebo uma dificuldade significativa entre os educadores, incluindo aqueles formados mais recentemente, em lidar com o tratamento dos gêneros digitais em sala de aula. Embora haja um esforço em integrar esses gêneros nas práticas de ensino, com base nas diretrizes curriculares, muitos professores ainda abordam os memes, por exemplo, de forma superficial. Com frequência, são utilizados apenas como elementos que proporcionam alívio cômico, sem que as suas dimensões mais complexas sejam analisadas. Essa abordagem restritiva acaba por evitar o aprofundamento em questões ricas relacionadas à manifestação textual nesse universo digital. Ao não reconhecer a função comunicativa e a construção de significados presentes nos memes e em outros gêneros textuais digitais, perdemos a oportunidade de fomentar discussões críticas e reflexivas sobre como esses elementos influenciam a linguagem, as identidades e as

dinâmicas sociais contemporâneas.

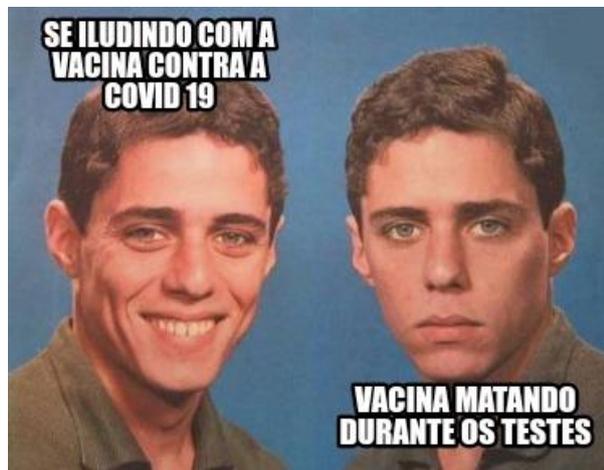
Os memes da internet se propagam, sem dúvida, com grande facilidade, aproveitando-se dos mecanismos de replicação das redes sociais digitais. No entanto, conforme demonstrado por estudos de Shifman (2014), sua longevidade é comprometida pelos efêmeros processos de viralização e pela influência das políticas de algoritmos. Além disso, a "fidelidade" na cópia dos memes é questionável, uma vez que sua composição surge da interação criativa entre diversos elementos imagéticos, verbais e visuais, frequentemente modificados de modo a não manter a forma original. Esse aspecto multimodal dos memes, no qual seu significado é construído por mais de um código semiótico, dificulta, a princípio, a elaboração de um roteiro para análise. Ainda assim, autores continuam propondo tipologias que buscam consolidar o meme como um objeto de estudo mais legitimado nos ambientes de ensino, promovendo sua integração como recurso pedagógico.

Até o momento, a maioria das pesquisas sobre memes está circunscrita ao campo das linguagens, o que faz com que seu tratamento na educação escolar fique a cargo dos professores de Língua Portuguesa. No levantamento que realizei na plataforma "Periódicos CAPES", dessa vez em 2020, observei que, nos últimos 10 anos, 161 artigos com a palavra "memes" no título haviam sido revisados por pares até aquele momento. Desses, 22 abordam a importância dos memes para compreender questões sociais, articulando o gênero com temas relacionados à política e ao comportamento na internet. Contudo, apenas 10 estão diretamente vinculados ao campo da educação e linguagem. Os principais interesses identificados nesses trabalhos são: a) discutir como se dá o processo de elaboração de memes específicos; b) entender o funcionamento dos memes como gêneros produtores de discurso; e c) interpretar os memes de acordo com os elementos semióticos que carregam.

A partir disso, busquei refletir sobre o processo de elaboração de memes e as questões desafiadoras que eles evocam como objeto de estudo. Essa reflexão ocorreu durante o andamento da pandemia de Covid-19, momento em que meu olhar de pesquisador foi automaticamente atraído pela proliferação de memes, especialmente aqueles que abordavam diretrizes técnicas apontadas pela ciência. O meme a seguir, por exemplo, foi criado a partir da imagem da capa do LP lançado em 1966 pelo cantor Chico Buarque, que originou uma série de memes conhecidos como "Chico feliz e Chico sério". Essa capa possibilita a construção de antíteses a partir das diferentes expressões do cantor. No caso apresentado abaixo, a oposição de ideias é ilustrada

pela alegria diante da disponibilidade de uma vacina contra a Covid-19, contrastando com a tristeza provocada pelas mortes decorrentes dos testes realizados.

Imagem 6 - Meme “Chico feliz e Chico sério”.



Fonte: Reprodução/Meme Creator

Foi ao me deparar com publicações desse tipo que percebi a necessidade de abordar, sob uma perspectiva educacional, o impacto das novas tecnologias de comunicação digital nas práticas sociais. Os memes pareciam desempenhar um papel central na construção das narrativas midiáticas, servindo como matéria-prima essencial para a criação e disseminação de discursos amplamente veiculados nas plataformas de interação e em outros espaços midiáticos, como jornais. Memes que promovem a vacinação e confiam na ciência, assim como aqueles que se opõem a pesquisas e antígenos, emergiram como ferramentas cruciais para consolidar opiniões e atrair novos adeptos.

Esse entendimento me levou a questionar como a escola está efetivamente lidando com essa dinâmica e se está conseguindo atuar como mediadora na formação de usuários de internet capazes de reconhecer as estruturas de sentido presentes nos memes, assim como combater as violências e o tom negacionista que estão imbricados neles. Nesse contexto, Manuel Castells (2007), ao discutir a dinâmica das mídias digitais, problematiza o florescimento de novas possibilidades de participação, o que ele denomina como comunicação mais horizontal, ou seja, aquela que ocorre entre usuários, sem mediação ou interferência institucional.

Assim, espera-se que esse potencial, quando devidamente explorado, permita que professores e estudantes se deparem com abordagens de caráter linguístico que

avaliem as questões conceituais e o impacto social provocado por essas novas formas de comunicação. Para isso, os estudos sobre memes precisam direcionar o olhar não apenas aos espaços de criação e interação em que circulam, mas também priorizar uma discussão sobre as análises das intenções e filiações daqueles que interagem com eles.

Nesse contexto, surgiu uma questão especulativa de grande relevância: por que um professor de português do Ensino Médio se interessaria em trabalhar com memes? A resposta requer uma investigação mais aprofundada, mas aqui apresento algumas hipóteses iniciais. Primeiramente, é possível que poucos professores demonstrem interesse em incorporar esse gênero em suas aulas. A complexidade das conexões subjacentes aos memes, que frequentemente envolvem sobreposições de imagens e referências culturais diversas, pode exigir dos alunos um repertório sociocultural elevado. Além disso, o processo de seleção, análise e desenvolvimento de atividades didáticas relacionadas a memes pode ser demorado. Outra hipótese é que, para os professores que já demonstram interesse em utilizar memes, a abordagem mantenha o foco apenas nos seus elementos composicionais distintivos, sem explorar a fundo questões sobre a produção e recepção dos discursos que transmitem. Por fim, pode haver um terceiro grupo de professores que utiliza memes para destacar aspectos sintáticos, apontando frequentemente o desrespeito às normas gramaticais que os memes revelam. Cada uma dessas abordagens oferece desafios e oportunidades únicas no ensino de língua portuguesa.

Se essas hipóteses se confirmarem, elas evidenciam uma lacuna preocupante na formação oferecida aos estudantes. Desconsiderar o imenso potencial dos memes como veículos de criação e transmissão de sentido pode resultar em uma sociedade incapaz de adotar uma postura crítica nos espaços de discussão da internet. Isso gera uma desconexão perigosa entre os conteúdos midiáticos e as esferas sociais que eles impactam. Tal constatação expõe desafios persistentes que, há muito, impedem uma abordagem mais robusta sobre o uso e o papel das tecnologias midiáticas no campo educacional.

Pensando no contexto dos anos 1990, quando a dicotomia entre real e virtual ganhava destaque e as TDICs se tornavam símbolos de convergência entre essas duas esferas, fazia sentido defender que a escola deveria incorporar computadores como ferramentas de aprendizagem. No entanto, com a democratização dessas tecnologias e o surgimento das mídias portáteis, novos desafios se impuseram. Hoje, é

evidente que cabe à escola não apenas ser receptora ou usuária das tecnologias midiáticas para fins didáticos-conteudistas, mas também se reconhecer como parte ativa nos processos que elas envolvem. Infelizmente, como observa Sodré (2012), as instituições escolares têm demorado a adotar formas de atuação voltadas para o pluralismo e a complexidade emergentes da virtualidade.

Embora abordem questões diversas, desde acontecimentos políticos até descobertas científicas, os memes são gêneros que estão oficialmente sob a responsabilidade dos professores de Língua Portuguesa. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁴, ao tratar da área de linguagens e suas tecnologias, afirma que cabe aos docentes “possibilitarem uma participação mais plena dos jovens nas diferentes práticas socioculturais que envolvem o uso das linguagens” (BNCC, 2018, p. 481). Nesse sentido, é fundamental que os professores promovam

reflexões que envolvam o exercício de análise de elementos discursivos, composicionais e formais de enunciados nas diferentes semioses – visuais (imagens estáticas e em movimento), sonoras (música, ruídos, sonoridades), verbais (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita) e corporais (gestuais, cênicas, dança) (BNCC, 2018, p. 486).

A BNCC também reconhece a necessidade de considerarmos as novas tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs), especialmente os textos e discursos atuais organizados, como mencionado, de maneira híbrida. O estudo dos memes, de acordo com o documento, deve começar já no 6º ano e se estender até o final do Ensino Médio. A inserção de gêneros oriundos da virtualidade digital nos documentos norteadores de Língua Portuguesa, evidentemente, aconteceu anteriormente⁵.

À medida que os computadores passaram a fazer parte da rotina dos brasileiros, pesquisadores da linguagem e da educação começaram a investigar como essas manifestações ocorriam e quais funções esses gêneros desempenhavam. Pesquisas,

⁴ A BNCC é o “documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE)” (BNCC, 2018, p. 591).

⁵ Os PCNs publicados em 1998 já apresentavam uma discussão embrionária sobre as mudanças trazidas pelo computador, apontando para mudanças de ordem cultural no que se refere à comunicação.

como as desenvolvidas por Gomez (2015), buscaram aproximar as mídias da educação escolar. A autora discutiu a necessidade de praticarmos uma pedagogia voltada para a virtualidade e reforçou a importância de investir em "educadores conectivos" (Gomez, 2015, p. 27), ou seja, pessoas que fossem capazes de conectar diferentes círculos culturais, oferecendo consistência ao mundo de multiplicidade em que vivemos.

Fava (2016), por sua vez, argumenta que as práticas de ensino e aprendizagem ainda não consideram adequadamente que os gêneros da internet exigem um tratamento específico, que respeite os papéis que desempenham nos ambientes em que se inserem. Além disso, aponta a falta de metodologias que ampliem a capacidade de leitura daqueles que interagem com esses gêneros.

Após essa análise, novas questões surgem. Uma delas é o fato de que, embora os memes, especialmente os de teor político ou social, circulem em interações aparentemente livres, são produzidos por indivíduos com suas próprias motivações e intenções. Portanto, qualquer estudo dessas práticas de linguagem deve levar esse aspecto em consideração. Isso permite identificar padrões de posicionamento nas interações envolvendo memes, revelando como as motivações subjacentes podem influenciar as relações interativas na internet. Outro aspecto que comecei a considerar é que a leitura de um meme frequentemente exige um tipo de conhecimento que, muitas vezes, não está presente nos currículos e nas práticas de sala de aula. Estudá-los implica elevar personagens do cinema, imagens de políticos, capas de discos, cenas de novela, prints de vídeos e até fotografias pessoais a um patamar de maior relevância, uma vez que são essas as principais fontes de construção de sentido dos memes. Além disso, é necessário avaliar se o trabalho com memes, da forma como tem sido conduzido, leva em conta o fato de que eles podem deslocar sentidos, construir ou desfazer narrativas e, por meio do humor, promover a circulação contínua de significados que podem, por exemplo, violentar minorias e causar sérios danos à segurança social e à saúde pública.

1.1 OBJETIVO GERAL

Com base nessa reflexão, defini como objetivo principal desta pesquisa oferecer um panorama sobre o impacto dos gêneros textuais digitais, com foco especial nos memes, para compreender as disputas narrativas emergentes de seu uso e suas

implicações na construção de significados, na formação de posicionamentos sociais e na articulação com o ambiente escolar.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Analisar como os memes, enquanto gêneros digitais, influenciam a formação de percepções coletivas em períodos de crise, investigando sua produção, circulação e interpretação, bem como seu impacto na compreensão pública de eventos sociais e políticos no contexto digital contemporâneo.
- b) Desenvolver uma aproximação teórica com as contribuições de Jean-Paul Bronckart para a compreensão das práticas de linguagem no universo digital, construindo uma base analítica que permita fundamentar uma análise crítica dos memes como práticas de linguagem e interação social.
- c) Propor uma ferramenta específica para a análise de memes que leve em conta sua arquitetura composicional, criando uma abordagem que facilite sua interpretação crítica e educativa.
- d) Examinar os memes produzidos durante a pandemia como veículos de humor, medo e disputa de narrativa, identificando como esses elementos influenciam as percepções sociais sobre a crise e as respostas coletivas a esse momento histórico.
- e) Avaliar as percepções dos professores e alunos sobre o uso dos memes como ferramenta pedagógica, explorando as oportunidades e limitações que encontram no uso desses gêneros digitais como parte das práticas de ensino-aprendizagem.

2 DO VIDEOTEXTO AOS MEMES: TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS E CULTURAIS EM MOVIMENTO

Imagem 7 - Meme "Tecnologia de ponta".

TECNOLOGIA DE PONTA:



Fonte: Reprodução/Google imagens

Quando os computadores começaram a se tornar mais acessíveis para a população, muitos estudos sobre o impacto das tecnologias já haviam sido desenvolvidos por diferentes áreas do conhecimento. A partir da Revolução Industrial, as inovações tecnológicas ganharam visibilidade devido ao caráter inovador que apresentavam. De fato, conforme defendem Pezzella e Camargo (2017), estávamos, naquele momento, diante de um novo paradigma que se estabelecia a partir do poder agregado ao compartilhamento de informações. O modelo de sociedade que emergiu desse contexto foi pautado em uma relação intensa com os meios de comunicação, alguns ligados à arte, como o cinema, e outros com maior potencial informativo, como o rádio e a televisão. Diante do surgimento da informática, foi percebida a necessidade de criar uma literatura especializada, para garantir que o conhecimento construído em torno dela estivesse acessível tanto aos que tinham condições de fazer carreira na área quanto aos consumidores que precisassem aprender a utilizar as ferramentas disponíveis no mercado.

No Brasil, para além das questões técnicas de engenharia, obras como *Computadores Brasileiros: Indústria, Tecnologia e Dependência*, de Paulo Bastos Tigre (1984), e *A Guerrilha Tecnológica*, de Vera Dantas (1988), foram pioneiras na construção de uma historiografia sobre o tema. Durante as minhas leituras dessas obras, percebi que ambas oferecem uma análise crítica de como o Brasil pavimentou sua relação com a tecnologia e como esse percurso afetaria o futuro do país. A informática, com todas as mudanças que trouxe para o cotidiano, exigia um usuário capaz de dominar ferramentas e se manter atualizado diante da rápida expansão de um novo vocabulário. Nesse contexto, percebo que a primeira preocupação da indústria foi destacar que a linguagem binária das máquinas continha elementos similares à linguagem humana, como semântica e sintaxe, tornando possível ensiná-la de forma acessível.

Para além disso, como aponta Lévy (2011), as infraestruturas da comunicação e as tecnologias intelectuais que surgiram após o desenvolvimento dos computadores sempre estiveram profundamente conectadas às diversas formas de organizar a vida política,

econômica e cultural. O autor destaca que os meios de comunicação de massa, ao difundirem novas ideias e diferentes representações, questionam os estilos rígidos de organização, conduzindo a sociedade a uma dinâmica marcada por novas possibilidades de entendimento. Entre esses meios, a informática, ao se tornar um veículo de comunicação — especialmente após o advento da internet —, ampliou significativamente o fluxo de notícias, criou um mercado consumidor e exigiu a formação de pessoas capazes de lidar com seus recursos. Além disso, colocou em debate os modelos de ensino-aprendizagem tradicionalmente empregados.

A incorporação dos meios convencionais de comunicação (áudio, vídeo, imagem e animação) com a informática ocorreu de forma gradativa, resultando no surgimento de mídias digitais que evidenciam a necessidade de considerar as especificidades de suas linguagens. As arquiteturas híbridas que essas tecnologias são capazes de criar e potencializar continuam a destacar a forte relação entre linguagem e evolução do conhecimento. Isso acontece porque a linguagem desempenha um papel essencial na forma como as trocas entre os atores sociais são estabelecidas. Como aponta Axt (2000), é por meio dela que conseguimos atuar em um espaço simbólico situado entre a intenção de interagir e a construção de novos significados.

Essas discussões em torno da relação entre linguagem e tecnologias da comunicação intensificaram-se à medida que a sociedade passou a ter maior contato com os produtos disponibilizados no mercado. Para cada máquina ofertada, novos modelos de difusão do conhecimento e da informação tornavam-se indispensáveis. Uma das primeiras mudanças identificadas por estudiosos que investigavam o impacto dessas inovações foi a capacidade que algumas tecnologias tinham de influenciar práticas e comportamentos adotados pelas pessoas. Essa transformação ocorreu de forma gradual, mas com enorme velocidade. Inicialmente, conforme aponta Santos (2010), apenas uma parte da população, especialmente aquela com maior poder aquisitivo, conseguia participar desse contexto permeado por inovações.

O surgimento de uma nova tecnologia, implementada no Brasil pela Embratel, prometia alterar essa dinâmica. A máquina, chamada de "videotexto", parecia nos conduzir para um futuro no qual nossa forma de interagir com textos, sons e imagens deixaria de ser uma prática restrita a poucos, democratizando o acesso à informação e ampliando as possibilidades de comunicação para uma parcela maior da população.

Produzida na França, essa tecnologia era composta por três computadores que, quando interligados, permitiam ao usuário do sistema telefônico conectar um adaptador na sua televisão e com isso ele passava a receber informações através desse canal. O presidente da Telespe⁶, na época, Carlos Lopes, apresentou o novo serviço com as seguintes palavras:

⁶ Empresa operadora de telefonia do sistema Telebras no estado de São Paulo.

O videotexto é algo revolucionário. É um novo meio de comunicação e de informação que apenas utiliza o que já existe. Basta unirmos o telefone à tevê [...] e teremos um terminal que levará todos os tipos de informação ao público (Revista Nacional de Telecomunicações, 1981, pág. 6).

É possível considerar o surgimento do videotexto como um dos passos mais significativos no desenvolvimento da linguagem que hoje está presente nos dispositivos midiáticos conectados à internet. Esse foi o primeiro computador colocado à disposição de uma parcela maior da população. A promessa de levar todos os tipos de informação ao público ocultava, evidentemente, qualquer discussão sobre a seleção e o controle dessas informações, uma vez que, apesar de nova, essa tecnologia era regida e administrada por agentes de mercado. Isso reforça, no meu entendimento, a ideia de que as empresas desse ramo sempre se valeram de um discurso superficial sobre o seu papel, posicionando-se como meras propagadoras de informação sem expor os interesses comerciais que orientavam suas decisões. A ausência de um debate crítico sobre esses interesses, especialmente na época, contribuiu para a consolidação de uma relação desigual entre produtores e consumidores de informação, um padrão que, de certa forma, se mantém nas dinâmicas digitais contemporâneas.

A Telesp chegou a instalar alguns pontos de videotexto em espaços estratégicos das cidades, pontos que receberam o nome de “olhões”. A população foi assim colocada diante de uma tecnologia que prometia alterar expressivamente o fluxo de distribuição de informações.

Imagem 8 - Terminal público de consultas ao videotexto (“olhão”).



Fonte: ZANIBONI, 1986, p. 55.

Esses dispositivos traziam dados pré-programados e informações produzidas de forma unilateral, ainda que fossem divulgados como ferramentas bilaterais. Ao usuário era permitido apenas apertar botões de comando que direcionavam para um tipo de informação específica. Na tela, era possível acessar notícias, dados econômicos e orientações sobre o clima, em uma funcionalidade que se aproxima do que atualmente fazem os portais de notícias. Essa similaridade com o tipo de conteúdo que antes era restrito aos jornais televisivos e impressos fez com que o "olhão" provocasse mudanças significativas no mercado de trabalho. Profissões já consolidadas, como a de jornalista, começaram a ser repensadas em relação ao tempo e ao espaço necessários para a transmissão de conteúdo ao público. Além disso, novas funções surgiram, como a do "grafista de videotexto", responsável pela edição e formatação das informações apresentadas nesses dispositivos, evidenciando o impacto direto das inovações tecnológicas na reconfiguração das práticas profissionais.

Avalio como importante frisar que o videotexto, de fato, produziu um novo tipo de relação entre usuário e máquina, ao criar uma aparente sensação de liberdade. O usuário escolhia o que queria acessar, mas essa escolha, como mencionei, estava circunscrita a limites impostos por diversos fatores. Seja do ponto de vista técnico, com as restrições da infraestrutura disponível na época, ou do ponto de vista editorial, com o controle de conteúdo exercido pelos agentes de mercado que operavam o sistema, essa liberdade era mais ilusória do que real. Esse modelo de interação antecipava, de certa forma, a lógica que vemos hoje nas plataformas digitais, em que a autonomia do usuário é mediada por algoritmos, interesses comerciais e limitações estruturais. Assim, o videotexto não apenas representou um marco tecnológico, mas também lançou as bases para debates sobre controle, acesso e liberdade informacional que permanecem relevantes.

Imagem 9 - Olhão utilizado na Mostra de Grafismo em Videotexto, Museu de Arte de São Paulo.



Fonte: <https://1.bp.blogspot.com/>

Barreiras ainda maiores foram transpostas quando, em 1983, o Museu de Arte de São Paulo realizou a mostra “Grafismo em Videotexto”. O evento permitiu que o público visualizasse artes gráficas desenvolvidas para serem utilizadas nesses computadores. No mesmo ano, a 17ª Bienal de São Paulo apresentou as primeiras “artes on-line” e instalou terminais de videotexto no local, oferecendo aos usuários a oportunidade de registrar suas opiniões sobre o evento. Esse novo canal de comunicação abriu portas para que os usuários pudessem se expressar dentro de um sistema de redes mais amplo, tornando essas opiniões visíveis a outros participantes. De certa forma, esse momento antecipava o que as redes sociais democratizadas fariam anos depois, ao possibilitarem interações públicas e registros de opiniões acessíveis a uma audiência maior.

No entanto, acredito que a discussão sobre uma possível gênese do que posteriormente ficou conhecido como “participação social em rede” ainda oculta aspectos relevantes. Antes disso, vale lembrar que, sobretudo nos anos 2000, vários livros e artigos foram escritos sobre esse tipo de participação. Destaco aqui a obra *Cultura da Convergência*, publicada em 2006 por Henry Jenkins, que continua sendo amplamente citada em estudos sobre o tema. Embora eu concorde com muitos dos pontos abordados, percebo que grande parte desses trabalhos, ao se basearem no que era possível assimilar na época, partiu de uma visão em que não havia uma distinção clara entre usuário e participante.

A ideia de que éramos capazes de interferir nos rumos do fluxo informativo é, em parte, verdadeira. No entanto, o que se percebe hoje é que boa parte daquilo que produzimos nas redes sociais digitais está condicionado às dinâmicas impostas por ferramentas de controle. Assim sendo, percebo que ainda hoje as tecnologias midiáticas criam nas pessoas uma sensação de pertencimento aos processos que ocorrem nas redes sociais. Isso, entretanto, limita o conceito de “participação” ao simples ato de “estar presente” ou de “ser autorizado a dizer”, sem considerar a profundidade das discussões necessárias sobre os moldes que priorizam interesses externos ao usuário. Essa visão acaba acreditando na autonomia das pessoas na produção e circulação de conteúdo, ocultando uma estrutura que frequentemente privilegia o controle sobre a verdadeira participação ativa.

Imagem 10 - Instalação de Arte e VideoTexto na 17ª Bienal.

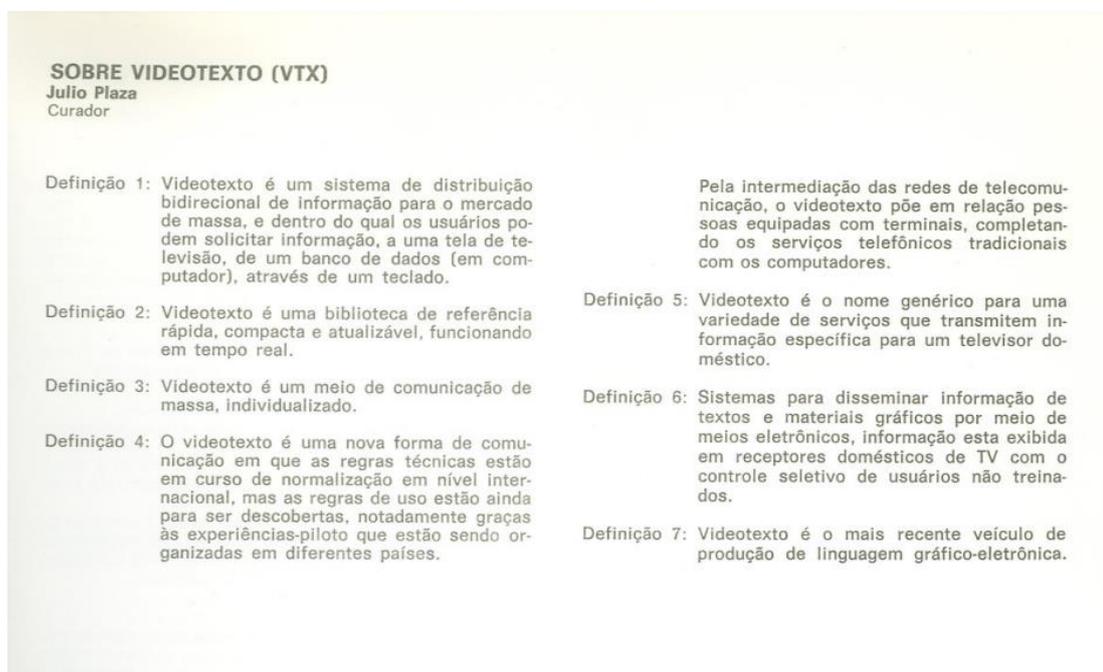


Fonte: Arquivo Leonardo Neto.

O catálogo da Bienal também trouxe questões interessantes diretamente relacionadas ao surgimento de uma cultura digital, como o lançamento de um jornal eletrônico intitulado *Bienal-Informativo*. Esse jornal registrava as informações mais importantes sobre a exposição e oferecia aos visitantes a possibilidade de acessar arquivos de outras edições, evidenciando a capacidade dessas máquinas de armazenar memórias.

A exposição intitulada *Arte e Videotexto*, por sua vez, deu um enfoque maior às tecnologias, destacando o projeto *Novos Media*. É importante notar, nesse contexto, a penetração de um vocabulário estrangeiro para nomear não apenas as ferramentas tecnológicas, mas também os universos e práticas de uso que elas viabilizavam. No catálogo dessa seção, cuja curadoria foi realizada por Julio Plaza, encontram-se algumas definições para o que ficou conhecido como videotexto.

Imagem 11 - Recorte do catálogo da 17ª Bienal. Definições para o “Videotexto”.



Fonte: Arquivo Bienal na Internet.

Alguns trechos dessa publicação chamam atenção pelo caráter didático que revelam e por apontarem mudanças futuras bastante significativas no que tange ao uso de tecnologias comunicacionais. Listo abaixo algumas delas:

- a) O videotexto como tecnologia capaz de atingir um mercado de massa.
- b) O uso do termo biblioteca para se referir ao tipo de passeio ofertado pelo videotexto, que era baseado no resgate e acúmulo de memórias.
- c) A visível importância da instantaneidade.
- d) A noção de que tecnologias com esse perfil disseminam informação que podem ser selecionadas pelo usuário, garantindo a esse um controle parcial sobre o fluxo informático.
- e) O olhar específico para o tipo de linguagem que a tecnologia utiliza.

O projeto *Arte e Videotexto* também contava com um laboratório de linguagem dedicado

ao estudo de códigos visuais, que já buscava discutir aspectos didáticos relacionados aos artefatos tecnológicos de comunicação. Esse laboratório via o videotexto como um veículo de linguagem capaz de ressignificar a indústria cultural de massa, utilizando a videografia, naturalmente, como ponto de partida. O manual reforça a relevância desse momento ao afirmar que

A aliança dos meios audiovisuais, das telecomunicações e da informática, opera novas possibilidades de comunicação e expressão. A evolução tecnológica é muito mais rápida do que a nossa capacidade de assimilar e de atualizar esses novos meios. Criado originalmente para editar e veicular informação, o videotexto configura-se como um sistema de intermedia, capaz de interferir na atuação de outros meios já existentes e remodelá-la, desarticulando o ambiente instituído, pois ele é o antiambiente. O videotexto tende a transformar de maneira radical a tradicional distribuição de informações pela imprensa escrita, falada e televisiva, colocando essas mesmas informações com eficiência e instantaneidade ainda maior em terminais domésticos de vídeo. A edição em meios eletrônicos como o videotexto, destinada a grandes e diferentes públicos, provoca mudança e confusão nas condições de recepção e produção da informação. (Catálogo 17ª BIENAL, 1983, p.105).

Importante pontuar que desde a década de 1960 os meios de reprodução visuais vinham sendo socializados, como a xerox, cujo surgimento engrandeceu o debate sobre autoria e direitos autorais que posteriormente viria a ser potencializado com o uso de computadores. Vale reforçar também que, naquele estágio, a sociedade possuía alguma familiaridade com dispositivos visuais, afinal, cinema e televisão existiam há aproximadamente oitenta anos e a telefonia vinha se desenvolvendo há quase duas décadas. Mesmo assim, é muito curioso perceber como o olhar dos responsáveis pela “Arte e videotexto”, seguindo as teorizações presentes nos estudos sobre comunicação que estavam sendo desenvolvidos pela academia, apontava, de forma clara, para um conjunto de mudanças que estavam por vir.

Primeiro, havia o entendimento de que, a partir daquele momento, as pessoas passariam a se comunicar por intermédio de veículos interativos, pois neles “se estabelece uma relação democrática no sistema: editor-usuário e ainda usuário-usuário, presidida pelo diálogo” (Catálogo 17ª BIENAL, 1983, p. 105). Segundo, destacava-se que o “hibridismo do

videotexto prenuncia a sua forte característica marcante, que se manifesta na conformação das linguagens que acolhe, obrigando-as a uma redefinição para exibição no seu espaço concreto. Assim, o videotexto cria uma interface com o leitor, que o obriga a um pensamento redutivo-esquemático e a uma percepção rápida e espontânea” (Catálogo 17ª BIENAL, 1983, p. 105).

A visão presente nesse documento realça que era possível antever o impacto das tecnologias da comunicação nos modelos de produção, circulação e consumo de informações. Discussões sobre esses temas vinham sendo propostas ao redor do mundo, e uma teorização consistente estava prestes a ser potencializada. Nessa perspectiva, diversos autores buscaram elaborar conceitos que caracterizassem as mudanças em curso. O termo *Sociedade da Informação*, por exemplo, ganhou maior destaque na era da informática. Esse conceito surgiu na década de 1960, no Japão, e alcançou projeção com a publicação do livro *Introdução à Sociedade da Informação*, de Yoneji Masuda, um visionário que chegou a visitar o Brasil em 1982, quando participou de eventos e discussões sobre o impacto das tecnologias da informação na sociedade brasileira, compartilhando suas perspectivas sobre a transição para uma sociedade baseada na informação.

Masuda (1968) afirmou, quinze anos antes da exposição *Arte e Videotexto*, que estávamos diante de “um novo tipo de sociedade, onde a posse de informações, e não de bens materiais, é o motor por trás da sua transformação e desenvolvimento [...] e onde a criatividade humana pode florescer” (Masuda, 1968, p. 45). Já em 1982, diante do aparecimento de tecnologias de comunicação mais acessíveis, o autor voltou a discutir o tema. Ele afirmou que a *Sociedade da Informação* precisaria ser “construída dentro de um contexto inteiramente novo, a partir de uma análise completa de tecnologia de telecomunicações e informática, pois essa é a que determinará sua natureza fundamental” (Masuda, 1982, p. 45). Antecipando algumas alterações provocadas pelas máquinas, Masuda (1982) propôs um prognóstico em que o computador assumiria o papel de núcleo, com a função de substituir e amplificar o trabalho mental.

Avalio que essas noções, entretanto, pareciam partir do pressuposto de que a sociedade como um todo floresceria a partir de uma nova arquitetura em que a informação passaria a ser o elemento central. Ou seja, elas pressupunham, em certa medida, que todos seriam capazes de produzir e fazer uso dessas informações de forma equitativa. Por outro lado, penso que negligenciaram as disparidades existentes tanto do ponto de vista intelectual quanto material. A ideia embebida nesse conceito se baseava, em grande parte, em uma noção equivocada de igualdade que, até hoje, não foi plenamente conquistada.

Ainda assim, Masuda (1982) trouxe contribuições extremamente relevantes sobre os desdobramentos desse cenário. Ao discutir como se daria a participação dos cidadãos em uma sociedade baseada na produção e circulação de informações, ele defendeu que, no

futuro, o desejo das pessoas mudaria de direção, resultando em um aumento da demanda por participação na tomada de decisões e na administração dos “sistemas econômicos, sociais e políticos” (Masuda, 1982, p. 128). É evidente que o autor já demonstrava preocupação com as questões éticas que poderiam ameaçar até mesmo o sistema democrático de poder. Nesse sentido, ele também propôs uma reflexão sobre a forma como as informações seriam compartilhadas, destacando que os veículos, agora mais dispersos, precisariam criar e disponibilizar informações mais precisas e imparciais. Masuda (1982) alertava que a propagação em larga escala de informações distorcidas ou imprecisas poderia levar a mudanças perigosas nas narrativas, com impactos significativos na sociedade e nas estruturas de poder.

Lévy (2011), em uma análise realizada duas décadas após Masuda (1982), continuou a discutir o que denominou de “engenharia do laço social”. Para o autor, o ciberespaço, diferente do território geográfico, possuía a capacidade de potencializar a atuação de um sistema econômico baseado na oferta de serviços e poderia se tornar “um meio de exploração dos problemas, de discussão pluralista, de evidência de problemas complexos, de tomada de decisão coletiva e de avaliação de resultados” (Lévy, 2011, p. 58).

Nesse contexto, Lévy (2011) enfatizava a necessidade de compreender como se dava a distribuição dos atores sociais nesses espaços, o que envolvia identificar aqueles que ocupam posições estratégicas de decisão, os mais vistos e ouvidos, e, sobretudo, aqueles que são impedidos de participar ativamente das interações nesses ambientes. Buscando aprofundar essa discussão, o autor também analisou como os atores sociais se organizam coletivamente e de que forma produzem enunciados no ciberespaço.

A partir disso, posso afirmar que o avanço das TICs estimulou o surgimento de novas abordagens nas ciências humanas, cabendo a elas esclarecerem o debate sobre as transformações técnicas, organizacionais, linguísticas e comportamentais presentes na sociedade. Enquanto essas discussões se desenvolviam, o Brasil procurava se adaptar a essa nova realidade, tanto do ponto de vista operacional, logístico e mercadológico, quanto no que se refere à produção do conhecimento.

Os campos da educação, da linguagem e da sociologia passaram a se debruçar ativamente sobre esse fenômeno, uma vez que essas tecnologias estavam provocando mudanças estruturais e conceituais profundas. Essas mudanças, como a própria exposição *Arte e Videotexto* sugeria, evidenciavam que a nossa capacidade de entendimento parecia não acompanhar plenamente o ritmo das transformações. Entre as alterações percebidas nesses setores, destaco brevemente alguns aspectos relacionados ao uso da língua, que são altamente representativos para a evolução de gêneros textuais como os memes.

Como o avanço da informática ocorreu em um curto espaço de tempo, especialmente

após a internet se tornar mais acessível, é compreensível que linguistas ao redor do mundo manifestassem algumas preocupações. Uma das mais significativas dizia respeito à capacidade da língua inglesa de influenciar e até mesmo contaminar outros idiomas. Há uma extensa bibliografia, especialmente composta por artigos, debatendo essa questão. Na plataforma Periódicos CAPES, por exemplo, existem mais de cinquenta mil publicações revisadas por pares sobre o tema. Ávila e Cox (2008), como muitos outros teóricos, chegaram a propor uma definição para um conceito popular na época, o “internetês”, que, para eles, era

a língua que vem sendo engendrada pelas interações síncronas (MSN e outros chats) e assíncronas (Orkut, e-mails etc.), tendo como suporte a tela e o teclado de um computador, conectado à Internet, entendida como o conjunto de todas as redes e *gateways* que usam protocolo TCP/IP1 para o transporte de informações. (Ávila; Cox, 2008, p. 1).

Diante dessa definição, percebe-se que a internet era vista como uma espécie de entidade capaz até de propor um uso próprio da língua, alterando estruturas sintáticas e, como vimos, desrespeitando protocolos da norma culta. Essa ideia preocupou muitos educadores, especialmente porque um discurso bastante conservador começou a circular fortemente na mídia. Um artigo publicado na *Revista Veja*, em outubro de 2000, é prova disso.

Assinado pelo jornalista Diogo Mainardi, o texto descreve suas impressões ao entrar em um chat e se deparar com o uso de abreviações como “kd” (cadê), “vc” (você) e “tb” (também). Inicialmente, ele acreditou estar diante de “um rico jargão feito de síncopes e abreviaturas” (Veja, 2000, p. 221), mas logo percebeu que o vocabulário era bastante limitado. Mantendo uma visão moralista, ele conclui dizendo:

O resto é puro erro de português: infelizmente, quiz, afim, faiz. Aliás, este é o aspecto mais paradoxal dos bate-papos: a molecada semianalfabeta é obrigada a se comunicar através da forma que menos domina: a língua escrita. Por isso só consegue articular xingamentos e obscenidades. (Veja, 2000, p. 221).

Naquela época, com a forte presença das *lan houses*⁷ (termo emprestado do inglês que, em português, significa “casas de rede”) nos bairros, percebe-se que os computadores e a internet já estavam sendo utilizados por um público bastante heterogêneo. Essa dinâmica permitia, de fato, a interação de atores sociais menos escolarizados em espaços que antes

⁷ Lan houses são estabelecimentos comerciais onde é possível utilizar, mediante pagamento, computadores e acessar a internet por um tempo limitado. Hoje foram substituídas por cibercafés.

eram dominados por uma classe social mais alta. O preconceito manifestado por Mainardi refletia um olhar compartilhado por outros autores da época, que, em sua maioria, afirmavam que as TICs iriam “matar a escrita e a leitura” (Eco, 1996, p. 14). Acerca disso,

Ladjali (2007) classificava como “barbarismo” as mudanças no uso da língua trazidas por suportes como computador e *smartphone*. Crystal (2005) alegava falta de respeito com as regras da escrita. Dessa forma, conforme Komesu e Tenani (2021), as críticas ao “internetês” pareciam estar fundadas num critério de pureza como ideal da escrita. A imagem de degradação da escrita e, por extensão, a da Língua Portuguesa, pelo uso da tecnologia digital, advém do pressuposto de que haveria uma modalidade escrita pura, associada seja à norma culta padrão, seja à gramática, seja à imagem de seu uso por autores literários consagrados. Enfim, um tipo de escrita que deveria ser seguido por todos, em quaisquer circunstâncias. (Komesu; Tenani, 2021, p.12).

Outros estudiosos, evidentemente, seguiram em uma direção oposta. Nessa perspectiva, podem ser citados os trabalhos de Marcuschi (2005), Araújo e Biasi-Rodrigues (2007), e Freitas e Costa (2006). Marcuschi (2005), por exemplo, afirmava que o internetês “não se conforma aos domínios tradicionais do discurso oral e escrito, mas transgride constantemente os limites entre os dois, criando seu próprio domínio no território da comunicação” (Marcuschi, 2005, p. 22).

De forma geral, esses estudiosos observaram que o internetês não passava de uma variedade linguística que, como todas as outras, propicia um tipo de comunicação adequado a um contexto específico. À medida que os atores sociais transitam para outros espaços, outros usos linguísticos são estabelecidos para que a comunicação ocorra. Inicialmente, o estranhamento com essa “nova língua” quase sempre se dava pelo uso de abreviações. Sobre elas, Ribeiro (2006) pontua que, na verdade, são apenas um recurso funcional que busca agilizar a dinâmica de uso. Além disso, como provam as análises realizadas pelo autor com documentos do século XIX, essas abreviações já estavam presentes em outras fases da escrita, muito antes do advento da internet. Posteriormente, sobretudo com o surgimento e fortalecimento de culturas como a dos memes, o uso de abreviações e outras formas de escrita passaram a adquirir expressões que podem ser avaliadas em dois aspectos: o uso livre e descompromissado com as regras gramaticais quando estas não são necessárias para garantir o sentido das interações; e o descumprimento proposital dessas regras com o objetivo de produzir humor.

Um tópico relevante nas transformações das interações sociais refere-se ao uso intensificado de imagens. Diversos recursos visuais foram incorporados em blogs, sites e redes sociais, não apenas para viabilizar seu funcionamento, mas também para possibilitar o compartilhamento de imagens. Nesse contexto, estabelece-se uma nova dinâmica na forma como os atores sociais percebem a realidade, uma vez que todo o campo informacional, conforme aponta Frohmann (1995) passou a fazer uso de imagens atomizadas, ou seja, alternando completamente a forma como as informações costumam a circular. Agora, a imagem deixa de ter uma função alegórica ou complementar ao texto em linguagem verbal e passa a ser um componente central na comunicação digital. O protagonismo das imagens redefine as formas de interação e circulação de informações, alterando significativamente os padrões tradicionais de consumo e produção textual. Esse novo ciclo impulsionou estudos sobre semiótica e os gêneros textuais emergentes desses ambientes no país. Diversos autores, que já haviam proposto definições para os gêneros textuais, passaram a analisá-los considerando as novas possibilidades de composição proporcionadas pelo digital.

Com o avanço das tecnologias e a crescente digitalização das interações sociais, esses gêneros textuais foram proliferando, incorporando características que só se materializavam por meio de ferramentas oferecidas por aplicativos e sites. Esse cenário levou à adoção do termo Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), em substituição às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), para refletir as novas possibilidades criadas pelo mundo digital. Resumindo, hoje, em sua maioria, o termo TICs é usado para se referir às tecnologias que servem como meio para processos de comunicação e acesso à informação, incluindo exemplos tradicionais como jornais, rádio e televisão. Por outro lado, as TDICs dizem respeito a ferramentas digitais, como computadores, smartphones e tablets, que oferecem aos usuários novas formas de interagir e se comunicar.

Os memes emergiram exatamente durante essa mudança de concepção e são parte integrante dela. Por isso, apresentam uma arquitetura composicional que, até hoje, demanda teorizações frequentemente sujeitas a rápidas atualizações. Como mencionado, por estarem inseridos em um constructo que exige um olhar constantemente atualizado e, de certa forma, ousado e inovador do ponto de vista metodológico, os memes se consolidam como objetos de estudo desafiadores.

A mostra *Grafismo em Videotexto*, indiscutivelmente, marcou o início de uma nova maneira de pensar a relação entre linguagem verbal e imagem. Posso dizer, nesse sentido, que é possível traçar conexões entre essa exposição e os memes contemporâneos, sobretudo pela ênfase na integração de elementos visuais e textuais como formas de comunicação. Ambos não apenas transcendem os limites tradicionais de suas épocas, mas também refletem e moldam as práticas culturais e discursivas em contextos de transformações tecnológicas. Os memes, assim como o grafismo no videotexto, representam uma tentativa contínua de

explorar novas linguagens em espaços interativos, desafiando as fronteiras entre linguagem verbal, imagem e participação social.

Diante de um contexto em que a comunicação entre os atores sociais se desenvolvia de forma altamente dinâmica e uma cultura capaz de se reinventar continuamente a partir da produção e propagação de diferentes gêneros textuais, as narrativas ganharam novas formas de materialização. Algumas dessas narrativas, como veremos no capítulo seguinte, têm suas raízes em noções históricas antigas, enquanto outras só existem, da forma que existem, devido à evolução das novas tecnologias, que passaram a transformar toda a arquitetura comunicacional. Para compreender melhor essa dinâmica, apresentarei a seguir um panorama que explora diferentes momentos históricos, destacando a potência dessas transformações.

3. NARRATIVAS EM TEMPOS DE CRISES: GÊNEROS TEXTUAIS E A HISTÓRICA DISPUTA PELA VERDADE

Imagem 12 - Meme “Sequência Narrativa”.



Fonte: Reprodução/Gera Memes

A ideia de que vivemos em sociedade data de tempos antigos. Foram muitos os estudiosos que se debruçaram sobre esse tema com o objetivo de analisar, levando em consideração uma perspectiva histórica, o surgimento, a evolução e os diferentes modelos de sociedades existentes no mundo. Entre esses estudiosos, destacam-se Aristóteles, que definiu o ser humano como um “animal político” em “Política” (2007); Thomas Hobbes, que analisou o contrato social em “Leviatã” (2003) e Jean-Jacques Rousseau, que questionou a origem das desigualdades sociais em “O Contrato Social” (2007).

Na filosofia antiga, por exemplo, Platão (2002) desenvolveu uma visão profunda e complexa sobre as organizações sociais. Na busca por um modelo que considerava mais apropriado, ele entendia que a necessidade de cooperação foi o que provocou a formação das comunidades organizadas. Por isso, dentro delas, o objetivo principal deveria ser alcançar o bem comum e a harmonia. Essa visão está presente em sua obra “A República” (2002), na qual defende que a justiça e a organização social ideal se baseiam na cooperação e na especialização das funções dentro da sociedade.

Levando em consideração os costumes de sua época, o filósofo também descreveu, nessa mesma obra, um modelo de castas em que as diferentes habilidades desempenhadas por cada pessoa determinariam seu lugar no sistema, ou seja, a participação nas tomadas de decisões estava condicionada à função que cada

indivíduo desempenhava na sociedade, resultando em uma organização hierárquica onde apenas aqueles com determinadas habilidades e virtudes tinham acesso ao poder decisório. Os filósofos-reis, por possuírem alta capacidade intelectual, deveriam governar, enquanto as outras funções exercidas, como a de guerreiro e produtor, estariam situadas mais abaixo, em uma espécie de pirâmide hierárquica. Por ser um sistema baseado na coletividade, o pensador apontava a presença de um componente capaz de moldar essa sociedade tida como ideal: a educação. Esse aspecto se torna mais evidente à medida que os diálogos platônicos avançam, dentre eles, um questionamento levantado por Sócrates, personagem principal da obra: — *“Mas que educação lhes proporcionaremos? Será possível encontrar uma melhor do que aquela que foi descoberta ao longo dos tempos?”*.

A partir desse momento, juntamente com outro filósofo presente no diálogo, Adimanto, surgem ideias em torno da composição de um modelo educacional que permitisse a formação de um homem adulto racional, capaz de viver dentro desse modelo social. Segue um trecho desse momento:

Sócrates — E existem dois tipos de discursos, os verdadeiros e os falsos?

Adimanto — Sim, existem.

Sócrates — Ambos entrarão na nossa educação, ou começaremos pelos falsos?

Adimanto — Não estou entendendo.

Sócrates — Nós não começamos contando fábulas às crianças? Geralmente são falsas, embora encerrem algumas verdades. Utilizamos essas fábulas para a educação das crianças antes de levá-las ao ginásio.

Adimanto — É verdade.

(Platão, A República, p. 84)

A passagem expressa uma preocupação subjacente em relação ao impacto de determinadas narrativas sobre as pessoas, especialmente as crianças. Sócrates e Adimanto concordam que a melhor maneira é permitir que o contato com os discursos, quase sempre materializados em fábulas cantadas, ocorra o mais cedo possível, para que, posteriormente, seja possível continuar a formação das crianças rumo à maturidade e à racionalidade. Nesse sentido, é importante destacar dois pontos: primeiro, a noção de que o processo educativo pode ser iniciado por meio de histórias; e, segundo, o fato de que essas narrativas, com enorme poder de transmitir valores e

lições importantes, podem ser fictícias, ou seja, elaboradas com o uso de elementos ou mitos capazes de distorcer a compreensão da realidade na busca por um determinado objetivo.

Platão acreditava que a busca pela verdade deveria ser o alicerce do projeto educativo, e seu objetivo era produzir cidadãos capazes de governar de forma justa e harmoniosa. O livro “Acreditavam os Gregos em seus Mitos?” (1984), do historiador Paul Veyne, analisa aspectos da verdade na Grécia a partir de um estudo sobre a relação que aquele povo mantinha com seus mitos. A obra contesta as noções mais simplórias sobre a crença total e literal dos gregos em suas narrativas mitológicas. A partir dela, é possível afirmar que esses mitos eram, antes de qualquer coisa, parte de um conjunto rico de narrativas simbólicas que exploravam questões existenciais e morais com o objetivo de transmitir aquilo que era entendido como verdade. Em determinado momento, o autor questiona: “*eles sabiam distinguir a fábula da ficção?*” (Veyne, 1984, p. 31).

Essa pergunta me levou a repensar os textos que carregam uma possível verdade e, mais efetivamente, aqueles que servem como propagadores eficientes de mentiras. “Há sociedades onde, uma vez fechado o livro, ainda se acredita na história e outras onde se deixa de acreditar” (Veyne, 1983, p. 33), afirma o autor. A verdade é que as narrativas circunscritas ao viver histórico sempre estiveram sob o controle de poucos e eram usadas, prezando pela ética ou não, com intencionalidades bem específicas. A literatura, por exemplo, servia como uma espécie de “tapete mágico” (Veyne, 1983, p. 33) que detinha o poder de transitar livremente entre dois mundos: o da ficção e o da realidade. No entanto, de tudo o que nos interessa para refletir sobre a evolução das sociedades e a circulação das narrativas por elas criadas, o elemento mais importante pode ser resumido em uma palavra: precisão.

Na Grécia Antiga, a precisão estava ligada ao domínio do sobrenatural que se estabelecia a partir de informações concretas, ou seja, dos acontecimentos em que os nomes dos heróis e as indicações do lugar onde ocorriam os eventos históricos estavam bem determinados. Sobre isso, Veyne (1983) afirma que a noção de precisão caiu não porque os gregos descobriram a razão ou porque inventaram a democracia, mas porque todo o campo do saber teve sua configuração transformada pela formação de novos “poderes de afirmação” (Veyne, 1983, p. 35): a pesquisa histórica e a física especulativa, ambas capazes de introduzir o verdadeiro ou o falso como possibilidades.

Com o passar do tempo, a relação entre modelos de sociedade, narrativas e processos educativos ganhou novas roupagens. Na Idade Média, por exemplo, as instituições eclesásticas desempenharam um papel central na educação, e a formação dos indivíduos estava intrinsecamente ligada à fé e à moral cristã. Por isso, as narrativas religiosas desempenhavam um papel fundamental, pois eram elas que transmitiam os valores espirituais e morais. Nesse sentido, posso dizer que a verdade estava condicionada a um fluxo comunicativo controlado pelos monges e padres, uma vez que o povo não tinha acesso à cultura escrita. Apesar da visão amplamente difundida na cultura ocidental de que esse período representa uma espécie de longa noite de trevas, alguns estudiosos, em certa medida, se opuseram a esse discurso quando se trata da educação. Durkheim (1995), por exemplo, foi um dos que discutiu questões relacionadas ao papel da escola nesse contexto.

A Escola, tal como a encontramos no início da Idade Média, constitui com efeito uma grande e importante novidade; distingue-se por traços cortados de tudo quanto os antigos chamavam com o mesmo nome [...]. Mas pode ser dito que nesse momento é que apareceu a Escola, no sentido próprio do termo. Pois uma escola não é apenas um local onde o professor ensina; é um ser moral, um meio moral, impregnado de certas idéias [sic], de certos sentimentos, um meio que envolve tanto o professor quanto os alunos. Ora, a Antigüidade [sic] não conheceu nada semelhante. Teve professores, mas não teve Escolas de verdade. Na pedagogia, pois, a Idade Média foi inovadora (Durkheim, 1995, p. 37).

A partir disso, percebo que a escola medieval, mesmo influenciada e atuando a serviço da autoridade religiosa, representou uma estruturação mais formal da educação. No entanto, permitiu que a transmissão do conhecimento, dos valores e das verdades ficasse condicionada a um ator de controle, o que impedia a diversidade de perspectivas e o questionamento crítico. Como era um modelo de sociedade em que os dogmas da Igreja desempenhavam um papel central, as narrativas e ensinamentos propagados pelos religiosos eram amplamente aceitos e internalizados pela população. Esse monopólio da verdade fazia com que qualquer tipo de interpretação alternativa das narrativas oriundas daquele contexto fosse vista como heresia e, portanto, passível de punição. Assim, a educação, embora avançada no que tange ao modelo pedagógico, servia como uma espécie de instrumento de

legitimação e controle, evitando que qualquer outro ator social ou instituição desafiasse o domínio da Igreja sobre a verdade. Como detinham o controle da precisão, aqueles que estavam a serviço da religião passaram a reforçar a imagem da Igreja como uma força antagônica à ciência. Nesse contexto, Foucault (2009), em *A Ordem do Discurso*, destaca que o controle do saber e a censura de ideias divergentes eram práticas comuns para assegurar que os discursos considerados subversivos fossem silenciados. A partir desse momento, outros "poderes de afirmação" passaram a ser ameaçados e perseguidos, uma vez que a hegemonia discursiva da Igreja não podia ser contestada sem que isso representasse um risco de marginalização social ou condenação pública.

É interessante perceber que, mesmo inserida em um contexto histórico específico, a verdade sempre ocupou um lugar central na formação do pensamento coletivo. Não é de se espantar que, no modelo de educação conhecido como patrístico, iniciado no século III, nomes como Santo Agostinho, embora defensores da ideia de que a iluminação é resultado de uma verdade infundida no espírito humano por meio de Deus, enxergavam — flertando com a tradição platônica — que era preciso alcançar a “verdade absoluta por trás de todas as verdades particulares” (Aranha; Martins, 1986, p. 134).

Percebo que outra compreensão sobre o papel da educação surgiu no século IX e se estendeu até o Renascimento. Conhecida como “Educação Escolástica”, seu objetivo era priorizar a razão por meio do estabelecimento de um currículo que considerava as chamadas “Sete Artes Liberais”, classificadas por Platão e divididas em trivium (gramática, retórica e dialética) e quadrivium (aritmética, música, geometria e astronomia). Nesse modelo, passei a entender que as palavras eram importantes instrumentos de registro e que, por meio delas, a experiência humana poderia ser preservada, mantendo viva a memória para a posteridade. São Tomás de Aquino destacou-se nesse período, pois buscava uma reconciliação entre fé e razão, para alcançar um entendimento mais amplo do mundo. Seus esforços pavimentaram o caminho para o Renascimento, abrindo portas para novas perspectivas e avanços na educação e na cultura.

Foi o próprio São Tomás de Aquino que, no desenvolvimento de sua filosofia, distinguiu a verdade em duas categorias: as verdades que podiam ser demonstradas pela razão (*veritas*) e as verdades que eram aceitas pela fé, não sujeitas à prova racional (*fides*). Essa dicotomia entre verdade racional e verdade revelada reflete a

síntese única que Aquino buscou alcançar entre o pensamento filosófico e teológico. Para ele, a verdade acessada pela razão era obtida por meio da observação, da lógica e da análise crítica, abordando questões que poderiam ser compreendidas e demonstradas por métodos intelectuais. Já a verdade baseada na fé estava relacionada ao que era divinamente revelado, ou seja, aos ensinamentos da Igreja, e, portanto, não estava sujeita a provas ou precisava estar fundamentada em evidências empíricas.

Com o passar do tempo, essa noção de verdade revelada pela fé foi sendo questionada e, por muitos pensadores, negada, especialmente porque os mecanismos de elaboração discursiva se tornaram cada vez mais sofisticados e presentes na vida das pessoas, tornando a difusão de conhecimento científico mais eficaz. A sociedade, gradativamente, passou a funcionar de maneira dependente do compartilhamento de informações. Diante disso, o sistema educacional se viu desafiado a adaptar suas práticas para preparar os estudantes para um ambiente em constante transformação. A escola, historicamente um local de transmissão de conhecimento formal, teve que repensar suas abordagens pedagógicas diante do surgimento dos novos sistemas de comunicação. Nesse sentido, como aponta Giroux (1997), ela precisou evoluir para se tornar um ambiente que não apenas transmitisse informações, mas também desenvolvesse habilidades críticas, como a capacidade de avaliar fontes, discernir informações verdadeiras de falsas e colaborar de maneira eficaz para a manutenção da verdade.

Essa evolução ganha uma dimensão ainda mais significativa ao considerarmos a instrumentalização da verdade para diversos fins. Essa reflexão não se limita apenas ao papel da educação formal, mas se estende à circulação e ao controle da informação no decorrer da história. Para compreender a complexidade desse fenômeno, é necessário mergulhar nas nuances históricas e sociais que moldaram a relação entre verdade, poder e conhecimento. Muitas vezes, essas nuances são naturalizadas e banalizadas, justamente porque refletem os interesses de grupos sociais específicos, alguns deles com poder suficiente para definir o que é legitimado como verdade. Quando determinadas verdades são sustentadas por esses grupos, elas se tornam parte das percepções compartilhadas coletivamente e passam a ser aceitas como se fossem verdades universais, vencendo o tempo e obscurecendo os processos de construção e disputa que as originaram.

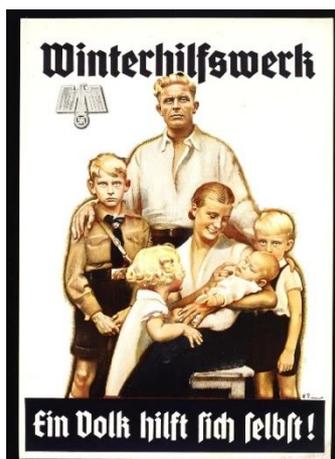
Ao longo da história, gêneros textuais específicos, como os cartazes, têm se

mostrado extremamente eficientes na disseminação de ideologias e, em alguns casos, desencadearam consequências impactantes. O artigo *Analysis of Nazi Propaganda: A Behavioral Study*, Narayanaswam (2011) explora como a criação do Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda, também conhecido como Ministério do Reich para Iluminismo Público e Propaganda (RMVP), desempenhou um papel crucial ao auxiliar o Partido Nazista na propagação de sua ideologia. Ao simplificar narrativas e promover uma clara dicotomia entre o bem e o mal, o RMVP desenvolveu cartazes, conforme imagens 13, 14, 15, que apresentavam símbolos e cenários facilmente compreensíveis pela população, criando um vínculo direto entre o cidadão comum e o ideal militarista.

Imagem 13 - Cartaz da RMVP.



Imagem 14 - Cartaz da RMVP. **Imagem 15** - Cartaz da RMVP.



Fonte: Reprodução/ Coleccionar com Historia.

Traduções: Imagem 13 - Parte superior: "E seu sacrifício pela WHW? Parte inferior: "Talvez você conheça alguém que sacrificou muito mais pela Alemanha." Imagem 14: Parte superior: "Organização de ajuda de inverno", parte inferior: "Um povo se ajuda!" Imagem 15 "A fé devotada e a vontade fanática de vencer levaram ao dia 30 de janeiro de 1933." Tradução livre.

Essa estratégia de comunicação visual buscava inflar o espírito patriótico e instigar um senso de dever nacionalista, transformando o conteúdo propagandístico em um instrumento poderoso de mobilização social. Com o uso de cores vibrantes, imagens simbólicas e frases curtas e diretas, os cartazes facilitavam a assimilação da mensagem e incentivavam a adesão generalizada à ideologia nazista. Como aponta Narayanaswam (2011), a simplificação das mensagens e a constante repetição visual

foram projetadas para influenciar o comportamento das massas, estabelecendo um ambiente no qual a ideologia propagada era percebida não apenas como uma verdade absoluta, mas também como uma identidade nacional compartilhada. Esse modelo de propaganda visual, altamente eficaz, acabou por deixar um legado duradouro, sendo posteriormente adaptado em diversos contextos históricos como uma ferramenta de controle e manipulação das percepções coletivas.

É fundamental destacar que a elaboração do conteúdo propagandístico nazista consistia em uma combinação estratégica de ilustrações e frases curtas, destinadas a construir uma mensagem consistente e impactante. Muitos desses cartazes apresentavam imagens de Hitler, cuidadosamente selecionadas para evocar emoções específicas e reforçar os valores ideológicos do regime. A arquitetura que integra imagem e linguagem verbal foi projetada para provocar sentimentos de devoção e pertencimento, retratando Hitler como um líder messiânico e unificador. As mensagens visuais buscavam ainda reforçar ideais como o sacrifício em nome de um bem maior (patriotismo), a valorização de princípios conservadores (família tradicional) e a idolatria de mitos de pureza racial e força militar. Cada elemento — cores, imagens e palavras — foi meticulosamente pensado para construir uma narrativa que solidificasse a lealdade ao Partido Nazista.

Ao analisar essa abordagem, é interessante estabelecer paralelos com o fenômeno atual dos memes. Assim como as propagandas nazistas, os memes contemporâneos, embora circulem nas redes e não nos muros, também utilizam, como visto nas imagens 16, 17 e 18, uma combinação de imagens e linguagem verbal para transmitir mensagens de forma eficiente. Os memes frequentemente simplificam questões complexas, condensando ideias em formatos de fácil compartilhamento e compreensão e, tal como as propagandas, buscam gerar uma conexão emocional com o público. Assim como a propaganda nazista criava um vínculo entre a população e seus ideais por meio de conteúdos visualmente marcantes, os memes, como aponta Wiggins (2022), conseguem engajar o público, promovendo a adesão a determinadas perspectivas e ideologias de maneira ágil e eficaz.

Imagem 16 - Meme "Bolsonaro soldado".



Fonte: Reprodução/ X-Twitter

Imagem 17 - Meme "Família tradicional".



Imagem 18 - Meme "Bolsonaro messias".



No entanto, é fundamental ressaltar que a comparação entre a propaganda nazista e os memes contemporâneos não implica equiparar suas intenções. Enquanto a propaganda nazista buscava manipular e consolidar um regime autoritário por meio da construção de uma ideologia totalitária, os memes modernos são um fenômeno cultural diversificado, refletindo a complexidade das interações sociais na era digital. Os memes, conforme aponta Wiggins (2022), atuam como formas dinâmicas de comunicação, sendo usados tanto para fins humorísticos e de entretenimento quanto para crítica social, ativismo e expressão identitária. Xie (2022) ressalta que os memes contemporâneos não são apenas respostas momentâneas, mas formas de "discurso visual" que funcionam como vetores ideológicos, muitas vezes ajudando a estabelecer uma narrativa coletiva que pode impactar a formação de crenças e opiniões de seus consumidores.

Portanto, a análise desses paralelos evidencia a constante evolução das estratégias de comunicação ao longo do tempo, destacando a importância de se compreender como as imagens e os enunciados breves moldam o olhar coletivo sobre a realidade e influenciam a compreensão cultural em diferentes contextos históricos e sociais. Se, na propaganda nazista, o controle narrativo foi empregado de forma opressiva para suprimir a dissidência e consolidar o poder, os memes, por sua natureza menos centralizada e participativa, refletem as múltiplas vozes e dinâmicas do discurso contemporâneo, atuando tanto para reforçar quanto para desafiar

narrativas hegemônicas.

Dessa forma, o poder de disseminar uma narrativa não apenas convence, mas também consolida visões de mundo que marginalizam outras perspectivas e interesses sociais. Além disso, tais narrativas podem influenciar decisões e comportamentos que geram riscos concretos, levando à adoção de práticas prejudiciais. Um exemplo são os contextos de negacionismo, nos quais a distorção deliberada de fatos é utilizada para desacreditar o conhecimento científico e justificar ações que impactam negativamente a sociedade, reforçando preconceitos e legitimando políticas que perpetuam desigualdades e vulnerabilidades.

Nesse sentido, proponho um breve passeio por três momentos históricos distintos, com o objetivo de revelar como o uso de gêneros verbo-visuais interferiu nas disputas de narrativas criadas em torno de eventos ligados à saúde pública: a Peste Negra, a crise da varíola no Brasil e a pandemia de AIDS. Para essa análise, focarei em gêneros textuais com apelo visual, como cartazes e charges, visto que esses gêneros possuem elementos semelhantes aos dos memes, especialmente no aspecto da interação entre linguagem verbal e visual. Isso ocorre porque, ao contrário de uma leitura tradicional de texto, esses gêneros exploram a combinação de palavras e imagens para criar sentidos mais complexos e engajantes.

3.1 NARRATIVAS SOBRE A MORTE E O USO DO PODER DURANTE A PESTE NEGRA

Imagem 19 - Meme “Peste Negra e Europa”.



Fonte: Reprodução/Gerador de Memes

Nesse contexto, a análise de momentos históricos em que a circulação de informações e narrativas ligadas à saúde pública desempenhou um papel central revela como os discursos, apoiados em elementos verbais e visuais, contribuíram para consolidar ou contestar explicações sobre essas crises. Um exemplo significativo é o

contexto da Idade Média, no qual a proliferação de informações falsas teve um impacto social profundo. Apesar das limitações tecnológicas da época, as notícias já circulavam com certo grau de eficácia, mesmo que as condições e as ferramentas disponíveis para sua produção e disseminação fossem precárias comparadas às de hoje. Quando a Peste Negra surgiu e atingiu os reinos europeus entre 1348 e 1350, a religião, como esperado, ditou a principal interpretação para o acontecimento. Isso se deve ao fato de que a interligação entre medicina e religião ainda era bastante estreita, não permitindo espaço para a incorporação dos avanços científicos conquistados até aquele momento.

Antes de avançar na análise desse evento histórico, é necessário destacar a complexidade da comunicação utilizada para reforçar as explicações e percepções públicas durante a epidemia. A distinção entre o verbal e o visual, por exemplo, não é encarada por nós como absoluta. Cartazes, afrescos e ilustrações produzidos durante a Idade Média veiculavam mensagens nas quais elementos visuais (desenhos e ilustrações) e linguagem verbal se combinavam para construir uma teia de significados religiosos, ampliando o impacto das interpretações difundidas pela Igreja. Kress e van Leeuwen (2006) explicam que a combinação de elementos visuais e verbais em suportes gráficos atua como um sistema integrado de significados, no qual cada componente contribui para moldar a leitura de mundo. Da mesma forma, Barthes (1984) aponta que as imagens possuem um caráter textual que pode direcionar a compreensão, especialmente quando associadas a discursos já estabelecidos.

Com esse tipo de controle narrativo, a Igreja exercia uma influência direta sobre a forma como a peste era compreendida pela população. Em um período em que a autoridade eclesiástica era incontestável, ela detinha o poder de moldar as interpretações dos eventos e, com isso, direcionar a percepção pública. As explicações teológicas predominavam, caracterizando a peste como um castigo divino ou uma manifestação da ira de Deus. Essa abordagem, evidentemente, desencorajava questionamentos ou investigações que pudessem ameaçar a autoridade eclesiástica. O poder da Igreja e a falta de instrumentos investigativos, atrelados à gravidade da doença, que dizimou de um terço a quase metade da população europeia, permitiram que a culpa pelo surgimento da doença fosse direcionada especificamente a grupos vistos como pecadores. Dentre esses, os judeus e leprosos ocupavam um lugar de destaque. Segundo Byrne (2004), a insegurança causada pela disseminação descontrolada da peste levou a população a buscar bodes expiatórios que pudessem ser

imagens já eram utilizadas como poderosos instrumentos de disseminação de determinados discursos. É importante considerar que a circulação dessas representações visuais continuou presente com o passar do tempo, influenciando a percepção tanto dos historiadores quanto da sociedade sobre esses eventos. Um exemplo disso é o quadro intitulado “São Sebastião Intercedendo pela Peste Sticken” (imagem 21), de Josse Lieferinxe, um pintor flamengo do final do século XV e início do século XVI, conhecido por suas obras religiosas, principalmente retábulos e pinturas devocionais. A obra retrata uma praga de menor escala, ocorrida antes da Peste Negra, e mostra São Sebastião implorando a Deus para salvar os doentes e moribundos. A composição apresenta um contraste claro entre o cenário celestial, no topo, onde o santo intercede, e o cenário terreno, no qual os humanos agonizam nas ruas, vítimas da doença.

Imagem 21 - “São Sebastião Intercedendo pela Peste Sticken”, de Josse Lieferinxe, 1497-1499.



Fonte: Reprodução/Guia da Louvre.

A partir dessas obras de arte, muitas vezes difundidas durante e após as grandes epidemias, observo que o papel da Igreja frente ao desafio de conter as mortes era amplificado pela narrativa imagética que ela própria conseguia disseminar. Essas representações artísticas não apenas documentaram os horrores das epidemias, mas também desempenharam um papel fundamental na formação da memória coletiva. Ao retratar cenas de sofrimento, morte e apelo à divindade, os artistas não buscavam apenas capturar a realidade imediata, mas também influenciar a consciência pública e promover a reflexão sobre as questões espirituais e sociais relacionadas às

pandemias.

A *Dança da Morte*, por exemplo, refere-se a um tema artístico e literário recorrente durante a Idade Média e o Renascimento, no qual a figura da morte é representada conduzindo pessoas de diferentes camadas sociais em uma dança simbólica, destacando a inevitabilidade da morte para todas as classes. No quadro “O Triunfo da Morte com a Dança da Morte” (Imagem 22), de Giacomo Borlone de Burchis, essa ideia é claramente representada, à medida que as figuras retratadas assumem papéis sociais específicos e ressaltam a transitoriedade da vida e a universalidade da morte. A obra, assim, serve como um lembrete moral e espiritual para a população, reforçando que, independentemente da posição social, todos estão igualmente submetidos ao destino.

Imagem 22 - “O Triunfo da Morte com a Dança da Morte”, de Giacomo Borlone de Burchis, século XV.



Fonte: Reprodução/The Times

Apesar de esses quadros destacarem aspectos importantes sobre construções narrativas e circulação de informações, enfatizo que eles não estavam disponíveis para toda a população. Em uma sociedade amplamente segregada como a medieval, os espaços em que a arte era acessível estavam reservados para as elites e, muitas vezes, para membros da Igreja. As igrejas, catedrais e mosteiros funcionavam como os principais locais de exposição dessas obras, tornando-as acessíveis principalmente aos clérigos, nobres e indivíduos com maior poder aquisitivo. A maior parte da população, composta por camponeses e trabalhadores urbanos, tinha pouco ou nenhum acesso direto a essas expressões artísticas. Nesse sentido, a arte funcionava como um meio de consolidar uma participação social restrita, em que apenas alguns

grupos tinham o poder de definir o que seria visto, compreendido e perpetuado como verdade. Isso também demonstra que as narrativas visuais, longe de serem neutras, eram construídas para moldar a percepção e reforçar a posição da Igreja e da nobreza como mediadoras da verdade e do conhecimento, excluindo a maior parte da população das discussões e interpretações simbólicas.

3.2 NARRATIVAS DE CONTESTAÇÃO E O USO DO PODER DURANTE A REVOLTA DA VACINA

Imagem 23 - Meme “Sanitarista”.



Fonte: Reprodução/researchgate.net

Minha análise das narrativas visuais no contexto da Peste Negra revelou como imagens e discursos controlados desempenharam um papel central na construção de uma verdade oficial, consolidando o poder da Igreja e da nobreza como as principais mediadoras do saber. Esse controle, contudo, não se limitou ao período medieval. Com o avanço do tempo, novas formas de comunicação surgiram, permitindo que diferentes grupos passassem a disputar espaço na construção das interpretações sociais e políticas. Um exemplo claro dessa transição é a Revolta da Vacina, ocorrida no Brasil em 1904, quando os sistemas de comunicação apresentavam um nível de sofisticação bem maior em comparação à Idade Média.

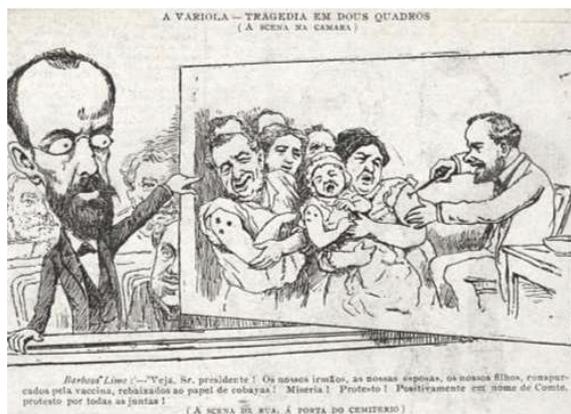
No Brasil, observo que o jornalismo já havia dado passos largos em termos de funcionamento, tornando-se uma ferramenta crucial na disseminação de informações e na construção de narrativas que impactavam a opinião pública. Como mostra Aguiar (2021), os eventos que culminaram na revolta da população contrária à aplicação da

vacina contra a varíola estavam ligados ao contexto político da época. De um lado, estava o presidente Rodrigues Alves, que acionou o jovem sanitarista e bacteriologista Oswaldo Cruz para a Diretoria Geral de Saúde Pública. Do outro, encontravam-se os positivistas, seguidores da corrente teórica desenvolvida por Augusto Comte, pensador francês que advogava por um conceito de avanço constante da humanidade fundamentado em uma interpretação científica da realidade. Sobre isso, Aguiar (2021) destaca que

No Brasil, o positivismo influenciou fortemente militares e políticos ligados ao marechal Deodoro da Fonseca. Curiosamente, os positivistas foram os maiores críticos da Lei da Vacina de Oswaldo Cruz, e os grandes incitadores de uma revolta que colocou a capital de pernas pro ar. [...] Claro que nem todos os eram xiitas da causa, mas sem dúvida havia um exército simpatizante contra a obrigatoriedade da vacina antivariólica – até porque o assunto exalava polêmica, tanto por se tratar de algo ainda novo (era a primeira vacina experimentada na história) quanto por sua origem: consistia no líquido de pústulas de vacas doentes. Além disso, também se alegava haver uma injustificada interferência do Estado na esfera privada da saúde e do bem-estar. (Aguiar, 2021, p. 9).

Entre os positivistas, o deputado que mais se opôs à aplicação das vacinas foi Barbosa Lima. Na época, além dos jornais, algumas revistas circulavam e eram amplamente difundidas na sociedade brasileira, especialmente entre a classe letrada. Uma dessas publicações, *O Malho*, destacou-se por seu tom satírico e pela utilização de ilustrações para abordar temas políticos e sociais. Em julho de 1904, a revista publicou uma charge que ressaltava o discurso de Barbosa Lima (imagem 24), ilustrando visualmente sua oposição à obrigatoriedade da vacinação. Assim, percebo mais uma vez o uso estratégico das imagens como poderosos instrumentos de comunicação, com o objetivo de influenciar a opinião pública e moldar a narrativa em torno da controvérsia sobre a campanha de vacinação. Esse tipo de recurso visual não apenas complementava a linguagem verbal, mas também apelava para um público mais amplo, que incluía tanto os alfabetizados quanto aqueles que dependiam das imagens para compreender o conteúdo político.

Imagem 24 - Charge – “O Malho”.



Fonte: Reprodução/ Acervo Digital “O Malho”

Diferentemente do que ocorre com os memes contemporâneos, que, embora acessíveis a uma ampla gama de usuários, dependem do acesso a tecnologias, do conhecimento de seus elementos e de sua circulação, essas composições – classificadas como charges pelos linguistas – eram encomendadas por grandes jornais e revistas da época. Isso demonstra que a produção dessas ilustrações estava sob o controle direto das instituições de mídia e, por extensão, muitas vezes refletia as perspectivas editoriais e os interesses políticos desses veículos. A encomenda de charges revela uma dinâmica em que as representações visuais eram cuidadosamente planejadas para comunicar mensagens específicas, alinhadas às posições e narrativas defendidas pelos meios de comunicação estabelecidos. Essa relação entre os produtores de conteúdo e os ilustradores evidencia a influência significativa que as instituições de mídia exerciam na formação da opinião pública e na construção das narrativas sociais, moldando a percepção dos eventos e temas de maneira direcionada.

Como mostram as imagens abaixo, identifico uma similaridade entre as estratégias comunicativas presentes nas charges jornalísticas e nos memes, um tópico que aprofundarei nos próximos capítulos. Entretanto, destaco a importância das imagens na construção de diferentes pontos de vista. Desde o início, elas se mostraram eficazes como ferramentas de persuasão, reforçando aspectos negativos da vacina e

buscando desacreditar sua eficácia como estratégia de combate ao vírus. Na primeira charge (imagem 25), uma mãe com uma criança no colo aponta que a vacina causou uma reação adversa, que ela ironicamente descreve como uma “avenida no nariz” — em outras palavras, uma forte coriza. A segunda charge (imagem 26) utiliza o humor para defender o posicionamento contrário à aplicação do antiviral, mostrando uma situação em que uma paquera é interrompida e termina em recusa por parte de uma mulher quando um elogio é feito por uma figura que faz referência ao próprio Oswaldo Cruz.

Imagem 25 - Charge – “O Jornal do Brasil”.



Fonte: Reprodução/ Acervo O jornal do Brasil

Imagem 26 - Charge – “Tagarela”.



Fonte: Reprodução/ Acervo Tagarela

As charges acima retratam um contexto histórico em que a produção dessas peças era parte de uma conduta institucionalizada. Conforme destacado em artigo

publicado pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), "ao contrário dos principais países latino-americanos, o Brasil entrou no século XIX sem tipografia, sem jornais e sem universidades, que contribuíam para a formação do público leitor" (ANJ, 2023, p. 2). Esse cenário reflete um atraso no desenvolvimento da imprensa e, conseqüentemente, na formação de uma esfera pública capaz de participar ativamente das discussões políticas e sociais, o que influenciou diretamente a forma como o conteúdo visual e textual passou a ser utilizado para controlar e moldar a opinião pública. O aumento da demanda por mão de obra qualificada, impulsionado pelo crescimento industrial, levou à criação de instituições educacionais para atender às exigências do mercado. De fato, foi no século XIX que as iniciativas para universalizar o ensino ganharam força, e o Estado passou a desempenhar um papel cada vez mais ativo na educação, com o objetivo de estabelecer uma escola laica, gratuita e obrigatória. A concepção de educação pública nessa época tinha como finalidade principal formar cidadãos aptos para o mundo do trabalho e contribuir para a construção de uma sociedade disciplinada e produtiva.

Curiosamente, observei que o senador baiano Rui Barbosa, um dos principais representantes do positivismo no Brasil, não apenas atuou fomentando ideias fundamentais para a construção do projeto educacional do país, mas também se tornou um dos maiores opositores das vacinas. No campo educacional, ele é conhecido por ter defendido a instauração de um sistema educacional nacional, propondo uma reformulação que abrangeria desde a educação infantil até as instituições de ensino superior. Sobre sua atuação no setor educacional, Machado (2010) afirma:

Ao analisar a situação do ensino no Brasil, Rui Barbosa concluiu que, a respeito da instrução pública, tudo ainda estava por fazer. Essa conclusão foi fruto dos estudos sobre educação realizados sobre as experiências educacionais em todos os países civilizados. Depois de fazer um detalhado levantamento de como se encontrava a educação em países como Estados Unidos, França, Inglaterra, Áustria, entre outros, comparou-os com a realidade brasileira e não lhe restaram dúvidas sobre a caótica e deplorável situação educacional (Machado, 2010, p.8).

Apesar de seu diagnóstico progressista sobre a necessidade de reformar a educação no Brasil, observo que Rui Barbosa se posicionou veementemente contra a

vacinação obrigatória. Sua resistência não se baseava apenas em princípios políticos, mas também em preocupações éticas e liberais, como evidenciado pela citação: "O Estado mata, em nome da lei, os grandes criminosos. Mas não pode, em nome da saúde pública, impor o suicídio aos inocentes" (Aguilar, 2021, p. 88). Essa frase reflete sua convicção de que a imposição da vacinação compulsória, sem o consentimento individual, equivaleria a uma violação dos direitos e das liberdades fundamentais. Entretanto, em um discurso proferido em 16 de novembro de 1904, percebo que sua oposição não se restringia a uma defesa dos princípios democráticos, mas também envolvia um estado de negação quanto à eficácia das vacinas. Na ocasião, ele argumentou que o Estado não poderia "em nome da saúde pública, impor o suicídio aos inocentes", reforçando sua crença de que a vacina era, na verdade, um "veneno".

Esse campo de disputa narrativa, como esperado, fez uso de gêneros textuais, como a charge, para se estruturar. Após a chegada da Família Real Portuguesa em 1808, os jornais foram oficialmente incorporados ao cotidiano das cidades, embora algumas publicações já circulassem no Brasil desde o período colonial. Inicialmente, o jornalismo brasileiro era predominantemente textual, com reportagens e artigos de opinião. No entanto, com o tempo, a inclusão de imagens e desenhos tornou-se uma ferramenta essencial para potencializar a comunicação. A introdução de ilustrações, charges e tirinhas fez parte de um processo evolutivo natural, refletindo as mudanças sociais e tecnológicas. Charges, por exemplo, tornaram-se um meio eficaz de comentar e criticar eventos políticos e sociais, utilizando o humor para transmitir mensagens complexas e tornando temas cotidianos mais acessíveis. Nessa dinâmica, percebo que havia um aspecto educativo relevante, pois grande parte da população ainda não tinha acesso ao ensino formal. No entanto, essas imagens, ao utilizarem recursos visuais de fácil compreensão, contribuíam para reduzir a barreira do analfabetismo, tornando-se poderosos instrumentos de comunicação. Sua força estava na capacidade de transmitir ideias por meio de elementos simbólicos e humorísticos, facilitando a compreensão de mensagens e permitindo que mesmo aqueles que ainda não tinham acesso à alfabetização pudessem refletir sobre os temas abordados e, de certa forma, participar do debate social.

Nesse percurso evolutivo, em que a simplificação e a acessibilidade sempre foram aspectos estratégicos das práticas de comunicação — desde as charges jornalísticas até as tecnologias contemporâneas —, o conceito de "Sociedade da Informação" foi sendo construído no campo teórico. Esse conceito possibilitou que estudiosos

desenvolvessem análises panorâmicas e interdisciplinares sobre como o desenvolvimento tecnológico impactava a maneira como a sociedade lidava com questões políticas, econômicas e culturais. O termo, creditado por muitos ao economista austro-americano Fritz Machlup, começou a ganhar destaque, como afirma Machlup (1962), a partir da segunda metade do século XX, com a ascensão das tecnologias da informação e comunicação (TICs) e a crescente digitalização da sociedade. A informação, nesse sentido, passa a ser vista como uma ferramenta capaz de mobilizar as pessoas ao mesmo tempo que beneficia corporações que detêm o controle sobre ela. Dois autores ganharam maior projeção acadêmica e midiática ao discutir o impacto das tecnologias de comunicação: Alvin Toffler e Manuel Castells. O primeiro focou nos aspectos econômicos e nas mudanças relacionadas à dinâmica do trabalho na sociedade pós-industrial. Em sua obra *The Third Wave* (1980), Toffler abordou as disparidades socioeconômicas e culturais resultantes das diferenças de acesso e disponibilidade de informações entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento. Manuel Castells, por sua vez, concentrou-se nos impactos socioculturais das novas tecnologias da informação e no surgimento do que ele chamou de “Sociedade em rede”. No livro que recebe o mesmo nome, Castells (2006) argumenta que o controle e o uso estratégico da informação se tornaram fatores centrais para a construção de poder, afetando não apenas a economia, mas também as estruturas sociais e políticas. Dessa forma, enquanto Toffler via o potencial transformador das TICs na economia, Castells apresenta uma visão mais crítica, sugerindo que a simples difusão da informação não resultaria, por si só, em uma distribuição equitativa do conhecimento e do poder.

Essa reflexão de Castells é particularmente relevante quando observamos o cenário contemporâneo da criação e circulação de memes e outros gêneros textuais digitais. Embora as tecnologias digitais permitam uma disseminação aparentemente ampla e democrática de informações, é fundamental reconhecer que esse processo está longe de ser isento de disparidades. O acesso às ferramentas necessárias para a produção e a compreensão crítica desses conteúdos depende, em grande medida, de condições socioeconômicas que nem todos possuem. Assim, as desigualdades existentes no acesso às tecnologias podem influenciar significativamente tanto a produção quanto a recepção dos memes, restringindo a participação efetiva e ampliando as brechas na distribuição do conhecimento e do poder.

Essas desigualdades podem impactar não apenas o alcance dos discursos propagados por meio dos memes, mas também a qualidade da participação cidadã,

evidenciando a necessidade de políticas e práticas que promovam uma inclusão digital real e transformadora.

3.3 NARRATIVAS DE CONDENAÇÃO E RESISTÊNCIA DURANTE A PANDEMIA DE AIDS

Imagem 27 - Meme “Sexo sem camisinha”.

QUANDO VC FAZ SEXO SEM CAMISINHA



Fonte: Reprodução/ Aminos App

Evidentemente, dependendo do contexto histórico e das intenções por trás desses usos, o impacto dessa ampla rede de comunicação nem sempre foi positivo. Mais de setenta anos após a Revolta da Vacina, por exemplo, a sociedade testemunhava uma disseminação ainda mais intensa dos gêneros textuais. Na década de 1980, as imagens tornaram-se a força motriz do jornalismo, que, diante dos avanços tecnológicos, encontrou novos suportes para se estabelecer e ampliar seu alcance. A circulação de notícias durante a pandemia de AIDS ao redor do mundo é um bom exemplo para compreendermos algumas nuances da chamada Sociedade da Informação. Naquele momento, os mecanismos de produção, monitoramento e disseminação midiática eram distintos. O jornal impresso e as revistas, apesar da ascensão da televisão, mantinham uma presença significativa e continuavam a influenciar a opinião pública.

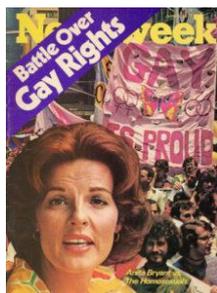
Esse cenário confirma um dos aspectos teorizados por Sontag (2007) ao discutir as transformações no campo da produção de informações. Segundo Sontag, o surto de AIDS proporcionou a entrada de diferentes atores sociais no debate discursivo. Enquanto o contexto da vacinação obrigatória em 1904 foi distorcido por um jornalismo tendencioso, que concentrava o controle informacional e propagava desinformação, o debate em torno da AIDS permitiu, ainda que de forma desigual em termos de poder econômico e alcance, que houvesse uma maior disputa de narrativas no

espaço midiático. Nesse caso, diferentes vozes — desde ativistas até representantes de comunidades marginalizadas — conseguiram se posicionar e expor suas perspectivas, marcando uma nova era na comunicação pública e no enfrentamento de crises de saúde.

De um lado, estavam os grandes canais de televisão e os poderosos conglomerados do mercado impresso; do outro, ativistas, artistas e, inevitavelmente, vítimas da doença que precisavam publicizar suas demandas e denunciar o preconceito que, por muitos anos, retardou o investimento em tratamentos. Enquanto isso, reportagens e especiais de televisão inflavam o clima de pânico, estigmatizando grupos sociais e utilizando até mesmo uma interpretação religiosa da pandemia que se espalhava pelo mundo. Nos EUA, a direita mais conservadora estava no poder. A administração de Ronald Reagan, conhecida por sua postura omissa em relação à epidemia de AIDS, optou pelo silêncio até a primavera de 1987, quando a doença já havia infectado aproximadamente 36 mil pessoas, resultando em quase 20 mil mortes até aquele momento. De acordo com a Georgia State University Library, Reagan não mencionou a palavra "AIDS" publicamente até 1985 e só fez seu primeiro discurso oficial sobre a epidemia em 1987, após intensa pressão pública para que reconhecesse a gravidade da situação.

No centro do debate sobre a AIDS estavam nomes como o de Anita Bryant, uma cantora que se inseriu no campo do ativismo e atuou exaustivamente contra o movimento LGBT, especialmente após sua campanha "Save Our Children" em 1977, que buscava revogar uma lei de proteção aos direitos LGBT na Flórida. Durante a crise de AIDS, percebi que Bryant manteve uma postura conservadora, responsabilizando homens gays pela proliferação da doença e reforçando o discurso de estigmatização. Conforme documentado pela Georgia State University Library, suas ações contribuíram para o aumento do preconceito e a marginalização da comunidade LGBT durante esse período. Sua narrativa conservadora e a pauta de costumes que ela defendia já eram promovidas pela mídia anos antes dos casos surgirem; em 1977, capas de revista, conforme imagem 28, já estampavam sua imagem como uma espécie de "soldado" em defesa dos bons costumes e da família tradicional.

Imagem 28 - Capa da edição de 6 de junho de 1977 da Newsweek.



Fonte: Reprodução/ library.rochester.edu

O estopim dessa disputa narrativa ocorreu no mesmo ano, quando um homem gay invadiu um programa de televisão enquanto a cantora discursava contra a comunidade LGBT. A cena ganhou repercussão mundial, provocando reações de apoio e condenação. Até hoje, o episódio é retomado em memes e discussões nas redes sociais, como ilustrado na imagem 29. O objetivo é, quase sempre, refletir sobre os limites do ativismo, ou seja, analisar as estratégias de quem está na linha de frente dessa disputa por narrativas e a eficácia de diferentes abordagens na luta por direitos e visibilidade.

Imagem 29 - Meme “Torta em Anita Bryant”.

October 14, 1977. Friendly reminder: if somebody is working to deny your humanity and civil rights, you don't have to be nice to them.



Fonte: Reprodução / X-Twitter

Tradução: “14 de outubro de 1977. Um lembrete amigável: se alguém está trabalhando para negar sua humanidade e seus direitos civis, você não deve ser legal com essa pessoa.”

No Brasil, o clima não era muito diferente. Os jornais, especialmente os impressos, exibiam matérias sensacionalistas que endossavam o discurso de condenação aos LGBTs, utilizando a mesma leitura religiosa que servia como justificativa no exterior. O jornal *Luta Democrática*, fundado em 1954 e conhecido por seu tom sensacionalista, publicou, em setembro de 1983, uma matéria (imagem 30) chamando a propagação do vírus de “Peste Gay”. No mês seguinte, outra manchete (imagem 31)

afirmava: “AIDS é castigo de Deus, porque bicha é uma raça desgraçada”.

Imagem 30 - “Peste Gay é a epidemia do século”.



Fonte: Reprodução / Jornal Luta Democrática

Imagem 31 - “Aids é castigo”.



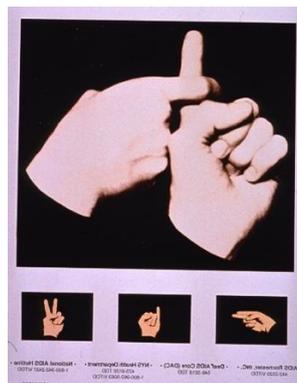
Fonte: Reprodução / Jornal Luta Democrática

Diante de uma ofensiva altamente orquestrada e massificada, a comunidade LGBT precisou organizar um movimento que não apenas refutasse o discurso de culpabilização difundido pela mídia, mas que também garantisse visibilidade suficiente para que as autoridades políticas tratassem a questão com o devido grau de seriedade. Entre as frequentes passeatas de rua e as aparições em programas de televisão — muitas vezes forçadas e carregadas de estigma —, destacou-se a atuação de artistas que faziam do trabalho com imagens uma ferramenta de protesto visual e simbólico. Para obter alguma vantagem nessa disputa de narrativas, era necessário, antes de tudo, educar a população, disseminando informações de qualidade com embasamento científico.

Nesse período, ocorreu uma proliferação de cartilhas ao redor do mundo, cujo objetivo era disputar a percepção coletiva e combater a desinformação. Esse aspecto didático é evidenciado, por exemplo, no cartaz abaixo, que utiliza a Língua de Sinais

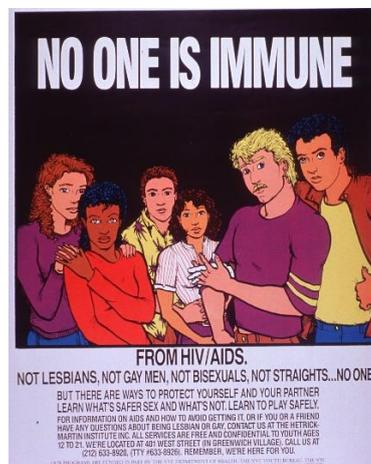
Norte-Americana para conscientizar sobre o uso de preservativos como forma de evitar a contaminação pelo vírus. A imagem 32, por sua vez, explicita esse caráter educativo de maneira ainda mais direta, com o intuito de facilitar a compreensão e promover práticas de prevenção. Já a imagem 33 transmite uma mensagem mais abrangente e inclusiva, afirmando que “Ninguém está imune”. Ao mostrar um grupo diverso de pessoas — incluindo diferentes etnias e orientações sexuais —, o cartaz quebra a visão estereotipada de que a AIDS afetava apenas populações específicas. Essa abordagem reforça a ideia de que todos devem estar informados e protegidos, independentemente de sua identidade ou orientação, promovendo a conscientização sobre a universalidade do risco e a importância de práticas seguras para todos.

Imagem 32 - Cartaz Língua de Sinais (AIDS).



Fonte: reprodução/ www.nlm.nih.gov

Imagem 33 - Cartaz “Ninguém está imune”.



Fonte: Reprodução / digitalcollections-legacy.lib.rochester.edu

Alguns artistas optaram por representar esse contexto por meio de composições mais criativas, utilizando uma abordagem visual semelhante àquela que vemos atualmente nos memes que circulam nas redes sociais. Um exemplo notável é o uso de uma identidade gráfica que subverte o design original de uma marca para transmitir uma mensagem de impacto. Nesse caso, a palavra “Visa” foi substituída por “AIDS”, mas a composição preserva os elementos visuais característicos, como a tipografia e as cores, evocando imediatamente a marca original para, então, subverter seu sentido e chamar a atenção para a gravidade da epidemia (imagem 34).

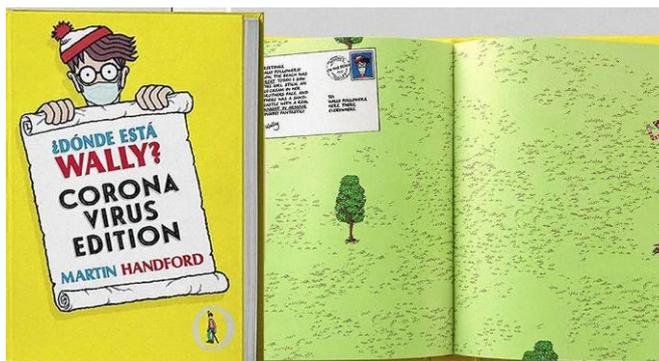
Imagem 34 - Cartaz “Visa/Aids”.



Fonte: Reprodução / nlm.nih.gov

No Brasil, um recurso semelhante foi adotado pelo próprio Ministério da Saúde. Sob a gestão de José Serra, foram lançadas diversas campanhas de conscientização sobre o HIV. Uma delas utilizou um cartaz que fazia referência ao famoso livro “Onde Está Wally?”, criado pelo ilustrador britânico Martin Handford. Na versão original, Wally aparece em diferentes situações do cotidiano, cabendo ao leitor encontrá-lo no meio de uma multidão. O cartaz brasileiro (imagem 35) adaptou essa ideia substituindo o nome “Wally” por “AIDS” e inserindo a legenda: “Você nunca sabe quem tem o vírus”. Esse recurso visual tinha um propósito educacional claro: mostrar que o vírus não é visível e pode estar presente em qualquer pessoa, destacando a importância do cuidado e da prevenção.

Imagem 35 - Propaganda “Onde está a Aids?”.



Fonte: Reprodução / Portal Mega Curioso

O passeio proposto neste capítulo confirma estudos realizados sobre os gêneros, sobretudo por Bakhtin (1986), no sentido de revelar que algumas composições discursivas sempre estiveram presentes diante da necessidade de transmitir mensagens e influenciar percepções. Desde as narrativas orais da Grécia Antiga, que transmitiam mitos e epopeias com o objetivo de educar e manter as posições sociais, até as doenças que assolaram a Idade Média, todas registradas em manifestos e quadros que expunham como as narrativas eram controladas pelos mais poderosos, percebo a constante presença de gêneros textuais na moldagem da percepção coletiva. Gêneros como cartazes, charges e cartilhas não são apenas veículos informativos, mas produzem discursos que reforçam ou contestam determinadas práticas e visões de mundo. Destaca-se, aqui, a importância dos gêneros que combinam imagem e texto verbal, pois condensam informação de maneira eficaz, facilitando a difusão de "verdades" ou "mentiras" e influenciando significativamente a opinião pública. Essa combinação multimodal potencializa o impacto das mensagens, tornando-as mais acessíveis e persuasivas em diferentes contextos históricos e sociais.

Na Idade Média, a Peste Negra foi não apenas um flagelo físico, mas também um evento que deixou sua marca na literatura e na arte, com representações de sofrimento e morte que influenciaram as narrativas da época, especialmente aquelas que buscavam culpabilizar grupos sociais pela propagação da doença. Da mesma forma, no Brasil, a Revolta da Vacina durante o surto de varíola demonstrou como manifestos e textos persuasivos moldavam a opinião pública, refletindo a luta entre o Estado e a sociedade. Essa trajetória histórica nos conduziu à era contemporânea, em que a Sociedade da Informação potencializou ainda mais esse poder, com a ascensão da internet e das redes sociais. Antes disso, durante a pandemia de AIDS, o uso de

cartazes pelo Ministério da Saúde no Brasil, como mencionado anteriormente, também ilustrou a capacidade dos gêneros textuais de educar e conscientizar, ao mesmo tempo que orientavam práticas sociais em resposta à crise.

Portanto, é importante pontuar que esse passeio histórico se mostrou essencial para compreendermos a evolução dos gêneros textuais, pois, no capítulo seguinte, retomarei alguns conceitos sobre memes para analisar a arquitetura do mundo digital e seu impacto. Vistos hoje como um gênero próprio, os memes combinam elementos visuais e linguagem verbal para criar discursos multimodais e de grande alcance nas redes sociais. Com o crescimento das interações digitais, eles se consolidaram como um meio expressivo de comunicação, popularizando-se não apenas por sua capacidade de entreter, mas principalmente por sua eficácia em participar de disputas narrativas, moldar opiniões e engajar públicos de forma rápida e acessível.

4 A DINÂMICA DOS MEMES: RETOMADAS CONCEITUAIS E UMA NOVA ARQUITETURA PENSADA PARA O MUNDO DIGITAL.

Imagem 37 - Meme “estão todos com som?”.



Fonte: Reprodução/tecnoblog.

Na revisão histórica do capítulo anterior, pude revelar a importância dos gêneros textuais que, de forma eficaz, combinam imagem e texto verbal ao longo dos diversos momentos da história. Esses formatos multimodais, como manifestos, cartazes e charges, sempre desempenharam um papel fundamental na construção de significados e na moldagem da opinião pública. A interação entre elementos visuais e linguísticos permite que esses gêneros condensem informações complexas de maneira acessível e impactante, facilitando a disseminação de ideias, sejam elas "verdades" ou "mentiras", e influenciando percepções coletivas de forma rápida e duradoura.

A união entre palavras e imagens, tão comum nesses gêneros, demonstra a busca incessante do ser humano por formas mais impactantes de comunicação. Ao combinar texto e ilustrações, desenhos e símbolos, os criadores desses materiais visavam não apenas transmitir informações, mas também evocar emoções e despertar a atenção do público. Essa prática, longe de ser recente, revela a força da comunicação multimodal⁸ ao longo da história.

Com o advento da fotografia, do cinema e da internet, a maneira como contamos histórias e comunicamos ideias mudou de forma radical. Essas tecnologias

⁸Multimodalidade diz respeito à utilização de diferentes modos de comunicação para construir e transmitir significados, combinando elementos como texto, imagem, som, gestos e outros recursos semióticos. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), a multimodalidade envolve o uso de diversas formas de representação e comunicação, cada uma contribuindo de maneira distinta para a construção do significado. No contexto digital, ela está presente em conteúdos como vídeos, memes e postagens nas redes sociais, que articulam múltiplos modos para gerar sentido.

não apenas expandiram nossa capacidade de capturar e registrar o mundo ao nosso redor, mas também colocaram as imagens em um papel de destaque. Hoje, o poder de uma imagem para influenciar opiniões e comportamentos é inegável. Se antes as imagens serviam como um complemento ao texto, agora elas são protagonistas, capazes de moldar debates e direcionar ações em diferentes esferas da vida social e política.

A propaganda política, por exemplo, encontrou nas imagens um recurso poderoso para transmitir ideologias e agendas. Sobre esse ponto, é interessante considerar a visão de Walter Benjamin em sua obra “Pequena História da Fotografia”, publicada em 1931. Embora Benjamin (1985) estivesse se referindo ao campo da arte e seu contexto fosse bem diferente do atual, podemos traçar uma conexão entre o surgimento da fotografia e a construção de múltiplas narrativas históricas. Benjamin (1985) sugere que as imagens funcionam como fantasmas que assombram o presente e o futuro, porque elas estão impregnadas pelo passado. O que ele nos propõe é uma reflexão sobre como esse passado, registrado nas imagens, não é algo fixo ou estático, mas moldado pelas técnicas de captação e pelas escolhas dos agentes envolvidos no processo de captura. Além disso, as imagens podem adquirir novos significados quando são reproduzidas ou manipuladas. Uma fotografia tirada há dez anos, mesmo que não alterada, pode ser lida de formas distintas em diferentes contextos. Já uma imagem que sofre intervenções — como edições ou manipulações — transforma-se em um produto simbiótico, combinando o passado e o presente, e inscrito em novos contextos de produção e recepção.

Hoje, em uma realidade onde a produção e o consumo de imagens são incessantes, elas integram todas as esferas da vida cotidiana, desde a comunicação pessoal até o jornalismo e o entretenimento. A capacidade das imagens de provocar emoções, transmitir mensagens complexas e contar histórias transcendeu os limites do suporte físico, encontrando nas plataformas digitais um terreno fértil para se multiplicarem e reverberarem, exercendo um impacto cada vez mais amplo e imediato sobre a percepção social e política.

Dentre os fenômenos da modernidade que capitalizaram a influência das imagens de maneira única, destacam-se os memes. Embora difundidos amplamente na cultura popular e utilizados de forma expressiva pelos brasileiros nas redes sociais, as discussões e análises sobre esse gênero ainda não receberam a atenção acadêmica que merecem. Entre 2023 e outubro de 2024, apenas 78 pesquisas sobre

memes foram registradas na plataforma Periódicos Capes. Um dos fatores que explicam esse baixo volume de produções está relacionado à natureza fluida e efêmera dos memes, que se disseminam rapidamente no ambiente virtual e são difíceis de monitorar e catalogar. Em comparação, uma pesquisa na mesma plataforma, focada na produção acadêmica sobre *contos*, revelou um total de 787 pesquisas no mesmo período. Da mesma forma, quando se trata de gêneros textuais mais tradicionais, como o editorial, o número também é significativamente maior, com 186 registros. Esses dados demonstram que, apesar da crescente popularidade dos memes na cultura digital, eles ainda são pouco explorados em termos acadêmicos, especialmente quando comparados a gêneros com maior consolidação teórica e metodológica.

Como mencionado no capítulo de introdução, os memes da internet receberam esse nome por meio de uma analogia com os estudos sobre evolução liderados pelo biólogo Richard Dawkins (2007). A ideia proposta por ele — que continua sendo aprofundada, contestada e debatida até hoje — sugere que existem unidades culturais que sobrevivem através de um processo de seleção que considera cópia e transmissão, conceitos que, conforme explica Plotkin (1993), são moldados pela própria evolução cultural.

Não é preciso ser um especialista para perceber que algumas ideias são capazes de perdurar mais tempo do que outras, adaptando-se a contextos diferentes e até mesmo saltando de um ambiente para outro, preservando sua essência em cenários históricos e culturais distintos. Nesse contexto, Chesterman (1997) ressalta que a transmissão de um meme pode ocorrer tanto por meio da oralidade quanto pela escrita, destacando a centralidade da linguagem nesse processo. Segundo ele, as traduções desempenham um papel fundamental como veículos de propagação de ideias e, conseqüentemente, de memes. As traduções funcionam como verdadeiras “máquinas de sobrevivência” (Chesterman, 1997, p.26), permitindo que as ideias se perpetuem no espaço e no tempo, adaptando-se a novas situações comunicativas por meio da linguagem.

Sobre isso, o autor complementa:

As pessoas traduzem há milhares de anos: é uma das muitas coisas úteis que podemos fazer com a linguagem. E as pessoas também pensam em tradução há muito tempo. Ideias sobre tradução – sobre como fazer, como

não fazer, quando parece impossível, e assim por diante – surgiram como cogumelos. Presumivelmente, algumas dessas ideias, esses memes de tradução, não conseguiram obter qualquer aceitação geral e, portanto, desapareceram sem deixar vestígios. Outros permaneceram atuais por algum tempo antes de dar lugar a outros (Chesterman, 1997, p. 26).

Esse é um ponto de partida relevante. Quando observamos um meme circulando na internet, podemos afirmar que ele está comunicando, enunciando e, de certa forma, traduzindo uma ideia. Nesse caso, a tradução não ocorre no sentido literal, como a transposição de uma língua para outra, mas sim como um deslocamento no campo discursivo. Anos depois, Dawkins (2007) revisitou seu conceito original para esclarecer as diferenças entre a concepção inicial e a maneira como o termo passou a ser usado para nomear um dos gêneros mais populares na internet. Ele ajustou alguns de seus posicionamentos teóricos devido às múltiplas interpretações que o conceito adquiriu ao longo do tempo. Como apontam Knobel e Lankshear (2007), no campo acadêmico, a definição de meme foi expandida, incorporando termos como “estrutura”, “conjunto” e “ideias”, que passaram a ser utilizados de forma intercambiável para expressar as novas nuances desse fenômeno comunicativo.

Para compreendermos como o olhar acadêmico se desenvolveu em torno dos memes, é relevante explorar outras áreas do conhecimento, como a linguística, a psicologia e a computação. Nesse sentido, acompanhar a evolução desse conceito ao longo do tempo torna-se um exercício não apenas necessário, mas também revelador. Pesquisadores como Dennett (1995) e Blackmore (1999) buscaram expandir a noção proposta por Dawkins, transformando os memes em um campo analítico próprio, atraindo novos estudiosos e ampliando os horizontes teóricos. Em termos gerais, ambos conceberam o meme como uma unidade de transmissão cultural que se reproduz por meio de dois fatores centrais: confiabilidade e fertilidade.

Essa abordagem inicial foi recebida com entusiasmo, mas gerou debates acalorados que perduraram até meados dos anos 1990. Com a chegada da internet, no entanto, os estudos sobre memes “dawkinsianos” — vistos até então como unidades culturais que “infectam” as mentes e se replicam por meio da linguagem — começaram a perder relevância acadêmica. Quando o termo foi apropriado pelos usuários da internet para descrever o gênero que conhecemos atualmente, alguns estudiosos, como Shifman (2014), passaram a defender a necessidade de desvincular

a definição de Dawkins da nova forma de comunicação digital que emergia.

Autores como Jenkins (2009), seguindo nessa direção, defendem que as práticas culturais midiáticas precisam ser analisadas para além das ideias que se autorreplicam dentro dos espaços virtuais, pois outros agenciamentos, dentro e fora da tela, estão presentes quando interagimos ou compartilhamos informação na internet. Diante desse cenário, tem se tornado um consenso entre pesquisadores da área, como Shifman (2014) e Milner (2016), que os memes em circulação na internet não só possuem características próprias, mas também evidenciam o quanto os atores sociais estão suscetíveis à influência dos discursos que carregam.

Em linhas gerais, estudiosos dos memes costumam definir o "meme da internet" como um gênero que se constrói a partir da combinação de elementos pré-existentes. Ao contrário de outros gêneros, como charges ou tirinhas, em que o artista cria todos os elementos necessários — visuais, texto e personagens — a partir do seu próprio processo criativo, os memes se apropriam de componentes que já estão enraizados na cultura popular, seja ela cinéfila, gamer, televisiva ou oriunda das mídias digitais. Esse processo de resignificação é o que permite aos memes uma fluidez e adaptabilidade únicas.

Importante pontuar que quando muitos autores abordam o conceito de meme, eles muitas vezes retomam princípios teóricos elaborados muito antes do surgimento da internet. Como destaca Lima-Neto (2020),

tome-se como exemplo a Escola Australiana, cuja abordagem é a linguística sistêmico-funcional de Halliday (1976); a Escola de Genebra, que tem suas bases no ISD (Schneuwly; Dolz, 2004); a Escola Norte-Americana, com os estudos de inglês para fins específicos (Swales, 1990) e os estudos retóricos (Miller, 2009; Bazerman, 2005); e as de tradição literárias, ainda mais antigas (Bakhtin, 2011), para citar apenas algumas (Lima-Neto, 2020, p. 2248).

Essas diferentes tradições teóricas, indiscutivelmente, contribuem significativamente para a compreensão dos memes como fenômenos multimodais, profundamente enraizados nas interações sociais e nos contextos culturais que os moldam. No entanto, muitas vezes é necessário criar interseções entre essas abordagens, pois seus olhares, desenvolvidos em um período anterior ao surgimento do gênero, não conseguem captar plenamente a dinâmica rápida e fluida dos memes. Isso ocorre porque, quando essas teorias foram originalmente projetadas, estavam

voltadas para um mundo mediado por outras mídias, com suas próprias características e modos de funcionamento específicos. O cenário digital contemporâneo, marcado pela fluidez e pela constante ressignificação, exige adaptações dessas teorias para captar plenamente a complexidade dos memes no ambiente virtual.

A volatilidade, de fato, desencoraja muitos pesquisadores a trabalharem com esse gênero, uma vez que estabelecer métodos de análise para eles se mostra um dos maiores desafios. Ainda não há um percurso metodológico consolidado e padronizado para tratar esses materiais, o que torna o estudo dos memes uma tarefa complexa e, muitas vezes, subvalorizada na academia. Minha própria experiência como pesquisador desse gênero, iniciada em 2014, confirmou essa percepção. Durante esse período, observei um certo preconceito e resistência por parte do corpo docente, que via os memes como objetos de estudo de pouca relevância ou seriedade. Essa postura, talvez, ajude a explicar o baixo interesse acadêmico pelo tema, visto que a falta de reconhecimento por parte dos pares pode desencorajar novos pesquisadores a se aventurarem nesse campo.

Ainda assim, considero fundamental ressaltar a legitimidade e a relevância dos memes no cenário atual. Na próxima seção, apresentarei um panorama que busca posicioná-los como elementos de destaque, tanto na comunicação social contemporânea quanto no campo acadêmico. Pretendo demonstrar que, sem um trabalho consistente em torno dos memes, parte do processo formativo dos docentes pode se distanciar das práticas interativas que permeiam o cotidiano digital. Acredito que incorporar os memes ao ensino é uma maneira de aproximar o ambiente educacional das experiências que as pessoas vivenciam continuamente no universo virtual, enriquecendo assim o diálogo entre teoria e prática.

Um exemplo claro desse raciocínio é a visibilidade que os memes frequentemente ganham nos noticiários ao se avaliar o comportamento das pessoas diante de eventos específicos. Isso ficou evidente no dia em que foi divulgada a eficácia da vacina contra a COVID-19. Quando a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) aprovou a vacina no Brasil, diversos portais de notícias (como mostrado na imagem 38) analisaram as reações do público com base nos memes compartilhados, identificando discursos tanto favoráveis quanto contrários à decisão.

Imagem 38 - Print da matéria publicada pelo Portal Glamurama.

Eficácia da vacina ganha carinho dos brasileiros e vira meme na web

Governo de São Paulo anunciou que CoronaVac tem 78% de eficácia

Por Redação Glamour

07/01/2021 15h09 · Atualizado há um ano



Fonte: Reprodução/Glamour (Globo).

Algo que precisa ser considerado nesta discussão é a velocidade com que os memes se propagam na internet, especialmente em momentos de grande relevância social, como a aprovação das vacinas contra a COVID-19. A rápida disseminação desses memes reflete não apenas a dinâmica ágil das redes sociais, mas também a urgência da imprensa em cobrir e divulgar o fenômeno, como demonstrado nas Imagens 39 e 40. Esse comportamento midiático aponta para uma demanda crescente de análise em tempo real sobre como as pessoas reagem a eventos significativos por meio de memes, o que os torna um importante termômetro das opiniões e sentimentos públicos.

Além disso, destaco o perfil diversificado dos portais que noticiam esses fenômenos. A cobertura sobre memes varia desde canais jornalísticos mais tradicionais e renomados até portais voltados especificamente para a cultura pop. Isso demonstra que, independentemente do público-alvo, os memes se consolidaram como formas legítimas de expressão e reflexão social. A presença deles nos noticiários confirma que o impacto cultural dos memes transcende o entretenimento, funcionando como ferramentas de articulação de discursos, que são rapidamente assimilados e replicados por diferentes setores da mídia. Ao incluir tanto veículos convencionais quanto especializados, essa diversidade de perfis midiáticos também aponta para a permeabilidade do humor e da crítica digital na formação de narrativas sociais mais amplas. Desse modo, os memes se tornam não apenas indicadores da opinião pública, mas também moldadores de discussões que atingem audiências variadas, fortalecendo seu papel como fenômenos socioculturais e comunicativos em momentos decisivos, como a crise sanitária global.

Imagem 39 - Print da matéria publicada pelo Portal IG.

Memos bombam na web após aprovação de vacinas contra Covid-19 no Brasil; veja

Internautas foram à loucura nas redes sociais após anúncio da Anvisa que aprovou a CoronaVac e a vacina de Oxford neste domingo (17)



Por IG Último Segundo | 17/01/2021 19:24

Fonte: Reprodução/ Portal IG.

Imagem 40 - Print da matéria publicada pelo Portal Glamurama.

A vacina contra a Covid-19 está entre nós e a internet não poderia deixar de fazer o que faz de melhor: memes! Espia

por Redação GLMRM | 20 de janeiro de 2021

2 minutos de leitura



Fonte: Reprodução/Glamurama (Globo)

Com base nisso, proponho lançar um olhar mais específico sobre alguns aspectos ligados ao funcionamento daquilo que popularmente tem sido chamado de "memesfera", ou seja, o campo de criação e proliferação de memes.

4.1 ARQUITETOS DIGITAIS: CRIADORES DE MEMES E NOVOS ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO.

O sujeito criador de memes, indubitavelmente, desempenha um papel essencial no ecossistema cultural em que os memes circulam. Ao criá-los, os indivíduos não apenas replicam conteúdos, mas frequentemente atuam como curadores culturais, selecionando, rearranjando e ressignificando elementos já existentes. A partir disso, podemos dizer que esses criadores são também mediadores, integrando referências da cultura pop, política, ou do cotidiano em

construções discursivas que dialogam com os debates midiáticos contemporâneos.

Esses criadores, no entanto, não agem de forma isolada. Eles fazem parte de uma rede de significação que, por meio da interação com outros usuários e plataformas, mantém o ciclo criativo em constante movimento. Em ambientes digitais como redes sociais e fóruns, os memes são compartilhados e adaptados, o que dá origem a novas expressões discursivas, como paródias, sátiras, críticas sociais, comentários políticos e até manifestações artísticas. Isso gera um ecossistema criativo em constante evolução, onde a originalidade e a releitura se entrelaçam de forma dinâmica e enriquecedora. Cada meme é, ao mesmo tempo, uma criação original e uma releitura de algo pré-existente, reforçando a ideia de que a produção de memes é, por essência, uma prática colaborativa e dialógica, onde diferentes vozes e contextos culturais se encontram e se sobrepõem.

O sujeito produtor de memes, assim como qualquer outro, articula suas mensagens por meio de funções sociais e ideológicas, transformando os memes em veículos eficazes para a propagação de discursos, ideias e valores dentro das comunidades online. Esse processo está diretamente relacionado à capacidade do sujeito de articular diferentes dimensões da linguagem em um contexto multimodal. Segundo Bronckart (1999), em sua abordagem sobre a ação social do discurso, o sujeito se insere em uma atividade comunicativa com base em princípios discursivos que refletem as práticas sociais e os contextos nos quais está envolvido. Assim, a criação de memes é também uma ação situada, que responde a fatores sociais e culturais específicos.

Para que seu discurso seja reconhecido pelos interlocutores, esse sujeito produtor precisa estabelecer conexões efetivas entre os aspectos estilísticos que compõem o meme e a gramática discursiva que permite a construção de sentido. Como também aponta Bronckart (1999), a produção de sentido está sempre vinculada ao funcionamento de mecanismos de interação entre sujeito e contexto. No caso dos memes, isso se manifesta na maneira como o criador organiza visualmente e linguisticamente seu conteúdo, buscando alinhamento com as expectativas, códigos e referências culturais compartilhadas pelos atores participantes da interação. Cada etapa do processo de elaboração de um meme, portanto, leva em consideração sua capacidade de dialogar com o público. Isso pode ocorrer por meio de elementos como a temática abordada, o humor que imprime ou o contexto social no qual é inserido. O sucesso do meme em propagar sua mensagem depende dessa capacidade de gerar

identificação e engajamento, algo que Bronckart (1999) descreve como a articulação entre a organização textual e a ação social que o discurso desempenha.

Por isso, para entendermos melhor os memes, é crucial analisarmos seu ambiente de circulação e como eles se manifestam dentro desse contexto. Inicialmente, os memes encontraram um terreno fértil em fóruns online, como o 4chan e o Reddit, que foram grandes celeiros de sua propagação na década de 2000. Esses fóruns, que são essencialmente plataformas de interação baseadas em interesses comuns, serviram como canais importantes para a discussão coletiva, especialmente no que diz respeito ao consumo de cultura e ao compartilhamento de ideias. Com o advento e a popularização das redes sociais, os memes rapidamente migraram para essas plataformas, tornando-se parte essencial da comunicação virtual. Redes como Facebook, Twitter e Instagram ampliaram o alcance dos memes, permitindo que eles se disseminassem de maneira mais veloz e que se tornassem não apenas formas de entretenimento, mas também instrumentos de expressão política, cultural e social.

O ambiente dos fóruns e das redes sociais possibilita que os memes se espalhem rapidamente, alcançando muitas pessoas em pouco tempo. A natureza viral dos memes é impulsionada pela facilidade de compartilhamento e replicação que essas plataformas online oferecem. Além disso, o anonimato frequentemente presente nesses espaços contribui para essa disseminação, uma vez que os usuários se sentem mais à vontade para criar e compartilhar conteúdo sem medo de julgamentos pessoais ou de possíveis restrições. Essa liberdade permitiu que toda a linguagem dos memes se desenvolvesse de forma dinâmica, sendo assimilada pelos usuários e criando um repertório coletivo de referências culturais e estilos humorísticos. Com o tempo, surgiram até mesmo plataformas específicas para facilitar a criação e edição de memes, como o Imgflip e o Memedroid, tornando o processo de produção ainda mais acessível e democratizado. A velocidade com que um meme pode se espalhar por meio de compartilhamentos, adaptações e reportagens ainda impressiona. O alcance global da internet permite que um meme criado em uma parte do mundo se torne viral em questão de horas, atingindo uma audiência vasta e diversificada, o que ressalta o poder deles como instrumentos de expressão cultural.

Esse tópico nos leva a uma questão importante, apresentada e defendida por autoras como Shifman (2014): a diferença entre um meme e um viral. Para ilustrar essa distinção, podemos tomar como exemplo um vídeo publicado na internet. Imagine que você passa por uma situação inusitada, acidentalmente filmada. Esse

vídeo é posteriormente colocado no YouTube e recebe milhares de visualizações em poucas horas. Na semana seguinte, outro usuário baixa o mesmo vídeo, adiciona uma trilha sonora e publica uma nova versão, que também recebe grande atenção na plataforma.

Podemos dizer que o primeiro vídeo se enquadra como um viral, enquanto o segundo é o que Shifman (2014) chama de "vídeo memético" (Shifman, 2014, p. 190). Isso significa que, após a incorporação e a modificação de novos elementos, o produto original se transforma em algo diferente, ainda que mantenha um componente essencial da sua fonte. Na verdade, essa nova versão nem existiria da forma como existe sem o material primário. O conceito de vídeo memético ressalta que, para que algo seja considerado um meme, é necessária a intervenção e a reconfiguração por parte dos usuários, o que resulta em múltiplas versões do conteúdo original, com novos significados sendo gerados a cada adaptação.

A diferenciação entre memes e virais pode ser discutida levando em consideração a ideia de que, conforme aponta Manovich (2001), a informação nas mídias digitais não é apenas transmitida, mas também esteticamente organizada e transformada, com elementos culturais sendo rearranjados em novos contextos visuais e discursivos. Nesse sentido, os memes representam uma reestruturação de signos culturais, em que imagens e textos são ressignificados para criar significados. Por essa razão, muitos autores utilizam o termo "remix", proposto por Shifman (2014), ao explicar que, nos memes, os signos e símbolos são constantemente reorganizados e recombinaados de maneira criativa. De modo geral, é possível dizer que, ao contrário dos virais, que muitas vezes apenas replicam uma mensagem original, os memes são fruto de um processo de remix e ressignificação, atuando como veículos para a circulação de novos significados.

No ano de 2012, por exemplo, o surgimento do meme "John Travolta Confuso" (Imagem 41) pode ser útil para esse entendimento. Uma pequena cena retirada do filme "Pulp Fiction – Tempo de Violência", gravado em 1994 pelo diretor Quentin Tarantino, serviu como elemento primário de significação para a elaboração dos memes. A partir dela, foi possível criar centenas de significados diferentes, cada um aplicável em um contexto distinto. A pose do ator, que parecia estar, sem sucesso, à procura de algo, permitiu que ele fosse recortado e inserido, por exemplo, em uma carteira vazia para indicar que alguém estava sem dinheiro (Imagem 42) ou para ilustrar a chegada de alguém em um local onde não havia pessoas (Imagem 43).

Imagem 41 - Meme “John Travolta confuso”.



Fonte: Reprodução/Fotogramas

Imagem 42 - Meme “John Travolta confuso (carteira)”.



Fonte: Reprodução/Gazeta do Povo.

Imagem 43 - Meme “John Travolta confuso (sala vazia)”.



Fonte: Reprodução/Gazeta do Povo.

Uma vez criados, esses memes passam por um expressivo processo de replicação em diferentes plataformas. Cada uma dessas plataformas não apenas pode construir diferentes rotas de discussão, engendrando os mais diversos discursos, como também permite a inserção de novos elementos, dependendo dos recursos que essas plataformas disponibilizam para os usuários. Autores como Varis e Blommaert (2015) chamam de "re-semiotização" (Varis & Blommaert, 2015, p. 36) o processo de repetição de um signo em novas condições de contextualização. Nesse sentido, cada compartilhamento representa um novo processo semiótico, no qual novos recursos podem ser empregados, mesmo que o conteúdo original permaneça inalterado. Assim, a noção de meme não se restringe apenas a conteúdos modificados, mas também abrange as diversas formas de circulação e interpretação de publicações na internet.

A compreensão dos memes como produtos de processos semióticos complexos requer uma análise das condições de produção, circulação e leitura dessas manifestações culturais. Varis e Blommaert (2015) ressaltam que as características específicas das plataformas digitais, como a instantaneidade, a multimodalidade e a interatividade, influenciam significativamente a forma como os memes são criados, disseminados e interpretados pelos usuários. Dessa forma, as condições de produção e circulação desempenham um papel fundamental na determinação dos efeitos de sentido que os memes produzem em seu público-alvo.

Além disso, é importante considerar que essas condições estão intrinsecamente ligadas às práticas discursivas e às dinâmicas sociais presentes nas redes digitais. A participação ativa dos usuários na criação e compartilhamento de memes implica uma constante negociação de significados e valores culturais, influenciada por questões de identidade, poder e pertencimento social. Nesse contexto, os memes funcionam como dispositivos discursivos que refletem e reproduzem as relações de poder e as dinâmicas sociais da sociedade contemporânea.

Na próxima seção, iremos discutir como o processo de memetização está intrinsecamente ligado à evolução das imagens e à forma como elas são interpretadas ao longo do tempo. Pretendemos evidenciar que essas imagens não são estáticas; elas produzem discursos que, por sua vez, são lidos e reinterpretados dentro dos

contextos de circulação em que estão inseridas. Para isso, analisaremos a imagem de um dos personagens mais importantes e presentes em nossa cultura: Jesus Cristo.

4.1.1 A reinterpretação memética de imagens sagradas: jesus cristo nas redes sociais.

Se pudéssemos, neste momento, visitar o Museu Antiquarium Forense e Antiquarium Palatino de Roma, teríamos contato com o que alguns estudiosos consideram uma das primeiras representações pictóricas de Jesus. Conhecido como "Grafite de Alexamenos" (Imagem 44), a obra foi criada entre os séculos I e III. Na época, o cristianismo era visto de forma negativa pelos romanos, e parte da sociedade ridicularizava os seguidores de Cristo, que, de acordo com o teólogo cristão Tertuliano, eram acusados de adorarem um "burro". A descoberta do "grafite" ocorreu em 1857 e foi feita pela arqueóloga Ticia Verveer.

Imagem 44 - Grafite de Alexamenos.



Fonte: Reprodução/Wikimedia.

O desenho retrata uma figura humana, vestida como escravo, adorando uma espécie de Deus crucificado. Curiosamente, assim como acontece com os memes atualmente, foi identificada uma frase abaixo do desenho: "Alexamenos adora a Deus". Essa é mais uma prova de que a projeção de figuras atrelada a frases com o propósito de ironizar escolhas ideológicas não é algo novo. O discurso aqui visa ridicularizar Alexamenos e, por extensão, todos aqueles que, naquele momento, aderiram ao cristianismo. A imagem abaixo (Imagem 45) mostra a obra em versão digitalizada, datada de 2007 e sem autor conhecido. Essa versão lembra, de maneira ainda mais evidente, os traços presentes em muitos memes que circulam hoje.

Imagem 45 - Contornos digitalizados do "Grafite de Alexamenos".



Fonte: Reprodução/Wikimedia.

Avançando para o Renascimento Europeu, observamos que, ao longo de quase mil anos, a imagem de Jesus foi sendo gradualmente modificada. Inicialmente, ele era representado por meio de símbolos pictográficos. Com o passar do tempo, uma personificação mais clara foi sendo impressa no imaginário coletivo. No século IV, uma pintura na parede da catacumba de Commodilla trouxe um dos primeiros retratos de Jesus com barba (Imagem 46).

Imagem 46 - Pintura na parede da catacumba de Commodilla.

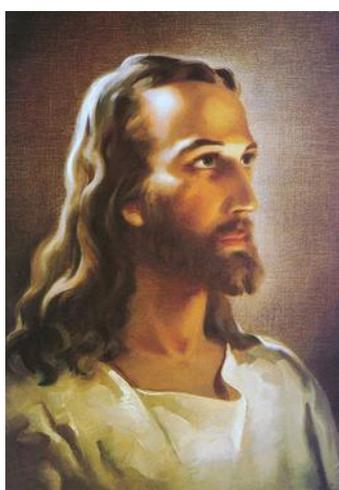


Fonte: Reprodução/Wikimedia.

Obras renascentistas, como a "Última Ceia", de Leonardo da Vinci, e o "Último Julgamento", de Michelangelo, desempenham um papel fundamental na construção imagética de Jesus no Ocidente. No entanto, foi o trabalho do pintor e ilustrador

Warner Sallman, realizado em meados do século XX e intitulado "Cabeça de Cristo" (Imagem 47), que projetou a imagem de Jesus que permanece no imaginário de grande parte da população até os dias de hoje. Na pintura, o homem loiro, de traços europeus, olha para a diagonal, cercado por uma áurea dourada, com cabelos ondulados e barba. Estudiosos das artes afirmam que Sallman tinha a intenção de tornar a imagem de Cristo mais acessível aos jovens, inspirando-se nas fotos profissionais tiradas na época, especialmente de estudantes.

Imagem 47 - "A cabeça de Cristo".



Fonte: Reprodução/Wikimedia.

Memes contemporâneos (Imagem 48) frequentemente desafiam essa representação, utilizando o humor para provocar reflexões sobre a veracidade histórica e cultural dessas imagens. O humor se torna uma ferramenta para desconstruir a imagem de um Cristo loiro e de olhos claros, questionando a autenticidade dessa representação em um contexto geográfico que, provavelmente, produziria um homem com traços mais típicos de alguém nascido no Oriente Médio. Essa desconstrução simbólica é parte de um processo mais amplo de memetização, onde a imagem de Jesus é ressignificada, permitindo que novos discursos sobre identidade, raça e cultura sejam construídos e compartilhados.

A partir dessa ressignificação, surge também a questão da iconicidade, um conceito amplamente discutido por autores como Charles Sanders Peirce. A iconicidade refere-se à relação entre uma imagem e o objeto que ela representa, baseada na semelhança visual. No caso de Jesus Cristo, essa iconicidade tradicionalmente carregava traços eurocêntricos, com características que reforçavam

padrões culturais ocidentais. No entanto, os memes contemporâneos questionam essa iconicidade, ao problematizar a ideia de um Cristo loiro e europeu, e ao propor uma ressignificação mais alinhada com o contexto geográfico e cultural original de sua figura histórica.

Segundo Peirce (2000), a iconicidade depende da percepção de semelhança entre o signo (neste caso, a imagem de Cristo) e o objeto que representa. Com a propagação de memes, essa relação é reavaliada, desconstruindo o ícone religioso e permitindo que novos significados culturais emergjam a partir de sua reprodução nas redes sociais.

Imagem 48 - Meme "O maior milagre de Jesus".



Fonte: Reprodução/Facebook.

A versão da "Última Ceia", de Leonardo da Vinci, também passou por inúmeras alterações, com diferentes discursos sendo propagados a partir dessas modificações, seja no campo da música, da política, do cinema ou dos quadrinhos. No meme abaixo (Imagem 49), o quadro foi editado digitalmente, com a cantora Amy Winehouse no centro da mesa, cantando para Jesus e os apóstolos. No segundo (Imagem 50), os rostos originais da pintura foram substituídos por personagens meméticos conhecidos como trollfaces. No terceiro (Imagem 51), ele foi utilizado para ilustrar um texto que analisava a condução do governo Bolsonaro durante a pandemia.

Imagem 49 - Meme “Amy Winehouse e a Santa ceia”.



Fonte: Reprodução/MDig.

Imagem 50 - Meme “Trollface e a Santa ceia”.



Fonte: Reprodução/Blogspot.

Imagem 51 - Meme “Equipe Bolsonaro e a Santa ceia”.



Fonte: Reprodução/Blog Limpinho e Cheiroso.

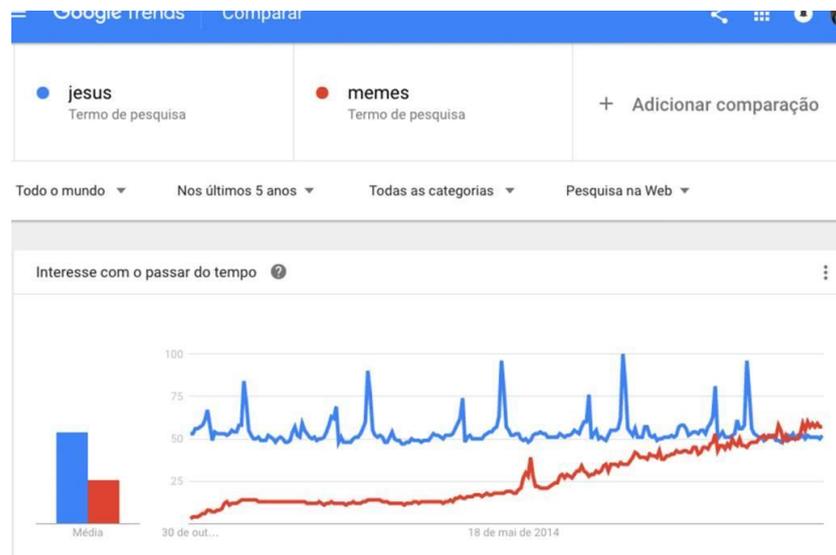
A crítica ao governo Bolsonaro, articulada por meio da resignificação da "Última Ceia", vai além da escolha da obra como um símbolo religioso. A decisão de colocar Jair Bolsonaro no lugar de Jesus Cristo, no centro da mesa, é particularmente simbólica e intensifica a ironia do meme. A posição central de Jesus, na "Última Ceia", remete ao sacrifício e à traição, eventos que marcam o fim de sua jornada e a subsequente redenção cristã. Ao ocupar esse lugar no meme, Bolsonaro é colocado numa posição de "figura central", como se estivesse desempenhando um papel de destaque, ou até de "salvador", em um contexto de pandemia, o que contrasta com sua postura negacionista e o suposto descaso com as medidas de saúde pública.

Os ministros, ao lado de Bolsonaro, também reforçam essa simbologia. Na obra original, os apóstolos estão ao lado de Cristo, simbolizando seus seguidores, aqueles que compartilham sua missão. No meme, ao colocar os ministros ao lado de Bolsonaro, o criador sugere que, assim como os apóstolos estavam alinhados com Cristo, os ministros estão alinhados com as políticas de Bolsonaro. Isso sugere cumplicidade ou adesão ao discurso negacionista, criando uma narrativa crítica em que o governo, como um todo, está comprometido com decisões que prejudicaram a resposta à pandemia. O uso das máscaras pelos ministros pode ser visto como uma ironia adicional. As máscaras, que simbolizam proteção contra o vírus, são um lembrete das medidas sanitárias que o próprio governo frequentemente minimizou. Ao vesti-los com máscaras, o meme sugere que, enquanto o governo em tese segue protocolos sanitários, há uma incongruência entre essa imagem e suas políticas reais de enfrentamento da pandemia.

Essa breve análise nos ajuda não apenas a compreender o processo de criação

e evolução dos memes, mas, sobretudo, a identificar o forte caráter intertextual que eles apresentam. A intertextualidade, evidenciada pela ressignificação de obras como "A Última Ceia", mostra como os memes conectam diferentes contextos culturais e históricos para produzir novos discursos e significados. Se tomarmos como base os apontamentos de Bronckart (1999), podemos entender que os gêneros textuais, dinâmicos por natureza, passam por um período de produção e disseminação até que suas características sejam identificadas nas práticas sociocomunicativas. Isso ocorre, evidentemente, em combinação com o uso mais estável dos elementos que os compõem. Todo esse processo é influenciado pelos contextos históricos, políticos, culturais e sociais que permeiam sua época.

Imagem 52 - Print publicado por Dominik Salonen.



Fonte: Reprodução/ Claudia (Abril)

A título de ilustração, no que se refere à relação entre a figura de Jesus e os memes, lembro a polêmica que surgiu na internet quando o desenvolvedor norueguês Dominik Salonen compartilhou em suas redes sociais que, pela primeira vez, as pesquisas pela palavra "memes" haviam superado as buscas pelo nome "Jesus" (Imagem 52). Esse fato provocou reações variadas: enquanto alguns enxergaram o dado como um sinal de decadência moral ou de uma geração carente de valores, outros interpretaram a situação de forma menos dramática, encarando-a como uma consequência natural das mudanças culturais no ambiente digital.

Esse episódio exemplifica como os memes ocupam um lugar significativo nas

interações online e reforça a necessidade de compreendê-los como fenômenos discursivos complexos. No próximo capítulo, buscarei aproximar o estudo dos memes das ideias presentes no Interacionismo Sociodiscursivo de Bronckart. Com isso, espero reforçar uma base teórica que permita analisar os memes de forma mais estruturada e aprofundada, integrando suas características particulares aos conceitos que o autor desenvolve sobre os gêneros textuais.

5 APROXIMAÇÕES E CONVERSAS COM JEAN-PAUL BRONCKART

Imagem 53 – Meme “Resolver no diálogo”.



Fonte: Reprodução/Memedroid

Diante desse histórico, compreendi a necessidade de buscar novas aproximações teóricas que contribuam para a legitimação dos estudos dos memes e ampliem os diálogos que eles, enquanto gênero textual, podem suscitar. Assim, optei por me aproximar dos estudos de Bronckart (1999), cuja proposta considera os gêneros como práticas sociais moldadas pelos contextos históricos e culturais. A partir dessa perspectiva, passei a entender os memes como uma forma de prática social discursiva que se manifesta de diferentes formas e em variadas situações comunicativas, refletindo, assim, as normas e valores culturais de seus interlocutores.

No campo dos estudos sobre memes, encontramos uma diversidade de terminologias empregadas para classificá-los. Enquanto alguns pesquisadores preferem a expressão "gênero textual", como Silva (2015), outros optam por "gênero discursivo", como Shifman (2014) ou "gênero digital", como Milner (2016). A perspectiva de Bronckart (1999) enriquece essa discussão ao sugerir que os textos sejam compreendidos como "produções verbais efetivas, que assumem aspectos muito diversos, principalmente por serem articuladas a situações de comunicação muito diferentes. São essas formas de realização empíricas diversas que chamamos de textos" (Bronckart, 1999, p. 69). Como sua ênfase recai sobre a interação, ao analisarmos o processo de formação discursiva, passamos a entender o texto como uma espécie de "correspondente empírico", ou seja, uma manifestação que pode assumir várias configurações. Essas diversas configurações, por sua vez, são designadas como gêneros textuais, refletindo as diferentes formas que o texto pode assumir em função das situações comunicativas em que está inserido.

Isso não significa, evidentemente, que outras nomenclaturas não sejam válidas ou que não possam ser utilizadas conforme a fundamentação adotada pelo pesquisador. A escolha entre “gênero textual”, “gênero discursivo” ou gênero digital” é, portanto, uma questão de afiliação teórica. Optei pelos termos “gênero textual” ou “gênero textual digital” ao entender que a análise dos memes pode se beneficiar de uma abordagem que enfatiza as atividades sociais e práticas de linguagem dentro do ambiente virtual, uma perspectiva central no Interacionismo Sociodiscursivo de Bronckart.

Outros fatores tornaram essa aproximação ainda mais estimulante. Ao me debruçar sobre as ideias do autor acerca desses gêneros, percebi que seu ponto de partida estava ancorado em um questionamento fundamental sobre três princípios da tradição filosófico-científica. Primeiramente, ele critica a noção de estabilidade newtoniana, que pressupõe que os fenômenos sociais e discursivos poderiam ser compreendidos como sistemas estáveis e previsíveis. Em segundo lugar, discute os desafios impostos pela fragmentação das ciências, uma herança do positivismo de Comte, que reduziu a complexidade das práticas sociais a categorias estanques e especializadas. Por fim, ele problematiza a ênfase excessiva que as ciências humanas frequentemente dão ao campo individual, em detrimento do coletivo, negligenciando o caráter social e interativo dos fenômenos discursivos.

A partir disso, percebi que a influência dos três princípios que ele critica ainda está fortemente presente na produção científica, especialmente no estudo de gêneros como os memes. Essa constatação me ajudou a entender as resistências que enfrentei ao longo do meu percurso de pesquisa sobre eles, já que muitas vezes são vistos como uma forma de produção "popular", sem critérios acadêmicos claros e distante das normas convencionais. Além disso, notei que havia um número relativamente reduzido de estudos que conectassem diretamente Bronckart à análise de memes, o que continuou despertando o meu interesse.

Com isso em mente, considerei essencial reforçar essa relação, construindo um diálogo teórico que pudesse não apenas enriquecer o campo dos estudos sobre memes, mas também expandir as fronteiras da análise dos memes. Importante destacar que esse diálogo não implica em um enquadramento rígido desse gênero dentro de uma única perspectiva teórica. Minha posição tem sido a de que a melhor forma de entender os memes é por meio de aproximações entre diferentes postulados e conceitos, de modo a captar sua complexidade. Submeter o meme a uma única

forma de análise corre o risco de anular alguns de seus aspectos fundantes, como a natureza multifacetada e a flexibilidade com que ele se adapta a novos contextos e públicos. Por isso, acredito que abordagens multifocais geralmente permitem uma compreensão mais rica e abrangente desse fenômeno, mantendo espaço para as nuances e contradições que ele carrega. Ainda assim, dialogar com Bronckart pode enriquecer profundamente o entendimento dos memes. Afinal, todo processo de teorização em si é uma forma de aproximação e interpretação da realidade, e não uma reprodução exata dela. A teorização permitiu que eu identificasse padrões e entendesse um fenômeno, como é o caso dos memes, que muitas vezes se revela disperso e mutável.

O diálogo com Bronckart se mostrou particularmente enriquecedor ao propor uma análise dos gêneros textuais que parte das ações sociais realizadas pelos atores sociais, para então examinar os comportamentos verbais desenvolvidos com base nas interações realizadas nos espaços criados pela cultura digital em que estamos inseridos. Em sua proposta metodológica, Bronckart (1999) explora as condições de produção e a arquitetura dos textos – abarcando tanto o funcionamento quanto a organização interna –, ressaltando o conjunto de unidades linguísticas como “propriedades das condutas humanas” (Bronckart, 1999, p. 13). Com isso, ele oferece uma base sólida para entender como os textos se articulam e ganham sentido nos contextos sociais em que são produzidos. Esse aspecto é fundamental para estudar os memes, cuja existência e resignificação dependem intrinsecamente da participação social e da circulação em ambientes digitais.

Diante da ideia de que a linguagem constrói sentidos e organiza relações sociais, podemos compreender que há um "agir" que possibilita essa construção. Nesse contexto, Bronckart (1999) introduz o conceito de *agir comunicativo verbal*, que se diferencia por mobilizar signos organizados em textos. O autor afirma que "o termo agir tem, para nós, um sentido genérico: ele designa qualquer comportamento ativo de um organismo" (Bronckart, 1999, p. 137). A espécie humana, por sua vez, opera tanto um "agir geral" quanto um "agir de linguagem", sendo este último fundamental na construção de um "espaço gnoseológico", ou seja, "mundos de conhecimentos que podem se tornar autônomos em relação às circunstâncias individuais da vida" (Bronckart, 1999, p. 137).

A ideia de agir, conforme explorada por Bronckart (1999), permite uma reflexão sobre tempo e espaço, elementos essenciais na definição das práticas discursivas.

No contexto da teoria do agir comunicativo, tempo e espaço são compreendidos não apenas como dimensões físicas, mas como parte integrante do processo de significação. O tempo nos textos e práticas de linguagem é marcado pela memória social, ou seja, por referências a eventos passados, aspirações futuras e pela maneira como os enunciados são ancorados no presente do ato comunicativo. Assim, o tempo discursivo organiza-se em uma espécie de fluxo onde o sentido se constrói, não isoladamente, mas em continuidade com outros discursos e ações.

Por outro lado, o espaço, segundo Bronckart (1999), refere-se tanto ao espaço físico, onde a interação ocorre, quanto ao espaço simbólico, no qual circulam os significados. Em textos e interações digitais, por exemplo, os espaços virtuais constituem novas arenas de ação comunicativa, ampliando os limites físicos e permitindo que o agir verbal se desenrole em múltiplas esferas ao mesmo tempo. Nesse sentido, o espaço não é um cenário neutro, mas sim um elemento ativo que influencia e molda as relações discursivas, conectando diversos contextos e participações sociais que influenciam o ato comunicativo e a construção de sentido.

Ao entender a linguagem como um mecanismo de intervenção no mundo, passei a ver os memes como formas de ação social que vão além da simples comunicação. No contexto dos memes, a linguagem não só transmite mensagens, mas permite ao sujeito atuar no mundo, criando e ajustando significados e reorganizando percepções. Dessa forma, os memes funcionam como formas de agir verbal, pois, ao combinar texto e imagem, articulam práticas discursivas em contextos sociais específicos. Para Bronckart (1999), o agir humano não ocorre de maneira isolada, mas se estrutura em torno de "atividades coletivas" (Bronckart, 1999, p. 138), isto é, interações e colaborações que os atores estabelecem com o meio e entre si, organizando-se a partir de objetivos sociais e culturais.

A relação entre agir verbal e agir humano está no fato de que o agir verbal é uma das manifestações do agir humano, com a função de expressar, mediar e transformar experiências coletivas. Enquanto o agir humano abrange a totalidade das ações que realizamos no mundo, incluindo o uso de signos e instrumentos, o agir verbal é uma modalidade particular desse agir, focada no uso da linguagem como principal meio de ação. Assim, o agir verbal, ao se manifestar nos memes, não é uma ação isolada; ele surge e adquire sentido nos processos de troca e construção coletiva de significados, em atividades que refletem e moldam as relações sociais. Dessa forma, memes tornam-se representações desse agir verbal, que conecta indivíduos

em torno de ideias compartilhadas e provoca ressignificações contínuas no meio digital, um espaço onde o agir humano e o agir verbal convergem e se renovam constantemente.

Nos memes, essa dimensão coletiva é evidente: eles são compartilhados, adaptados e ressignificados continuamente nas redes sociais. Esse movimento reforçou para mim a ideia de que os memes não pertencem a um único sujeito ou contexto, mas surgem como uma prática discursiva coletiva, construída sobre diversas camadas de interação e sentido.

Também observei que Bronckart (1999) defende que as atividades de linguagem, enquanto formas de ação, se manifestam através de textos que carregam as marcas de um processo sociocultural específico. No contexto do mundo virtual, essa dinâmica ganha novas camadas, uma vez que o ambiente digital imprime suas próprias marcas nos textos. As interações mediadas por plataformas digitais não apenas transformam a maneira como os textos são organizados e difundidos, mas também influenciam profundamente os modos de criação, recepção e ressignificação dos discursos.

Isso significa que esses textos não estão isolados; eles são parte de uma arquitetura maior, o que Bronckart chama de "arquitextualidade". A ideia de arquitextualidade, por sua vez, se refere à forma como os textos se conectam e se organizam em torno de um repertório comum, permitindo a reprodução de padrões de linguagem e de organização discursiva (Bronckart, 1999, p. 139). O repertório, nesse caso, deve ser entendido como o conjunto de elementos e recursos linguísticos, textuais e discursivos que os atores têm à sua disposição para a construção de textos. Ele inclui padrões de linguagem, estruturas de organização textual e modos de enunciação que são compartilhados e reproduzidos dentro de um contexto social e cultural específico.

O que percebo hoje é que os memes já possuem uma organização estrutural robusta, que permite aos atores sociais não apenas interagir com eles, mas também, quando dotados de determinadas competências, que envolvem "a capacidade de reconhecer as especificidades contextuais e os objetivos comunicativos subjacentes a cada situação" (Bronckart, 1999, p. 152), adaptando-os aos diferentes ambientes em que circulam. Esse fenômeno se intensifica diante do alto fluxo de compartilhamento nas redes, onde as condições para a produção e circulação dos memes já estão estabelecidas. De fato, eles não apenas promovem uma rede rica em

práticas discursivas, mas também mobilizam vozes que servem para reforçar ou contestar normas e convenções sociais.

Além disso, algo ainda aproxima mais os memes das ideias de Bronckart, pois eles se materializam em diferentes formatos, adaptando-se conforme o contexto de circulação. Essa flexibilidade na forma de expressão e conteúdo torna os memes altamente adaptáveis, com uma capacidade única de atender aos propósitos de quem os utiliza. Reconhecendo essa diversidade, estudiosos, como Shifman (2014) e Malodia (2022), vêm propondo uma tipologia de memes, visando organizar e categorizar suas múltiplas manifestações.

Essa capacidade de articulação e diálogo é viabilizada pelo fato de os memes não surgirem de forma isolada, mas sim estarem profundamente integrados em uma "arquiteturalidade", na qual dialogam com referências coletivamente reconhecidas e compartilham um tecido intertextual que facilita sua interpretação. Com esse reconhecimento, os memes também devem ser encarados como ferramentas de expressão e intervenção cultural, permitindo que as pessoas os utilizem como veículos de significação — seja para reforçar discursos predominantes, seja para questioná-los e propor novas leituras. Essa ênfase dada ao caráter funcional e contextual dos gêneros, nos permite enxergar os memes não como "moldes" de texto, mas como configurações discursivas que ajudam os atores sociais a interpretar e atuarem no mundo social.

Em vista disso, considere apropriado manter o esforço de aproximação entre os memes e o modelo de análise de Bronckart (1999), agora aplicando seu método de análise de textos. Iniciei pelo que ele chama de "conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado" (Bronckart, 1999, p. 93). Seguindo essa linha, o autor sugere que o ponto de partida seja o contexto de produção, e dentro desse contexto, três parâmetros são fundamentais:

- a) Parâmetros do mundo físico;
- b) Parâmetros do mundo social e subjetivo;
- c) Conteúdo temático do texto.

Nesse ponto, o primeiro desafio se revelou: ao lidar com os memes, estabelecer um panorama claro que identifique os atores envolvidos e definir o momento e o local da produção textual se mostrou um exercício instigante. Sem dúvida, certas

inconsistências emergem e podem ser vistas como limitações. Contudo, essas lacunas revelam, ao mesmo tempo, traços próprios do gênero. O ambiente de produção e circulação dos memes é dinâmico e se diferencia pela falta de estabilidade que caracteriza os textos mais tradicionais. Nesse universo, os participantes não apenas interagem, mas se movimentam em uma rede de relações fluídas e constantemente renovadas.

Um meme, por exemplo, é frequentemente criado em plataformas e aplicativos que oferecem ao usuário a possibilidade de sobrepor e alterar elementos visuais — imagens, texto e outros recursos, quase sempre baseados em materiais preexistentes. Em outros casos, essas imagens podem até ser fabricadas no mundo físico e depois digitalizadas, adicionando outra camada de complexidade ao seu processo de circulação. Plataformas específicas para memes, como Memedroid e outros espaços digitais, são pensadas justamente para viabilizar e impulsionar essa criação colaborativa e ágil. Essas plataformas servem de palco para a interação e, simultaneamente, para a competição simbólica entre os usuários, onde cada meme é ressignificado por novos olhares e reinterpretado conforme se ajusta aos diferentes contextos de compartilhamento e às normas implícitas de cada comunidade online.

Como vimos, os criadores de memes são, sem dúvida, pessoas reais. No entanto, as redes digitais permitem que eles se apresentem fazendo uso de avatares ou pseudônimos, o que muitas vezes torna difícil identificar quem, de fato, está por trás de cada criação. Esse anonimato é, em parte, uma escolha dos próprios usuários, mas também é influenciado pelo contexto em que ocorre a interação. Em plataformas como WhatsApp e outros aplicativos que priorizam a comunicação “um para um” ou em grupos restritos, os memes circulam em micro interações, geralmente em um ambiente de menor visibilidade. Nesses casos, o anonimato pode ser mais controlado, criando um espaço de troca entre indivíduos que compartilham significados específicos, limitados ao grupo.

Por outro lado, ao serem expostos em redes sociais de alcance amplo, esses mesmos memes passam a integrar um espaço amplo de circulação, onde o fenômeno se expande e adquire novas camadas de significação. Essa exposição em plataformas abertas, como Twitter, Instagram ou TikTok, intensifica seu impacto, já que ele deixa de ser interpretado exclusivamente pelo grupo restrito e passa a ser apropriado por um número maior de usuários.

Ao analisar memes, percebo que as condições de anonimato e visibilidade

podem influenciar tanto a recepção quanto o sentido que esses conteúdos assumem. Em redes mais restritas, como grupos privados ou chats de aplicativos, os memes frequentemente operam como uma linguagem interna, quase um código entre os envolvidos. Essa circulação limitada preserva significados que fazem sentido apenas para aquele grupo específico, criando o que podemos chamar de intimidade discursiva. Contudo, quando esses mesmos memes são expostos em plataformas públicas, eles tornam-se suscetíveis a uma diversidade de interpretações, transformando-se em peças discursivas mais abertas e multifacetadas. Essa ampliação de alcance permite que os memes sejam apropriados e reinterpretados por públicos variados, o que reforça sua natureza coletiva e a riqueza de camadas de sentido que são construídas e reconstruídas a partir das interações online.

Algumas exceções, porém, se destacam. Há memes que trazem marcas claras de autoria ou pertencem a páginas que estabelecem critérios para a divulgação de seu conteúdo, deixando evidente a origem e o criador. Nesses casos, a rastreabilidade do autor é mais acessível, mas, mesmo assim, os pesquisadores que se debruçam sobre esses memes geralmente analisam o que está publicado e disponível, pois estabelecer contato direto com os “fabricantes” desses conteúdos é um desafio. Essa limitação restringe a interação com os criadores e direciona o foco das análises para o que circula abertamente na rede.

Quanto aos interlocutores, esses incluem todos que participam da complexa teia interativa onde o meme se insere. Nesse contexto, não se trata de um sujeito único e isolado, mas de uma rede de interações contínuas e coletivas. A natureza dos memes cria um sistema de circulação onde múltiplos atores sociais, com suas próprias interpretações, participam simultaneamente da construção de sentido.

Essas características exigem uma adaptação no uso do método de análise de Bronckart (1999). O estudo dos memes demanda, de fato, uma abordagem flexível, que possa acomodar a dinâmica entre o físico e o virtual. Essa “elasticidade” reflete as nuances e desafios próprios do ambiente digital, onde a interação é mediada pela tela e onde os papéis dos atores responsáveis pela criação dos gêneros e os atores que interagem com os mesmos são fluidos e, muitas vezes, intercambiáveis.

Já os “Parâmetros do mundo social e subjetivo”, que abrangem elementos essenciais da interação comunicativa — como regras, normas e valores compartilhados — devem ser compreendidos, nesse contexto, como aspectos que orientam e condicionam a interação e a interpretação dos memes. Ao analisar um

meme, observo como esses parâmetros refletem e reforçam valores específicos da cultura digital, marcando os limites do que é reconhecível e compreensível para seu público.

Esses elementos, embora sutis, têm um papel significativo na circulação dos memes, pois direcionam as expectativas do público e ajustam as reações dentro de determinadas convenções sociais e culturais. Por exemplo, um meme que explora temas de humor ácido ou paródico só será bem interpretado por quem compartilha referências culturais e regras implícitas desse humor específico. Percebo que esses parâmetros funcionam como filtros que ajudam a definir a aderência ou rejeição de um meme entre grupos distintos, mostrando como o contexto social e subjetivo da audiência molda seu impacto e ressignificação.

Por último, o “Conteúdo Temático do Texto” se refere ao vasto leque de temas que podem ser abordados nos memes. Compreendo que essa característica é fundamental para sua popularidade e relevância, pois eles são capazes de explorar desde assuntos cotidianos e triviais até questões complexas e polêmicas, como política, saúde pública e cultura popular. Essa flexibilidade temática permite que dialoguem com diferentes públicos e se adaptem a uma variedade de contextos, o que reforça sua capacidade de disseminação rápida e de ressignificação em cada nova interação. Vejo que, ao abordar temas amplos, eles também são capazes de capturar aspectos essenciais da realidade social de quem os consome, muitas vezes proporcionando uma crítica ou reflexão sobre o tema proposto.

A segunda parte do método proposto por Bronckart (1999) é a que mais me interessa. Considerando que ainda carecemos de um material de referência sólido e consolidado para a análise de memes, sua abordagem, que privilegia a arquitetura interna dos textos, se alinha diretamente com a construção de um caminho metodológico para esse gênero. Essa proposta de análise detalhada, focada nos elementos composicionais dos memes, se torna essencial para potencializar o seu caráter educacional, ampliando suas possibilidades de aplicação pedagógica.

Com uma metodologia clara, professores e estudantes podem ter acesso a ferramentas acessíveis que lhes permitam entender os memes em profundidade, não apenas como entretenimento, mas como expressões ricas em camadas de significação e contexto. Acredito que, ao explorar a estrutura interna dos memes e propor um modelo analítico viável, contribuímos para que esses textos se tornem mais que objetos de curiosidade: eles se tornam instrumentos capazes de fomentar o

pensamento crítico, ao serem compreendidos e trabalhados em sala de aula de maneira sistemática e integrada aos objetivos educacionais.

No modelo de Bronckart (1999), a arquitetura textual é dividida em três camadas interligadas: a infraestrutura textual, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Cada uma dessas camadas desempenha um papel essencial na organização e no funcionamento do texto, fornecendo uma base sólida para sua análise.

A infraestrutura textual abrange tanto o plano geral do texto quanto o tipo de discurso que ele comporta. O plano geral do texto refere-se à maneira como o conteúdo é organizado, ou seja, à estrutura que sustenta as ideias e as distribui em partes coerentes, facilitando a compreensão pelo leitor. Em outras palavras, trata-se da disposição lógica dos elementos que compõem o texto, proporcionando uma ordem que guia o entendimento das informações transmitidas. Esse plano geral também inclui a seleção dos tipos de sequência que estabelecem coerência e continuidade ao longo do discurso.

Perceber a proposta de Bronckart (1999) com relação à infraestrutura textual me fez notar ainda mais a ausência de uma sistematização rigorosa que possibilite compreender a estrutura dos memes de forma similar à dos gêneros textuais tradicionais. Não há, até o momento, um modelo amplamente aceito que analise memes com o mesmo nível de detalhamento proposto por Bronckart. No entanto, a ideia de infraestrutura textual, com seu foco no plano geral, nos tipos de sequência e na planificação, sugere um caminho para desenvolver uma metodologia analítica específica para memes. Tal metodologia permitiria que esses textos fossem compreendidos não apenas pelo seu conteúdo imediato, mas também pela lógica de organização e pelas escolhas de sequência e estrutura, que influenciam o impacto e o sentido que eles buscam transmitir.

Os memes, em sua maioria, não se limitam a um discurso que possa ser determinado exclusivamente pelos elementos linguísticos ou visuais que os compõem. O sentido de cada meme é, em grande parte, construído no contexto de interação em que ele circula, e o tipo de discurso que ele veicula depende fortemente do ambiente em que é compartilhado e das interpretações que o público atribui a ele. Como aponta Bronckart (1999), é insuficiente analisar textos apenas as formas linguísticas, pois elas estão intrinsecamente ligadas às dimensões pragmáticas e às atitudes de locução que emergem no contexto comunicativo.

Imagem 54 - Meme “Lula é o Zé Gotinha”.



Fonte: Reprodução/X

Considerando o meme acima (imagem 54), que representa Lula como o "Zé Gotinha," a interpretação do discurso pode variar substancialmente conforme o grupo em que ele é compartilhado. Em um contexto de apoiadores de Lula, a imagem pode ser lida como um discurso pró-vacina, exaltando uma figura pública que promove a vacinação e a saúde pública. No entanto, se compartilhada em um grupo de pessoas com posicionamentos contrários a Lula, o meme pode ser interpretado como uma crítica, reforçando um discurso irônico ou até mesmo deslegitimador. Esse exemplo ilustra bem como, nos memes, o tipo de discurso está condicionado não apenas aos elementos presentes na imagem, mas ao contexto em que esses elementos são inseridos e às relações interativas que o moldam.

Sobre os tipos de sequência, Bronckart (1999) propõe cinco possibilidades e as definem, ao recuperar apontamentos de Adam (1990), como “modelos abstratos de que os produtores e receptores de textos dispõem, definíveis, ao mesmo tempo, pela natureza das macro posições que comportam e pelas modalidades de articulação dessas macro-proposições em uma estrutura autônoma” (Bronckart, 1999, p. 218). As sequências propostas, resumidamente, estão apresentadas abaixo, são elas:

- a) Narrativa: Organiza os eventos em uma sequência temporal, permitindo ao produtor contar uma história e estabelecer uma progressão de acontecimentos.
- b) Descritiva: Centra-se na caracterização de objetos, pessoas ou situações, enfatizando as qualidades e particularidades que os definem.
- c) Argumentativa: Estruturada para convencer ou persuadir o leitor, buscando defender um ponto de vista ou opinião por meio de argumentos e contra-argumentos.

- d) Explicativa: Tem como objetivo esclarecer e fornecer informações sobre um determinado tema ou conceito, detalhando aspectos que facilitam a compreensão do destinatário.
- e) Dialogal: Constrói-se com base em uma interação entre interlocutores, simulando conversas que revelam perspectivas múltiplas ou contraditórias.
- f) Injuntiva, instrucional ou procedimental: Destina-se a instruir ou orientar ações, oferecendo direções claras para que o destinatário realize uma atividade específica.

Ele também considera que “essas sequências são sustentadas por um objetivo próprio ou autônomo: o agente produtor visa a fazer agir o destinatário de um certo modo ou em uma determinada direção (Bronckart, 1999. P. 237). Ao refletir sobre esses tipos de sequência, percebo que essa categorização contribui diretamente para uma sistematização mais rigorosa na análise de memes. Assim como nos textos tradicionais, os memes podem apresentar uma ou mais dessas sequências, direcionando a maneira como o conteúdo será interpretado e replicado pelos destinatários. Essa estrutura não só facilita a leitura dos memes, como também influencia seu impacto e alcance, uma vez que a sequência utilizada pode moldar o tipo de resposta e a forma de engajamento do público.

Os mecanismos de textualização, conforme proposto por Bronckart (1999), também desempenham um papel crucial na construção do sentido, pois garantem a coesão e a coerência entre as partes de um texto. Ao observar memes, percebo que esses elementos de textualização são igualmente indispensáveis: sem eles, a interpretação seria comprometida, uma vez que o humor, a crítica ou o impacto da mensagem dependem da articulação cuidadosa entre suas partes.

No meme abaixo (Imagem 55), por exemplo, o sentido é criado a partir da interação entre diferentes elementos visuais e textuais. As etiquetas "Vacina de Oxford," "Vacina chinesa" e "Cloroquina" atribuídas aos personagens compõem uma narrativa que só faz sentido a partir da conexão entre os personagens visualmente contrastantes e os rótulos que carregam. A coerência e a coesão aqui não surgem apenas do que está escrito, mas da relação implícita entre os personagens e o que eles representam. Essa interação aponta para uma dinâmica visual e simbólica que reflete as percepções e opiniões sobre as vacinas e a cloroquina no contexto da pandemia, tornando o meme inteligível e cômico ao mesmo tempo.

Imagem 55 – Meme “Os três Zé Gotinhas”.



Fonte: Reprodução/Facebook.

Com isso, percebo que os mecanismos de textualização nos memes funcionam como um "fio condutor", ligando cada elemento visual e textual em uma unidade interpretativa coesa. Sem essa ligação entre as partes — ou seja, sem a coesão entre o que é mostrado e o que é sugerido — a leitura do meme se fragmentaria, dificultando a transmissão e o entendimento da mensagem.

Os mecanismos enunciativos, conforme proposto por Bronckart (1999), compreendem as vozes e as modalizações presentes em um texto, desempenhando um papel essencial na maneira como as mensagens são transmitidas e interpretadas. As vozes — entendidas como "entidades que assumem (ou às quais são atribuídas) a responsabilidade do que é enunciado" (Bronckart, 1999, p. 326) — podem ser a voz do autor, as vozes sociais e as vozes de personagens, pessoas ou instituições. No contexto dos memes, essas diferentes vozes podem coexistir e dialogar, criando camadas de significação que facilitam a comunicação de uma ideia complexa de maneira sintética e visual.

Por exemplo, no meme dos três Zé Gotinhas (Imagem 55), as vozes se manifestam de diferentes formas: há uma voz autoral implícita, que se posiciona criticamente em relação às vacinas e ao tratamento com cloroquina; há as vozes sociais, representando os discursos populares e as interpretações coletivas sobre a pandemia; e há a voz das instituições, simbolizadas nas representações visuais das vacinas e do medicamento. Cada "voz" visualmente configurada expressa um posicionamento específico, reforçando as opiniões e percepções da sociedade em relação a cada item apresentado.

Além disso, as modalizações também desempenham um papel crucial nos memes. Conforme Bronckart define, "As modalizações têm como finalidade geral

traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos comentários ou avaliações formuladas a respeito de alguns elementos do conteúdo temático" (Bronckart, 1999, p. 330). No meme dos Zé Gotinhas, a modalização ocorre principalmente através da imagem "desgastada" e caricata da cloroquina, que marca uma ironia visual e subverte qualquer atribuição séria de eficácia a esse tratamento. Esse tipo de modalização não só indica um julgamento crítico, mas também orienta o destinatário/interlocutor para interpretar a imagem da cloroquina como algo desatualizado ou inapropriado.

Assim, a utilização de vozes e modalizações nos memes amplia as possibilidades interpretativas, criando uma interação dinâmica com o receptor. No caso desse meme, as diferentes representações e o uso de modalizações sugerem uma leitura irônica e crítica, usando o humor para suscitar reflexões e comentários sobre a eficácia e confiabilidade dos tratamentos representados. Essa construção discursiva complexa evidencia como os memes podem atuar como veículos de significação multifacetados, articulando vozes e modalizações para reforçar ou contestar discursos sociais.

No próximo capítulo, a partir desse diálogo com Bronckart, proponho um método de análise específico para memes, com o objetivo de torná-los gêneros textuais ensináveis em uma perspectiva didática. Foi justamente a partir da leitura de Bronckart que essa ideia começou a ganhar forma, pois percebi o potencial dos memes como ferramentas para desenvolver competências interpretativas e críticas nos estudantes. Reconheço, entretanto, que essa proposta envolve certos riscos, especialmente no que diz respeito à flexibilidade e à complexidade inerentes a esse gênero. Ainda assim, considero que é uma iniciativa necessária, dado o impacto dos memes na comunicação contemporânea e a urgência de integrá-los ao contexto educacional de maneira estruturada e significativa.

6 ARQUITETURA DOS MEMES: UM POSSÍVEL CAMINHO METODOLÓGICO

Imagem 56 - Meme “TICS na educação”.



Fonte - Reprodução/ Gerar memes.

Para aprofundar minha compreensão sobre a presença dos memes no sistema educacional e avaliar como esse fenômeno impacta tanto as atividades de linguagem em interações virtuais quanto os gêneros textuais digitais nos contextos de aprendizagem, desenvolvi um percurso metodológico dedicado à construção de um roteiro detalhado voltado para entender a arquitetura dos memes que circulam nas redes digitais. Sem essa base analítica sólida, seria difícil interpretar como os memes operam e são ressignificados nos diferentes ambientes em que circulam.

De início, optei por uma estratégia de coleta exploratória em ambiente virtual, utilizando plataformas digitais amplamente acessadas para reunir os memes que seriam objeto de análise. A pesquisa focou durante o período de fevereiro de 2019 a dezembro de 2023 em redes sociais de grande circulação, como Facebook, Instagram, Reddit e Twitter (X), além de aplicativos específicos para a disseminação de memes, como Memedroid e MEMES. Como já havia decidido que o foco central da análise seriam os memes que circularam durante a pandemia, priorizei esses materiais inicialmente. No entanto, à medida que catalogava os memes, percebi, com base na revisão bibliográfica já realizada, uma lacuna metodológica. Notei a ausência de um roteiro mais estruturado para guiar o processo interpretativo dos memes. Embora existam diferentes abordagens sobre gêneros textuais digitais, vi a necessidade de contribuir com um passo a passo mais acessível, capaz de facilitar o entendimento desses gêneros para aqueles que não estão imersos nesse campo de estudo. Esse roteiro tem como objetivo funcionar como um ponto de partida claro e acessível para futuras análises. Assim, para que ele se mostrasse funcional, utilizei também memes que não tratassem especificamente da pandemia ou da vacinação,

pois eram necessários exemplos para ilustrar as categorias e aspectos que identifiquei como relevantes no processo de análise.

Além disso, é importante destacar que a imersão em ambientes virtuais trouxe alguns desafios. A coleta de dados online, por exemplo, enfrenta questões éticas como a privacidade dos usuários e a necessidade de consentimento, especialmente em ambientes digitais semipúblicos ou de acesso restrito (Markham; Buchanan, 2012). Para lidar com isso, optei por não identificar usuários nem coletar dados pessoais ao longo da análise. Foquei exclusivamente nas imagens e textos dos memes, sem incluir qualquer informação que pudesse expor a identidade de quem criou ou compartilhou o conteúdo. Dessa forma, garanti a privacidade e respeitei as normas éticas de pesquisa, enquanto analisei as atividades de linguagem no ambiente digital de maneira anônima e agregada.

Diante dessas considerações, proponho a construção de um processo sistemático para identificar os elementos composicionais que estruturam a arquitetura do meme e orientam seu processo interpretativo, ao qual chamarei de “Roteiro de Arquitetura Memética”. Esse processo funcionará como um guia metodológico para entender o meme com base em fatores relevantes, como configuração, estrutura, formatação e a presença de elementos visuais e de linguagens verbais.

6.1 ROTEIRO DE ARQUITETURA MEMÉTICA: UMA POSSÍVEL (E INTRODUTÓRIA) ABORDAGEM ANALÍTICA.

Inicialmente, levei em consideração a natureza das atividades de linguagem nos memes. Classifiquei seus componentes textuais e multimodais em três tipos principais: memes estáticos, que são imagens fixas, sem movimento; memes animados, que englobam GIFs ou vídeos curtos, onde o movimento direciona o processo interpretativo; e memes sonoros, nos quais o áudio, seja em formato de paródia ou reinterpretação de falas famosas, assume um papel central. Essa abordagem me levou a estabelecer as seguintes definições:

6.1.1 Quanto à arquitetura multimodal dos memes

Diagrama 1 - Classificação dos memes quanto à arquitetura multimodal.



Fonte: O autor (2024)

- a) Memes estáticos** (imagem 57) - São criados a partir de imagens fixas, sem movimento, nos quais o sentido é, na maioria das vezes, transmitido por meio da combinação de elementos visuais e verbais. A imagem estática funciona como suporte principal para a mensagem, destacando o conteúdo de forma direta e imediata.

Imagem 57 - Meme “Diga lá”.



Fonte: Reprodução/Criar meme.

- b) Memes animados (imagem 58/ QRcode)** – São criados a partir de vídeos animados, podendo ou não conter som. Os GIFs são um exemplo popular de memes animados, conhecidos por suas breves animações em loop com baixa definição que frequentemente capturam reações ou momentos engraçados. Além dos GIFs, esses memes podem resultar em vídeos curtos que circulam em plataformas como TikTok e Instagram Reels, e podem também fazer uso

da linguagem verbal, seja por meio de legendas, sobreposições de texto ou diálogos integrados à animação.

Imagem 58 - GIF “Jacaré Vacinada”.



Fonte: Reprodução/ Tenor.

- c) Memes sonoros** (imagem 59/QRcode) – São criados a partir da manipulação de áudios, como músicas ou diálogos, que passam por um processo de remixagem.

Imagem 59 - Qr code para acessar o áudio do meme sonoro.

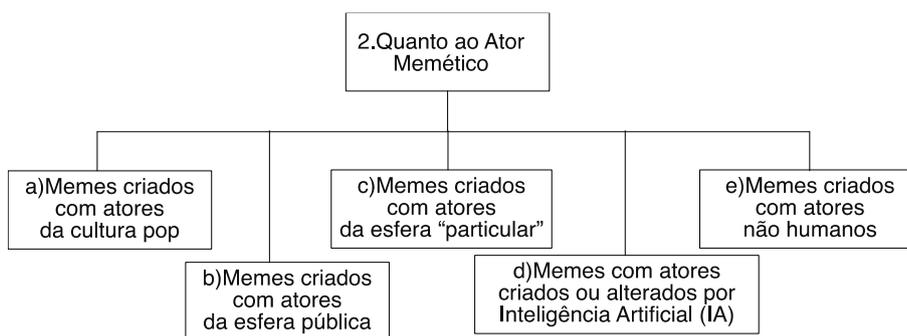


Fonte: Reprodução/ YouTube.

Durante minha imersão nas redes sociais, notei que os memes estáticos dominavam a maior parte das interações. Essa observação me levou a refletir sobre as razões por trás dessa popularidade. Uma explicação possível é que esses memes são mais fáceis de compartilhar, já que não precisam de arquivos pesados como vídeos ou áudios. Além disso, eles circulam mais rápido, facilitando o engajamento. Por conta disso, resolvi focar a análise nesse formato, destrinchando como cada detalhe — desde a escolha das imagens até a sobreposição de texto — compõe a arquitetura do meme para construir atividades de linguagem e estruturar narrativas.

Essa imersão também permitiu entender como diferentes referências, como cenas de filmes, figuras públicas e símbolos culturais amplamente difundidos, são articuladas em práticas multimodais para capturar a atenção do público nas redes. Importante registrar que, durante meu período de imersão, identifiquei que a categorização em memes estáticos, com movimento e sonoros abre espaço para inúmeras possibilidades de pesquisa. Essas categorias permitem explorar tanto as similaridades quanto as diferenças entre os tipos de memes, com o objetivo de identificar suas potencialidades comunicativas e de engajamento. No entanto, como esse não era o foco principal da minha pesquisa, tratei a questão apenas como nota, deixando como sugestão para que novos pesquisadores possam aprofundar essas discussões em futuras investigações.

6.1.2 Quanto ao Ator Memético



Fonte: própria

Diagrama 2 - Classificação dos memes quanto ao ator memético.

Fonte: O autor (2024)

Na segunda etapa desse roteiro, direcionei meu olhar para a análise da figura presente no meme, que denominei como “ator memético”. A ideia é observar os papéis discursivos e as funções sociais desses atores nos memes, incluindo figuras de filmes, personalidades públicas e personagens inventados, para entender como eles participam das atividades de linguagem no ambiente digital. Com isso, torna-se possível explorar como esses atores são utilizados para gerar identificação, humor ou crítica e como se repetem e se transformam na cultura digital. Acredito que análises como essa podem revelar muito sobre os padrões de criação e recepção dos memes e suas conexões com o contexto cultural em que estão inseridos.

É importante reforçar que, no contexto dos memes, o “ator memético” assume o papel fundamental de estabelecer o que entendemos como “agir comunicativo”. Como mostrei no capítulo anterior, esse agir comunicativo, com base em Bronckart (1999), refere-se à capacidade do ator, dentro do meme, de atuar como veículo de expressão e interação, engajando os observadores em atividades de linguagem. Ao incorporar figuras populares, personalidades ou até personagens fictícios, o ator memético realiza mais do que uma representação visual; ele se torna um ponto de articulação entre a mensagem do meme e o público, promovendo interpretações e reações que muitas vezes transcendem o próprio conteúdo visual. Essa interação ativa é essencial para o agir comunicativo, pois cada escolha de ator e cada elemento que o compõe (expressões, contexto, associação cultural) contribui para o discurso que o meme pretende construir.

- a) Memes criados com atores da cultura pop (imagem 60):** Esses memes utilizam material originado de obras ou atores da cultura popular, como filmes, séries de televisão, músicas famosas, revistas ou outros elementos amplamente reconhecíveis nesse contexto. A construção discursiva nesses memes frequentemente explora um contexto já conhecido do público — seja a narrativa original de um filme ou a personalidade de um ator —, adaptando essa referência para orientar o processo interpretativo e produzir atividades de linguagem que expressam ideias, sentimentos ou situações cotidianas de maneira sarcástica, irônica ou crítica.

Imagem 60 - Meme “Sonic vacinado”.



Fonte: Reprodução/ Facebook.

b) Memes criados com atores da esfera pública (imagem 61): São construídos a partir de eventos ou situações que ocorrem na esfera pública, quase sempre envolvendo figuras de popularidade e impacto midiático. A construção discursiva desse tipo de meme se apoia fortemente nos contextos político, social ou midiático que envolvem o ator público. Eles frequentemente assumem um tom satírico, irônico ou até de denúncia, expondo contradições, declarações controversas ou atitudes que suscitam indignação ou provocam escárnio popular. Esses memes também funcionam como atividades de linguagem que promovem participação política e crítica social, orientando o processo interpretativo do público sobre questões relevantes, com leveza ou humor. É importante destacar que considero como atores sociais aquelas pessoas que, evidentemente, ocupam uma posição midiática relevante no campo político. Essa delimitação se faz necessária, pois as fronteiras entre esses atores e as figuras da cultura pop podem ser bastante tênues em alguns casos. Enquanto os memes que envolvem atores da cultura pop geralmente exploram aspectos de fama e entretenimento, os memes que utilizam atores sociais do campo político costumam ter um caráter mais direto e relacionado à esfera pública, buscando orientar atividades de linguagem que influenciem discussões e posicionamentos sociais ou políticos. Essa distinção é fundamental para que eu compreenda como as diferentes esferas — tanto a midiática quanto a política — moldam os discursos e as narrativas que circulam nos memes.

Imagem 61 - Meme "Bolsonaros' e rejeição da vacina".



Fonte: Reprodução/ Poder 360.

c) Memes criados com atores da esfera “particular” (imagem 62): Eles surgem de experiências e grupos sociais específicos. Ao contrário dos que

abordam temas amplamente conhecidos, esses memes emergem de esferas mais restritas, muitas vezes refletindo atividades de linguagem e piadas internas compartilhadas por um grupo pequeno. Nas redes sociais, esses memes acabam transcendendo suas origens, atingindo um público bem maior. É interessante perceber como algo tão particular orienta um processo interpretativo que se torna mais universal, gerando identificação em pessoas de diferentes lugares.

Imagem 62 - Meme "senhora vacinada".

Eu quando for tomar a vacina
Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk



Fonte: Reprodução/ Kwai.

- d) Memes criados com atores alterados ou “arquitetados” por Inteligência Artificial (IA) (imagem 63⁹):** Esses memes utilizam imagens criadas por softwares de IA, geradas autonomamente ou a partir de descrições textuais fornecidas pelos usuários. Muitas vezes, os atores sociais criados por IA podem pertencer à cultura pop, à esfera pública ou particular, mas com características alteradas de forma absurda ou surreal. A categorização é importante porque essas ferramentas de IA permitem criar alterações visuais que expandem o processo interpretativo convencional, resultando em atores sociais que, embora reconhecíveis, apresentam elementos distorcidos ou desconexos.

⁹ O meme do Zé Gotinha turbinado foi testado na plataforma Optic AI or Not, e o resultado indicou 89% de probabilidade de que a imagem foi criada por IA. No entanto, apesar do surgimento dessas plataformas que analisam a origem das imagens, os resultados ainda são imprecisos, oferecendo apenas uma margem de possibilidade. É importante entender que essas ferramentas apresentam um índice de confiança, mas não garantem com total certeza se uma imagem foi criada por IA ou por meios tradicionais de edição.

Imagem 63 - Meme “Zé Gotinha Turbinado”.



Fonte: Reprodução/ Correio Braziliense.

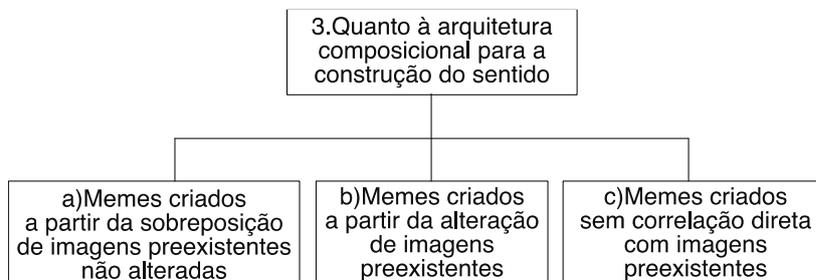
- e) Memes criados com atores não humanos:** Esses memes apresentam como atores principais elementos não humanos, como objetos inanimados ou animais, que "ganham vida" ou exibem traços humanos, seja por meio de personificação visual ou textual (imagem 64). Esses elementos, ao assumirem comportamentos, emoções ou vozes humanas, permitem que o meme explore temas e críticas de maneira original. A inclusão de animais ou objetos como protagonistas amplia as possibilidades de interpretação, oferecendo uma perspectiva humorística ou crítica ao atribuir intencionalidade ou sentimento a seres e itens comuns ou simbólicos. Essa abordagem facilita a comunicação de ideias complexas e pode estabelecer uma conexão mais direta e leve com o público, aproximando-o de questões culturais ou sociais.

Imagem 64 - Meme “não lavou as mãos”.



6.1.3 Quanto à arquitetura composicional para a construção de sentido.

Diagrama 3 - Classificação dos memes quanto à arquitetura composicional para a construção do sentido.



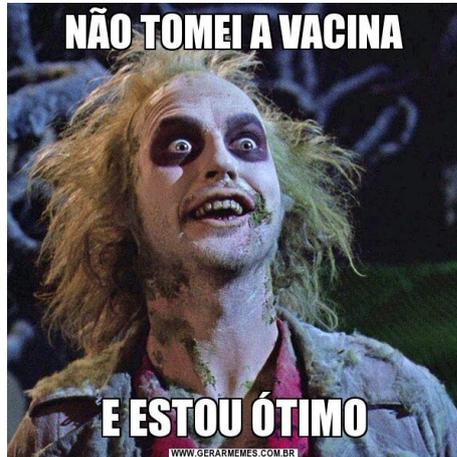
Fonte: O autor (2024)

Posteriormente, senti a necessidade de categorizar os memes quanto à arquitetura composicional para a construção de sentido. Essa classificação se mostrou essencial para compreender as atividades de linguagem e formas de construção de sentido presentes nos memes, pois permite identificar as técnicas utilizadas por seus criadores para orientar o processo interpretativo do público. Essa categorização dialoga diretamente com o que Bronckart (1999) denomina “plano geral do texto”, que, como vimos, se refere à disposição e à organização dos elementos textuais. Em cada tipo de meme, a configuração dos elementos — desde a sobreposição de imagens até a ausência de correlações diretas com imagens conhecidas — estabelece um plano estrutural que direciona a interpretação e o efeito de sentido desejado. A classificação que desenvolvi inclui três eixos: memes criados pela sobreposição de imagens preexistentes, memes que alteram figuras imagéticas preexistentes, e aqueles que não possuem correlação direta com imagens já conhecidas.

a) **Memes criados a partir da sobreposição de imagens preexistentes não alteradas (imagem 65):** São aqueles em que a imagem utilizada já circula amplamente na internet e é retirada de seu contexto original para participar de novas atividades de linguagem. Essas imagens geralmente são selecionadas por suas características visuais marcantes — como expressões faciais, gestos ou cenários específicos — que contribuem para a construção do plano geral do texto e facilitam a criação de uma mensagem alinhada ao texto sobreposto. O texto

adicionado orienta o processo interpretativo, complementando ou subvertendo o significado da imagem, criando um efeito humorístico ou crítico.

Imagem 65 - Meme “Não tomei vacina”.



Fonte: Reprodução/ Gerar memes. Meme faz uso de um frame do filme “Beetlejuice: Os Fantasmas Se Divertem”.

- b) **Memos criados a partir da alteração de imagens preexistentes (imagem 67):** Envolvem a modificação de imagens já publicadas (imagem 66), alterando seu contexto original para participar de novas atividades de linguagem. Nesses casos, a imagem é manipulada para criar um plano geral do texto, seja pela inserção de novos elementos visuais, como atores ou objetos, ou pela modificação do cenário ou da expressão original da imagem. O objetivo dessas alterações é orientar o processo interpretativo, transformando a imagem de maneira que ela dialogue com o texto ou com uma nova narrativa. Esse tipo de meme não apenas sobrepõe texto, mas recria a imagem, subvertendo seu sentido original.

Imagem 66 - Imagem original do ex-governador de São Paulo, João Dória, assinando um documento.



Fonte: Reprodução/ Estadão.

Imagem 67 - Meme “vacina para todos”.



Fonte: Reprodução/ Reddit.

- c) **Memes criados sem correlação direta com imagens preexistentes (imagem 68):** São criados sem ligação direta com figuras imagéticas preexistentes; são construídos a partir de atividades de linguagem mediadas por Inteligências Artificiais (IA), geradas a partir de comandos textuais fornecidos pelos criadores. Nesse caso, as imagens não participam de um processo interpretativo baseado em contextos preexistentes, mas são criadas do zero pela IA, de acordo com as especificações dadas. Isso permite maior liberdade criativa, pois não há necessidade de utilizar figuras ou símbolos já reconhecíveis, o que pode resultar em representações visuais inéditas.

Imagem 68 - Meme “Estética Pixar”.



Fonte: Reprodução/ Instagram. Conforme teste realizado na plataforma Optic AI or Not ,a Imagem foi gerada inteiramente a partir de comandos direcionados a uma IA, sem utilizar material visual

preexistente, baseando-se apenas em uma construção imaginária (e estereotipada) de como seria o estado do Amazonas e seus habitantes.

Essa etapa me ajudou a entender como as atividades de linguagem se desdobram em cada tipo de meme. A sobreposição de imagens preexistentes com texto, por exemplo, muitas vezes mantém a integridade da imagem original, enriquecendo o plano geral do texto com novos significados apenas pelo acréscimo do texto. Percebi que esse tipo de meme tende a ser mais direto e acessível, pois a imagem, já conhecida, cria uma conexão imediata com o público, enquanto o texto serve como uma espécie de chave interpretativa, direcionando o processo interpretativo do público. No caso dos memes que alteram figuras imagéticas, a transformação das imagens aprofunda o processo interpretativo e a ressignificação. A imagem modificada gera camadas adicionais de significado, o que pode intensificar o humor, a crítica ou a ironia. A análise desses memes exige uma atenção maior, já que eles combinam o reconhecimento do original com a percepção das alterações feitas. Já os memes que não utilizam imagens preexistentes, muitas vezes gerados por inteligência artificial (IA), não são exatamente fruto de uma criação "livre" no sentido tradicional. Nesses casos, o processo de criação é mediado linguisticamente por comandos específicos dados aos algoritmos, que criam as imagens a partir de descrições textuais. Esses memes refletem uma realidade descrita de maneira controlada, traduzindo ideias, conceitos ou contextos em imagens geradas artificialmente.

6.1.4 Quanto às Marcas Verbais

A partir desse momento, senti a necessidade de sistematizar as atividades de linguagem que podem ser incorporadas aos memes. A ideia de “marcas linguísticas” aqui se refere às diferentes maneiras de utilizar a linguagem verbal em uma imagem para produzir efeito ou transmitir uma mensagem. A linguagem verbal nos memes se manifesta de diversas formas, sendo utilizada para intensificar o humor, a crítica ou a reflexão proposta. Entre as formas mais comuns, temos as legendas e os diálogos. As legendas geralmente aparecem em posições específicas no plano geral do texto, mas, em vez de apenas explicarem ou complementarem o visual, elas podem criar narrativas completas ou acrescentar um tom irônico que modifica o sentido da imagem. Já os diálogos envolvem atores interagindo dentro da própria cena, simulando conversas e construindo narrativas de forma mais direta. Ambas as formas,

portanto, orientam o processo interpretativo e funcionam como ferramentas essenciais para construir histórias e novos significados. Além disso, é importante destacar que o texto pode não ser inserido posteriormente, mas sim aparecer como parte integrante da própria imagem (imagem 71), incorporado de maneiras diversas, como placas, pichações ou outras formas de materialização registradas em fotografias. Essas formas de texto não apenas orientam a interpretação do meme, mas também ampliam seu potencial criativo e intertextual.

Tomando como base minha experiência imersiva, identifiquei duas atividades de linguagem mais frequentes, são elas:

a) Legendas (imagem 69): Marca linguística breve que aparece sobre ou abaixo da imagem, explicando ou reforçando a ideia comunicada pela imagem.

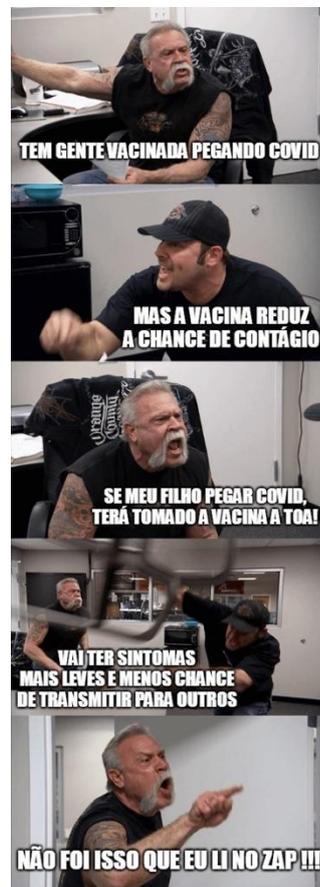
b) Diálogos (imagem 70): Textos que simulam falas entre atores no plano geral do texto, geralmente associados a expressões faciais ou contextos específicos.

Imagem 69 - Meme “Supla vacinado”.



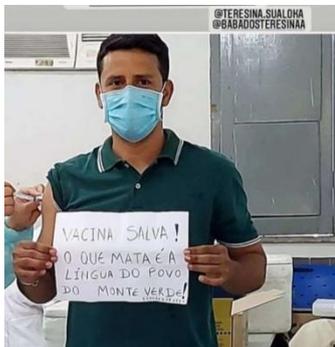
Fonte: Reprodução/ Diário do Rio.

Imagem 70 - Meme “eu vi no zap”.



Fonte: Reprodução/ Reddit.

Imagem 71 - Meme “plaquinha”.



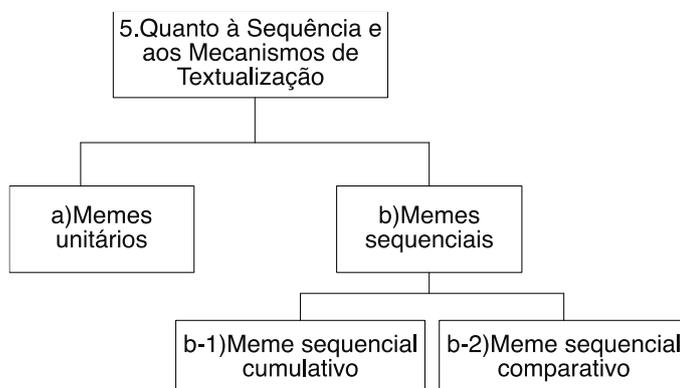
Fonte: Reprodução/ G1.

6.1.5 Quanto à Sequência e aos Mecanismos de Textualização

No próximo passo, foquei na quantidade de imagens que compõem o meme, diferenciando esse formato da colagem, que se caracteriza pela sobreposição de elementos visuais. Nesse caso, estou me referindo à possibilidade de o meme utilizar mecanismos de textualização que organizam múltiplas imagens em sequência, como em um quadro dividido em quatro partes ou em formato de tira. Essa sequência narrativa remete, indiscutivelmente, à linguagem dos quadrinhos, aproximando-se do conceito de “arte sequencial” proposto por Eisner (1999).

Esse aspecto é relevante porque permite a criação de diferentes atividades de linguagem dentro do meme, utilizando cada quadro ou imagem para contar uma parte da história. A sequência narrativa no plano geral do texto possibilita que os criadores explorem múltiplos ângulos de um discurso, gerando um fluxo de informações que enriquece a mensagem principal. Essa escolha visual, que pode ou não fazer uso de texto, não só orienta o processo interpretativo da mensagem, como também permite a exploração de temas mais complexos, ao facilitar a construção de uma narrativa mais detalhada e envolvente.

Diagrama 4 - Classificação dos memes quanto à sequência e aos mecanismos de textualização.



Fonte: O autor (2024)

- a) **Memes Unitários:** São compostos por uma única imagem. Nesse formato, todo o sentido do meme é expresso em um único quadro.
- b) **Memes sequenciais (imagem 72):** São formados por duas ou mais imagens dispostas em sequência, como uma tira ou uma série de quadros. Eles permitem a criação de narrativas mais complexas, com diferentes etapas ou momentos, aproximando-se da lógica dos quadrinhos.

Imagem 72 - Meme sequencial “vo morrer”.



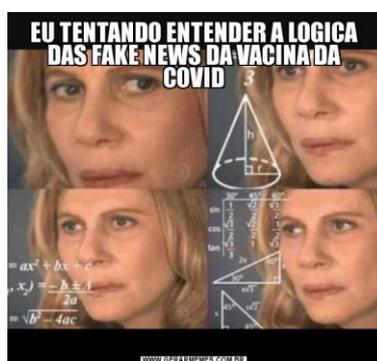
Fonte: Reprodução/ memedroid.

Nesse ponto, senti a necessidade de criar uma subcategorização das atividades de linguagem nos memes sequenciais, pois identifiquei algo importante que merece atenção ao analisá-los. Percebi que alguns desses memes estruturam um plano geral do texto com uma relação de convergência entre as imagens, ou seja, as imagens sequenciadas orientam um processo interpretativo coeso e complementar (imagem

73). Em outros casos, no entanto, há uma relação proposital de divergência, onde as imagens são apresentadas de forma a gerar uma comparação, criando, a partir dela, um efeito humorístico ou crítico (imagem 74). Essas distinções ajudam a identificar como os memes sequenciais manipulam a narrativa visual para provocar reações e interpretações diferentes no público.

b-1) Meme sequencial cumulativo:

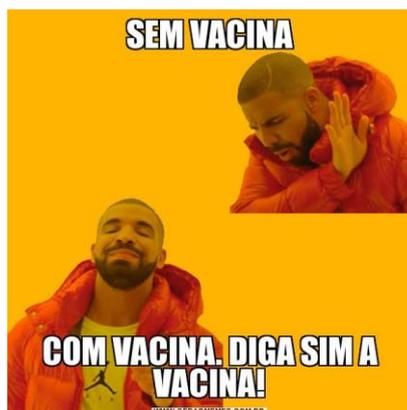
Imagem 73 - Meme "Nazaré confusa".



Fonte: Reprodução/ Gerar memes.

b-2) Meme sequencial comparativo:

Imagem 74 - Meme "Drake Hotline Bling".



Fonte: Reprodução/ Gerar memes.

É importante destacar que, dentro do próprio meme, é possível adotar uma variedade de sequências, incluindo a narrativa, descritiva, explicativa e outras formas, alinhando-se ao que Bronckart (1999) propõe no plano geral do texto. Alguns memes utilizam uma sequência narrativa para desenvolver uma história visual interna, onde

cada quadro contribui para uma progressão com começo, meio e fim, criando uma experiência interpretativa mais envolvente. Um exemplo claro é o meme “Nazaré confusa”, em que as imagens se organizam de maneira sequencial e cumulativa, com cada uma intensificando a expressão de confusão do ator social representado. Nesse caso, a *sequência narrativa* organiza as atividades de linguagem de forma coesa, que se desenrola dentro do meme, culminando em uma mensagem final sobre a dificuldade de entender a lógica das fake news.

Por outro lado, memes como o “Drake Hotline Bling” utilizam uma sequência mais próxima da descrição e comparação, onde cada quadro apresenta um contraste que não se constrói em etapas, mas que explora uma oposição direta entre duas ideias. No primeiro quadro, o ator social Drake rejeita uma ideia (não tomar vacina), enquanto no segundo quadro ele aprova outra (apoiar a vacinação). Essa *sequência descritiva* funciona como uma marca linguística que gera um efeito de contraste imediato e proposital, orientando o processo interpretativo do público por meio da oposição visual.

Além da narrativa interna construída pelo uso dessas sequências, é crucial diferenciar o papel que o meme pode desempenhar ao se inscrever em narrativas digitais mais amplas, como Bronckart (1999) sugere para os textos que participam de esferas de linguagem e contextos sociais específicos. No caso dos memes sobre vacinação, as narrativas internas (como a confusão de Nazaré ou a oposição de Drake) podem convergir ou divergir em relação às narrativas digitais mais amplas, como os debates a favor ou contra a vacina. Essas narrativas digitais englobam atividades de linguagem coletivas e discursivas que circulam online, gerando posicionamentos e discursos compartilhados entre diversos memes e usuários.

Dessa forma, as narrativas internas (a sequência narrativa e descritiva dentro do meme) podem se alinhar com as narrativas digitais (as atividades de linguagem sociais e culturais nas quais o meme se insere), reforçando discursos já existentes. No entanto, dependendo do propósito do meme, elas também podem ser utilizadas para subverter, parodiar ou criticar essas narrativas mais amplas. Por exemplo, um meme pode aparentar apoiar uma posição antivacina apenas para, na sequência, revelar seu tom irônico e promover uma mensagem pró-vacinação. Assim, a interpretação do meme requer uma análise cuidadosa das relações entre as narrativas internas e digitais, pois essas podem funcionar tanto como um espelho das discussões sociais quanto como ferramentas de crítica e reflexão.

6.1.6 Quanto às marcas humorísticas.

Diagrama 5 - Classificação dos memes quanto às marcas linguísticas humorísticas.

Fonte: O autor (2024)



Por último, enxerguei como pertinente adicionar, nesse processo de sistematização, a possibilidade de os memes serem analisados pela presença ou ausência do humor. Quando presentes, as manifestações humorísticas variam em estratégias, cada uma carregando características que influenciam a interpretação e a recepção da mensagem. Para compreender essa diversidade, recorri às ideias de Brait (1996), que vê o humor, especialmente a ironia, como uma prática discursiva polifônica e ambígua, criando múltiplas vozes que exigem uma interpretação ativa do leitor. Esse conceito dialoga com a proposta de Bronckart (1999), que destaca como o plano geral do texto e as marcas linguísticas estruturam o processo interpretativo. Brait (1996) sugere que o humor nos memes vai além do riso, funcionando como uma atividade de linguagem crítica e reflexiva. Desse modo, o humor nos memes exige uma leitura cuidadosa das camadas implícitas e das vozes sobrepostas, orientando o leitor a decifrar as intenções do discurso.

Essa perspectiva reforça que o humor não é fixo ou universal; ele é condicionado por atividades de linguagem e contextos sociais, o que explica por que um mesmo meme pode provocar risos, desconforto ou indiferença, dependendo do público. Nesse caso, a aproximação das ideias de Brait e Bronckart contribui para compreender o humor nos memes como uma construção discursiva marcada por ambiguidade e potencial crítico.

Esse entendimento do humor como algo relativo também se alinha à teoria da recepção. De acordo com Eco (1984), quem interpreta o texto ou imagem humorística

preenche os espaços deixados pelo autor, trazendo suas próprias referências culturais e subjetivas para a interpretação. Assim, a aderência ao humor de um meme depende, muitas vezes, de uma visão de mundo compartilhada entre o criador e o público. O humor torna-se, então, uma prática discursiva fluida, que não só reflete as intenções de quem cria, mas também depende das expectativas e experiências de quem interpreta. Nesse sentido, fatores como cultura compartilhada, ideologias, contexto social e até mesmo a familiaridade com o tema influenciam profundamente a capacidade de “ler” o humor de um meme.

Levando em consideração todos esses aspectos, me arrisco a listar algumas possibilidades das atividades de linguagem humorísticas, com o objetivo de contribuir, ainda mais, para orientar o processo interpretativo e didático sobre os memes.

a) Meme Satírico

Tem uma intenção crítica clara e frequentemente utiliza o sarcasmo ou a paródia para ridicularizar ou expor falhas de pessoas, comportamentos, instituições ou a sociedade como um todo.

b) Meme irônico

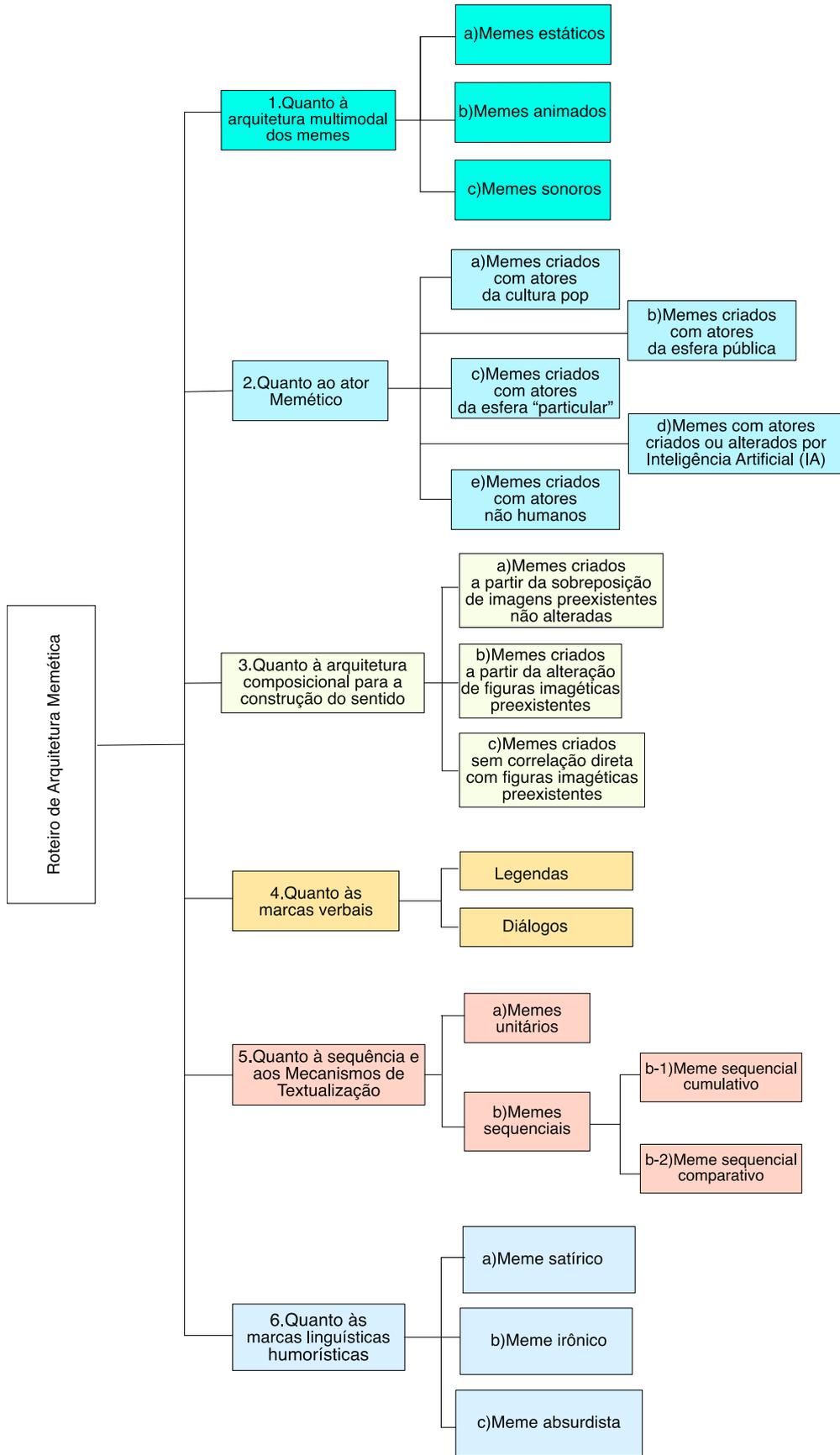
Caracterizado pela expressão de um significado oposto ao que é explicitamente apresentado, gerando um jogo de sentidos que exige do leitor uma leitura mais atenta.

c) Meme absurdista

O riso é gerado pela quebra da lógica e pela apresentação de situações completamente surreais ou ilógicas.

Abaixo, apresento um diagrama de classe (diagrama 6) que sintetiza o roteiro analítico para os memes. A escolha por esse formato visa facilitar a visualização do plano geral do texto de maneira mais didática e acessível. Minha intenção é destacar que as etapas desse roteiro não funcionam de maneira linear, mas sim como um sistema em que suas práticas e componentes textuais estão inter-relacionados. Portanto, esses elementos devem orientar o processo interpretativo de forma integrada, sem que haja uma hierarquia rígida entre eles.

Diagrama 6- Roteiro de Arquitetura Memética.



Fonte: O autor (2024).

6.2 PARÂMETROS PARA UMA TIPOLOGIA GERAL DOS MEMES.

Para finalizar essa tentativa de estabelecer um roteiro para a análise dos memes, proponho, como última etapa, uma estrutura de atividades de linguagem mais ampla, baseada no conhecimento que fui acumulando ao longo dos anos em que estive imerso no estudo desse gênero. Avalio como necessário reforçar aqui que essa tipologia, construída a partir da minha experiência com diferentes tipos de memes, deve ser vista como mais um componente que visa contribuir para o processo interpretativo das intenções, dos contextos e do plano geral que cada meme carrega. Ao longo do processo, ficou claro que essa proposta deveria ser suficientemente flexível para abarcar as diversas manifestações dos memes, mas ao mesmo tempo sólida o bastante para permitir que padrões fossem identificados e comparados. Foi essa tensão entre o dinâmico e o estático, o particular e o universal, que guiou a criação da proposta que mostrarei a seguir.

Antes disso, preciso salientar que essa tipologia está diretamente conectada ao roteiro de análise que apresentei. A sistematização das atividades de linguagem e dos elementos composicionais e estruturais acima serve como base para que essa nova categorização dos memes seja aplicada de forma clara e eficiente. O roteiro até aqui apresentado produz algumas ferramentas necessárias para destrinchar a estrutura de cada meme dentro do plano geral do texto, considerando suas características. O quadro tipológico final, então, é um complemento a esse roteiro, permitindo que, após a análise detalhada dos elementos que compõem o meme, ele seja inserido em um tipo que melhor oriente o processo interpretativo sobre seu papel discursivo e social.

6.2.1 Memes de posicionamento

Os memes de posicionamento, em sua essência, têm a intenção de expressar uma postura ideológica ou defender determinadas pautas por meio de diferentes atividades de linguagem e marcas linguísticas. A utilização de figuras políticas, por exemplo, pode conferir ao meme um peso simbólico específico, pois a imagem de um político orienta o processo interpretativo, agregando uma camada de significado que transcende o debate abstrato e dá um rosto e uma identidade ao discurso. Além disso, esses memes frequentemente revelam traços de adesão ou rejeição a determinadas figuras que, de alguma forma, estão disputando narrativas no campo político. Essa adesão ou rejeição pode ser demonstrada de forma explícita ou implícita, e os memes se tornam práticas discursivas polifônicas que marcam apoio ou contestação, atuando

como instrumentos de reforço ou crítica de ideais políticos.

6.2.2 Meme de Representações Culturais

Durante esse período de imersão, percebi também a presença de memes que não apenas utilizam imagens da cultura pop como matéria-prima, mas que são intencionalmente concebidos para projetar atividades de linguagem que reproduzem opiniões e críticas de filmes, séries, livros, músicas e outras formas de expressão artística. Esses memes funcionam como uma extensão do plano geral do texto midiático e, por vezes, atuam como ferramentas de divulgação ou, em um viés oposto, servem para ridicularizar artistas e obras com o objetivo de deslegitimá-los ou colocá-los sob escrutínio. Nesse caso, o papel do meme vai além do entretenimento, adentrando o campo do comentário crítico e da disputa por narrativas no ambiente digital.

Entendi que esse tipo de meme ganha relevância por sua capacidade de amplificar a visibilidade de determinados produtos culturais e reforçar identidades e gostos do público, orientando o processo interpretativo e as marcas linguísticas que moldam a percepção coletiva sobre obras e artistas. Mais do que isso, a produção e disseminação desses memes, como acontece com boa parte dos processos interativos em que os memes ganham destaque, geralmente se dá de maneira descentralizada, o que permite a participação ativa de pessoas anônimas nesse processo criativo. Dessa forma, o fenômeno ganha contornos de apropriação coletiva, onde sujeitos que não necessariamente possuem relação direta com a indústria cultural se sentem parte de algo maior, contribuindo para a multiplicação das referências e para a viralização dos conteúdos.

6.2.3 Memes comportamentais

Diante da crescente propagação de memes que recorrem a figuras da esfera particular ou pública para representar e discutir determinados modos de ser e agir, percebi a necessidade de propor uma nova atividade de linguagem: os “memes comportamentais”. Esses memes orientam um processo interpretativo baseado em uma lógica de espelhamento social; ou seja, ao representarem situações típicas e reações específicas, criam um espaço onde o observador se enxerga nas situações descritas, utilizando marcas linguísticas que reforçam um senso de pertencimento e

validam suas próprias experiências.

Essa dinâmica possui relação com as ideias de Erving Goffman (1959), que, em sua obra *“A Representação do Eu na Vida Cotidiana”*, explica como os indivíduos performam socialmente de acordo com expectativas e papéis previamente estabelecidos, ajustando suas atitudes e reações com base em como acreditam ser percebidos pelos outros. No caso dos memes comportamentais, essa lógica se reflete no fato de que o público, ao reconhecer suas próprias atitudes nas imagens e no humor representado, sente-se validado e pertencente a um grupo, como se a performance humorística fosse um reflexo de suas próprias vivências e identidades sociais.

6.2.4 Memes informativos

Memes informativos operam predominantemente dentro da função fática da comunicação, ou seja, seu principal objetivo é realizar atividades de linguagem direta e funcional, sem trazer opiniões ou provocações. Esse tipo de meme visa orientar ou informar o público sobre determinados fatos, acontecimentos ou instruções de maneira clara e objetiva. Diferente dos memes que trabalham com humor, ironia ou posicionamento ideológico, o meme informativo busca fornecer informações de utilidade pública, como alertas sobre saúde, orientações de segurança ou instruções para o uso de algo, utilizando elementos visuais e textuais no plano geral do texto que facilitam a compreensão rápida e eficiente. O foco desse tipo de meme está em orientar o processo interpretativo de forma pragmática, de modo que a imagem e o texto se complementam para garantir que a mensagem seja compreendida de forma imediata e precisa, sem criar espaço para ambiguidades ou debates.

6.2.5 Esquema de classificação para memes estáticos

Diagrama 7 - Esquema de classificação para memes estáticos.



Fonte: O autor (2024)

A partir do roteiro de investigação que desenvolvi até aqui, percebi que a análise

das atividades de linguagem e dos componentes textuais dos memes foi essencial para identificar os traços mais relevantes, permitindo compreender com mais clareza as intenções e os discursos que esses memes carregam. No entanto, essa análise inicial, por mais detalhada que seja, não pode ser realizada a partir de parâmetros totalmente engessados. Isso significa que, mesmo que eu consiga organizar um meme com base em seu plano geral do texto, sua circulação, o perfil dos usuários que o compartilham e o ambiente digital no qual ele se propaga podem orientar um novo processo interpretativo. Como citei anteriormente, Varis e Blommaert (2015), em seus estudos sobre "re-semiotização", argumentam que o significado de um meme se transforma conforme ele é compartilhado e reinterpretado em diferentes plataformas e por diversos grupos sociais.

Por essa razão, o roteiro que propus deve ser visto como uma leitura inicial, sempre aberta à transformação. Meu objetivo não foi fixar práticas textuais ou tipologias rígidas e estáticas, mas sim oferecer uma base metodológica que permita compreender como os componentes textuais e o plano geral dos memes contribuem para o processo interpretativo. As atividades de linguagem multimodais dos memes me levaram a entender, desde o princípio, que muitos deles desafiam as fronteiras dessa tipologia. Esses memes podem transitar entre diferentes tipos ou até criar subtipos, à medida que seu uso e circulação se modificam em função dos sujeitos envolvidos e dos ambientes virtuais nos quais são compartilhados.

No próximo capítulo, ao analisar os memes que circularam durante a pandemia, os limites do roteiro interpretativo e da tipologia que desenvolvi foram testados e ajustados, revelando pontos de flexibilidade e necessidade de adaptação. Além de explorar suas características internas, discutirei também o contexto de produção e as plataformas onde se propagaram. Minha intenção é compreender não apenas o processo de criação dos memes, mas também as narrativas nas quais eles se inseriram durante a pandemia de COVID-19, levando em conta o impacto de cada ambiente digital e o papel que desempenharam nas discussões sociais e políticas da época. Esse entendimento, por sua vez, leva à discussão sobre como a educação básica e superior estão abordando esse gênero, procurando identificar se os memes estão sendo integrados às práticas discursivas que podem promover o desenvolvimento crítico dos estudantes.

6.3 ALÉM DA CLASSIFICAÇÃO: O ROTEIRO DE ANÁLISE MEMÉTICA COMO INSTRUMENTO INTERPRETATIVO

É importante destacar que a proposta deste roteiro de análise memética não se limita a um modelo classificatório, mas sim a um instrumento para compreender como os memes operam enquanto produção de sentido e disputa de narrativas no espaço digital. Ao trazer uma classificação para os memes estáticos, o roteiro permite evidenciar as estratégias discursivas que mobilizam determinadas memórias, reafirmam ou contestam sentidos e articulam dinâmicas socioculturais mais amplas.

Esse roteiro, repito, foi desenvolvido com o intuito de preencher uma lacuna importante no contexto brasileiro: a ausência de uma ferramenta estruturada que auxilie no processo de didatização do gênero meme. Enquanto outros gêneros textuais já possuem metodologias e estratégias consolidadas para análise e aplicação em sala de aula, os memes ainda carecem de um aparato teórico-metodológico que facilite sua integração ao ambiente educacional de forma crítica e reflexiva. Ao oferecer um caminho para a análise multimodal dos memes — considerando aspectos como arquitetura composicional, marcas verbais, mecanismos de textualização e estratégias discursivas —, o roteiro busca não apenas classificar, mas também compreender como esses gêneros funcionam na prática, contribuindo para que educadores possam utilizá-los como ferramentas pedagógicas de maneira mais consciente e estruturada.

Assim sendo, percebo que o trabalho com esse roteiro pode, primeiro, ajudar a enxergarmos os memes como Artefatos Discursivos em Disputa, ou seja, como materializações de vozes sociais que ecoam valores, crenças e tensões de diferentes grupos. Sob essa perspectiva, a classificação fornecida pelo roteiro não é estanque, mas sim um mapeamento que permite compreender como tais memes estruturam e reconfiguram sentidos ao longo de sua circulação. Um meme de posicionamento, por exemplo, pode operar na ironia, como ponta Brait (1996), mobilizando efeitos de sentido que são reforçados ou desestabilizados conforme sua repercussão nas redes.

Em segundo lugar, esse roteiro também pode ajudar a colocar em evidência questões em torno da Memória e Construção de Sentidos, uma vez que elas são centrais na compreensão das narrativas meméticas. Como argumentam Halbwachs (1990) e Pollak (1992), a memória social não é neutra; ela é constantemente atualizada para atender a interesses específicos. Os memes, ao se apropriarem de eventos

históricos, figuras icônicas ou clichês culturais, operam tanto na reiteração de determinadas lembranças quanto no apagamento de outras. O roteiro de análise auxilia na identificação desses movimentos, permitindo evidenciar como a seleção e recombinação de fragmentos culturais moldam narrativas que orientam a percepção coletiva.

Ao examinar memes informativos, por exemplo, é possível perceber de que forma determinadas verdades são construídas por meio de escolhas enunciativas que enfatizam alguns aspectos e silenciam outros, conforme defende Foucault (2009). Os memes de representações culturais, por sua vez, podem reforçar estereótipos ou questioná-los, conforme demonstram estudos sobre cultura digital e identidade desenvolvidos por nomes como Hall (1997) e Castells (2006).

Em terceiro lugar, esse roteiro também pode contribuir para uma melhor compreensão da circulação e transformabilidade dos memes, visto que eles não são fenômenos fixos; sua dinamicidade se dá pela circulação e ressignificação contínuas, como defende Shifman (2014). A abordagem deste roteiro também permite que novos elementos sejam percebidos quando o pesquisador se propõe a analisar e rastrear os sentidos emergentes a partir das transformações que um meme sofre ao ser compartilhado, remixado e apropriado por diferentes coletivos. Como propõe Jenkins (2009), a cultura participativa redefine as formas de produção e consumo midiático, tornando essencial uma metodologia que permita capturar as nuances dessas transações semânticas.

Ao identificar os padrões de transformação em memes comportamentais, por exemplo, é possível perceber como expressões individuais são coletivizadas e ressignificadas dentro de dinâmicas específicas de viralização. Isso contribui para a compreensão de como determinadas figuras (políticas, midiáticas ou anônimas) são construídas e ressignificadas na esfera digital, um fenômeno que dialoga com os conceitos de capital simbólico propostos por autores como Bourdieu (1996) e representatividade midiática, de Hall (1997).

Nesse sentido, o roteiro de análise memética pode desempenhar um papel essencial na compreensão das narrativas digitais ao permitir que se identifiquem padrões discursivos e efeitos de sentido que emergem da circulação dos memes. Em um ambiente onde a ressignificação e a apropriação de signos culturais são constantes, compreender essas narrativas requer um olhar atento às formas como os memes atualizam memórias sociais, constroem enunciados estratégicos e moldam discursos que orientam percepções coletivas. Dessa maneira, o roteiro possibilita uma leitura

mais aprofundada dos memes não apenas como unidades de entretenimento, mas como elementos ativos na configuração de discursos que influenciam a esfera pública e as representações sociais contemporâneas.

Em resumo, o roteiro de análise memética, embora possa parecer à primeira vista um instrumento puramente classificatório, vai além dessa função ao permitir uma compreensão mais profunda das formas como os memes constroem narrativas e disputam sentidos no espaço digital. Ao incorporar dimensões como intertextualidade, memória, circulação e transformação, a proposta se alinha às discussões contemporâneas sobre discursos digitais e cultura participativa, destacando a complexidade e a riqueza semiótica desse gênero. Assim, o roteiro oferece uma perspectiva ampla sobre seu papel na sociedade digital. Isso permite compreender os memes não apenas como expressões humorísticas ou efêmeras, mas como agentes ativos na construção e disputa de narrativas contemporâneas, capazes de influenciar opiniões, comportamentos e visões de mundo. Dessa maneira, o roteiro de análise memética se apresenta como uma ferramenta valiosa para explorar as dinâmicas discursivas dos memes, contribuindo para uma educação midiática mais crítica e alinhada com as demandas do mundo digital. Ele abre caminho para novas investigações e aplicações práticas, incentivando uma abordagem pedagógica que reconheça e utilize os memes como recursos significativos para a construção de conhecimento e o engajamento dos estudantes.

7 MEMES PANDÊMICOS: HUMOR, INVERDADES E DISPUTAS DE NARRATIVA

Imagem 75 - Meme “reinstalar 2020”.



Fonte: Reprodução/Pinterest.

No livro “A Ordem do Discurso”, Michel Foucault defende a ideia de que “Em toda sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (Foucault, 2009, p. 9). Esses procedimentos, evidentemente, mudam à medida que a sociedade constrói novos métodos de criação e propagação discursiva. Foucault também afirma, desta vez no livro “Verdade e Poder”, que “A verdade está centrada na forma de discurso científico e nas instituições que o produzem; ela é induzida e difundida graças a numerosas práticas pedagógicas e sociais” (Foucault, 1979, p. 12). Nesse momento, ele coloca a ciência e outras instituições como responsáveis por produzir verdades e disseminá-las a partir de diferentes formas de atividade discursiva. Contudo, o que o tempo presente nos mostra é que esse campo, responsável por garantir algum nível de veracidade, foi dominado por forças que, usando métodos antiéticos, como manipulação da informação e controle dos veículos midiáticos, distorcem e até apagam essa verdade — uma dinâmica que o próprio filósofo tratou de descrever ao discutir o papel do poder. Ao afirmar que as “verdades são sempre condicionadas pelo poder” (Foucault, 1979, p. 155), ele aponta para as diversas coerções que podem surgir dentro desse sistema de relações.

O estabelecimento das redes sociais e a democratização das mídias tornaram esse lugar de disputa ainda mais complexo e alteraram o DNA dos personagens que nele atuavam. Antigas posições discursivas precisaram se adaptar aos mecanismos

de interação e de circulação de informação, e fizeram isso aqueles que detinham mais poder. Outras, antes marginalizadas, passaram a acreditar que podiam interferir nessa dinâmica, seja por ativismo digital, seja por produção independente de conteúdo, muitas vezes não percebendo que também atuam como canal de propagação para aqueles que detêm o poder. O resultado, até o momento, tem revelado desafios enormes e transformado a negação da verdade em uma espécie de prática lucrativa e ainda mais determinante, uma vez que toda a teia de comunicação em rede sofre influência de algoritmos e de atores capazes de interferir na opinião pública. Sobre essa dinâmica, existem aqueles, como Tufekci (2018), que defendem a ideia de que essa amplificação de vozes comuns na internet é apenas uma aparência de poder, mas não o poder em si. Outros, como Van Dijck (2013), afirmavam, há mais de 10 anos, que as relações entre as pessoas na internet seriam mercantilizadas e monetizadas, o que, de fato, tem se mostrado uma verdade incontestável. Marwick (2013), por sua vez, já utilizava o termo “microcelebridades” para se referir ao desejo das pessoas de instaurar uma dinâmica em que a opinião fosse capaz de atrair seguidores e gerar lucro.

Esses apontamentos, hoje, são partes de uma realidade que, apesar de estudada e analisada por muitas ciências, ainda é capaz de provocar incredulidade, sobretudo nos momentos em que a defesa da verdade se mostra fundamental. Toda a dinâmica relacionada ao combate ao Coronavírus, por exemplo, trouxe à tona não apenas a confirmação de que as redes sociais digitais são espaços poderosos na propagação e no bloqueio da circulação dessas verdades, como também colocou em xeque a nossa capacidade de assegurá-las. Nesse cenário, os gêneros textuais digitais, como os memes, revelam seu potencial transformador na construção coletiva da opinião. Ao operar como dispositivos de comunicação que transcendem barreiras linguísticas e culturais, eles mobilizam afetos, consolidam visões de mundo e catalisam engajamentos em larga escala. Sua capacidade de ressignificar contextos e articular discursos de forma rápida e acessível os torna ferramentas essenciais na disputa por narrativas, evidenciando como a linguagem digital pode moldar não apenas o que pensamos, mas também como agimos coletivamente.

Como mostrei no capítulo 3, antes da pandemia de COVID-19, ocorrida em meados de 2020, já se observava um aumento na desconfiança em relação às vacinas. Essa desconfiança foi alimentada por diversos fatores, incluindo a disseminação de informações falsas e teorias da conspiração nas redes sociais. Além

disso, havia uma falta de compreensão pública sobre a importância da imunização. Dentro desse contexto, a disseminação de memes e outros conteúdos online também contribuiu para questionar a segurança e eficácia das vacinas, muitas vezes com base em informações distorcidas ou desacreditadas. A rápida disseminação do vírus e a necessidade de desenvolver vacinas eficazes em um prazo recorde trouxeram a discussão sobre imunização para o centro do debate público. Por um lado, a pandemia ressaltou a importância da vacinação como uma ferramenta essencial para conter a propagação do vírus e proteger a saúde coletiva. Por outro lado, também evidenciou as lacunas na compreensão pública sobre vacinas e a persistência de mitos e desinformação.

Nesse contexto, as redes sociais assumiram um papel ambíguo e multifacetado. Por um lado, tornaram-se aliadas na disseminação de informações científicas e na promoção de campanhas de conscientização sobre a importância da vacinação, amplificando vozes de especialistas e facilitando o acesso a dados confiáveis. Por outro, transformaram-se em arenas férteis para a propagação de teorias da conspiração, desinformação e discursos antivacinação, que ganharam força em meio a algoritmos que privilegiam o engajamento em detrimento da veracidade. Essa dualidade não apenas expôs a polarização e a politização do debate sobre vacinas, mas também refletiu fissuras mais profundas na sociedade: a desconfiança crescente em relação à ciência, o questionamento da autoridade institucional e a erosão da credibilidade das instituições governamentais. Assim, as redes sociais revelaram-se tanto um instrumento de esclarecimento quanto um vetor de fragmentação social, espelhando e, ao mesmo tempo, intensificando as divisões que marcam o nosso tempo.

Uma pesquisa realizada na plataforma de busca Google, usando a combinação dos descritores “meme” e “antivacina” e estabelecendo como marco temporal o intervalo entre 1 de janeiro de 2020 e 31 de dezembro de 2020 — período em que os casos de COVID-19 surgiram e gradativamente ganharam projeção mundial — mostrou que a primeira menção aos memes dentro do contexto jornalístico brasileiro ocorreu em 20 de março daquele ano, quando o portal R7 publicou uma matéria intitulada “Humor em tempos de coronavírus: essas pessoas ainda fazem piadas - Manter a rotina, lidar com os filhos em casa, comprar provisões? Nada escapa dos memes do isolamento social”. O conteúdo consistia na reunião de memes que faziam piadas sobre o isolamento social, à medida que diversos estados começaram a

publicar decretos defendendo a medida de prevenção.

Ainda que de forma embrionária, já era possível perceber o uso da ironia para caracterizar o comportamento da população diante de um problema desconhecido. Ao examinar memes estáticos, como o exemplo fornecido a seguir (imagem 76), em que o coronavírus é personificado, é possível observar marcas linguísticas humorísticas e marcas verbais, ambas construídas pela ironia da situação — o vírus "se questionando" sobre ser uma piada para as pessoas que, em vez de se preocuparem com a pandemia, estão criando memes. A partir disso, é possível dizer que essa ironia sugere uma tentativa de lidar com o medo, a incerteza e a ansiedade gerados pela pandemia, transformando esses sentimentos em formas de entretenimento que minimizam uma realidade discursiva e que, em pouco tempo, se tornariam uma espécie de modo operante, exigindo a elaboração de uma narrativa paralela de contestação.

Imagem 76 - Meme "Corona vírus incrível".



Fonte: Reprodução/Portal Jornal do Norte

É importante frisar que essa disputa de narrativa já vinha sendo potencializada nos anos que antecederam o surgimento da COVID-19. Prova disso é que jornais e revistas dedicaram edições ou seções inteiras ao tema. Um exemplo concreto desse fenômeno é a edição da revista *Galileu* lançada em maio de 2019, um ano antes do início do isolamento e do surgimento da pandemia de COVID-19. A matéria de capa recebeu o título "Epidemia de ignorância", destacando o crescente interesse e preocupação com as inverdades disseminadas em torno da ciência. A matéria buscou alertar seus leitores para os perigos da desinformação e para a importância de

promover uma cultura de informação baseada em evidências científicas.

Apesar desses esforços, o combate às fake news foi intensificado durante os meses em que a COVID-19 se tornou cada vez mais presente na vida da população. Diversos veículos de comunicação, instituições acadêmicas e governamentais passaram a dedicar recursos e esforços para monitorar, desmentir e combater a propagação de mentiras. Infelizmente, o alto poder de alcance das redes sociais e plataformas de compartilhamento de conteúdo online contribuiu para a rápida disseminação de informações falsas e teorias da conspiração, criando um ambiente propício para a proliferação de narrativas distorcidas e prejudiciais do ponto de vista da necessidade da implementação de um plano amplo de prevenção. Esse contexto sinaliza uma mudança no que diz respeito ao papel desempenhado pelos agentes de comunicação em momentos de crise. No contexto da Revolta da Vacina no Brasil, no início do século XX, foram os jornais que desempenharam um papel central na amplificação das vozes contrárias à campanha de vacinação obrigatória promovida pelo governo. Como discutido, fizeram isso por meio de reportagens sensacionalistas, charges e caricaturas, ajudando a fomentar o sentimento de desconfiança e revolta entre a população. Da mesma forma, na década de 1990, a controvérsia em torno da suposta ligação entre vacinas e autismo, após a publicação de um artigo fraudulento, revelou fragilidades no que diz respeito à cobertura midiática. Os jornais, ao amplificar de forma sensacionalista a teoria de Andrew Wakefield¹⁰, contribuíram para a disseminação de teorias conspiratórias e movimentos antivacinação.

Em 2020, houve uma reconfiguração desses papéis, e as posições ocupadas por esses atores discursivos não foram as mesmas. Os maiores canais midiáticos do país, tanto os que atuam na mídia escrita quanto os que utilizam telejornais, se posicionaram de forma a reforçar as orientações defendidas por médicos e organizações de saúde, uma mudança que representa uma evolução significativa nos padrões de comunicação midiática e reflete a complexidade das dinâmicas sociais e tecnológicas contemporâneas. Essa abordagem responsável e baseada em evidências por parte da imprensa, dada a importância crucial da informação precisa para a saúde e a segurança pública, teve como fatores impulsionadores o negacionismo introjetado no próprio campo da medicina e a atuação de negação à

¹⁰ Andrew Wakefield, ex-médico britânico que, em 1998, publicou um estudo fraudulento sugerindo uma ligação entre a vacina tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola) e o autismo, estudo que foi amplamente desacreditado e retratado, mas que contribuiu para o movimento antivacinação.

ciência adotada pelo Governo Federal.

Quando a propagação do vírus atingiu patamares pandêmicos, muitos médicos se posicionaram contra a aplicação de medidas restritivas e o uso dos medicamentos indicados pela Organização Mundial da Saúde. Em meados de 2022, um relatório conduzido por acadêmicos do Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa e Inovação em Saúde revelou os resultados de uma análise realizada nas mídias sociais durante a pandemia. Naquela ocasião, foi detectada a presença de 394 canais que veiculavam informações falsas relacionadas às vacinas.

O Telegram consolidou-se como a principal plataforma para a propagação desse tipo de conteúdo, transformando-se em um verdadeiro santuário para os adeptos do movimento antivacina. Dados reveladores apontam que, em um intervalo de apenas 24 horas, mais de 1 milhão de usuários foram impactados por mais de 14.000 mensagens circulantes na plataforma, evidenciando a escala alarmante de sua influência. Paralelamente, investigações jornalísticas realizadas no início do mesmo ano expuseram a existência de um grupo chamado "Dignidade Médica" no Facebook, que contava com a participação ativa de médicos vinculados a conselhos de Medicina, muitos dos quais atuavam como administradores e moderadores. Com mais de 93 mil membros, o grupo exigia a comprovação do registro profissional para ingresso, conferindo uma aura de legitimidade ao espaço. Nesse ambiente, os memes compartilhados não apenas demonstravam um poder persuasivo significativo, mas também refletiam as visões e os posicionamentos críticos de uma parcela considerável de profissionais da saúde em relação às campanhas de vacinação, revelando como a desinformação se infiltra até mesmo em círculos supostamente especializados.

Imagem 77 - Meme "Galão de vacina".



Fonte: Reprodução/Facebook

O meme acima (imagem 77), retirado dessa plataforma, emprega uma estratégia de humor ácido e sarcasmo para transmitir uma mensagem antivacina, utilizando a imagem de um galão de água com o logotipo da Pfizer, uma das empresas farmacêuticas associadas ao desenvolvimento de vacinas contra a COVID-19. Esse meme estático combina elementos visuais e textuais para criar uma arquitetura multimodal que destaca uma visão crítica da vacinação. A arquitetura composicional do meme se baseia na alteração de uma figura imagética preexistente — o galão de água — transformado aqui em símbolo de abundância e banalidade, como se a vacina fosse um produto corriqueiro e de fácil acesso. As marcas verbais presentes, como “Para o Papai... Para a Mamãe... Para a Titia...”, imitam um estilo publicitário e reforçam a ideia de que a vacina estaria disponível para todos, inclusive para animais, sugerindo uma exagerada e irônica “onipresença” do imunizante. A frase “Agora você pode tomar suas 666 doses em paz!” utiliza a hipérbole e faz alusão a narrativas conspiratórias, associando a vacina a elementos simbólicos de medo, como o número “666”, que remete a teorias apocalípticas. A associação da vacina da Pfizer com um galão de água, um objeto cotidiano, visa desvalorizar a importância do imunizante e desmistificar sua eficácia. Dessa forma, o meme cria uma narrativa crítica e desconfiada da vacinação, explorando práticas discursivas que promovem produções de sentido manipuladas e buscam incitar a desconfiança do público.

Imagem 78 - Meme “Já estou vacinado”.



Fonte: Reprodução/Facebook

Outro meme (imagem 78), postado no mesmo grupo, apresenta uma imagem que utiliza uma representação visual para transmitir uma mensagem que questiona a eficácia das vacinas em proporcionar uma volta à normalidade social, especialmente em relação às atividades cotidianas como frequentar cafés, restaurantes e viajar. A imagem mostra um homem no chão, aparentemente ferido ou abatido, com seis seringas cravadas em suas costas, simbolizando a inoculação das doses da vacina.

Quanto à arquitetura composicional, o meme utiliza uma cena de exagero visual: a posição de rastejo e as seringas cravadas nas costas do homem representam a ideia de que múltiplas doses da vacina teriam gerado vulnerabilidade, em vez de proteção. A postura de rastejo transmite uma fragilidade que contrasta com a expectativa de "retorno à normalidade", sugerindo que a vacinação não trouxe a recuperação prometida. As marcas verbais presentes no balão de diálogo, como “E agora? Já posso ir ao café, ou jantar num restaurante? E viajar já posso?”, reforçam o tom de questionamento e ironia. O uso do balão de diálogo, um recurso comum em memes estáticos, é empregado para simular a fala do personagem, dando-lhe "voz" para expressar dúvidas e preocupações sobre a efetividade da vacinação em recuperar o cotidiano. Na arquitetura multimodal, o meme combina elementos visuais (o homem ferido com seringas) e textuais (o balão de diálogo) para criar uma narrativa crítica à campanha de vacinação. A imagem apela ao humor ácido e à ironia,

explorando uma prática discursiva que promove produções de sentido manipuladas para incitar desconfiança em relação às vacinas e às medidas de prevenção.

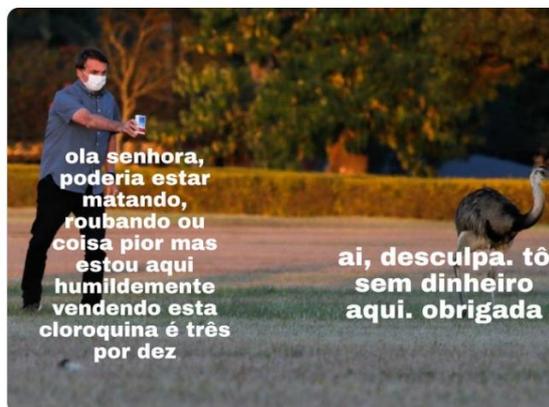
O que me chamou a atenção durante a análise desses memes é que, ao circularem em um grupo de médicos, esses conteúdos passam por uma espécie de legitimação discursiva. Por serem veiculados em um espaço onde a autoridade profissional está presente, eles ganham um peso maior e uma aparente validade. As interações discursivas que fazem uso desses memes também revelam uma dissonância entre o agir profissional e as práticas comunicacionais adotadas no grupo. Apesar da formação científica dos participantes, o uso de memes que questionam ou ridicularizam a vacinação evidencia uma prática de produção de sentido manipulada, que contribui para reforçar dúvidas e receios, muitas vezes utilizando-se da própria identidade profissional como fonte de autoridade discursiva.

Esse movimento de negação não ficou restrito apenas aos grupos privados; ele contaminou vários segmentos da sociedade e, diante dos riscos que representava para a saúde coletiva, exigiu que vários meios de comunicação atuassem no sentido de combater as mentiras que rapidamente chegavam às pessoas, sobretudo por meio de plataformas e redes digitais. As interações, por se darem em pequenos grupos ou em conversas privadas em chats, criavam uma espécie de onda difícil de conter, o que levava à publicação de mais conteúdos baseados em teorias da conspiração.

De fato, a mudança de postura das mídias corporativas em relação ao combate às fake news durante a pandemia de COVID-19 representou uma evolução significativa nos padrões de comunicação midiática, mas não impediu que o próprio Governo Federal atuante na época adotasse uma postura desafiadora quanto ao reforço das narrativas que contrariavam a adoção de medidas preventivas e a aplicação de vacinas. De acordo com uma matéria publicada pela Folha de São Paulo, no dia 17 de maio de 2021, Jair Bolsonaro, presidente em exercício naquele momento, ao conversar com apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada, chamou de "idiotas" as pessoas que decidiram ficar em casa para se proteger da circulação do vírus. Em episódio anterior, quando a ciência ainda trabalhava para finalizar uma versão segura do imunizante, Bolsonaro protagonizou uma das ondas de memes mais fortes do período pandêmico. No dia 23 de julho de 2020, uma cena peculiar ocorreu no Palácio da Alvorada, quando o então presidente Jair Bolsonaro ostentou uma caixa de cloroquina em uma tentativa de promover o tratamento com o medicamento. O gesto peculiar ganhou destaque midiático e logo se tornou alvo de memes que buscavam

ridicularizar a atitude do ex-presidente. A matéria da Folha de São Paulo, do mesmo dia, intitulada "Bolsonaro mostra cloroquina até para ema e vira meme", evidencia a repercussão humorística e crítica que o episódio gerou.

Imagem 79 - Meme "Bolsonaro e a ema".



Fonte: Reprodução/Twitter-X

No diálogo, Bolsonaro se dirige à ema de forma jocosa, sugerindo que poderia estar envolvido em atividades criminosas, mas opta por vender cloroquina de forma "humilde". A ema, em tom irônico, responde recusando o "produto" por falta de dinheiro, criando um contraponto cômico à tentativa de Bolsonaro de promover o medicamento. Quanto à arquitetura composicional, o meme foi criado a partir de uma imagem preexistente não alterada, à qual foi sobreposto o texto para criar o diálogo humorístico. O uso direto do texto sobre a imagem reforça as marcas verbais e permite que o meme dê "voz" à ema, utilizando uma estratégia humorística comum em memes para transmitir uma crítica. A arquitetura multimodal do meme combina o contexto visual (a cena de Bolsonaro com a cloroquina) e o diálogo textual para construir uma prática discursiva satírica. Essa abordagem me permitiu classicar o meme como um meme de posicionamento, uma vez que busca ridicularizar a postura do presidente ao destacar sua persistência em defender um tratamento sem comprovação científica e sua aparente falta de discernimento quanto à gravidade da situação de saúde pública. A escolha de representar a ema como interlocutora, um animal que simboliza "indiferença" ou "desprezo" neste contexto, intensifica a crítica, atribuindo um papel discursivo inesperado a um personagem não humano.

É interessante notar que, nesse momento, no contexto político e social brasileiro, os memes que ridicularizam Bolsonaro eram predominantes nas mídias

jornalísticas. Uma pesquisa realizada a partir da combinação dos termos “meme, Bolsonaro e cloroquina” no Google, no período entre maio de 2020 e julho do mesmo ano, identificou 51 matérias sobre essa relação, em que memes de posicionamento que ridicularizavam a postura de Bolsonaro ganhavam destaque. Esse aspecto levanta a hipótese de que, mesmo dentro de sua base de apoio, ações e declarações que extrapolavam os limites do bom senso — como o caso da interação com a ema — dificultavam a formação de uma onda de memes pró-Bolsonaro como forma de contradiscurso, evidenciando a complexidade das tensões discursivas e divergências dentro da esfera pública brasileira.

Alguns meses depois, essa disputa memética ganhou uma nova roupagem quando os memes relacionados à administração das vacinas adquiriram maior destaque. Após a aprovação do uso emergencial do primeiro imunizante pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), a enfermeira Mônica Calazans, de 54 anos, tornou-se a primeira pessoa a receber a vacina contra a COVID-19 no Brasil. A vacina aplicada recebeu o nome de Coronavac e foi desenvolvida localmente pelo Instituto Butantan, administrado no Hospital das Clínicas de São Paulo. As imagens da aplicação, amplamente divulgadas nos canais midiáticos, serviram como base para a criação de diversos memes de posicionamento.

Imagem 80 - Meme “Chora Bolsonaro”.



Fonte: Reprodução/X-Twitter

Um desses memes (imagem 80), que mostra a imagem da mulher segurando o cartão de vacinação com os dados apagados e substituídos pela frase "chora Bolsonaro", carrega consigo um discurso político explícito, fundamentado na polarização ideológica presente naquele momento. Esse meme expressa um agir discursivo que utiliza o humor para marcar uma posição clara em defesa da vacinação

e da ciência. O termo "chora", nesse sentido, carrega uma conotação de deboche, indicando que aqueles que apoiam a vacinação e a ciência têm motivo para comemorar enquanto aqueles alinhados com o presidente Bolsonaro têm motivos para lamentar. Esse meme é um exemplo claro de meme de posicionamento, que usa uma imagem preexistente para construir um agir discursivo de contestação. A interação digital em que ele circula fortalece seu impacto e evidencia a capacidade dos memes de atuar como formas de resistência política e de construção de significados no ambiente virtual.

A disseminação de memes relacionados à administração das vacinas contra a COVID-19 no Brasil refletiu, naquele momento, não apenas a implementação efetiva da vacinação, mas também as diferentes narrativas discursivas e disputas de ideias que permeiam a sociedade. Em um contexto em que a polarização política e as teorias da conspiração têm grande influência, os memes se consolidaram como uma ferramenta discursiva poderosa para expressar e perpetuar posicionamentos divergentes, o que torna sua análise um exercício necessário para compreender as dinâmicas sociais.

A divisão do país em campos ideológicos opostos criou ambientes de interação dos mais diversos, desde os mais privados (como grupos fechados em aplicativos de mensagens) até os mais públicos (como redes sociais amplamente acessíveis). Essa multiplicidade de espaços de interação permitiu que os memes se propagassem de forma rápida e eficiente, adaptando-se a cada ambiente para mobilizar significados e promover diferentes visões sobre a vacinação.

Uma das principais manifestações discursivas desses memes ocorreu a partir da associação entre a vacinação e a transformação das pessoas em jacarés. Essa ideia, propagada principalmente por grupos negacionistas e comunidades conspiratórias, sugeria que as vacinas contra a COVID-19 poderiam causar efeitos colaterais impossíveis, como a metamorfose em répteis. De acordo com a plataforma "Museu de Memes", essa associação começou em 17 de dezembro de 2020, quando o então presidente Jair

visitou Porto Seguro, com o intuito de anunciar medidas de incentivo à economia. No decorrer do evento, o presidente fez alegações, sem nenhum fundamento ou base científica, dizendo que não havia garantia de que a vacina da Pfizer/BioNtech não transformaria quem a tomasse em "um jacaré". A declaração foi feita no mês com maior número de mortes por Covid-19 no Brasil, desde setembro de 2020.

(Museu de memes, [s.d.])

Entre as frases ditas por Bolsonaro estão: “Lá no contrato da Pfizer está bem claro, nós (a Pfizer) não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um jacaré, é problema seu” e “se você virar Super-Homem, se nascer barba em alguma mulher aí, ou algum homem começar a falar fino, eles (Pfizer) não têm nada a ver com isso. E, o que é pior, mexer no sistema imunológico das pessoas”. A linguagem utilizada por Bolsonaro refletia, naquele momento, não apenas sua postura negacionista em relação à pandemia, mas também revelava uma estratégia retórica que tinha como objetivo desacreditar as vacinas.

Ao mencionar a Pfizer especificamente e distorcer informações sobre os contratos de fornecimento de vacinas, Bolsonaro utilizava um agir discursivo manipulador para colocar sob suspeita as empresas farmacêuticas envolvidas na produção e distribuição dos imunizantes. Essa estratégia pode ser interpretada como uma tentativa de desviar a responsabilidade do governo em relação à resposta à pandemia, transferindo a dúvida e o receio para as empresas farmacêuticas e para as próprias vacinas.

É importante pontuar que essas falas também apresentam um caráter homofóbico subjacente, o que adiciona outra camada de análise ao discurso. Ao fazer referência a possíveis efeitos colaterais das vacinas, que incluíam mudanças na voz, crescimento de barba em mulheres ou alterações no sistema imunológico, Bolsonaro não apenas perpetua estereótipos de gênero, mas também utiliza uma retórica de marginalização que estigmatiza as pessoas LGBTQIA+.

Embora a associação entre vacina e jacaré seja claramente infundada, ela foi explorada de maneira humorística nos memes, tanto por apoiadores quanto por opositores da vacinação. Enquanto alguns memes ridicularizavam a ideia, outros a utilizavam como forma de desacreditar a vacinação. A construção dos discursos por trás desses memes é multifacetada, envolvendo metáforas visuais e irônicas para transmitir uma mensagem profundamente política.

Segundo o Museu de Memes, essas criações faziam uso atores meméticos quase sempre oriundos da cultura pop, como a Cuca (do Sítio do Pica-Pau Amarelo), o dançarino Jacaré (do grupo É o Tchan), o personagem réptil do desenho Pica-Pau, a logo da marca de roupas Lacoste, dentre outros. Todos esses elementos compõem uma arquitetura multimodal que utiliza imagens populares para criar uma conexão

discursiva com o público, facilitando a difusão do humor e da crítica por meio de símbolos amplamente reconhecidos nos mais diversos ambientes de interação discursiva. No meme abaixo (imagem 81), duas imagens de um jacaré, em tom de paródia, ilustram uma suposta transformação após a vacinação. O uso da frase "IMAGENS FORTES!" reforça o tom humorístico e irônico, indicando que o meme explora o absurdo de maneira explícita para ridicularizar a ideia infundada de que a vacina poderia transformar alguém em um réptil.

Imagem 81 - Meme “virou jacaré depois da vacina”.



Fonte: Reprodução/X-Twitter

Esse meme se enquadra como meme sequencial cumulativo e pode ser visto como um meme de posicionamento. A sequência de imagens de um jacaré relaxando, usando óculos escuros e em uma postura tranquila, emprega a ironia para destacar o absurdo da teoria conspiratória de que a vacina causaria uma transformação em répteis. Ao apresentar o “efeito colateral” de forma despreocupada e cômica, o meme toma uma posição clara contra a teoria antivacina, ridicularizando a ideia como algo totalmente irracional.

Diante da propagação da narrativa negacionista que promovia desinformação, tornou-se crucial a mobilização contra o negacionismo e um movimento articulado de

contestação das narrativas falsas. Isso envolveu não apenas o fornecimento de informações precisas e baseadas em evidências sobre a segurança e eficácia das vacinas, mas também o combate ativo à desinformação e à manipulação das emoções por parte dos propagadores de teorias da conspiração. É importante frisar que, muitas vezes, esse combate se deu através da elaboração formal dos aspectos informativos em torno da vacina. Jornais e páginas de órgãos públicos passaram a buscar o controle dessa narrativa, utilizando matérias que esclareciam pontos relacionados a esse movimento conspiracionista.

O próprio Instituto Butantan, responsável pela produção de imunizantes, lançou uma coluna em seu portal intitulada “Fato ou Fake – o que é verdade e o que é mentira nas notícias de saúde”, em uma tentativa de combater a propagação de inverdades. O portal Brasil de Fato publicou uma reportagem com o título “Você não vai se transformar em jacaré: 10 mentiras sobre vacinas que circulam por aí”. Um trecho afirmava: “Pode ficar tranquilo: ao contrário do que disse o presidente Jair Bolsonaro, você não corre o risco de virar um jacaré se tomar a vacina para prevenir a covid-19” (Brasil de fato, 2020). Além dos esforços da mídia tradicional para esclarecer a questão, estudos acadêmicos foram posteriormente publicados sobre os memes do jacaré em tempos de vacinação. Na Revista Texto Digital, o artigo “A produção de sentidos da imagem do jacaré em memes pró-vacina” fez uso da Gramática do Design Visual¹¹ para investigar como o animal jacaré foi representado de diferentes maneiras nos memes, em resposta à repercussão gerada pelo discurso de figuras de autoridade nas mídias.

Imagem 82 - Meme “virou jacaré depois da vacina”.

¹¹ Teoria desenvolvida por Gunther Kress e Theo van Leeuwen, que aplica princípios da linguística sistemática ao estudo de imagens e outros modos de comunicação visual.



Fonte: Reprodução/X-Twitter

O meme do jacaré ganhou tanto destaque que seu uso extrapolou o contexto original. Por exemplo, o meme acima (imagem 82) apresenta uma cena que remonta a um momento histórico anterior à pandemia da COVID-19. Nela, um médico aparece preparando uma poção anti-pestes para o rei. No entanto, um possível erro na preparação da poção resulta na transformação do “bufão” em um jacaré. O médico então questiona retoricamente “E já viste jacaré com peste?”, ao que o rei responde elogiando a ciência.

Nesse contexto, as marcas verbais e os diálogos desempenham um papel central na construção do humor e da crítica. A fala do médico, ao questionar a possibilidade de um “jacaré com peste”, subverte a expectativa de normalidade e transforma o episódio em uma situação cômica e absurda. O diálogo entre o médico e o rei, por sua vez, reforça o tom irônico, ao mesmo tempo em que atribui um valor simbólico à ciência. A poção anti-pestes pode ser interpretada como uma metáfora para a vacina contra a COVID-19, sugerindo que, embora os métodos e contextos sejam diferentes, a humanidade sempre buscou soluções científicas para enfrentar doenças e pandemias.

O meme estabelece paralelos discursivos interessantes entre o contexto histórico passado, representado pela cena medieval de um médico e um rei, e o contexto contemporâneo da pandemia de COVID-19. Esse recurso confirma que o uso de memes também serve para visitar narrativas históricas, atribuindo-lhes significados que ajudam a entender o presente. De acordo com Shifman (2014), os memes funcionam como “mídia replicadora”, ressignificando eventos e temas ao adaptá-los a novos contextos, permitindo que temas históricos sejam reinterpretados

e ganhem relevância contemporânea.

Percebo um aspecto interessante nas composições discursivas dos memes sobre vacina e jacaré. Eles induzem algumas pessoas a adotarem uma postura negacionista como um mecanismo de contestação ao próprio discurso que pretendem difundir. O uso estratégico, envolto em um tom humorístico, parece levar as pessoas a encararem com naturalidade uma narrativa que penetra no corpo social como algo minimamente crível. Essa estratégia revela uma dinâmica complexa na esfera pública contemporânea. Por meio do humor e da sátira, esses memes desafiam e desconstruem representações falsas e prejudiciais que circulam nas redes sociais, incentivando as pessoas a reconsiderarem suas crenças e a adotarem uma postura mais crítica em relação à desinformação.

É preciso considerar que o humor também pode ser usado como uma ferramenta de combate à desinformação, permitindo que as pessoas se sintam mais à vontade para abordar temas complexos e delicados, como a vacinação e a saúde pública. Em vez de adotar uma abordagem moralizadora ou autoritária, os memes podem atuar como uma alternativa leve e acessível para engajar o público e desafiar concepções errôneas. O meme abaixo (imagem 83), por exemplo, revela esse caráter ao permitir que as pessoas "escolham" qual jacaré irão se tornar após a vacinação.

Imagem 83 - Meme “Que jacaré você vai ser após a vacina?”.



Fonte: Reprodução/Facebook.

Esse meme se enquadra como um meme de posicionamento, especificamente no formato de meme sequencial comparativo, em que diferentes representações do jacaré são apresentadas como opções de transformação. A imagem contém marcas verbais como a frase “E você? Já decidiu que jacaré vai ser após a vacina?”, que atua como uma provocação humorística, incentivando o público a ver o absurdo na ideia de "virar jacaré" e deslegitimar a teoria conspiratória de forma leve e irônica. As opções, incluindo desde a personagem Cuca (do Sítio do Pica-Pau Amarelo) até a logo da Lacoste, criam uma sequência visual de diferentes tipos de "jacarés", atores meméticos bem conhecidos para reforçar o humor e tornar a mensagem mais acessível e próxima ao público.

Essa narrativa discursiva construída através dos memes teve um impacto que se expandiu para outras esferas de comunicação e, em certo sentido, para o mundo real. A popularidade dessas publicações estimulou algumas prefeituras a adotarem os memes como estratégia de engajamento. A Prefeitura de Caibaté, no Rio Grande do Sul, por exemplo, publicou um banner (imagem 84) informando a localização do drive-thru de vacinação usando esse tipo de meme, enquanto a Prefeitura de Santana, em uma postagem oficial (imagem 85) abordou a associação entre vacina e jacaré com um tom de brincadeira. Esse uso de memes pelas instituições públicas demonstra a legitimação discursiva do humor como meio de comunicação, permitindo que temas sérios como a vacinação sejam tratados de forma acessível e engajante.

Imagem 84 - Banner da campanha de vacinação da prefeitura de Caibaté/RS.



Fonte: Reprodução/Instagram

Imagem 85 - Imagem da campanha de vacinação da prefeitura de Santana/AP.



Fonte: Reprodução/santana.ap.gov.br

É importante destacar como a linguagem memética também se expandiu para os espaços físicos, como as ruas e os postos de vacinação. Seja nas estampas de camisas, como na imagem 85, seja na reconstrução dos memes em outros contextos, como na imagem 86, que mostra Arthur Maciel, uma das primeiras crianças a receber a imunização quando a vacinação foi liberada para a faixa etária sem comorbidades. Esse uso do meme em espaços físicos evidencia como a prática discursiva digital pode extrapolar as redes e se materializar no mundo concreto, onde as representações culturais dos memes adquirem uma dimensão mais palpável e acessível.

Imagem 86 - Imagem de Arthur Maciel tomando vacina fantasiado de jacaré.



Fonte: Reprodução/O Globo

Essa extrapolação do uso dos memes fora das redes sociais digitais indiscutivelmente comprova a relevância do gênero para o debate sobre a aplicação de imunizantes e revela sua forte presença em esferas de comunicação consideradas mais formais. Diante disso, considero essencial refletir sobre o que esse uso representa do ponto de vista da credibilidade discursiva. Por um lado, a aparição desses memes em jornais e em perfis oficiais da esfera pública indica que os memes passaram a ocupar um lugar de importância nas interações virtuais. Por outro, isso também pode evidenciar a dificuldade desses veículos em manter uma linguagem discursiva mais tradicional.

Assim sendo, interpreto essa adoção de memes por instituições formais de duas maneiras. Primeiramente, podemos argumentar que há uma crise no jornalismo tradicional, que se vê pressionado a adaptar suas formas de comunicação para competir com a rapidez e a viralidade das mídias sociais. A linguagem formal e tradicional do jornalismo muitas vezes não consegue acompanhar a dinâmica das redes sociais, onde a informação é consumida de forma rápida e em formatos curtos e visuais. Assim, ao incorporar memes, esses veículos tentam se aproximar do público que consome majoritariamente esse tipo de conteúdo, buscando manter sua relevância e alcance discursivo.

Alternativamente, posso afirmar que, ao utilizarem memes, essas instituições tentam tornar temas complexos e sérios mais compreensíveis e palatáveis, especialmente para públicos mais jovens e para aqueles menos familiarizados com a linguagem técnica ou científica. Entretanto, considero essencial refletir sobre os

possíveis efeitos negativos dessa prática. A banalização de temas importantes através do uso de memes pode, em alguns casos, levar à desinformação ou ao enfraquecimento da seriedade de questões críticas, como a vacinação e a saúde pública. O humor e a sátira, embora poderosos, podem diluir a gravidade das mensagens e criar uma percepção discursiva de que os assuntos tratados são menos importantes do que realmente são.

Os estudos de Shifman (2014) sobre a cultura dos memes também destacam que, embora os memes possam servir como ferramentas poderosas de comunicação e engajamento, é fundamental que seu uso seja ponderado e equilibrado para evitar a trivialização de questões sérias. Portanto, o desafio para jornalistas e instituições públicas é encontrar um equilíbrio entre a adoção de linguagens contemporâneas e a manutenção da credibilidade discursiva e da profundidade necessárias para tratar de temas de grande relevância social.

Vale pontuar que nem sempre essa representação dos memes no mundo real foi vista com bons olhos. No dia 23 de janeiro de 2021, conforme imagem 87, funcionários da área da saúde que trabalhavam na UPA (Unidade de Pronto Atendimento) de Várzea Paulista, no interior de São Paulo, foram advertidos pela prefeitura da cidade depois de usarem um filtro de jacaré para replicar os memes que circulavam na internet. A simbiose entre os memes e a realidade aqui colocada representa uma intersecção significativa entre a cultura digital e o mundo físico.

Imagem 87 - Funcionários de Várzea Grande/SP advertidos por replicarem o meme do jacaré.



Fonte: Reprodução/UOL

Essa transposição dos memes para além do ambiente virtual evidencia a

influência discursiva e o alcance dessas manifestações culturais, bem como sua capacidade de interferir nas dinâmicas sociais contemporâneas. Esse episódio também ilustra como as práticas discursivas digitais se materializam em ações no mundo concreto, desafiando as fronteiras entre o virtual e o real e demonstrando a força dos memes como agentes de interação social.

Jenkins (2009), por exemplo, argumenta que a convergência midiática está transformando a forma como consumimos e produzimos conteúdo, promovendo uma interação dinâmica entre diferentes plataformas e mídias. Nesse sentido, percebo que os memes, como forma de cultura participativa e colaborativa, transcendem os limites do espaço digital e se inserem em diversas esferas da vida cotidiana. Ao adotarem estratégias de comunicação baseadas em memes ou ao incorporarem elementos meméticos na comunicação institucional, as organizações buscavam se conectar com o público de forma autêntica e relevante. No entanto, como mencionei, não consideraram, em alguns casos, os possíveis efeitos colaterais dessa integração, incluindo a possibilidade de mal-entendidos, controvérsias e repercussões negativas.

A situação em Várzea Paulista ilustra esses riscos. Embora os funcionários da UPA tenham tentado usar os memes para se conectar com o público e aliviar a tensão durante a pandemia, o uso do filtro de jacaré foi interpretado de forma negativa pelas autoridades locais. Isso destaca a necessidade de um uso discursivo cuidadoso e ponderado dos memes em contextos profissionais e institucionais. Enquanto reconheço que os memes podem ser ferramentas eficazes para engajamento, também é essencial considerar o contexto e a percepção pública para evitar repercussões indesejadas.

Nesse sentido, é fundamental reconhecer que a natureza discursiva dos memes, como elementos de comunicação cultural, está intrinsecamente ligada à sua ambiguidade e à multiplicidade de sentidos. A cultura da linguagem dos memes, caracterizada por sua brevidade, humor e referências intertextuais, não busca transmitir mensagens claras e inequívocas, mas sim explorar a abertura interpretativa e a ressignificação. A falta de contexto discursivo e a maleabilidade de seus significados são justamente o que permitem que os memes sejam apropriados, reinterpretados e até manipulados em diferentes contextos. Por exemplo, um meme criado com a intenção de promover a vacinação pode ser facilmente descontextualizado e ressignificado dentro de narrativas contrárias à imunização. Essa característica não é uma falha, mas uma propriedade essencial dos memes, que

se aproveitam da equivocidade para produzir sentidos e engajar o público de maneira dinâmica e participativa.

Esse fenômeno, conhecido como "apropriação memética" (Shifman, 2014), destaca a fluidez e a mutabilidade dos memes, que podem ser reinterpretados e adaptados de acordo com os interesses e agendas de diferentes grupos. Além disso, a viralidade dos memes contribui para a rápida disseminação de mensagens, muitas vezes sem a devida verificação de sua precisão ou credibilidade discursiva. Em um contexto de saúde pública, onde a disseminação de desinformação pode ter consequências graves, a utilização indiscriminada de memes como ferramentas de comunicação apresenta riscos significativos.

Enquanto os agentes pró-vacina buscavam integrar as teorias conspiratórias criadas por aqueles que se recusavam a se vacinar, com o objetivo de disputar a narrativa, do outro lado, a "fábrica de memes" operava em diversas frentes, combatendo qualquer medida de contenção do vírus defendida pelos órgãos de saúde. Percebo que a polarização política e ideológica frequentemente leva a uma divergência nas pautas adotadas pelos setores progressistas e conservadores, especialmente em relação a questões de saúde pública, como a vacinação. Essas divergências foram exploradas como estratégias para atrair seguidores e mobilizar apoio, especialmente entre aqueles que adotam posições anti-vacinação.

Os setores progressistas tendiam a enfatizar a importância da ciência e da expertise técnica na formulação de políticas de saúde pública. Destacavam a necessidade de seguir as orientações dos órgãos de saúde, baseadas em evidências científicas, como meio de proteger a saúde individual e coletiva. Por outro lado, os setores conservadores muitas vezes adotaram uma postura mais crítica em relação às intervenções dos órgãos de saúde, questionando a eficácia das vacinas, levantando preocupações sobre possíveis efeitos colaterais ou defendendo o direito individual à liberdade de escolha em relação à vacinação. Essa postura provocou, por exemplo, o afastamento de nomes do alto escalão do governo Bolsonaro que, diante da gravidade da situação, em algum momento passaram a inclinar suas decisões para o que diziam os órgãos oficiais de saúde.

No dia 16 de abril de 2020, quando a pandemia começou a escalonar e poucas respostas sobre os métodos de contenção do vírus tinham sido elaboradas, o Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, foi demitido pelo presidente Jair Bolsonaro. O motivo da demissão se deu devido às divergências discursivas entre eles sobre as

políticas que deveriam ser adotadas naquele momento. Esse episódio fez eclodir outra tempestade de memes, promovida por apoiadores do governo naquele contexto. Um deles (imagem 88), publicado nos comentários da postagem em que o ministro anuncia sua saída, evidencia o contexto de polarização e temas como a economia. Classificado como um meme de posicionamento, ele expressa a visão de Bolsonaro ao criticar o isolamento social e destacar a realidade dos trabalhadores informais. As marcas verbais em letras maiúsculas e o tom enfático reforçam essa postura. A imagem de Bolsonaro em posição pensativa busca transmitir empatia, sugerindo que ele "compreende" as dificuldades do povo, contrastando com as medidas de isolamento defendidas pelos órgãos de saúde.

Imagem 88 - Meme "Ficar em casa não é fácil".



Fonte: Reprodução/X

Diante disso, considero importante frisar que essas narrativas, contaminadas por memes, refletiam não apenas diferenças políticas, mas também as desigualdades socioeconômicas e as disparidades regionais no Brasil. Em um país onde milhões de pessoas dependem de trabalhos informais e vivem em condições precárias, as medidas de distanciamento social podem ter consequências econômicas desproporcionais, exacerbando a vulnerabilidade de grupos já marginalizados. Por outro lado, a ausência de ações discursivas eficazes para conter a propagação do vírus, quando esse debate ganha projeção, poderia ter resultado em uma crise de saúde pública ainda mais grave do que a que se sucedeu, com consequências humanas e econômicas de longo prazo.

Quando a vacina começou, de fato, a ser aplicada, máscaras e distanciamento social já haviam sido discutidos como medidas há alguns meses. Com a entrada em circulação de um novo componente, o campo de disputa memética foi intensificado.

Alguns autores, ao tentarem, em retrospecto, compreender como os conteúdos considerados falsos passaram a ganhar adesão significativa no corpo social durante esse período, concluíram que não apenas a produção de conteúdo mentiroso explicava esse fenômeno, mas também o excesso de informação. A própria OMS, em 2020, publicou um texto em que o termo “infodemia” foi discutido e definido como “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa”. Esse fenômeno também foi analisado por Vignaud (2019), que aponta que a vacina, sendo um produto fabricado, não prospera na ausência de informações, mas sim na sua saturação. Ele argumenta que é devido ao excesso de informações a que somos expostos e à nossa incapacidade de processá-las completamente que surgem dúvidas.

Durante o processo de construção do escopo analítico, alguns fatores chamaram minha atenção. Um aspecto notável foi o perfil discursivo das páginas que compartilhavam postagens antivacina. Essas páginas geralmente forneciam uma breve biografia, comumente conhecida como “bio”, onde os administradores indicavam suas filiações partidárias, religiosas e institucionais. Por exemplo, a página “Frente Libertária” (imagem 89) se autodeclarava como um “Movimento Purista Austro-Libertário e Conservador”. Outra página que publicou memes antivacina, intitulada “endireitei_br” (imagem 90), sinalizava filiações similares com o cristianismo e conservadorismo, além de replicar o slogan do ex-presidente Jair Bolsonaro. Uma terceira, chamada “falha.matrix.memes”, afirmava revelar verdades.

Imagem 89 - Perfil da página frente libertária no Instagram.



frentelib [Seguir](#) [Enviar mensagem](#) [+](#) [...](#)

1.577 publicações 6.119 seguidores 324 seguindo

Frente Libertária
Movimento Purista Austro-Libertário e Conservador
Cristo! [+](#)

Fonte: Reprodução/Instagram

Imagem 90 - Perfil da página Endireitei no Instagram.



Fonte: Reprodução/Instagram

Esse levantamento de dados permitiu uma análise mais panorâmica dos perfis discursivos e das motivações dos criadores de conteúdo antivacina, possibilitando-me compreender melhor a disseminação e o impacto dessas narrativas na sociedade. A manifestação explícita das filiações partidárias, religiosas e ideológicas nas biografias das páginas sugere uma associação entre a disseminação de memes antivacina e determinadas correntes políticas e sociais. Essa associação pode indicar uma convergência de crenças e valores entre os administradores das páginas e os temas abordados nos memes. Por exemplo, a referência ao ex-presidente Jair Bolsonaro na página "endireitei_br" e a afirmação de revelar "verdades" na página "falha.matrix.memes" denotam uma tentativa de legitimar os memes antivacina por meio de uma autoridade discursiva política ou epistêmica. Essas estratégias retóricas têm o objetivo de conferir credibilidade discursiva às mensagens antivacina, apelando para a identificação ideológica e a suposta revelação de informações ocultas. Esse fenômeno evidencia como os memes antivacina não são apenas simples conteúdos de internet, mas também ferramentas estratégicas utilizadas para promover agendas específicas.

7.1 MAPEANDO INCIDÊNCIAS: A ARQUITETURA COMPOSICIONAL DOS MEMES NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS ANTIVACINA

Durante a coleta exploratória que realizei entre fevereiro de 2019 e dezembro de 2023, identifiquei um total de 625 memes antivacina utilizando os sistemas de busca disponibilizados em diversas plataformas e redes sociais. Para compreender melhor os discursos presentes nesses memes e suas possíveis implicações, precisei reduzir essa amostra no sentido de torná-la analisável e, ao mesmo tempo,

representativa do todo. Para isso, adotei um método de análise manual, examinando individualmente cada meme e identificando seu foco temático com base nas marcas visuais e na linguagem verbal utilizada. Esse processo envolveu uma observação atenta dos critérios estabelecidos no *Roteiro de Arquitetura Memética*, isto é, dos atores meméticos, da configuração composicional, das marcas verbais, do tipo de sequência e dos marcadores humorísticos. A partir disso, observei como determinados atores e marcas verbais ativavam temas específicos, como desconfiança em relação às vacinas, teorias conspiratórias ou polarização política, o que me permitiu agrupar os memes de acordo com essas temáticas recorrentes. Essa categorização temática foi fundamental para organizar a amostra de forma representativa e, ao mesmo tempo, viável para análise crítica, preservando a diversidade de discursos presentes no conjunto inicial.

Imagem 91 - Meme “virei o Wally gay”.



Fonte: Reprodução/ X

O meme acima (imagem 91), por exemplo, foi analisado a partir das seguintes definições:

- Quanto ao Ator Memético: da esfera particular.
- Quanto à Configuração Composicional: imagem preexistente não alterada.
- Quanto às Marcas Verbais: legendas.
- Quanto à Sequência: Sequencial cumulativo.
- Quanto às Marcas Humorísticas: absurdista.

Identificação do Tema Principal: Com base nessas definições, posso dizer que o tema principal do meme é “Efeitos colaterais”, justificado pela relação entre as marcas verbais, sobretudo de expressões populares como “Caramba!” e “Vish!” e pela sequenciação cumulativa que se desenvolve em quatro quadros, cada um mostrando uma fase de “transformação” do personagem. Esse tipo de sequência é comum em memes que buscam uma progressão cômica e, neste caso, culmina em um desfecho absurdo.

Tabela 1 - Incidência do conteúdo temático predominante nos memes.

Conteúdo temático	incidência em %*
1. Imposição da aplicação.	31%
2. Alto número de doses.	22%
3. Eficácia	20%
4. Efeitos colaterais.	11%
5. Polarização Política.	9%
6. Enriquecimento dos laboratórios protutores de vacina.	7%

Fonte: O autor (2024)

* Percentuais foram arredondados levando em consideração o valor mais aproximado para cima.

Feita essa separação a partir dos temas recorrentes, passei a analisar os memes buscando capturar padrões de escolhas no que tange às estratégias discursivas e aos elementos composicionais utilizados para transmitir suas mensagens. Observei, por exemplo, que a imposição da aplicação foi o tema mais comum, representando 31% dos memes, o que indica uma resistência à obrigatoriedade da vacinação. Em seguida, percebi que a preocupação com o alto número de doses (20%) reflete uma desconfiança na eficácia do protocolo de vacinação recomendado. A eficácia das vacinas (19%) e os potenciais efeitos colaterais (11%) também surgiram com frequência, destacando dúvidas sobre sua segurança e efetividade. Identifiquei também que a polarização política (9%) e a suspeita de enriquecimento das empresas farmacêuticas (6%) são questões presentes, sugerindo influências externas e motivos econômicos associados ao movimento antivacina. O método de aplicação das vacinas (4%) gerou outras

preocupações, destacando questões relacionadas à segurança e ao processo de vacinação. Esses aspectos refletem uma variedade de preocupações e narrativas subjacentes que impulsionam o movimento antivacina, exigindo abordagens abrangentes para enfrentar as questões associadas.

A prevalência do discurso antivacina relacionado à imposição da aplicação, representando 31% dos memes analisados, evidencia uma resistência significativa à ideia de obrigatoriedade ou coerção na administração de vacinas. Entendo que esse fenômeno reflete uma preocupação enraizada com a liberdade individual e possíveis violações dos direitos pessoais no contexto da saúde pública, uma temática que se conecta a eventos históricos como a Revolta da Vacina. A ressurgência desse discurso sobre liberdade na narrativa antivacina aponta para um contexto em que a desinformação permanece presente. Percebo que a falta de conhecimento sobre os processos científicos e regulatórios por trás das vacinas pode contribuir para a desconfiança e o medo em relação à sua segurança e eficácia. Muitos memes e narrativas antivacina propagam mitos e teorias conspiratórias sobre os ingredientes das vacinas, os métodos de produção e os potenciais efeitos colaterais. Essa desinformação pode levar as pessoas a questionarem a necessidade e a segurança das vacinas, alimentando a resistência à vacinação obrigatória.

Imagem 92 - Meme “Não é sobre vacina é sobre liberdade”.



Fonte: Reprodução/Instagram

Outro aspecto relevante é que, muitas vezes, esse meme de posicionamento a favor da liberdade individual vinha acompanhado de uma simbologia patriótica. O meme acima (imagem 92), por exemplo, apresenta a bandeira do Brasil ao fundo,

acompanhada da frase "não é sobre vacina, é sobre liberdade". Essa arquitetura composicional com uma imagem de fundo estática e marcas verbais em letras grandes reflete uma narrativa de resistência que vai além da retórica antivacina, flertando com os valores defendidos por aqueles que desconfiam da intervenção estatal. A visível filiação dos apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro ao combate à obrigatoriedade da vacinação pode ser atribuída a uma série de fatores. Em primeiro lugar, está a afinidade ideológica com a narrativa antivacina, que enfatiza a desconfiança nas instituições governamentais e na ciência oficial. Além disso, a retórica antivacina muitas vezes se alinha com uma postura antiestabelecimento e contracultural, características que ressoam entre os seguidores de Bolsonaro, que frequentemente se identificam como defensores da pátria. Esse meme contribui para a construção de uma identidade coletiva em torno da oposição às políticas de saúde pública, fortalecendo o senso de comunidade e pertencimento entre os apoiadores do presidente.

Paralelamente, o medo coletivo em relação ao alto número de doses necessárias para completar o esquema de vacinação inclui, evidentemente, preocupações sobre possíveis abusos de poder por parte do governo, mas também receios quanto à eficácia e segurança a longo prazo das vacinas. Uma das principais preocupações era a de que o governo poderia utilizar as vacinas como um mecanismo de controle social sobre a população, especialmente se fossem impostas múltiplas doses obrigatórias. Esse temor estava enraizado em narrativas conspiratórias que sugeriam que as autoridades poderiam abusar do poder de vacinação para impor restrições adicionais às liberdades individuais ou monitorar os cidadãos através de dispositivos de rastreamento contidos nas vacinas, como os famosos chips.

Imagem 93 - Meme "vacina com microchip".



Fonte: Reprodução/Facebook

O meme acima (imagem 93), classificado como um meme de posicionamento sequencial comparativo, utiliza o debate sobre a inserção de microchips, estabelecendo um paralelo entre a Revolta da Vacina de 1904 e as teorias antivacina de 2020. A arquitetura composicional do meme, com duas imagens de personagens representados em posições opostas (forte versus fraco), evidencia uma comparação irônica que explora o ceticismo social em diferentes épocas. O objetivo é destacar como a negação ao imunizante possuía motivações distintas, sendo que, no início do século XX, a oposição tinha uma base de contestação social mais justificável, com a percepção de que o poder público poderia utilizar a vacinação como um mecanismo de "limpeza social".

A disseminação da fake news sobre a inclusão de chips de rastreamento nas vacinas teve origem em narrativas conspiratórias promovidas principalmente em redes sociais e fóruns online. Essas teorias infundadas, que ganharam maior projeção em janeiro de 2021, sugeriam que as vacinas contra a COVID-19 seriam utilizadas pelo governo como um meio de monitoramento e controle social, utilizando dispositivos de rastreamento microscópicos inseridos nas doses. A ideia conspiratória se espalhou rapidamente nas mídias sociais, aproveitando-se do medo coletivo e da desinformação sobre a pandemia e as vacinas. Grupos e indivíduos que já desconfiavam das instituições governamentais e da ciência oficial foram particularmente suscetíveis a essa desinformação, o que resultou na amplificação de sua disseminação.

Imagem 94 - Meme "Vacina é o chip da besta".



Fonte: Reprodução/Instagram

Para ironizar ou ridicularizar aqueles que acreditavam na teoria do chip nas vacinas, foram criados diversos memes satíricos. O meme acima (imagem 94) é um exemplo desse tipo de mídia, que utiliza marcas verbais para atribuir a ideia do chip a uma pessoa analfabeta de um período remoto, criando uma narrativa humorística para desacreditar a ideia de que as vacinas são uma forma de controle social. Sua arquitetura composicional combina uma imagem de um personagem da cultura pop com um texto satírico, utilizando elementos que evocam o humor e a crítica, reforçando o tom de deboche e desacreditando as teorias conspiratórias. Esses memes funcionam como uma contranarrativa dentro da categoria de memes de posicionamento, desafiando a desinformação e expondo sua natureza absurda e infundada.

Outros memes que abordam o número de doses necessárias para completar o ciclo vacinal apresentam uma característica diferenciada quando comparados aos memes incluídos em outras categorias. Neles, é menos frequente o uso de atores da cultura pop; em vez disso, esses memes, como mostra a imagem 95, quase sempre apresentam atores da esfera particular, ou seja, pessoas comuns, cujos braços aparecem cobertos de algodão ou curativos após as doses. Essa mudança reflete uma arquitetura composicional voltada para a aproximação do discurso com a realidade cotidiana das pessoas, tornando a mensagem mais pessoal e imediata. A utilização de imagens de pessoas comuns em situações familiares pode aumentar a identificação do público com o conteúdo do meme, fazendo com que a mensagem pareça mais relevante e urgente.

Imagem 95 - Meme “vacina transformer”.



Fonte: Reprodução/Instagram

Já os memes que apresentavam um discurso sobre a não eficácia das vacinas, representando aproximadamente 19% dos memes analisados, revelavam, em sua maioria, preocupações sobre a rapidez no desenvolvimento das vacinas e incertezas quanto à sua eficácia contra variantes emergentes do vírus. O meme utilizado para ilustrar essa desconfiança (imagem 96) se classifica como um meme de posicionamento e utiliza a figura do Coringa, personagem do filme *Joker*, como ator da cultura pop, acompanhada da frase: "Se essa vachina não imuniza, esse tal passaporte é pra certificar o que? Acorda pra vida!". Essa arquitetura composicional mistura marcas verbais e um personagem icônico para sugerir que, se as vacinas não garantem imunização completa contra o vírus, então a implementação de passaportes de vacinação seria injustificada ou até mesmo inútil. A escolha do Coringa, uma figura associada à crítica social e à desordem, intensifica o tom de desconfiança e desafia a narrativa oficial em torno das políticas de saúde pública.

Imagem 96 - Meme "Joker questionando a vacina".



Fonte: Reprodução/Instagram

Esse discurso conspiratório ignora o fato de que as vacinas contra a COVID-19 foram projetadas para reduzir o risco de doença grave e hospitalização, ainda que não garantam imunidade absoluta. A desinformação se alimenta dessas lacunas no conhecimento público e da desconfiança nas instituições científicas, criando um terreno fértil para mitos sobre as vacinas. Assim, percebo uma possível falha nos processos educacionais, que deveriam promover a alfabetização científica — entendida, conforme Ziman (2000), como uma compreensão crítica e contextualizada da ciência — e a compreensão dos métodos de prevenção de doenças infecciosas.

Já os memes que retratam efeitos colaterais extremos das vacinas, como a transformação em animais ou a perda de memória, funcionam como uma forma de exploração dos mesmos medos e inseguranças discursivas mencionados. Eles ajudam a reforçar a sensação de temor e incerteza entre as pessoas, levando-as a questionar a segurança e a eficácia das vacinas. Um desses memes (imagem 97) apresenta um diálogo entre dois atores da cultura pop; um deles afirma que não tem receio quanto ao efeito colateral da vacina, mas, ao ser questionado sobre o tipo de vacina que tomou, não consegue lembrar. Esses memes ampliam o escopo de interpretações equivocadas sobre a vacina e evocam uma resposta emocional no público, podendo provocar medo, ansiedade e desconfiança em relação à vacinação.

Imagem 97 - Meme “não lembro que vacina tomei”.



Fonte: Reprodução/Instagram

Alguns dos memes presentes na amostra refletiam o contexto de polarização política, que, com a eclosão da pandemia, sofreu um novo pico de intensificação. O meme abaixo (imagem 98) utiliza uma arquitetura composicional que combina a bandeira do Brasil com uma seringa marcada por um "X", o que simboliza a rejeição enfática à vacinação e associa a vacina a uma ideologia política específica, o "PT" (Partido dos Trabalhadores). A utilização das marcas verbais ("VACINA PETISTA NAO ENTRA NO MEU CORPO") reforça a ideia de que a vacina estaria relacionada a uma agenda política, construindo uma narrativa de desconfiança. O fenômeno de associar a vacinação ao governo do PT, mesmo quando o partido não está no poder, reflete um contexto de polarização discursiva exacerbado durante a pandemia, no qual a narrativa política influencia fortemente as percepções e atitudes em relação à vacinação. Essa associação pode ser compreendida como uma estratégia discursiva para demarcar limites ideológicos e separar as pessoas com base em suas filiações políticas.

Imagem 98 - Meme "Vacina petista não entra no meu corpo".



Fonte: Reprodução/Instagram

Penso como importante frisar que uma possível razão por trás dessa associação é o histórico de políticas públicas de saúde implementadas durante os governos do PT, como o Programa Nacional de Imunizações (PNI), amplamente reconhecido por seu sucesso na ampliação do acesso à vacinação e no controle de doenças infecciosas no Brasil. Assim, ao associar a vacinação ao governo do PT, os opositores políticos podem tentar deslegitimar ou politizar o programa de imunização, minando sua credibilidade e eficácia aos olhos de seus eleitores. Além disso, a associação entre vacinação e PT pode ser alimentada por narrativas políticas que buscam explorar o medo e a desconfiança em relação ao partido, especialmente entre eleitores de orientação ideológica oposta. Ao vincular a vacinação ao PT, os adversários políticos podem tentar capitalizar o ceticismo ou a aversão em relação ao partido para minar o apoio público à imunização e enfraquecer os esforços de saúde pública relacionados à vacinação.

Por último, 6% dos memes abordavam os fabricantes de vacina, com a intenção clara de associá-los ao acúmulo de riqueza, sugerindo que a vacinação era uma espécie de produto industrial feito às pressas para garantir lucro para os bilionários da indústria farmacêutica. O meme na imagem 99, por exemplo, utiliza uma estrutura sequencial para criar uma narrativa de contraste entre uma figura que representa o público entusiasta da vacina, que exalta o SUS e a vacinação, e um personagem com aparência estereotipada de um bilionário que observa as ações das fabricantes de vacina subindo, enquanto ironicamente incentiva o público a se vacinar para seu

próprio enriquecimento ("Isso, tomem o veneno e eu fico mais rico hahahaha"). Esse meme se enquadra como um meme de posicionamento, utilizando elementos visuais e verbais que reforçam a crítica ao lucro excessivo no setor da saúde, questionando a intenção das empresas farmacêuticas e gerando desconfiança em relação à legitimidade da vacinação.

Imagem 99 - Meme “Viva o SUS e o lucro capitalista”.



Fonte: Reprodução/Instagram

É necessário destacar que as preocupações sobre interesses corporativos e a ganância das indústrias farmacêuticas, comuns em um contexto de desigualdade econômica, são legítimas, mas carecem de fundamentação e comprovação no caso das vacinas contra a COVID-19. Essas narrativas conspiratórias aproveitam-se das legítimas preocupações sobre a influência corporativa e a desigualdade econômica, distorcendo fatos para criar uma imagem negativa das vacinas. Essa estratégia retórica não apenas mina a confiança pública nas vacinas, mas também alimenta a desconfiança generalizada nas instituições de saúde e nos governos que promovem a vacinação como medida de saúde pública.

Esse movimento de descreditar a vacina a partir da denúncia em torno dos fabricantes gerou uma resposta que viralizou com intensidade no país. Conhecido como o “Meme da Pifaizer” (imagem 100), ele nasceu de um vídeo criado por Rafael Chalub, também chamado de “o Esse Menino”. A peça trazia uma espécie de paródia humorística sobre a troca de e-mails entre a farmacêutica Pfizer e o governo federal. Revelada pela CPI da Covid em junho de 2021, essa comunicação comprovava que o laboratório tentou oferecer vacinas ao governo brasileiro, porém foi ignorado. No dia

em que o vídeo foi publicado, de acordo com o portal O Globo, o influenciador saltou de 39,6 mil seguidores para 618 mil. Imagens do vídeo, com frases criadas por Rafael, circularam na internet e serviram como um instrumento de combate à narrativa antivacina, provando que a discussão sobre imunização no Brasil passou por uma disputa memética.

Imagem 100 - Meme “aqui quem fala é ela, a Pfizer”.



Fonte: Reprodução/Google Imagens

No embate entre essas duas narrativas meméticas, percebi um cenário preocupante em que diferentes grupos não apenas buscam demarcar campos ideológicos, mas também tentam capturar a opinião de massas por meio de conteúdos simplificados e emocionalmente carregados. Tanto os defensores quanto os opositores da vacinação utilizam memes como ferramentas estratégicas para promover suas agendas, manipulando a percepção pública e obscurecendo as nuances inerentes a discursos mais complexos. Essa abordagem superficial acaba favorecendo a formação de uma opinião de massa desprovida de análise crítica, o que me leva a acreditar que a sociedade se torna vulnerável a interpretações distorcidas e a discursos manipuladores.

Ao analisar a criação e o compartilhamento desses memes, notei que os grupos envolvidos não se contentam apenas em influenciar a opinião pública; eles também reforçam identidades grupais e fortalecem vínculos com seus seguidores, contribuindo para uma crescente polarização. Essa estratégia, que explora a simplicidade e o apelo emocional das mensagens, evidencia uma lacuna no conhecimento público — uma brecha que, em minha visão, agentes políticos e outros interesses estratégicos aproveitam prontamente. Ao constatar essa vulnerabilidade, vejo que esses agentes se

utilizam da falta de discernimento crítico da população para impulsionar narrativas que, embora pareçam inofensivas à primeira vista, trazem profundas implicações sociais, políticas e culturais.

Utilizando o Roteiro de Arquitetura Memética que desenvolvi, consegui identificar padrões recorrentes no discurso antivacina, os quais não apenas demonstram os mecanismos de desinformação, mas também evidenciam como esses conteúdos reforçam ideias preconcebidas e polarizam a sociedade. Essa investigação revelou, para mim, falhas significativas no entendimento público e ressaltou áreas que necessitam de intervenção urgente para combater a propagação de informações equivocadas e promover uma conscientização real sobre a importância da vacinação para a saúde coletiva e individual.

Nesse contexto, considero fundamental enfatizar que, uma vez instalada essa lacuna no conhecimento, agentes políticos e outros interesses estratégicos passam a ver os memes como instrumentos eficazes para influenciar e moldar a opinião das pessoas, mesmo que a complexidade dos discursos seja sacrificada em nome da simplicidade e do apelo emocional. Essa manipulação deliberada me alerta para o perigo latente de uma formação de opinião de massa que não dispõe das ferramentas necessárias para discernir as sutilezas dos argumentos apresentados.

Por isso, acredito ser imprescindível que o campo educacional desenvolva um trabalho profundo e sistemático, voltado para a formação de uma mentalidade crítica e questionadora. A educação deve capacitar cada cidadão a refutar e duvidar do que é apresentado, por exemplo, em memes, promovendo uma compreensão mais completa e sofisticada dos discursos em circulação. Somente assim, penso eu, será possível criar uma sociedade resiliente à manipulação ideológica, capaz de analisar e contestar as narrativas simplistas que ameaçam a integridade do debate público e, conseqüentemente, os fundamentos de nossa democracia.

No próximo capítulo, apresentarei um panorama geral sobre como a educação escolar no Brasil se relaciona com o ensino voltado para comunicação midiática. Investigarei como a comunicação midiática é abordada e integrada no currículo escolar, e como isso pode influenciar a capacidade dos estudantes de compreender e avaliar gêneros textuais como os memes. Acredito que entender como a educação pode atuar como uma ferramenta crucial na formação de cidadãos críticos e informados permitirá destacar a importância da alfabetização midiática e sugerir possíveis intervenções educativas que fortaleçam a resistência à desinformação.

8 ENTRE O QUADRO E A TELA: DESAFIOS PARA INTEGRAR GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS NAS DIRETRIZES EDUCACIONAIS.

Imagem 101 - Meme “tecnologia em sala de aula”.



Fonte: Reprodução/Facebook

O passeio analítico que propus no capítulo anterior, focado na propagação de imagens atreladas a eventos como a Peste e a Revolta da Vacina, mostrou que elas há muito tempo são usadas como recursos que ajudam a propagar ideias. Percebo que, muitas vezes, imagens e pequenos textos transmutados em gêneros como charges e cartazes potencializam discursos criados com a intenção de defender a visão de determinados grupos, focando em públicos específicos. Essas imagens encontram no ambiente jornalístico um suporte através do qual conseguem circular e, a depender do destinatário, impactar ou influenciar opiniões.

No Brasil, observo que o sistema educacional tardou a se estruturar e, por muitas décadas, sofreu com a falta de um projeto que o capacitasse a contribuir efetivamente para a formação de uma sociedade mais consciente de seu papel. Como afirma Saviani (2008), apenas no início do século XX o Brasil começou a adotar um conjunto de ações que culminaria, anos depois, na elaboração de diretrizes mais profundas no campo educacional. A Reforma Francisco Campos, de 1931, trouxe uma reestruturação do ensino secundário e a criação de cursos universitários. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, foi um documento influente que clamava por uma educação pública, laica e universal; no entanto, percebo que sua implementação foi limitada, sem resultar imediatamente em mudanças curriculares concretas. A Constituição Federal de 1934, por sua vez, incluiu pela primeira vez a educação como um direito e dever do Estado, mas as políticas e diretrizes educacionais permaneceram fragmentadas e inconsistentes.

Foi somente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1961 que o Brasil começou a esboçar um plano mais estruturado para a educação. Ainda assim, percebo que as mudanças foram lentas e gradativas. Como destaca Cury (2014), essa lentidão nas reformas educacionais refletia as dificuldades do país em acompanhar o ritmo das transformações sociais e econômicas. Nas décadas seguintes, houve a implementação de várias reformas e a criação de documentos, como a LDB de 1971, que enfatizou a profissionalização, e a de 1996, que trouxe avanços significativos em termos de diretrizes gerais e currículo. Isso mostra que, enquanto o desenvolvimento da cultura midiática avançava pelo mundo, o Brasil ainda corria para adaptar seu modelo educacional diante de desafios cada vez mais complexos, entre os quais destaco a rápida transição demográfica, ocorrida especialmente entre as décadas de 1940 e 1970, quando as cidades passaram a se consolidar como principal polo de concentração de pessoas. Desde o Ensino Infantil até o Ensino Superior, mudanças estruturais foram necessárias para atender a uma demanda diferente, ampliando o acesso à educação para além das classes mais abastadas.

Sobrecarregada com a tarefa de universalizar o acesso e atender a uma série de outras demandas sociais e estruturais, a escola brasileira muitas vezes não conseguiu acompanhar o ritmo das transformações na cultura midiática. A ênfase inicial foi, como aponta Saviani (2008), compreensivelmente na alfabetização básica e na profissionalização, áreas que eram (e ainda são) extremamente necessárias. Dados do IBGE mostram que, durante os anos mais repressivos do regime militar, conhecidos como anos de chumbo (1968 a 1974), 24% das crianças de 10 a 14 anos eram analfabetas. No grupo de adolescentes de 15 a 17 anos, em 1970, apenas 40,1% frequentavam a escola, percentual que subiu para 59,2% em 1985. Esse crescimento inicial pode ser atribuído a uma mudança relevante: a promulgação da segunda LDB, que instituiu a obrigatoriedade de oito anos para o Ensino Fundamental e eliminou a exigência de exames para o ingresso no Ginásio. Diante disso, autores como Libâneo (2012) observam que a ausência de um currículo efetivo e unificado por muitas décadas perpetuou a desigualdade educacional e restringiu o potencial do país para formar uma população apta a enfrentar os desafios contemporâneos com conhecimento e competência.

Essa discrepância entre a evolução da cultura midiática e a formação oferecida pelas escolas gerou um descompasso. Os jovens brasileiros, expostos a um volume

crescente de informações e conteúdos midiáticos, nem sempre recebiam na escola as ferramentas necessárias para interpretar criticamente o conteúdo produzido e difundido pelos veículos de comunicação. Esse cenário começou a mudar com a Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 5.692/71), aprovada em 1971, que trouxe uma sistematização dos conteúdos curriculares, especialmente para o ensino de 1º e 2º graus. Entre as principais mudanças, destacou-se a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde. O Art. 8º determinava que a ordenação do currículo fosse feita por séries anuais de disciplinas ou áreas de estudo organizadas de forma a permitir, conforme o plano e as possibilidades do estabelecimento, a inclusão de opções que considerassem as diferenças individuais dos alunos e, no ensino de 2º grau, possibilitassem variedade de habilitações (LDB, 1971). O currículo foi dividido em dois formatos: "educação geral" e "formação especial", sendo este último voltado para a preparação para o trabalho.

O ensino de Língua Portuguesa passou por mudanças significativas. A concepção de língua começou a dialogar com a Teoria da Comunicação. Conforme aponta Soares (2004), nas séries iniciais do 1º grau a disciplina foi renomeada para "Comunicação e Expressão" e, nas séries finais, para "Comunicação em Língua Portuguesa". No 2º grau, o nome foi alterado para "Língua Portuguesa e Literatura Brasileira". A influência da Teoria da Comunicação impactou profundamente o ensino desse campo, destacando a linguagem como fenômeno social e interacional, a importância da mediação simbólica na construção de significados e a necessidade de desenvolver competências comunicativas nos estudantes. Essa teoria, segundo Faraco (2005), trouxe uma perspectiva mais ampla e dinâmica para o ensino da língua, indo além da gramática normativa e da literatura canônica para incluir a análise crítica de textos midiáticos e a produção de diversos gêneros textuais.

Essa mudança de foco buscava preparar os alunos para serem leitores e produtores críticos de textos em um mundo cada vez mais dominado pelos meios de comunicação de massa. A abordagem comunicativa enfatizava a função social da linguagem e a importância dos contextos de uso, promovendo uma educação linguística que valorizasse a interpretação e a produção de textos em diferentes mídias. No entanto, a implementação dessa nova abordagem enfrentou desafios, especialmente por ocorrer durante a Ditadura Militar, que fazia uso de uma retórica liberal, como discute Jacomeli (2010). Ao adotar esse modelo, o regime "utilizou-se e

utiliza-se da escola como forma de divulgar valores desejáveis para manter a sociedade 'coesa' e 'pacífica', de acordo com os preceitos postulados por sua ideologia" (Jacomeli, 2010, p. 76). Outros fatores também dificultaram a implementação, como a falta de formação adequada dos professores para lidar com essa nova concepção de ensino de língua, somada às dificuldades estruturais das escolas.

No currículo apresentado, a concepção de língua adotada é detalhada, permitindo vislumbrar a inserção de uma perspectiva sobre o que os meios de comunicação produzem enquanto construto linguístico. Nesse contexto, observa-se que a língua portuguesa passou a ser encarada

como o instrumento por excelência de comunicação no duplo sentido de transmissão e compreensão de idéias, fatos e sentimentos e sob a dupla forma oral e gráfica, o que vale dizer: leitura, escrita e comunicação oral. Nesta última encontra-se um dos elementos mais evidentes de conexão entre a Língua e os Estudos Sociais, encarados como um mecanismo de integração do educando ao meio. Também não se há de esquecer, neste particular, a importância cada vez maior que assume nos dias atuais a linguagem falada, ao impacto dos meios de comunicação "audiovisual", a ponto de que, se já não vivemos uma cultura predominantemente oral, pelo menos as duas tendem a equilibrar-se. (Secretaria de Estado dos Negócios da Educação, 1976, p. 34-35).

Vale destacar que o enfoque dado ao audiovisual indica que, naquela época, a cúpula responsável pela elaboração das normas tinha clara noção do poder da comunicação midiática. Não surpreende, portanto, que, entre as principais medidas adotadas pelo regime ditatorial, estivesse o intenso controle do conteúdo produzido para televisão, rádio e cinema. Nesse período, como aponta Motta (2013), os anos 1960 e 1970 representaram o auge da grande imprensa tradicional, considerando-se a vendagem e a circulação dos diários. Aproximadamente 5 milhões de exemplares eram vendidos, e os jornais mais influentes haviam passado por reformas recentes, tornando-se empresas mais sólidas. Diante desse contexto, é possível afirmar que a imprensa e a produção televisiva formavam um bloco influente que

contribuiu de maneira decisiva para a implantação da ditadura que dominaria o país por 21 anos. Pode-se afirmar, sem temor de erro, que um único jornal,

Última Hora, não aderiu ao golpe. No dia 2 de abril, acuado depois de depredada sua redação, o jornal vivia uma situação inversa à de 24 de agosto de 1954, quando o povo enfurecido atacou as redações de veículos que pregavam a queda de Getúlio, entre os quais O Globo e Tribuna da Imprensa, a edição daquele dia, com cerca de 400 mil exemplares, trazia em manchete a notícia do suicídio de Getúlio Vargas. (Dantas, 2014. p.65).

Esses veículos, evidentemente, utilizavam imagens sem hesitação para reforçar a posição ideológica que defendiam. Como pontua Motta (2013), o jornal *O Estado de S. Paulo*, por exemplo, expressava suas filiações ideológicas por meio de textos, “mas, em outras situações, foi mais inventivo, desenvolvendo recursos visuais que ofereciam novas maneiras de expressar as opiniões do jornal.” As peças gráficas revelavam entusiasmo com o início do mandato de Castelo Branco, e as charges publicadas evidenciavam o apoio incondicional às medidas restritivas adotadas a partir de 1964. Dois desses exemplos visuais estão apresentados a seguir. A imagem 102, assinada por Hilde, mostra um sindicato sendo “dedetizado” por uma empresa chamada “31 de março”, em referência à data do golpe. A imagem 103, por sua vez, aponta para medidas de repressão, com a UNE como alvo.

Imagem 102 - Charge de Hilde reverenciando a atitude repressiva do golpe de 1964.



Fonte: Reprodução/ O Estado de São Paulo – 21 de abril de 1964.

103 - Charge em referência à repressão estudantil durante a ditadura militar.



Fonte: reprodução/ O Estado de São Paulo – 16 de junho de 1964.

A inserção dessas imagens ocorreu, evidentemente, em veículos de comunicação pertencentes a uma elite financeira que detinha o controle da imprensa e direcionava seu conteúdo às parcelas mais influentes da sociedade brasileira. Ainda assim, o alcance desses jornais extrapolava as barreiras de classe. Como aponta Motta (2013), só no eixo Rio-São Paulo, os jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Última Hora* detinham 20% do mercado consumidor de mídia impressa. Além disso, o autor destaca que cada exemplar era lido, em média, por quatro pessoas, o que indica um alcance considerável e confirma a elevada influência desses veículos sobre o pensamento social.

Essa propagação de discursos via publicações impressas ocorria em meio a uma série de outras mudanças na esfera da comunicação. Gradativamente, as pessoas se tornavam mais aptas a compreender o que era colocado por esses veículos. Mesmo com menos de 60% dos jovens entre 15 e 17 anos fora da escola, conforme dados do IBGE, e com o controle rígido imposto pelos ditadores, outros letramentos essenciais para entender o contexto nacional estavam disponíveis. As mídias alternativas, por exemplo, cresceram durante esse período e se manifestavam não apenas em revistas, mas também na cultura da pixação, dos cartazes e do lambe-lambe, conforme ilustrado na imagem 104 abaixo. Sobre essas manifestações, Melo (2012) observa que os cartazes eram produções vistas "por pessoas transitando em espaços públicos" (p. 244), o que ele define como uma "linguagem gráfica na escala do corpo" (p. 224).

Nenhuma outra modalidade de mídia impressa possui mais afinidade com a militância política do que o cartaz; nenhuma se aproxima tanto da postura ativa inerente a qualquer movimento de contestação. Militar por uma causa significa ação, e o cartaz representa, por excelência, a gráfica dessa ação (Melo, 2012, p. 244).

Imagem 104 - Cartaz do período da ditadura militar no Brasil.



Fonte: Reprodução/ BBC Brasil.

Mesmo sem a formalização do estudo de gêneros textuais nas escolas, o letramento das pessoas para lidar com esses formatos ocorreu. Sobre isso, vale citar os estudos de Soares (2020), que posteriormente ressaltaram que o letramento necessário para interpretar a esfera comunicativa, onde o uso social da leitura e da escrita é essencial, também se desenvolve além do espaço escolar, permeando diversas práticas cotidianas. Nesse contexto, as mídias alternativas e os movimentos culturais desempenharam um papel fundamental na disseminação de habilidades interpretativas e críticas, oferecendo uma educação informal que preparava os indivíduos para decodificar e questionar as mensagens dos meios de comunicação. Exemplos dessas mídias incluem publicações como o jornal *Opinião* e a revista

Bondinho, ambas conhecidas por se oporem ao regime militar e promoverem discussões políticas e culturais. Além disso, conforme aponta Britto (1972), movimentos culturais como o Tropicalismo incentivavam o público a refletir criticamente sobre a realidade brasileira por meio da música e da arte. O Cinema Novo também teve forte impacto, difundindo ideias e estéticas inovadoras que desafiavam a ordem estabelecida e incentivavam o pensamento crítico.

Como mencionado, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1971 já apontava a importância de associar o ensino de Língua Portuguesa à Teoria da Comunicação. No entanto, devido ao controle do regime ditatorial, isso não significava que o ensino abordasse esses materiais com uma visão crítica sobre os discursos do governo vigente. A educação formal permanecia limitada pela censura e repressão, o que impedia uma abordagem verdadeiramente crítica e reflexiva. Foi apenas nas décadas seguintes, com a redemocratização do país, que o ensino formal avançou nesse sentido, sobretudo com a inclusão dos estudos sobre gêneros textuais no currículo brasileiro. A partir dos anos 1990, influenciados por teóricos como Bakhtin (1986) e pelos estudos de gêneros de Swales (1990) e Bazerman (1994), documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), passaram a reconhecer a importância de trabalhar com diferentes gêneros textuais no ensino. Isso marcou o início de uma abordagem mais sistemática e crítica, que visava não apenas à compreensão, mas também à produção de diversos textos, capacitando os alunos a interagirem de maneira mais consciente com as práticas sociais de leitura e escrita, essenciais para o mundo digital e conectado que emergia.

8.1 O QUE DIZEM OS PARÂMETROS CURRICULARES: AVANÇOS E RETROCESSOS NO ENSINO DOS GÊNEROS TEXTUAIS.

Antes da publicação oficial dos Parâmetros Curriculares Nacionais, foi lançado um caderno intitulado “Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais”. Essa publicação buscava “apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres” (Brasil, 1997, p. 4). O texto também define o documento como um “instrumento útil no apoio às discussões pedagógicas em sua escola, na elaboração de projetos educativos, no planejamento das aulas, na reflexão sobre a prática educativa e na análise do material didático” (Brasil, 1997, p. 4).

Nesse primeiro momento, os encaminhamentos foram voltados especificamente para as séries iniciais da Educação Fundamental. Foi apenas nos anos 2000 que o caderno do Ensino Médio foi disponibilizado. Nele, além das bases legais que fundamentavam a elaboração do texto, foi proposta uma divisão em diferentes áreas do conhecimento e uma abordagem focada no estabelecimento de competências e habilidades, termos que se tornaram ainda mais frequentes nos debates sobre currículo. Na introdução, o documento afirma que o resultado alcançado foi fruto do trabalho conjunto com educadores de todo o país, seguido de uma justificativa baseada na ideia de que

Tínhamos um ensino descontextualizado, compartimentalizado e baseado no acúmulo de informações. Ao contrário disso, buscamos dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização; evitar a compartimentalização, mediante a interdisciplinaridade; e incentivar o raciocínio e a capacidade de aprender. (PCN, 2000, p. 4).

Levando isso em consideração, o texto de apresentação afirma que o sistema educacional brasileiro, a partir das transformações da década de 1990, enfrentava um desafio diferente daquele assumido nas duas décadas anteriores, que era o de “formar especialistas capazes de dominar a utilização de maquinarias ou de dirigir processos de produção” (Brasil, 2000, p. 5). Agora, diante do “volume de informações, produzido em decorrência das novas tecnologias” (Brasil, 2000, p. 5), o ensino não deveria focar no acúmulo de conhecimento, mas na formação do aluno, que deveria ter “como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação” (Brasil, 2000, p. 5). Isso revela que o foco do sistema educacional passa a ser não apenas a transmissão de conteúdos específicos, mas o desenvolvimento de habilidades que permitam ao aluno navegar e interpretar criticamente um mundo em constante transformação, impulsionado pela inovação tecnológica.

A seção seguinte do documento traz uma breve discussão sobre os processos de trabalho que antecederam sua publicação, destacando que a escrita dos parâmetros ocorreu mediante um diálogo constante entre a Secretaria de Educação Média e Tecnológica e as demais esferas das redes pública e privada, além de técnicos, pesquisadores e sociedade civil. Em seguida, é apresentada uma nova seção, que se concentra em um debate sobre o conceito de “sociedade tecnológica”,

definida nos seguintes termos:

A nova sociedade, decorrente da revolução tecnológica e seus desdobramentos na produção e na área da informação, apresenta características possíveis de assegurar à educação uma autonomia ainda não alcançada. Isto ocorre na medida em que o desenvolvimento das competências cognitivas e culturais exigidas para o pleno desenvolvimento humano passa a coincidir com o que se espera na esfera da produção. (PCN, 2000, p. 11).

Assume-se, então, que essa revolução exige o desenvolvimento de competências cognitivas e culturais, mas também destaca que a formação educacional precisa estar alinhada com as demandas do mercado de trabalho e da produção. Esse alinhamento entre educação e produção sugere uma relativa manutenção dos objetivos educacionais, focando no desenvolvimento de habilidades práticas e competências diretamente aplicáveis no contexto profissional, ou seja, indica uma convergência entre as esferas educacional e econômica, o que poderia resultar em um currículo mais pragmático e orientado para resultados.

Além disso, o texto insere informações sobre as transformações nesse novo panorama social. Defende-se que, com as tecnologias oferecidas na década de 1990, os espaços de trabalho seriam reduzidos, uma vez que as atividades se tornariam simbólicas e teriam o conhecimento como principal instrumento. Esse foco no mundo do trabalho permanece até o final, revelando que a percepção da época sobre os impactos da tecnologia estava profundamente vinculada às exigências do mundo corporativo. Ainda assim, o documento também promove uma abordagem que valoriza processos de solidariedade e coesão social, com o objetivo de diminuir a intolerância e desenvolver o pensamento crítico. Esse aspecto é explicitado ao apontar que a

revolução tecnológica, por sua vez, cria novas formas de socialização, processos de produção e, até mesmo, novas definições de identidade individual e coletiva. Diante desse mundo globalizado, que apresenta múltiplos desafios para o homem, a educação surge como uma utopia necessária indispensável à humanidade na sua construção da paz, da liberdade e da justiça social (PCN, 2000, p. 13).

Ainda que esses pontos tenham sido inseridos, é possível afirmar que prevalece no documento uma abordagem que associa excessivamente a tecnologia ao contexto empresarial, relegando a um segundo plano as implicações sociais e culturais mais amplas que a revolução tecnológica traria consigo. Embora seja inegável que a digitalização e a automação transformaram radicalmente os processos produtivos, a verdadeira magnitude dessa revolução também reside em sua capacidade de reconfigurar a socialização, a comunicação e até mesmo a identidade dos indivíduos. Um exemplo disso é que o texto dedicado à área de linguagem considera o uso da informática necessário, pois a enxerga como um “meio de informação, comunicação e resolução de problemas, a ser utilizada no conjunto das atividades profissionais, lúdicas, de aprendizagem e de gestão pessoal” (Brasil, 2000, p. 27).

8.1.1 Conhecimentos de Língua Portuguesa e outras ausências.

Antes de analisarmos o que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais para Língua Portuguesa, é importante destacar que o documento orienta uma abordagem que integra o uso da tecnologia em cada área de conhecimento. Há um esforço para enxergá-la como um instrumento que “permite contextualizar os conhecimentos de todas as áreas e disciplinas no mundo do trabalho” (Brasil, 2000, p. 93). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sugerem que a tecnologia deve ser abordada como um processo que conecta conhecimentos com suas aplicações práticas e tecnológicas, indo além de uma simples ferramenta ou recurso complementar. O documento cita a importância da familiarização com modernas técnicas de edição, exemplificando a necessidade de vivências reais que garantam o uso efetivo da tecnologia. Isso sugere que a tecnologia é vista como um meio de produção, no qual os alunos aprendem a utilizar ferramentas tecnológicas para criar, editar e produzir conteúdo. Assim, a tecnologia é considerada um componente essencial e integrador do processo educacional, que enriquece e expande as possibilidades de ensino e aprendizagem.

Embora o documento avance na percepção sobre a tecnologia, a preocupação com o mercado de trabalho ainda prevalece, deixando de contemplar plenamente os aspectos sociodiscursivos, imagéticos e semiológicos. No âmbito das linguagens, por exemplo, a abordagem adotada foca em entender o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na vida dos alunos, nos processos de produção, no

desenvolvimento do conhecimento e na vida social. Há também uma ênfase na aplicação dessas tecnologias em contextos como a escola, o trabalho e outros espaços sociais relevantes. Entretanto, o documento poderia aprofundar a relação entre tecnologia e o desenvolvimento de competências para interpretar e produzir diferentes gêneros textuais, essenciais para a comunicação em uma sociedade digital. A inclusão de práticas voltadas para o trabalho com múltiplos gêneros — como notícias, infográficos e os gêneros que eclodiam no início do processo de virtualização digital — ampliaria a compreensão dos alunos sobre como a tecnologia influencia a construção de significados, permitindo uma formação mais crítica e abrangente sobre o mundo digital. Esse tipo de abordagem contribuiria para que os alunos desenvolvessem uma visão mais ampla da tecnologia, não apenas como ferramenta de trabalho, mas como parte fundamental das práticas discursivas e culturais contemporâneas.

A perspectiva, nesse caso, mostra-se restrita aos aspectos informativos e produtivos, negligenciando o impacto mais profundo e abrangente das redes midiáticas na maneira de pensar e entender o mundo. A ênfase nos processos de produção e na preparação para o mercado de trabalho revela uma visão tecnocêntrica, que valoriza a capacidade dos alunos de utilizar a tecnologia para criar e produzir bens e serviços, bem como adquirir conhecimentos aplicáveis em contextos produtivos. A abordagem adotada deixa de lado a compreensão de como a tecnologia influencia e é influenciada pelas práticas sociais e discursos. Os aspectos sociodiscursivos, que se referem à forma como as interações sociais e os discursos são moldados pelas tecnologias, não recebem a devida atenção.

Essa postura pode ser explicada pelo fato de que as redes sociais midiáticas estavam ainda em fase inicial de difusão. A "Classmates", fundada por Randy Conrad em 1995, foi uma das pioneiras em conectar estudantes e ex-alunos nos Estados Unidos e disponibilizar anuários escolares online (Boyd; Ellison, 2007). Já a "Six Degrees", criada em 1997 por Andrew Weinreich, foi a primeira a ser amplamente reconhecida como uma "rede social", onde usuários podiam criar perfis e conectar-se a amigos (Boyd; Ellison, 2007). Fora do mundo acadêmico, foi apenas em 2002 que o Friendster e o MySpace foram lançados, seguidos pelo LinkedIn em 2003.

Nesse sentido, o fato de as redes sociais midiáticas terem surgido concomitantemente à elaboração dos PCNs ajuda a explicar o enfoque maior dado aos aspectos informacionais promovidos pela informática. Prova disso é a

terminologia empregada, “Tecnologia da Informação” (TI), consolidada com a popularização dos computadores pessoais e a expansão do uso de redes de comunicação. Posteriormente, os estudos sobre o tema passaram a entender que as Tecnologias da Informação abrangem um espectro mais amplo de tecnologias voltadas ao processamento e gestão de informações, o que levou à criação do termo “Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação”. Esse termo passou a destacar as tecnologias digitais que facilitam a comunicação e a interação. A evolução e a mudança dessas terminologias refletem as transformações tecnológicas e sociais que influenciam continuamente a maneira como usamos e percebemos essas tecnologias no cotidiano.

Como mencionei, aquele que é considerado o primeiro meme publicado na internet data de 1998, exatamente quando os trabalhos em torno dos PCNs começaram a ser divulgados. Esses aspectos temporais, de fato, merecem ser considerados, mas não explicam completamente a ausência de uma abordagem crítica aos aspectos imagéticos e discursivos que a internet cria. Reconheço que, mesmo nas fases iniciais, a internet já começava a moldar as práticas sociais e culturais, e acredito que essa dimensão deveria ter sido incorporada de maneira mais explícita e crítica nos documentos educacionais.

Na área dedicada aos conhecimentos de Língua Portuguesa, não há menção ao uso de tecnologias no texto introdutório. Posteriormente, o documento lista as habilidades que devem ser desenvolvidas pelos estudantes nesse escopo. A primeira delas aborda a Língua Portuguesa como uma representação simbólica das vivências humanas, abrangendo suas maneiras de sentir, pensar e agir no contexto social. A segunda discorre sobre os recursos expressivos da linguagem verbal, enquanto a terceira destaca a importância de o estudante ser capaz de confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes manifestações da linguagem verbal. A quarta foca na ideia de que a língua gera significados e organiza o mundo e a identidade dos estudantes. Em nenhuma dessas habilidades a Tecnologia da Informação é citada, o que representa, mais uma vez, uma oportunidade perdida de enriquecer o ensino com ferramentas e práticas relevantes para a era digital.

Dado que os PCNs orientaram a construção do currículo aplicado nas escolas, considero fundamental refletir sobre os impactos a longo prazo dessa ausência e de que forma ela afeta as práticas de sala de aula desenvolvidas em diálogo com essas diretrizes. A internet, naquele momento, deveria ter sido encarada não apenas como

um espaço de compartilhamento de informação, mas também como um campo de disputa de discursos e ideologias.

Para piorar o quadro, entre a publicação dos PCNs e a elaboração concreta de uma base curricular comum, passaram-se aproximadamente dez anos. Nesse período, o governo publicou, em 2006, um novo documento intitulado *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Essas orientações, como aponta Soares (2020), foram desenvolvidas a partir da necessidade de efetivar, na realidade escolar brasileira, a reforma do ensino médio, algo que não foi alcançado com os instrumentos normativos anteriores. Teóricos como Fernandes (2004) defendem que esse texto surgiu porque o próprio governo percebeu que as diretrizes anteriores, assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino médio (PCNem), não foram suficientes para consolidar um projeto de ordem nacional. Parte disso, como sinaliza Soares (2020), deveu-se à falta de diálogo com outros agentes educacionais e à infraestrutura precária das escolas.

Esse documento trouxe um nível maior de detalhamento em comparação com os PCNs. A seção de Linguagens, Códigos e Tecnologias, por exemplo, possui 241 páginas. Nele, é estabelecida uma divisão entre diferentes disciplinas, incluindo especificidades para o ensino de artes e de língua estrangeira. Avanços foram percebidos na definição dos chamados “conceitos estruturantes” (Brasil, 2006, p. 30), como linguagem, texto e contexto, que fundamentam a área. No conceito de linguagem, a inclusão da linguagem digital foi significativa, pois é vista como estruturante da informática. A linguagem digital é definida como “a possibilidade de transformar todo tipo de informação em combinações de números (dígitos), fato que permite elaborar, armazenar e difundir qualquer tipo de informação por meios eletrônicos e utilizá-la em diversos contextos. Essa linguagem tem uma fundamentação codificada pela lógica matemática” (Brasil, 2006, p. 37). A noção de texto, por sua vez, introduz o termo “hipertexto”, ampliando as noções tradicionais de texto, antes muito vinculadas apenas à escrita e à fala. Além disso, são introduzidos conceitos fundamentais para o trabalho com textos de ambientes virtuais, como linguagem verbal e não verbal, dialogismo, signo, ícone e símbolo.

A introdução desses aspectos no currículo representa um avanço significativo na forma como o ensino de Linguagens, Códigos e Tecnologias é concebido. A divisão entre disciplinas, como o ensino de artes e de língua estrangeira, permite uma abordagem mais específica e detalhada, respeitando as particularidades de cada

área. A definição de “conceitos estruturantes”, como linguagem, texto e contexto, é fundamental para construir uma base sólida no ensino dessas disciplinas. Incluir a linguagem digital, por exemplo, não apenas atualiza o currículo para refletir as realidades tecnológicas contemporâneas, mas também reconhece a importância de preparar os alunos para um mundo cada vez mais digitalizado. Definir a linguagem digital como a transformação de informações em combinações numéricas e sua difusão por meios eletrônicos, fundamentada pela lógica matemática, proporciona uma compreensão prática e objetiva dessa linguagem. Considero esse aspecto crucial, pois permite que os alunos não apenas utilizem as ferramentas digitais, mas também compreendam os princípios que as regem.

A importância de introduzir esses elementos no currículo também reside no fato de que eles fomentam uma visão sobre o uso da língua mais alinhada com a dinâmica da sociedade contemporânea. Ao formar professores com uma fundamentação precisa e conectada ao mundo real e ao estudante, o documento assegura que a prática pedagógica seja relevante e atualizada. Vejo essa conexão entre teoria e prática como uma abordagem que busca acompanhar as constantes mudanças impostas pelas tecnologias midiáticas, garantindo que os alunos recebam uma educação que os prepare efetivamente para os desafios do século XXI. Essas noções também contribuem significativamente para que os alunos desenvolvam um pensamento crítico sobre as diferentes manifestações do uso da língua. O objetivo é que aprendam a reconhecer e utilizar recursos expressivos das linguagens e compreendam o papel delas na construção e interpretação da realidade.

Ainda dentro da discussão sobre a introdução de conceitos nas orientações curriculares de 2006, considero importante destacar dois aspectos que também indicam um tratamento mais alinhado com as mudanças provocadas pela difusão da internet. O primeiro diz respeito ao conceito de “negociação de sentidos” (Brasil, 2006, p. 48), que é compreendido como um processo a partir do qual decorrem

a significação que se atribui ao discurso, assim como a visão de mundo que se plasma na língua utilizada por uma comunidade – visão esta que resulta da aquisição, ao longo da existência, de uma estrutura de atitudes, valores e critérios de avaliação de todos os aspectos da vida humana, referente aos seres, fatos e saberes que a humanidade criou; essa estrutura é o equipamento conceitual do indivíduo (Brasil, 2006, p. 49).

Essa concepção dialoga diretamente com a perspectiva de Bronckart (1999), para quem o discurso é uma prática interativa e social, construída na relação entre múltiplas vozes, perspectivas e contextos. O autor enfatiza que o discurso não é um produto isolado, mas uma atividade que se realiza na interação entre os atores do interacionismo, orientada por respostas antecipadas, comentários prévios e pela dinâmica social em que está inserido. Assim, a significação do discurso não é fixa ou estática, mas resulta de um processo contínuo de negociação e interação entre esses atores, mediado pela língua, que carrega consigo a visão de mundo de uma comunidade.

O segundo conceito importante é o de “Imaginário Coletivo”, que surge com a intenção de destacar os usos mais amplos da linguagem e cultura, permitindo compreender como as expressões culturais e artísticas são formadas não apenas pelo trabalho individual, mas também por uma emergência social historicamente datada. A adoção dessa discussão, conforme sugere Durand (2001), oferece aos professores uma ferramenta poderosa para conectar a prática pedagógica ao mundo real e ao contexto histórico dos estudantes. Ao explorar como os conflitos sociais e pessoais influenciam a criação artística e a expressão linguística, posso ajudar os alunos a desenvolverem uma compreensão mais sofisticada das produções culturais, especialmente aquelas que o mundo virtual oferece. Acredito que isso seja essencial para formar cidadãos críticos, capazes de interpretar e interagir com as múltiplas camadas de significado presentes nas manifestações comunicacionais do dia a dia.

Não surpreende que esses dois conceitos sejam desenvolvidos para introduzir outro importante tópico: a Tecnologia da Informação. Nesse caso, a visão defendida vai além daquela presente no documento anterior, que enxergava a tecnologia apenas como produtora de dados, sem considerar que isso pode “mascarar os elementos subjetivos e ideológicos presentes na construção mediada do conhecimento” (Brasil, 2006, p. 52). O documento, então, reconhece que compete à escola “trabalhar com a tecnologia não apenas como um artefato técnico, mas como uma construção social, dialética em sua própria natureza” (Brasil, 2006, p. 52). Entendo que essa abordagem representa um avanço essencial ao permitir que os alunos desenvolvam uma visão crítica sobre as tecnologias com as quais interagem diariamente. Ao considerar a tecnologia como parte das dinâmicas sociais e ideológicas, a escola não só prepara os alunos para o mercado de trabalho, mas também para refletirem sobre o papel dessas ferramentas na construção de conhecimentos e valores sociais.

8.2 A BASE COMUM CURRICULAR E SEUS DESAFIOS.

Após essa publicação, levou seis anos para que o país retomasse de forma mais enfática a discussão sobre o currículo. Novos trabalhos surgiram, agora com a intenção de promover a elaboração de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, de fato, instrumentalizasse melhor estados e municípios na realização de suas práticas educacionais. Foi assim que, em junho de 2014, o Ministério da Educação (MEC) lançou oficialmente o processo de construção da BNCC. A iniciativa foi marcada, inicialmente, por uma série de eventos, encontros e consultas públicas que envolveram diversos atores da educação, incluindo professores, gestores, especialistas, entidades representativas e a sociedade civil. Essas discussões tinham como objetivo construir um consenso sobre os elementos fundamentais que deveriam compor o currículo nacional.

No entanto, considero importante evidenciar que o contexto político do país impediu que os debates em torno de sua construção fossem realmente baseados em um amplo e democrático diálogo com a comunidade acadêmica e a sociedade civil. A elaboração da BNCC enfrentou diversos obstáculos, refletindo a instabilidade política que marcou o Brasil na última década. A crise política que culminou com o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff em 2016 impactou profundamente várias áreas, incluindo a educação, trazendo desafios significativos para o desenvolvimento de uma base curricular verdadeiramente representativa e inclusiva.

Com a saída de Dilma Rousseff e a ascensão de Michel Temer à presidência, percebo que houve uma mudança significativa nas prioridades e abordagens políticas em torno do projeto de construção da BNCC. O novo governo adotou uma postura mais conservadora e alinhada com interesses específicos, resultando em discussões que contaram com um menor envolvimento da comunidade acadêmica e da sociedade civil. Implementada por medida provisória em 2017, a reforma alterou significativamente a estrutura do Ensino Médio, introduzindo a flexibilização do currículo e os itinerários formativos. Nos anos seguintes, observei que várias dessas mudanças passaram a ser contestadas e criticadas por agentes envolvidos com os processos de ensino-aprendizagem e, em 2024, já com um novo governo em andamento, ajustes foram realizados na divisão da carga horária.

Nesse sentido, vale pontuar que as Orientações Curriculares Nacionais para o

Ensino Médio, embora ancoradas nas discussões em torno dos gêneros textuais, não faziam qualquer menção aos memes. Popularizada nas décadas de 1980 e 1990, a Teoria dos Gêneros Textuais permitiu que pesquisadores no país entendessem o gênero como um fenômeno socialmente situado e dinâmico. Percebo que Luiz Antônio Marcuschi foi um dos principais responsáveis por disseminar essas ideias no contexto brasileiro. Em obras como “Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão” (2008) e “Gêneros Textuais: definição e funcionalidade” (2010), Marcuschi destacou a importância de compreender os gêneros textuais como práticas sociais, enfatizando a necessidade de integrar essa perspectiva no ensino de língua portuguesa. A mudança de olhar trazida por esses documentos indiscutivelmente influenciou a produção de livros didáticos, que passaram a incorporar uma abordagem baseada em gêneros textuais. Os livros didáticos começaram a incluir uma variedade de gêneros, tanto orais quanto escritos, e a tratar explicitamente das características, funções e contextos de uso desses gêneros.

Na tentativa de acompanhar esses estudos, os cursos de licenciatura em letras passaram a inserir disciplinas voltadas para a análise textual dentro de uma perspectiva de gêneros. Atualmente, percebo um esforço claro para atrelar os estudos dos gêneros textuais aos contextos de uso e às práticas educativas. As grades curriculares propostas por universidades que ofertam o curso de Licenciatura em Letras, por exemplo, comumente incluem disciplinas como “Estudos da Linguagem”, “Linguística Aplicada” e “Teorias Linguísticas”, nas quais as discussões sobre gêneros continuam ganhando visibilidade e norteando a prática docente.

Posso afirmar que hoje essas abordagens fazem parte da formação dos estudantes da área, refletindo o robusto arcabouço teórico construído nas últimas décadas. Nessa perspectiva, é importante destacar a forte presença dos estudos sobre multimodalidade, que também ganharam espaço graças a publicações realizadas por autores como Ângela Dionísio (2011) e Roxane Rojo (2012). Rapidamente, termos como “hipertexto” e “multiletramentos” passaram a ter maior relevância, representando uma mudança significativa na concepção de texto. Esse movimento questiona a visão tradicional, centrada exclusivamente na escrita linear e impressa, pois o avanço tecnológico e a difusão da internet contribuíram para que os textos fossem vistos como entidades multimodais, integrando elementos verbais, visuais, auditivos e até mesmo interativos.

Essa nova compreensão do que constitui um texto provocou mudanças

profundas nas metodologias de ensino. As práticas pedagógicas, que antes priorizavam a análise textual exclusivamente sob uma perspectiva gramatical e estilística, começaram a incorporar abordagens que valorizam a compreensão e a produção de textos em contextos digitais. O conceito de hipertexto, por exemplo, permite que eu desafie os estudantes a desenvolverem habilidades de leitura e interpretação que vão além do texto escrito, exigindo a integração de informações provenientes de diferentes fontes e formatos. Os multiletramentos, por sua vez, apontam para a importância de trabalhar com a diversidade de textos e práticas letradas que circulam em diferentes esferas sociais e culturais. No contexto educativo, isso se traduz na incorporação de atividades que envolvem a análise e a produção de textos digitais, como blogs, wikis, redes sociais e vídeos, refletindo a realidade comunicacional dos estudantes.

Para ilustrar esse cenário de mudanças, observei um aumento significativo de artigos na plataforma Periódicos Capes, a partir dos termos “gêneros textuais digitais”. Entre 2005 e 2015, foram publicados 49 artigos sobre o tema, enquanto nos dez anos seguintes esse número subiu para 631, o que representa uma média de 63,1 artigos por ano em todo o território nacional. Esses dados confirmam um interesse crescente no assunto, embora também indiquem uma quantidade relativamente modesta de trabalhos anuais, considerando a relevância e a presença onipresente das tecnologias digitais na educação e na vida cotidiana.

Ademais, a inserção mais detalhada desses gêneros nos currículos só veio a ganhar destaque com a publicação do texto final da BNCC. É nela que percebo alguns avanços no tratamento dessa área. Um deles, por exemplo, é a visão de que o usuário de internet já não é visto como um agente passivo, meramente receptor de informação. Agora, ele é reconhecido como um participante ativo, capaz de interagir, criar e compartilhar conteúdos de forma crítica e autônoma.

Merece destaque o fato de que, ao alterar o fluxo de comunicação de um para muitos – como na TV, rádio e mídia impressa – para de muitos para muitos, as possibilidades advindas das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) permitem que todos sejam produtores em potencial, imbricando mais ainda as práticas de leitura e produção (e de consumo e circulação/recepção). Não só é possível para qualquer um redistribuir ou comentar notícias, artigos de opinião, postagens em vlogs, machinemas, AMVs e outros textos, mas também escrever ou performar e publicar textos e enunciados variados, o que

potencializa a participação. (BNCC, 2017, p. 479).

Entendo que essa visão representou um avanço crucial na educação contemporânea, pois não apenas ampliou as possibilidades de expressão e produção de conteúdo, mas também redefiniu a relação entre leitura, produção, consumo e circulação de textos. A transformação do fluxo de comunicação de "um para muitos" para "muitos para muitos" trouxe profundas implicações educacionais, ao vislumbrar uma democratização do espaço comunicativo, onde todos têm o potencial de se tornar criadores de conteúdo, contribuindo para um ecossistema de informações mais diversificado e dinâmico. No quadro abaixo, sintetizo o olhar dado às tecnologias digitais, buscando destrinchar as habilidades relacionadas a elas.

Imagem 105 - BNCC 2017.

HABILIDADES
(EM13LGG701) Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e mobilizá-las de modo ético, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.
(EM13LGG702) Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital.
(EM13LGG703) Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.
(EM13LGG704) Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.

Fonte: Reprodução/ BNCC 2017.

Como vimos, as habilidades indicadas pelo documento incentivam a avaliação crítica do impacto das TDICs nas práticas sociais e na formação dos indivíduos, promovendo um uso consciente das mídias digitais. A ênfase na produção coletiva e colaborativa, utilizando diferentes linguagens e ferramentas digitais, reforça a

importância da apropriação crítica dos processos de pesquisa e busca de informação, capacitando os estudantes a navegarem de forma autônoma e discernida no ambiente digital. Tudo isso me leva a refletir sobre as medidas necessárias para que o corpo docente se mostre capaz de acompanhar esse quadro significativo de mudanças.

Ao aprofundar minha análise, percebi que, apesar da BNCC já apontar essas questões, é urgente repensarmos todo o sistema de ensino da leitura. Em minha visão, é fundamental que entendamos como a sociedade atual pode se preparar melhor para compreender a circulação dos diversos gêneros que compõem o universo digital. As práticas de leitura, conforme as observo, ainda estão fortemente ancoradas em uma linearidade tradicional, que não dialoga com a complexidade de um mundo digital amplamente interativo, onde novos gêneros emergem e ocupam lugar de destaque.

Nesse sentido, sou convencido de que precisamos romper com o modelo de leitura que se limita à decodificação mecânica de palavras e frases. Inspirado por autores como Paulo Freire e Louise Rosenblatt, acredito que a leitura deve ser entendida como um processo dinâmico, interativo e culturalmente situado. Freire (2019) enfatiza a importância da leitura do mundo para a transformação social, enquanto Rosenblatt (1978) ressalta a natureza dialógica e experiencial do ato de ler. Essa abordagem integrada é imprescindível para que possamos desenvolver, no ambiente escolar, práticas que estimulem a reflexão crítica e a capacidade de identificar as múltiplas camadas de significado presentes nos textos e nos diversos gêneros digitais, como os memes.

Vejo, portanto, a necessidade de uma reestruturação no ensino da leitura que contemple não apenas a dimensão técnica, mas sobretudo a compreensão contextual e crítica dos conteúdos que circulam na rede. É preciso preparar os estudantes para que possam questionar, refutar e interpretar de forma autônoma as mensagens, evitando que se tornem reféns de narrativas simplistas e manipuladoras.

Apesar do aumento na produção de pesquisas relacionadas aos gêneros textuais digitais, percebo que nos cursos de Letras, responsáveis pelo estudo de gêneros textuais conforme estabelecido pela BNCC, a oferta de disciplinas dedicadas exclusivamente aos estudos nessa área ainda é baixa. Isso significa que as discussões sobre esses gêneros surgem como tópicos em outras disciplinas, mas não são vistas como suficientemente importantes para justificar a criação de estudos centrados neles. As disciplinas que realmente focam na análise do ambiente digital são quase sempre ofertadas como eletivas, cabendo ao estudante optar por incluí-las

ou não em sua formação.

Para confirmar essa afirmação, realizei visitas aos sites oficiais de 15 Universidades Federais com o objetivo de averiguar o perfil curricular desses cursos e identificar a oferta de disciplinas relacionadas ao ambiente digital. Baseei-me nas grades curriculares disponibilizadas pelos próprios sites oficiais dessas instituições; entretanto, ressalto que alguns desses sites já podem não ter as grades atualizadas ou podem ter sofrido alterações, o que deve ser considerado ao interpretar os dados apresentados. O quadro abaixo resume esse panorama, permitindo que tenhamos um retrato da evolução dessas discussões nos principais ambientes de formação profissional em educação.

Tabela 2 - Oferta de disciplinas relacionadas ao uso de tecnologias mídias e gêneros digitais em cursos de letras de 15 universidades federais do Brasil.

Universidade	Disciplinas obrigatórias relacionadas com o uso de tecnologias, mídias e gêneros digitais.	Disciplinas Eletivas relacionadas com o uso de tecnologias, mídias e gêneros digitais.
Universidade Federal de Alagoas	Não localizada	Tecnologias e ensino de língua portuguesa.
Universidade Federal da Bahia	Não localizada	Educação e tecnologias contemporâneas
Universidade Federal da Paraíba	Prática de letramento digital e ensino de literatura	Não localizada
Universidade Federal de Pernambuco	Não localizada	Não localizada
Universidade Federal de Minas Gerais	Recursos tecnológicos aplicados ao ensino	Não localizada

Universidade Federal do Paraná	Não localizada	Não localizada
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Não localizada	Não localizada
Universidade Federal do Rio de Janeiro	Não localizada	Não localizada
Universidade Federal de Roraima	Novas Tecnologias e Ensino de Línguas e Literaturas	Não localizada
Universidade Federal do Amazonas	Não identificada	Não localizada

Fonte: O autor (2024)

Tabela 2 – (Conclusão)

Universidade	Disciplinas obrigatórias relacionadas com o uso de tecnologias, mídias e gêneros digitais.	Disciplinas Eletivas relacionadas com o uso de tecnologias, mídias e gêneros digitais.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Projetos de Aprendizagem em Ambientes Digitais	Mídia e Tecnologias Digitais em Espaços Escolares.
Universidade Federal do Espírito Santo	Não localizada	Textos da Mídia e Ensino
Universidade Federal do Pará	Recursos tecnológicos no ensino de português	Não localizada
Universidade Federal do Ceará	Não localizada	Não localizada
Universidade de	Não localizada	Não localizada

São Paulo

Universidade
Federal do Piauí

Não localizada

Linguagem, tecnologia e
ensino de língua portuguesa

Fonte: O autor (2024)

Com base nessa investigação, observo que a oferta de disciplinas relacionadas ao uso de tecnologias, mídias e gêneros digitais nos cursos de Letras em 15 Universidades Federais revela um panorama preocupante e paradoxal. Dos cursos analisados, apenas três universidades oferecem disciplinas obrigatórias voltadas para a incorporação de tecnologias digitais, representando cerca de 20% das instituições, enquanto a oferta de disciplinas eletivas é marginalmente maior, com seis universidades disponibilizando tais opções. Contudo, essa presença ainda é insuficiente para atender à demanda crescente por uma formação tecnológica robusta no contexto educacional.

Embora esse cenário evidencie uma aparente falta de prioridade na formação dos futuros professores em tecnologias digitais — um aspecto que, à primeira vista, pode sugerir uma defasagem significativa em relação às exigências do ensino contemporâneo — acredito que esse problema não deve ser encarado como uma falha isolada dos cursos de formação. Reconheço que desafios estruturais, históricos e institucionais, bem como questões relacionadas às políticas públicas, contribuem para essa realidade. Ainda assim, o fato de as disciplinas voltadas ao ambiente digital serem frequentemente tratadas como complementares, em vez de constitutivas, contrasta fortemente com a crescente presença da tecnologia no ensino básico.

Diante disso, é imperativo que essa lacuna seja preenchida por meio de ações sistemáticas e de uma negociação coletiva que envolva toda a comunidade acadêmica e os formuladores de políticas educacionais. A inserção mais expressiva de disciplinas que abordem as tecnologias digitais é fundamental para preparar os futuros docentes de maneira alinhada com as demandas práticas e transformadoras do cenário educacional atual. Assim, não se trata de apontar culpados, mas de reconhecer a necessidade de uma reformulação abrangente e colaborativa dos currículos, que permita a integração plena das ferramentas digitais na formação docente.

Acredito que essa ausência de disciplinas obrigatórias voltadas para o digital reflete um problema mais profundo na academia, onde os estudos sobre tecnologias e práticas digitais ainda enfrentam resistência em se consolidarem como áreas

centrais de conhecimento. A falta de criticidade e de investimento acadêmico nessa área impede que os cursos de Letras acompanhem as transformações sociais, culturais e comunicativas trazidas pela era digital. Como resultado, os futuros professores podem sair das universidades sem a preparação necessária para avaliar e aplicar criticamente essas tecnologias no ensino, reproduzindo uma visão superficial e instrumentalizada da tecnologia, sem explorar seu potencial transformador e reflexivo. Essa lacuna na formação também impacta a produção acadêmica, limitando o número de pesquisas que poderiam contribuir para o avanço de metodologias inovadoras e críticas de ensino com base no digital.

Diante de hipóteses como essas, no próximo capítulo apresentarei dados atualizados resultantes de uma pesquisa de campo com os agentes educacionais, que podem fornecer respostas mais próximas da realidade. Como as narrativas analisadas até aqui tomam o meme como suporte, considero necessário averiguar se os estudantes dessas licenciaturas se sentem devidamente preparados para utilizar e ensinar tópicos relacionados às tecnologias digitais, ou se encontram dificuldades em explorar plenamente o potencial dessas ferramentas para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa.

Antes de seguir para esse capítulo mais analítico, uma questão merece destaque: a inserção dos memes na BNCC. Nessa perspectiva, alguns pontos merecem ser considerados. O documento procura enxergar a internet não apenas como um espaço para a circulação de informações, mas como um ambiente onde “textos e discursos atuais organizam-se de maneira híbrida e multissemiótica, incorporando diferentes sistemas de signos em sua constituição” (Brasil, 2017, p. 478). Ao adotar essa postura, a BNCC orienta que o ensino de Língua Portuguesa valorize o “exercício de análise de elementos discursivos, composicionais e formais de enunciados nas diferentes semioses – visuais (imagens estáticas e em movimento), sonoras (música, ruídos, sonoridades), verbais (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita) e corporais (gestuais, cênicas, dança)” (Brasil, 2017, p. 478).

Para viabilizar essa proposta, a construção curricular é organizada em campos de atuação, incluindo um voltado para as práticas de uso, destacando os novos letramentos. É por isso que conceitos como “remediação” – o processo pelo qual um gênero ou enunciado migra de uma mídia a outra – aparecem pela primeira vez. A inserção desse novo vocabulário expressa um esforço para aproximar ainda mais as práticas educativas das transformações trazidas pelos dispositivos de mídia e pela

virtualização da comunicação.

Os memes, por sua vez, são citados em dois momentos. No primeiro, eles aparecem como um dos gêneros que, para serem mais bem compreendidos, exigem que os estudantes adotem uma visão crítica, ética e estética – e não somente técnica – das TDICs e de seus usos, permitindo que selecionem, filtrem, compreendam e produzam criticamente sentidos em quaisquer campos da vida social. Entendo que isso significa que, para explorar as interfaces técnicas da internet, os estudantes devem se tornar capazes de lidar também com as “interfaces éticas que lhes permitam tanto curar informações quanto produzir o novo a partir do existente” (Brasil, 2017, p. 480).

Essa perspectiva assumida pela BNCC introduz uma visão inovadora ao reconhecer que os estudantes não são apenas receptores passivos de informações, mas sim sujeitos ativos, capazes de produzir, interpretar e replicar conteúdo dentro do ambiente virtual. Acredito que esse enfoque representa uma mudança significativa em relação aos documentos curriculares anteriores, que frequentemente se concentravam em uma visão mais restritiva e técnica das TDICs.

Ao considerar os memes como um dos gêneros que demandam uma abordagem crítica, ética e estética, a BNCC reforça a importância de capacitar os estudantes para desenvolverem habilidades que vão além do simples uso técnico das tecnologias. Entendo que essa abordagem é essencial para que eles possam selecionar, filtrar, compreender e produzir criticamente sentidos em qualquer campo da vida social. Além disso, o documento confirma a relação entre TDICs e a propagação de inverdades, considerando que os estudos sobre a virtualidade devem abordar, por exemplo, “a profusão de notícias falsas (fake news), de pós-verdades e de discursos de ódio nas mais variadas instâncias da internet e demais mídias” (Brasil, 2017, p. 479). Essa linha de pensamento dialoga com a defesa que Pierre Lévy (2011) fez há alguns anos, ao destacar que a internet não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas um espaço de produção de conhecimento coletivo, onde a inteligência coletiva emerge a partir da interação entre os usuários.

Acredito que a BNCC também acerta ao reconhecer que os gêneros digitais, como os memes, são frequentemente produzidos com base em conteúdos preexistentes. Esse processo de produção está intimamente ligado ao conceito de intertextualidade, discutido por autoras como Julia Kristeva (1986), que aponta que todo texto é um mosaico de citações, absorção e transformação de outros textos. Os

memes exemplificam esse fenômeno ao utilizar elementos culturais já existentes, reinterpretando-os e ressignificando-os para, como defende Bronckart (1999), funcionar como parte de uma interação que reflete práticas sociais e culturais.

A segunda inserção dos memes no documento ocorre dentro da habilidade de número EM13LP42, que sinaliza a importância de os estudantes atuarem “de forma fundamentada, ética e crítica na produção e no compartilhamento de comentários, textos noticiosos e de opinião, memes, gifs, remixes variados etc. em redes sociais ou outros ambientes digitais” (Brasil, 2017, p. 512). Considerando esse aspecto, uma competência é adicionada ao campo da linguagem com o objetivo claro de mostrar aos agentes educacionais que o uso da língua é sempre um “fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso” (Brasil, 2017, p. 486). Os memes, nesse contexto, são encarados como instrumentos poderosos de comunicação e expressão cultural, confirmando a defesa de Jenkins (2009) em *Cultura da Convergência*, de que os memes representam a cultura participativa, onde os indivíduos não apenas consomem, mas também produzem e disseminam conteúdos, moldando discursos coletivos.

Apesar dos avanços significativos no que tange aos estudos das mídias e à circulação dos discursos no ambiente virtual promovidos pela última versão da BNCC, observo que o documento ainda apresenta uma abordagem segmentada quando se trata desses tópicos. O tratamento dos gêneros, como os memes, continua sendo majoritariamente de responsabilidade dos professores de Língua Portuguesa, enquanto a discussão sobre narrativas históricas é delegada às Ciências Humanas. Essa segmentação reflete uma fragmentação histórica entre áreas do conhecimento, embora os fenômenos ligados à tecnologia e à comunicação exijam uma articulação mais interdisciplinar.

A competência EM13CHS101, que visa “analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais” (Brasil, 2017, p. 560), é um exemplo claro dessa segmentação. Embora essa competência aborde a análise crítica de narrativas, ela não menciona especificamente eventos tecnológicos ou a circulação de discursos no ambiente digital. Considero que essa escolha evidencia uma fragilidade no desenho curricular proposto pela BNCC, que ainda não propõe uma abordagem mais integrada, capaz de fomentar práticas conectadas com a complexidade das interações

no ambiente virtual. Essa lacuna impede que toda a cadeia de formação docente lide de forma efetiva com os gêneros textuais digitais e permita que eles sejam tratados na sala de aula a partir dos desafios oriundos das práticas interativas nos ambientes digitais.

Além disso, penso que, embora esses gêneros digitais sejam amplamente difundidos, a realidade brasileira ainda é marcada por profundas desigualdades no acesso às tecnologias. Estudos recentes, como os divulgados pelo IBGE (2019), demonstram que, em diversas regiões do país, a falta de infraestrutura adequada e as condições socioeconômicas desfavoráveis impõem barreiras significativas ao acesso e à utilização das ferramentas digitais. Essa limitação afeta diretamente a circulação e a recepção dos gêneros digitais, restringindo a capacidade de uma parcela expressiva da população de interagir com conteúdos que são, cada vez mais, parte integrante do debate público e da produção cultural contemporânea.

Paralelamente, entendo que, embora as tecnologias possam contribuir para ampliar o acesso e a interação com os diferentes gêneros digitais, sua presença no ambiente escolar não é, por si só, indispensável. Observando o atual cenário, noto que muitas escolas brasileiras têm optado pela retirada de dispositivos como celulares. Saliento que apoio essa medida não com a intenção de retroceder a um modelo tradicional de ensino, mas como uma estratégia temporária para que possamos, coletivamente, redimensionar nossa relação com essas mídias. Essa pausa proporciona um espaço para refletir e repensar a forma como as tecnologias são integradas ao processo educacional, permitindo que os alunos desenvolvam uma compreensão crítica e reflexiva dos conteúdos digitais. Assim, acredito que a adoção de práticas pedagógicas que promovam essa ressignificação é fundamental para que, futuramente, possamos reintegrar as tecnologias de maneira mais consciente e equilibrada no cotidiano escolar.

Nesse sentido, Santos (2018) argumenta que é fundamental promover um resgate do diálogo e da negociação coletiva no âmbito educacional, a fim de reconfigurarmos nossas práticas de inclusão digital de maneira que atendam às reais necessidades dos estudantes. Dessa forma, acredito que a adoção de práticas pedagógicas que promovam essa ressignificação é essencial para que, futuramente, possamos reintegrar as tecnologias de maneira mais consciente e equilibrada no cotidiano escolar.

Os apontamentos presentes neste capítulo ampliam o panorama analítico

sobre a relação do sistema educacional brasileiro com o tratamento dado aos gêneros que eclodem e circulam a partir do uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). As discussões que levantei aqui ressaltam a necessidade de realizar uma pesquisa de campo que traga indícios e respostas a partir da experiência vivida pelos agentes envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem. Com esse objetivo, conduzi entrevistas com professores e estudantes.

No próximo capítulo, discutirei questões relacionadas ao uso de memes na sala de aula, à presença ou ausência desse gênero na formação universitária e às práticas em que os memes estão presentes no ambiente escolar. Essas discussões serão fundamentadas nos dados coletados em questionários e encontros realizados em escolas, refletindo as percepções e experiências dos participantes da pesquisa.

9 PERCEPÇÕES DOS AGENTES DO ENSINO-APRENDIZAGEM SOBRE O USO PEDAGÓGICO DOS MEMES.

Imagem 106 - Meme “escola na mídia x escola na vida real”.



Fonte: Reprodução/ Memedroid.

No percurso teórico que realizei até aqui, percebo indícios de que o sistema educacional brasileiro possivelmente ainda enfrenta desafios significativos quanto à introdução dos memes como objeto das práticas pedagógicas. Para aprofundar essa análise, examinarei agora uma série de dados obtidos por meio de um trabalho de campo extenso e prolongado. Essa etapa envolveu a coleta de depoimentos dos estudantes de ensino médio e dos profissionais da educação, cujas vozes entram em diálogo ao longo deste capítulo. Minha intenção com essa abordagem foi identificar como os agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem percebem a utilização de memes no ambiente escolar. Exploro, portanto, as diferentes visões sobre a relevância e as possibilidades interativas dos memes na educação, na tentativa de identificar o valor atribuído a esse gênero nas práticas pedagógicas. Esse levantamento panorâmico me permitiu compreender se os memes são vistos como uma ferramenta pertinente e eficaz ou se enfrentam resistências que limitam seu uso no espaço educacional.

Para isso, foram realizadas visitas em escolas públicas e privadas de Recife entre 2022 e meados de 2024. Esses encontros faziam parte de um projeto intitulado “Memes Itinerantes”, iniciado em 2018, cujo propósito era propor um diálogo sobre a circulação de memes e o impacto disso na construção de visões sobre determinados temas. O foco do projeto estava na problematização e na construção de uma

reflexão crítica sobre o uso ético dos memes, buscando incentivar os participantes a pensarem de forma mais consciente sobre o conteúdo que consomem e compartilham nas redes sociais. Além disso, o projeto visava discutir como os memes podem influenciar opiniões, comportamentos e a percepção da realidade, especialmente entre jovens.

Minha motivação para a realização desses encontros reside na importância das metodologias participativas no processo de pesquisa. Acredito que essas abordagens permitem que os sujeitos envolvidos não apenas forneçam dados, mas também contribuam ativamente para a construção do conhecimento que organizo, sistematizo e compartilho. Além disso, considero fundamental destacar que práticas educativas como essas são amplamente discutidas por autores como Hernández (1998), que enfatiza esse tipo de interação como um espaço de experimentação e criação, facilitando a exploração de novas formas de expressão e pensamento pelos participantes. Esse primeiro bloco de dados evidenciou a eficácia dos encontros como estratégia pedagógica para a abordagem de temas contemporâneos e relevantes na educação, gerando respostas de grande valor devido ao seu caráter reflexivo e à profundidade das discussões promovidas.

Nesse sentido, reforço que o planejamento dessa etapa foi especialmente desafiador, pois envolveu a gestão de custos não cobertos pelo programa. A ausência de bolsa ou qualquer tipo de ajuda de custo por parte da instituição exigiu que eu ajustasse cuidadosamente a logística desses encontros, considerando os recursos limitados disponíveis. Isso incluiu despesas com transporte, materiais didáticos e o tempo dedicado, que dependia da minha disponibilidade, uma vez que, naquele momento, eu precisava conciliar esses compromissos com outros trabalhos para sustentar meus estudos. Essa realidade impôs um desafio adicional ao planejamento dos encontros presenciais, exigindo uma gestão de tempo ainda mais rigorosa e flexível para assegurar que as atividades fossem realizadas conforme o cronograma proposto. Tais limitações, no entanto, não comprometeram a qualidade do trabalho realizado; ao contrário, ressaltaram a importância de um planejamento minucioso e de uma execução adaptável, aspectos essenciais para manter a integridade e o rigor da pesquisa mesmo em condições adversas.

9.1 UM CAMINHO DE TRATAMENTO POSSÍVEL

Para o planejamento dessa etapa, levei em consideração não apenas as questões práticas relacionadas à escolha das instituições participantes e ao perfil dos alunos, mas também, como colocado acima, as condições reais para a realização dos encontros. Nesse sentido, minha primeira decisão foi definir o raio de cobertura. Optei por estabelecer a cidade de Recife como território de pesquisa, o que me levou a reflexões importantes sobre a representatividade dessa análise, visto que as questões apontadas até aqui refletem o cotidiano de alunos e professores de diversas regiões do país. Ainda assim, entendo que a escolha por Recife não compromete a validade dos dados coletados. Como capital de um estado do Nordeste, a cidade oferece um contexto diversificado, tanto no que se refere às escolas públicas quanto às privadas, possibilitando a observação de diferentes realidades educacionais em um espaço urbano dinâmico. Além disso, as práticas pedagógicas e os desafios enfrentados por professores e estudantes de Recife se alinham, em muitos aspectos, com aqueles presentes em outras regiões brasileiras, especialmente em relação ao acesso à cultura digital, às ferramentas tecnológicas e às metodologias inovadoras. Portanto, acredito que os dados coletados oferecem reflexões valiosas e aplicáveis a contextos mais amplos, servindo como ponto de partida para discussões que podem ser expandidas para outras localidades.

Assim, desenhei um plano de atividades em que as etapas de trabalho estivessem bem delimitadas e definidas. Primeiramente, decidi que as visitas pedagógicas seriam realizadas tanto em escolas públicas quanto privadas, com foco nos alunos do Ensino Médio. Essa escolha se justifica pela importância de capturar uma diversidade de experiências e contextos educacionais. Ao incluir essas duas modalidades de escola, pude abranger uma gama mais ampla de realidades sociais e econômicas, proporcionando uma análise mais completa sobre como se dá a inserção de memes dentro dessas duas realidades. Focar nos alunos do Ensino Médio também foi uma decisão estratégica, pois essa faixa etária está em uma fase crucial de desenvolvimento crítico, além de estar fortemente inserida no universo digital.

No momento seguinte, estabeleci as etapas a serem realizadas durante os encontros:

a) Apresentação do mediador e dos objetivos do encontro: Esse momento foi fundamental para que eu pudesse criar um ambiente de confiança e estabelecer a

relevância do tema para os participantes.

b) Breve apanhado sobre o histórico dos memes: Após a introdução, apresentei um resumo sobre o histórico dos memes, utilizando uma linha do tempo para ilustrar sua evolução ao longo dos anos. Esse momento foi essencial para que os estudantes compreendessem a origem e o desenvolvimento dos memes como um gênero textual digital, além de reconhecerem sua influência na cultura contemporânea.

c) Aplicação do formulário (Anexo 1): O encontro culminava na aplicação de um formulário projetado para captar as percepções dos estudantes sobre o uso de memes no ambiente educacional. Esse instrumento foi crucial para coletar dados quantitativos e qualitativos que refletissem as opiniões e reflexões dos participantes, fornecendo uma base sólida para a análise subsequente.

Os dados obtidos nesse processo serão analisados por meio de uma abordagem reflexiva que permitirá uma leitura aprofundada tanto dos números quanto das percepções qualitativas dos participantes. Organizei as informações coletadas de forma a possibilitar uma análise comparativa entre as respostas, o que facilita a identificação de padrões e divergências relevantes entre diferentes grupos de estudantes e entre as escolas públicas e privadas. Para isso, utilizo uma metodologia de análise mista, integrando dados quantitativos e qualitativos para uma visão mais completa e contextualizada. Isso significa que, enquanto organizava esses dados, procurei realizar interpretações críticas e reflexivas, buscando não apenas quantificar as respostas, mas também entender suas implicações pedagógicas e o significado que elas revelam sobre o papel dos memes no contexto educacional. A análise mista me permite, portanto, não só quantificar as percepções, mas também explorar a subjetividade e as nuances das opiniões dos participantes, construindo uma interpretação sólida e fundamentada dos resultados obtidos. Para embasar essa metodologia de análise mista, utilizo os conceitos de Creswell (2010), que destaca a importância de integrar dados quantitativos e qualitativos para enriquecer a compreensão dos fenômenos estudados, ampliando a visão e proporcionando uma análise mais rica e detalhada.

9.2 O QUE APONTARAM OS ESTUDANTES

No total, foram realizados 28 encontros, sendo 15 deles em turmas de escolas privadas e 13 em turmas de escolas públicas. O quadro abaixo indica o perfil dos 1008

alunos participantes.

a) Quantitativo quanto ao tipo de ensino

Tabela 3 - Quantitativo de alunos de escolas públicas e privadas participantes da pesquisa.

Tipo de ensino ofertado	Quantidade de estudantes
Escolas Públicas	536
Escolas Privadas	472
Total	1008

Fonte: O autor (2024)

b) Quanto à divisão por série.

Tabela 4 - Distribuição dos estudantes por série.

Série (Nível Médio)	Quantidade de estudantes
1º ano	245
2º ano	311
3º ano	452
Total	1008

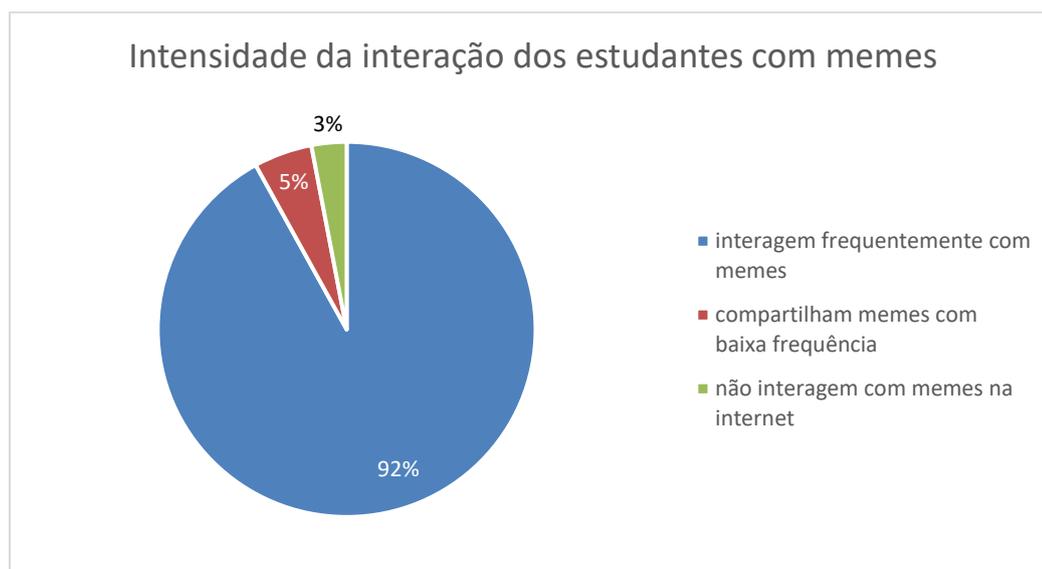
Fonte: O autor (2024)

A distribuição equilibrada de estudantes entre escolas públicas e privadas (536 e 472, respectivamente) me permitiu realizar uma análise comparativa das diferentes abordagens pedagógicas utilizadas em cada tipo de instituição. Estudos de autores como Soares (2004) e Silva (2010) indicam a existência de divergências entre as práticas pedagógicas desenvolvidas em escolas públicas e privadas, o que pode influenciar o tipo de metodologia adotada e a receptividade dos estudantes em relação ao uso de recursos inovadores, como os memes. Ao analisar a percepção dos estudantes de ambas as redes de ensino, consegui identificar se o uso de memes é mais comum em determinados tipos de escolas e se essa prática está associada a características específicas do projeto pedagógico.

Antes de chegar às conclusões sobre essas abordagens pedagógicas em diferentes contextos educacionais, formulei outras perguntas com o objetivo de ampliar os dados sobre o perfil dos estudantes incluídos na amostra. Nesse sentido, busquei perceber o grau e a intensidade do contato desses jovens com memes na

internet. Os resultados indicaram que 92% dos estudantes interagem frequentemente com memes, seja curtindo ou compartilhando. Outros 5% indicaram que compartilham memes com baixa frequência, enquanto apenas 3% afirmaram não interagir com memes na internet (imagem 107).

Imagem 107 - Intensidade da interação dos estudantes com memes.

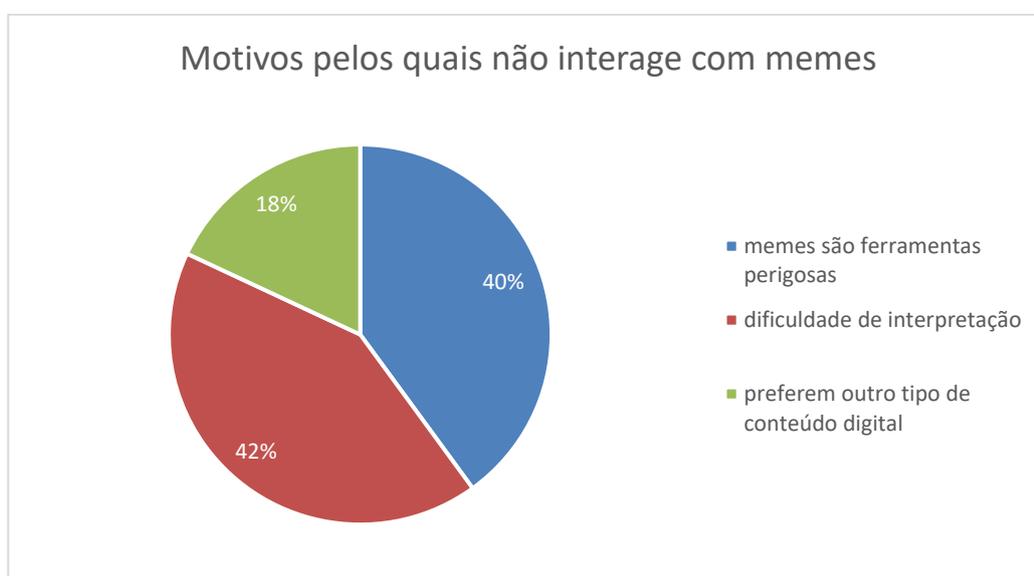


Fonte: O autor (2024).

Esses dados confirmam uma tendência significativa entre os estudantes de utilizar memes como forma de comunicação e interação social, o que pode ter importantes implicações no contexto educacional. A diferença entre os 92% que interagem frequentemente e os 3% que não interagem sugere que, apesar do potencial universal dos memes, ainda existem fatores que influenciam essa prática. Ao questioná-los sobre os motivos pelos quais não interagem com memes, observei que esses 3% apresentaram respostas que refletem uma diversidade de perspectivas em relação a essa forma de comunicação digital. Dentre esses sujeitos, 40% afirmaram que consideram os memes ferramentas perigosas, pois muitas vezes carregam discursos inverídicos. Essa preocupação com a veracidade das informações veiculadas nos memes revela uma atitude crítica em relação ao consumo de conteúdo digital, demonstrando conscientização sobre os riscos associados à disseminação de fake news e outras formas de desinformação. Paralelamente, 42% dos estudantes que não interagem com memes relataram dificuldades de interpretação. Essa dificuldade pode estar relacionada à complexidade cultural, linguística ou contextual

dos memes, que frequentemente dependem de um conhecimento prévio ou de familiaridade com certas referências para serem plenamente compreendidos. Esse dado também sugere que, embora os memes sejam amplamente utilizados, sua acessibilidade, como aponta Shifman (2014), pode ser limitada por barreiras interpretativas, que variam conforme o contexto educacional, cultural ou social. O restante dos estudantes, 18%, indicou que simplesmente não nutrem interesse pelo gênero e preferem interagir com outros tipos de conteúdo digital, evidenciando que, embora os memes sejam populares, eles não são atraentes ou relevantes para todos os estudantes (imagem 108).

Imagem 108 - Motivos informados pelos alunos que não interagem com memes.

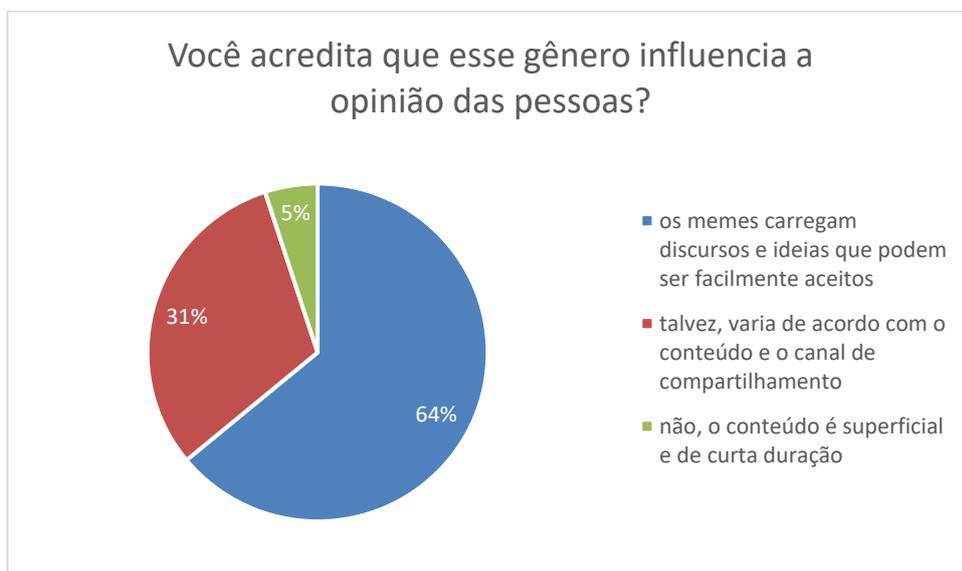


Fonte: O autor (2024).

A pergunta seguinte que direcionei aos estudantes foi: “Você acredita que esse gênero influencia a opinião das pessoas?” Dos respondentes, 64% indicaram que enxergam os memes como gêneros que carregam discursos e ideias que podem ser facilmente aceitos. Outros 31% responderam “talvez,” destacando que a influência dos memes pode variar de acordo com o conteúdo presente neles e os canais por onde são compartilhados. Para esses estudantes, o impacto dos memes está diretamente relacionado à natureza do conteúdo compartilhado. Eles sugerem que algumas pessoas podem ser influenciadas, enquanto outras podem permanecer críticas ou indiferentes, dependendo do contexto e da mensagem transmitida pelos memes. Por fim, 5% dos estudantes acreditam que não, argumentando que a interação com esse

tipo de gênero é superficial e de curta duração. Este grupo considera os memes como conteúdos efêmeros, que não exercem uma influência duradoura ou significativa sobre o pensamento das pessoas (imagem 109).

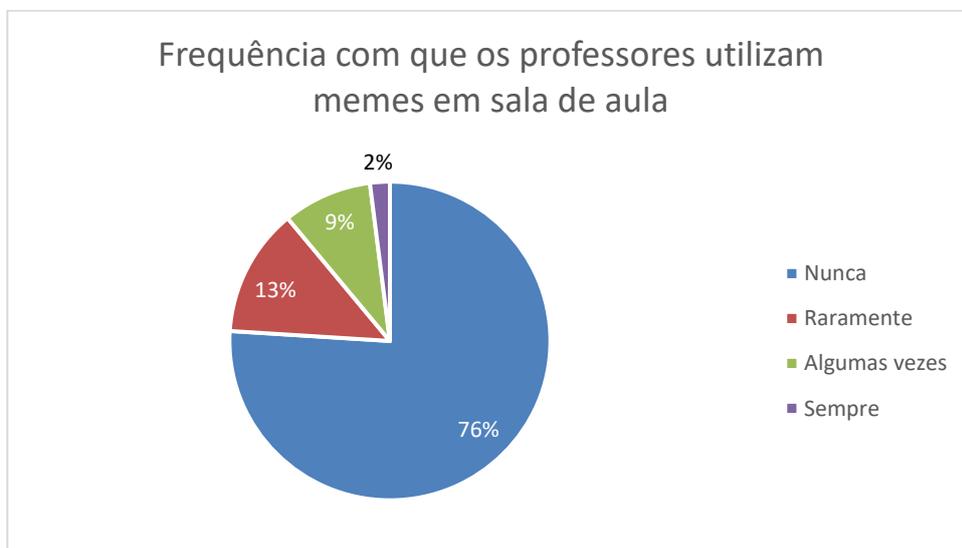
Imagem 109 - Respostas coletadas sobre a influência dos memes na opinião das pessoas.



Fonte: O autor (2024).

Ao focar especificamente no contexto educacional, procurei entender como os estudantes percebem a presença, ou ausência, dos memes nas práticas pedagógicas de suas escolas. Para isso, incluí uma pergunta no formulário para investigar a frequência com que os professores utilizam esse gênero em sala de aula. Os resultados mostraram que 76% dos estudantes responderam que, até aquele momento, os professores nunca haviam utilizado memes em suas aulas. Outros 13% relataram que os professores raramente utilizam memes, enquanto 9% disseram que isso ocorre algumas vezes. Esses dados sugeriram, naquele momento, uma possível resistência ou desconhecimento em relação ao uso de recursos digitais mais contemporâneos como ferramentas pedagógicas. Esta hipótese será posteriormente discutida a partir de dados fornecidos pelos docentes (imagem 110).

Imagem 110 - Frequência com que os professores entrevistados utilizam memes em sala de aula.

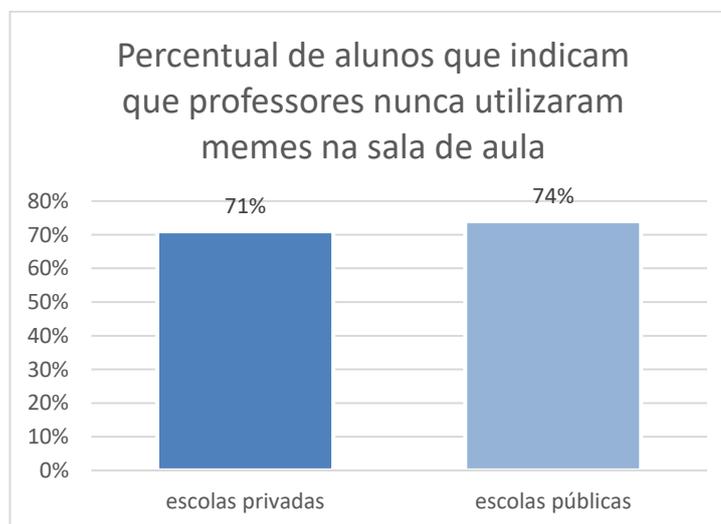


Fonte: O autor (2024).

É importante destacar que os números acima também indicam que, embora o uso de memes em sala de aula seja limitado, alguns educadores já estão explorando essas ferramentas. Esses professores podem estar experimentando novas abordagens para conectar o conteúdo curricular com os interesses e hábitos digitais dos alunos, ainda que de maneira esporádica. Por fim, apenas 2% dos estudantes indicaram que os professores sempre utilizam memes em suas aulas, revelando que, em raras ocasiões, há um esforço contínuo e intencional de integrar os memes como componente regular das práticas de ensino.

A discrepância entre a alta frequência com que os alunos interagem com memes fora da escola e a baixa presença desses gêneros nas práticas pedagógicas revela uma desconexão entre o ambiente educacional e as formas de comunicação que os estudantes mais valorizam. Como observei, os dados coletados também foram analisados com o objetivo de identificar possíveis diferenças entre os alunos de escolas públicas e privadas em relação à utilização de memes pelos professores em sala de aula. No entanto, os resultados mostraram que o percentual de alunos indicando a não utilização de memes pelos professores variou pouco entre os dois tipos de ensino. Nas escolas públicas, 74% dos estudantes afirmaram que os professores nunca usam memes, enquanto nas escolas privadas esse percentual foi de 71% (imagem 111).

Imagem 111 - Percentual de alunos entrevistados que afirmam que professores utilizam memes em sala de aula. Comparativo entre escolas privadas e públicas.



Fonte: O autor (2024).

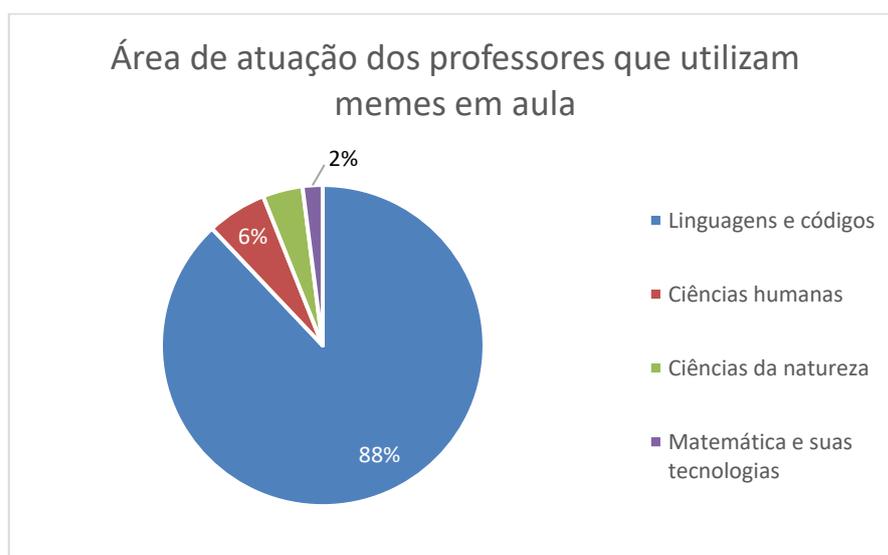
Essa proximidade nos percentuais sugere que, independentemente do tipo de instituição, a presença de memes como ferramenta pedagógica é igualmente baixa. Esse dado aponta para um cenário mais amplo, em que a resistência ou a falta de prática no uso de memes como recurso didático não é exclusiva de um segmento educacional, mas sim uma característica comum entre os diferentes contextos de ensino.

9.2.1 Sobre as áreas de atuação docente

A próxima pergunta investigou quais áreas de atuação englobam os professores que incorporam o uso de memes em sala de aula. Os resultados revelaram uma concentração significativa em determinadas disciplinas: 88% dos professores que utilizam esses recursos atuam na área de Linguagens e Códigos, que inclui disciplinas como Português e Inglês. Esse predomínio, percebo, pode estar relacionado à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que frequentemente atrela o estudo de gêneros textuais digitais, como memes, banners e virais, a esse bloco de disciplinas. Dessa forma, os professores de Linguagens e Códigos podem estar mais inclinados a incorporar esses recursos em suas práticas pedagógicas, alinhando-se

às diretrizes curriculares que visam preparar os estudantes para lidar criticamente com os textos presentes em seu cotidiano digital. Outros 6% que integram essas ferramentas trabalham na área de Ciências Humanas, como História e Geografia. Embora menos expressivo, esse percentual sugere que há uma incorporação de elementos digitais nas Ciências Humanas, possivelmente para contextualizar e relacionar os eventos históricos e sociais com o presente, tornando o aprendizado mais relevante para os alunos. Em contraste, 4% dos professores que utilizam memes e similares atuam na área de Ciências da Natureza, como Biologia e Química. Esses dados indicam que, embora menos comum, existe algum nível de experimentação na aplicação desses recursos em disciplinas tradicionalmente mais focadas em conceitos técnicos e científicos. Por fim, apenas 2% dos professores que utilizam esses recursos pertencem à área de Matemática e suas Tecnologias (imagem 112).

Imagem 112 - Áreas de atuação dos professores que utilizam memes em sala de aula.



Fonte: O autor (2024).

Esse número reflete a percepção de que, em disciplinas de natureza quantitativa e abstrata, o uso de memes e virais da internet pode ser menos intuitivo ou considerado menos relevante. No entanto, esse baixo percentual também pode apontar para uma oportunidade inexplorada de inovação pedagógica na área, onde a aplicação criativa desses recursos poderia contribuir para tornar o aprendizado de matemática mais acessível e envolvente.

9.2.2 Sobre os objetivos pedagógicos

O próximo tópico avaliou a percepção dos alunos sobre o objetivo dos professores ao utilizarem memes em sala de aula. Em primeiro lugar, 60% deles apontaram que o objetivo principal é “criar um ambiente de aula mais leve e provocar humor”. Este percentual pode indicar que, para a maioria dos estudantes, os professores buscam tornar as aulas mais descontraídas e agradáveis ao utilizar esse gênero. Além disso, 23% responderam que percebem nos professores uma intenção de realizar críticas sociais e explorar temas atuais. Esse percentual menor, por sua vez, sugere que, embora alguns docentes utilizem memes para abordar questões sociais e contemporâneas, essa prática é menos comum quando comparada ao uso predominante para criar um ambiente humorístico. O humor, sem dúvida, pode ajudar a reduzir a tensão, aumentar a participação e tornar o processo de aprendizado mais agradável. No entanto, ao analisar os dados, percebo que essa abordagem predominantemente voltada para o entretenimento pode limitar uma exploração crítica e aprofundada dos memes. Ao focar principalmente em fazer a turma rir, os professores podem perder a oportunidade de utilizar os memes como ferramentas para discussões mais significativas e reflexivas sobre temas atuais e sociais. Além disso, questões relacionadas ao uso da língua e à variação linguística, que são claramente presentes nesse gênero, acabam sendo pouco abordadas, o que representa uma oportunidade perdida de integrar esses aspectos ao processo de ensino. Essas reflexões indicam que, embora o uso de memes em sala de aula seja positivo para criar um ambiente descontraído, há um potencial subutilizado para um trabalho mais crítico e educativo com esses recursos digitais.

Outros 17% indicaram que percebem nos professores um esforço para explicar as nuances e discutir os discursos presentes nos memes. Esses dados sugerem que, embora essa abordagem mais analítica e crítica seja menos frequente, ela pode proporcionar aos alunos uma compreensão mais profunda dos significados e mensagens transmitidos por esse gênero textual digital. Suponho que, ao adotar essa prática, os professores tenham o potencial de ajudar os estudantes a desenvolverem uma navegação mais consciente e crítica no ambiente digital, permitindo uma análise mais cuidadosa dos conteúdos que consomem e compartilham nas redes sociais.

9.2.3 Análise de Memes pelos Estudantes

As duas próximas perguntas do formulário tinham como objetivo avaliar a interação dos estudantes com os memes. A primeira delas apresentava um meme (Imagem 113) que consistia em uma sequência de imagens de um sapo saindo de uma panela cada vez mais quente, acompanhadas de frases que gradualmente intensificavam a crítica à vacinação e à vigilância digital. Após a leitura do meme, pedi aos alunos que escolhessem entre duas descrições aquela que, em sua opinião, melhor explicava a verdadeira intenção do criador do meme:

1. "Trata-se de um meme que tem o propósito de persuadir as pessoas a receberem a vacina, ilustrando tanto de forma textual quanto visual as consequências negativas que podem ocorrer ao optar pela não imunização."
2. "É um meme que tenta convencer as pessoas a não se vacinarem, usando argumentos comumente defendidos por aqueles que se opõem à vacinação."

Imagem 113 - Meme "sapo na panela".



Fonte: Reprodução/ X

Os resultados mostraram que 59% dos estudantes selecionaram a primeira opção, enquanto o restante optou pela segunda. Esse dado indica uma percepção predominante entre os alunos de que o meme foi criado para apoiar a vacinação, sugerindo que ele estaria retratando as consequências negativas de não se vacinar. A descrição das imagens, com a panela esquentando e o sapo se tornando progressivamente mais desconfortável, parece ter sido interpretada como uma tentativa de ilustrar a ideia de que não tomar a vacina pode levar a problemas cada

vez mais graves, refletidos no aumento da temperatura e no crescente desconforto do sapo.

No entanto, considero essa interpretação uma hipótese, uma vez que as frases do meme não explicitam diretamente essa relação com o aumento da temperatura. Esse possível erro interpretativo pode ter várias causas. Uma delas é a tendência de associar automaticamente símbolos de desconforto ou deterioração – como o aumento da temperatura e o sofrimento do personagem – a advertências sobre os riscos da não vacinação. Os alunos podem ter interpretado o meme dentro de um contexto de campanhas de saúde pública, onde frequentemente são utilizados recursos visuais dramáticos para reforçar a importância da imunização. Além disso, a complexidade do discurso presente no meme, que utiliza ironia e exagero, pode ter confundido alguns deles, levando-os a uma interpretação contrária à intenção original do criador.

A dificuldade em interpretar corretamente o meme sugere desafios nas práticas comunicativas digitais dos estudantes, especialmente no que diz respeito à análise crítica dos enunciados que, como os memes, empregam formas sofisticadas de comunicação, como o sarcasmo ou a crítica velada. Sendo assim, é possível supor que, se os alunos não são suficientemente treinados para identificar ironia, exagero ou o contexto em que determinado discurso é apresentado, eles correm o risco de interpretar erroneamente a mensagem, o que pode resultar em mal-entendidos que ganham projeção com o compartilhamento em massa. Afinal, ao não perceberem a verdadeira intenção do meme, eles podem ser facilmente influenciados por narrativas enganosas ou manipuladoras, o que destaca a necessidade de um trabalho pedagógico focado no desenvolvimento de competências analíticas para interpretar a arquitetura textual dos memes.

Por outro lado, a escolha de 41% dos estudantes pela segunda opção indica que uma parcela significativa foi capaz de identificar as intenções subjacentes do criador do meme. Esse grupo demonstrou a habilidade de compreender a mensagem irônica e interpretar que o meme, na verdade, busca questionar e criticar a vacinação, utilizando argumentos comuns entre aqueles que se opõem ao imunizante.

Na etapa seguinte, perguntei aos estudantes se eles acreditavam que os memes deveriam ser usados em sala de aula para discutir temas sociais, como a aplicação ou a não aplicação de vacinas em um contexto de pandemia. Os dados revelaram que a grande maioria reconheceu o potencial dos memes como ferramentas

pedagógicas para tratar de temas sociais relevantes. A opção "Sim, acredito que uma análise dele ajudaria a levantar pontos importantes" foi escolhida por 86% dos alunos, indicando que, quando devidamente explorados, os memes podem contribuir para debates significativos em sala de aula. Esse resultado sugere que os estudantes estão abertos a novas abordagens pedagógicas que incorporam elementos digitais contemporâneos e reconhecem o valor desses recursos para enriquecer a discussão sobre temas complexos, como a vacinação em tempos de pandemia.

Paralelamente, 12% dos estudantes expressaram uma visão mais cautelosa, optando pela alternativa: "Depende do mediador, se ele é capaz ou não de explorar esse tipo de gênero." Essa resposta destaca a importância do papel do professor na mediação do conteúdo digital. Esse grupo parece compreender que, para que o uso de memes seja eficaz, é fundamental que o educador tenha a habilidade de interpretar e contextualizar esses recursos, evitando uma abordagem superficial que poderia trivializar temas importantes. Essa preocupação coloca em evidência uma visão mais crítica em relação à qualidade da mediação pedagógica, indicando que o impacto dos memes depende diretamente da competência do professor em explorar sua arquitetura textual e suas nuances.

Por outro lado, 2% dos estudantes escolheram a opção: "Não, penso que é um conteúdo fraco, sem potencial para análise de qualidade." Embora essa seja a menor porcentagem, o dado sugere uma percepção que pode considerar os memes inadequados para discussões sérias ou profundas. Essa visão possivelmente está ligada à ideia de que, por sua natureza breve e muitas vezes humorística, os memes talvez não possuam a complexidade necessária para uma análise acadêmica robusta. Esse entendimento poderia indicar uma visão mais restritiva sobre o potencial dos memes em contextos pedagógicos mais formais, embora essa interpretação ainda careça de investigação.

Na próxima questão do formulário, perguntei aos estudantes qual dos dois memes apresentados construía seu sentido de forma mais eficaz. O primeiro meme (imagem 114) utilizava uma ressonância intertextual com o filme "Homem-Aranha: Sem Volta para Casa" (2021), em que três atores interpretam o Homem-Aranha, com a frase: "se até o miranha precisa de três doses para vencer, quem é você para não tomar a 3ª dose da vacina?" Esse diálogo textual conecta-se à ideia de reforço e união necessários para vencer desafios, relacionando a batalha no filme, protagonizada pelos três personagens, com a importância de tomar todas as doses da vacina. O

segundo meme (imagem 115), por outro lado, traz uma piada sobre vacinas causarem problemas cardíacos, sugerindo com humor, de forma casual, que vacinas poderiam provocar malefícios, como um ataque cardíaco.

Imagem 114 - Meme “três doses de miranha”.



Fonte: Reprodução/ Cinema 10.

Imagem 115 - Meme “Xaveco-vacina”.



Fonte: Reprodução/ X.

Essa pergunta me permitiu investigar a capacidade dos estudantes de avaliar a efetividade interpretativa dos memes, considerando fatores como o uso de personagens da cultura pop, a clareza da mensagem e o apelo do humor. Ao comparar dois memes — um que utiliza o personagem popular do Homem-Aranha em um contexto relacionado à vacinação e outro que faz uma piada insinuando efeitos

adversos das vacinas — a questão revelou nuances sobre como os estudantes percebem e processam diferentes abordagens. Essa investigação também me levou a refletir sobre até que ponto os estudantes conseguem distinguir entre diferentes graus de impacto interpretativo e quais elementos — seja a simplicidade da frase, a familiaridade com o personagem ou o uso do humor — exercem maior influência na maneira como a mensagem de um meme é construída e assimilada.

Como resultado, observei que 61% dos estudantes escolheram o primeiro meme, argumentando que a referência a um personagem amplamente conhecido, como o Homem-Aranha, foi um fator que tornou a mensagem mais eficaz. Essa escolha sugere que a presença de um ícone da cultura pop facilita a conexão com a narrativa. Além disso, a mensagem "se até o Homem-Aranha precisa de três doses, quem é você para não tomar a sua?" é direta e fácil de interpretar, o que favorece a compreensão do discurso desenvolvido pelo meme.

Ainda assim, é importante destacar que esses mesmos elementos podem não funcionar igualmente para todos os espectadores; por exemplo, aqueles que não assistiram ao filme talvez encontrem dificuldade em entender a relação entre os três personagens e a ideia de tomar uma terceira dose da vacina, limitando a abrangência da mensagem e comprometendo sua efetividade interpretativa.

Outros 39% dos estudantes optaram pelo segundo meme, justificando essa escolha com a alegação de que o humor é um elemento potente para captar a atenção, mesmo que a mensagem subjacente seja controversa ou ambígua. Esse resultado sugere que esses estudantes perceberam o impacto imediato que o humor pode ter ao comunicar uma ideia, independentemente de sua veracidade. Ou seja, a efetividade interpretativa da mensagem também parece estar associada à capacidade de gerar impacto emocional através do humor.

A penúltima pergunta do formulário, que questionou se os professores estavam preparados para trabalhar com os memes em sala de aula, foi crucial para que eu pudesse entender o impacto desse recurso digital no ambiente educacional e sua viabilidade como ferramenta pedagógica. Ao investigar a percepção dos alunos sobre a disposição dos educadores para a prática comunicativa com memes, a pesquisa revelou aspectos importantes sobre as barreiras e oportunidades que o ensino contemporâneo enfrenta ao incorporar linguagens digitais. Do total, 89% dos estudantes afirmaram que seus professores não estavam preparados, evidenciando uma lacuna significativa entre o potencial que os memes possuem como ferramentas

educacionais e a capacidade dos professores de utilizá-los de forma eficaz.

As razões apontadas pelos alunos reforçaram essa análise. A falta de familiaridade com a linguagem dos memes (38%) indicou que muitos educadores ainda não dominam esse tipo de comunicação digital, o que gera dificuldades para integrar esses recursos de maneira eficiente. Além disso, a resistência a novas tecnologias (34%) destacou possíveis barreiras, tanto psicológicas quanto estruturais, em que professores se sentem desconfortáveis ou até mesmo despreparados do ponto de vista do agir comunicativo necessário para o uso de memes em um ambiente de ensino mais tradicional. Por fim, o pouco interesse (28%) sugeriu que, para alguns professores, o uso de memes em sala de aula não é visto como uma ferramenta de valor pedagógico, o que pode refletir uma visão restrita sobre o potencial de gêneros textuais digitais para enriquecer o aprendizado.

Todos esses dados evidenciaram uma dissonância nas práticas comunicativas entre a crescente demanda por inovações no ensino e a capacidade do corpo docente de acompanhar essas transformações. É importante ressaltar que essa dissonância toma como base o gênero *meme*, o que não significa, em totalidade, que outros gêneros que fazem uso de imagem e texto não sejam tratados ou abordados em sala de aula. No entanto, diante da alta presença dos memes nas interações virtuais contemporâneas, é relevante observar que esse gênero ainda não ocupa um espaço consolidado no ambiente educacional, e que existem barreiras significativas no que diz respeito ao seu tratamento pedagógico.

O reconhecimento desses obstáculos não só abriu espaço para debates sobre formação continuada e capacitação, como também destacou a necessidade de reavaliar práticas pedagógicas para que a educação se adaptasse melhor à realidade digital dos estudantes. Além disso, os resultados até então apresentados sugerem que os estudantes possuem uma familiaridade comunicativa com os memes aparentemente mais avançada que a dos professores. Com isso, o próximo passo será apresentar os números que revelam a perspectiva dos docentes sobre o uso de memes em sala de aula e sua disposição e preparo para práticas pedagógicas digitais que possam enfrentar esses novos desafios.

Vale destacar que, ao abordar essa questão, não se trata de colocar o meme como um "grande salvador" ou o único gênero relevante no contexto educacional. A intenção é modalizar essa discussão, reconhecendo que, embora os memes sejam um fenômeno cultural e comunicativo significativo, eles coexistem com outros gêneros

e linguagens que também merecem atenção e espaço no processo de ensino e aprendizagem.

9.3 UMA TENTATIVA DE ESCUTAR E COMPREENDER A VOZ DOS PROFESSORES

A etapa da pesquisa realizada com os professores adotou uma metodologia diferente daquela aplicada com os alunos. Durante as visitas às escolas, também apliquei o formulário (anexo 2) presencialmente com os professores que estavam presentes no local naquele momento. O formato de coleta de dados é amplamente utilizado em pesquisas educacionais e sociais, pois permite um alcance maior e garante que as respostas sejam capturadas de maneira prática e rápida. Como aponta Gil (2019), esse método facilita a coleta de dados e é uma ferramenta eficiente para pesquisas exploratórias e descritivas quando bem aplicadas. Além disso, essa decisão levou em consideração, mais uma vez, as limitações orçamentárias.

Dessa forma, foi possível reunir um panorama , com 97 respostas fornecidas por professores de Linguagem (Língua Portuguesa, Redação, Língua Estrangeira e Literatura) oriundos de todas as regiões do país.

A seguir, apresentarei informações que ajudam a identificar a identidade profissional desses docentes, estabelecendo um ponto de partida para a análise das percepções e dos desafios que enfrentam em relação ao uso de memes no ambiente educacional. Do total de professores participantes da pesquisa, 53,8% atuavam exclusivamente na rede privada, 32,6% apenas na rede pública, e os 13,6% restantes trabalhavam simultaneamente nas duas redes de ensino. Esses dados fornecem um panorama inicial sobre o perfil dos docentes envolvidos, permitindo uma análise mais contextualizada de suas perspectivas e experiências.

Tabela 5 - Perfil dos professores quanto ao tempo de conclusão.

Período de formação	Percentual de professores
Terminou a graduação antes de 2002	9,6%
Terminou a graduação entre 2002 e 2006	23,6%
Terminou a graduação entre 2007 e 2011	13,1%

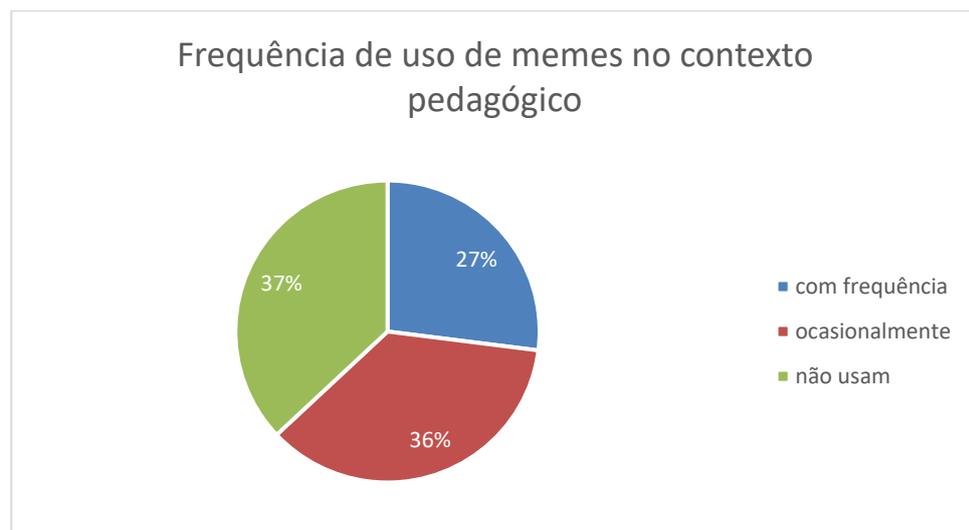
Terminou a graduação entre 2012 e 2016	22,3%
Terminou a graduação entre 2017 e 2021	20,3%
Terminou nos últimos 3 anos	11,1%
Total	100%

Fonte: O autor (2024)

Os dados apresentados na Tabela acima oferecem um panorama abrangente sobre o período de formação dos professores participantes da pesquisa, revelando um perfil diversificado em relação ao tempo de conclusão da graduação. A distribuição temporal indica uma variedade significativa: 23,6% dos professores concluíram a graduação entre 2002 e 2006, enquanto 42,6% finalizaram seus estudos entre 2012 e 2021, o que sugere uma presença expressiva de docentes com formação mais recente. Além disso, 9,6% dos participantes se formaram antes de 2002, indicando a presença de profissionais com uma trajetória mais longa e consolidada na educação. Por outro lado, 11,1% terminaram a graduação nos últimos três anos, representando uma parcela de professores em fase inicial de carreira. Essa diversidade temporal reflete uma gama de experiências profissionais e trajetórias formativas entre os respondentes, o que pode influenciar suas percepções e práticas pedagógicas, especialmente em relação ao uso de memes e outras ferramentas digitais no ambiente educacional.

Após essa etapa inicial de identificação, realizei o primeiro questionamento, que já introduzia o uso de memes, buscando verificar sua presença e frequência no contexto pedagógico. Do total de professores que responderam, 27% afirmaram utilizá-los com frequência, enquanto 36% optaram por "ocasionalmente," e os 37% restantes indicaram que não fazem uso desse recurso em suas práticas pedagógicas (imagem 116). Esse panorama revela tanto uma possível abertura gradual para novas práticas quanto obstáculos de natureza interacional que ainda persistem no uso de gêneros como os memes no ensino.

Imagem 116 - Frequência do uso de memes no contexto pedagógico.



Fonte: O autor (2024).

A pergunta seguinte buscou compreender a opinião dos professores sobre a importância dos memes no contexto educacional. Os resultados foram os seguintes:

- 51% dos professores consideraram os memes muito importantes, pois acreditam que eles engajam os estudantes.
- 40% classificaram os memes como importantes, mas ressaltaram que devem ser usados com moderação.
- 5% julgaram os memes como pouco importantes, não percebendo relevância educacional.
- Os 4% restantes afirmaram não ter opinião formada sobre o assunto.

Esses dados oferecem uma visão ampla sobre como os docentes avaliam o potencial comunicativo dos memes, revelando uma diversidade de percepções quanto

ao seu uso no ambiente escolar. Eles indicam que uma maioria significativa dos professores (91%) reconhece a importância dos memes como recursos interativos pedagógicos, seja atribuindo-lhes grande relevância ou considerando-os valiosos quando usados com moderação. O fato de 51% considerarem os memes muito importantes demonstra que mais da metade dos docentes enxerga nesses recursos um potencial significativo para envolver os estudantes em práticas comunicativas e tornar as aulas mais dinâmicas. Por outro lado, os 40% que classificam os memes como importantes, mas com a ressalva de uso moderado, sugerem uma preocupação em equilibrar a inovação com práticas pedagógicas mais tradicionais. Esses professores aparentam reconhecer os benefícios dos memes, mas também estão atentos aos possíveis desafios na mediação pedagógica que o uso excessivo desse recurso poderia trazer ao ambiente educacional.

Ao analisar os 5% que julgaram os memes como pouco importantes, percebo que 73% desse grupo é composto por professores que concluíram a graduação antes de 2002. Esse dado pode apontar para um menor envolvimento com práticas comunicativas digitais entre docentes formados em períodos anteriores à massificação da internet e das redes sociais, o que pode impactar sua visão sobre o uso de gêneros textuais digitais como os memes no contexto educacional. Já os 4% que não possuem opinião formada sobre o tema são, em sua maioria, profissionais formados entre 2002 e 2006. Esse cruzamento de dados sugere que, embora tenham tido algum contato com o avanço das tecnologias digitais em suas formações, esses professores ainda não consolidaram uma postura clara sobre o uso de memes em sala de aula.

Comparando esses resultados com os dados coletados entre os estudantes, noto um alinhamento interessante: assim como uma parte considerável dos alunos reconhece o potencial dos memes para mediar discussões sobre temas relevantes, a maioria dos professores também enxerga neles um recurso interativo de valor pedagógico. No entanto, enquanto os estudantes demonstraram um entusiasmo maior e uma aproximação mais natural com práticas digitais, os docentes apresentam uma abordagem mais reflexiva sobre a mediação e contextualização desses recursos. Esse contraste ressalta uma diferença geracional e de experiência com práticas comunicativas digitais, onde os estudantes se mostram mais imersos nessas linguagens, enquanto os professores ponderam sobre como incorporá-las de forma eficaz e responsável.

A pergunta seguinte buscou avaliar se os professores conseguiam identificar o potencial dos memes para o desenvolvimento de habilidades mais amplas, como leitura e interpretação, que são centrais no ensino de Língua Portuguesa. Os resultados revelaram uma divisão interessante entre aqueles que reconhecem esse potencial e os que ainda não o enxergam com clareza. Dos professores consultados, 49% responderam que veem a utilização de memes como uma ferramenta eficaz para desenvolver habilidades de leitura e interpretação. Esse dado é significativo, pois aponta que quase metade dos professores reconhece que, embora os memes sejam geralmente vistos como formas de entretenimento, eles podem ser valiosos para a prática pedagógica, ajudando os alunos a trabalhar com textos curtos, irônicos ou visuais, que exigem uma leitura cuidadosa para interpretar os discursos neles contidos.

Outros 32% indicaram que também percebem esse potencial, mas com a ressalva de que é preciso conhecer o gênero a fundo para que essa utilização seja realmente eficaz. Essa resposta reflete uma visão mais cautelosa, sugerindo que, para esses professores, o uso de memes na educação requer uma abordagem consciente e fundamentada no entendimento das características e nuances desse tipo de texto digital. Afinal, trabalhar com gêneros textuais como memes envolve mais do que apenas apresentá-los em sala de aula; é necessário preparar os alunos para compreender o contexto cultural e as referências intertextuais que permeiam esses produtos.

Por outro lado, 6% dos professores afirmaram não ver nenhuma relação entre o uso de memes e o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação. Essa resposta pode estar associada a uma visão mais tradicional do ensino, na qual os gêneros textuais digitais ainda não são percebidos como ferramentas legítimas para o trabalho em sala de aula. Esses professores também podem não considerar os memes como textos suficientemente complexos para serem usados em atividades que envolvem análise textual e interpretativa. Além disso, é importante destacar que os memes frequentemente rompem com a norma padrão da língua, utilizando variações informais e coloquiais, o que pode gerar desconforto entre alguns professores. Essa característica pode afastar uma parcela de docentes da utilização de memes, pois acreditam que o uso frequente dessas formas textuais pode enfraquecer a consciência dos alunos sobre as regras gramaticais e o uso culto da língua.

No entanto, esse aspecto também pode ser visto como uma oportunidade pedagógica de grande valor. O desvio da norma padrão presente nos memes pode ser explorado como ponto de partida para discussões sobre a importância das regras gramaticais, o contexto apropriado para o uso formal e informal da linguagem e o lugar dessas variações no cenário linguístico mais amplo. Essa abordagem está alinhada à perspectiva de multiletramentos, como discutido por Rojo (2012), que enfatiza a importância de explorar diferentes práticas de linguagem no contexto escolar, respeitando a pluralidade linguística e as variações existentes na comunicação digital. Ao abordar os memes sob essa ótica, os professores podem fomentar uma reflexão crítica sobre o uso da língua, reconhecendo as variações linguísticas não como erro, mas como elementos culturais e sociais significativos. Por fim, o grupo restante afirmou que acha equivocado o uso de memes para esses fins, o que reflete uma resistência maior em aceitar o potencial educativo dos gêneros textuais digitais.

A pergunta seguinte investigou a percepção dos professores sobre a relação entre o trabalho com memes, virais e banners da internet em sala de aula e os posicionamentos dos estudantes em relação a narrativas presentes no ambiente digital, como aquelas relacionadas a pautas sociais, incluindo debates sobre vacinas. O resultado foi contundente: 94% dos professores afirmaram acreditar que o uso desses recursos influencia as opiniões dos estudantes sobre questões sociais. Apenas uma pequena parcela, 6%, considerou que esses recursos não têm impacto significativo sobre os posicionamentos dos alunos.

O dado mais revelador dessa etapa da pesquisa, no entanto, é o fato de que 91% dos professores que anteriormente haviam afirmado não acreditar que a utilização de memes, virais ou banners pudesse contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação, optaram pela resposta afirmativa sobre a influência dessas mesmas ferramentas na formação de opiniões dos estudantes sobre pautas sociais. Esse contraste levanta questionamentos importantes sobre a percepção dos professores a respeito da função pedagógica dos memes. Por um lado, esses docentes reconhecem que os memes têm o poder de moldar e influenciar os posicionamentos dos estudantes sobre temas sociais, indicando uma consciência do impacto cultural e social que esses gêneros exercem na vida cotidiana. Por outro lado, ao dissociar essa capacidade de influência do desenvolvimento de habilidades interpretativas e de leitura, esses professores parecem ver os memes mais como veículos de impacto emocional e ideológico, e não como ferramentas complexas que

poderiam ser exploradas em sala de aula para uma análise crítica e reflexiva.

Essa visão sugere que, embora os professores percebam nos memes um poder de influência, eles podem estar interpretando esse impacto mais como uma forma de envolvimento afetivo dos alunos com as pautas representadas, em vez de vê-lo como uma oportunidade para desenvolver habilidades críticas, como a capacidade de análise de enunciados e a reflexão argumentativa. Assim, acredita-se que esses recursos capturam o imaginário social dos estudantes, mas muitos professores ainda não reconhecem neles o mesmo valor para fomentar habilidades associadas à leitura crítica, como a compreensão textual, a argumentação e a reflexão sobre o uso da linguagem.

A última pergunta do questionário direcionada aos professores, na universidade, você recebeu algum preparo voltado para a prática pedagógica com gêneros, como os memes?, oferece uma perspectiva valiosa sobre a abordagem das instituições de ensino superior, especialmente nos cursos de licenciatura, em relação a esses novos recursos. As respostas revelaram um panorama claro: 77% dos professores afirmaram não ter tido qualquer oportunidade de trabalhar com esse tipo de conteúdo na universidade, enquanto 14% indicaram que participaram de discussões sobre memes, mas de forma muito pontual e superficial. Apenas uma pequena parcela restante afirmou ter cursado disciplinas que abordaram especificamente o uso pedagógico desse gênero.

Essa pergunta foi crucial para que eu pudesse entender o quanto as universidades estão integrando as novas demandas do ambiente digital às formações pedagógicas tradicionais. O resultado reflete uma lacuna significativa no currículo das licenciaturas, que ainda parecem negligenciar o potencial educacional de gêneros contemporâneos, como os memes. A ausência dessa abordagem, percebida na análise das grades curriculares, aponta para uma desatualização dos programas pedagógicos, que continuam focados em metodologias tradicionais, sem considerar de forma ampla as novas práticas culturais e comunicativas. O fato de 77% dos professores não terem tido qualquer contato com esse tipo de formação revela que as universidades ainda não enxergam os memes como uma ferramenta legítima de ensino, possivelmente por causa de seu caráter humorístico, informal e muitas vezes transgressor das normas padrão da língua.

Além disso, é relevante apontar que 89% dos professores que afirmaram não ter tido contato com o uso pedagógico de memes durante a graduação concluíram

seus cursos após 2007. Esse dado adiciona uma nova camada de complexidade à discussão sobre a formação docente, pois desmistifica a ideia de que o desinteresse das universidades em incorporar gêneros textuais digitais na formação de professores seja uma questão do passado. Mesmo em tempos mais recentes, quando a presença de mídias digitais e memes na vida cotidiana já estava consolidada, as licenciaturas continuaram a negligenciar esse conteúdo.

Seguindo essa linha de raciocínio, o dado mais revelador é que, entre os professores que se formaram nos últimos três anos, 79% afirmaram não ter tido qualquer contato com discussões sobre memes durante a graduação. Esse resultado demonstra que as universidades ainda não estão adequando seus currículos de maneira significativa para preparar futuros professores a lidar com essas novas realidades. Considerando que muitos alunos relataram alto contato com memes no dia a dia e que outros afirmaram ter dificuldade em interpretá-los, a desconexão entre a formação acadêmica e a prática pedagógica se mostra ainda mais ampla e atual do que se imaginava.

Embora houvesse uma expectativa de que as graduações mais recentes estivessem mais alinhadas com as demandas do mundo digital, os números mostram que essa expectativa não se confirma. Dessa forma, os licenciados continuam entrando no mercado de trabalho sem uma compreensão aprofundada de como utilizar gêneros, como memes, de forma pedagógica, o que perpetua a distância entre as práticas de ensino e a realidade comunicacional dos estudantes. Além disso, essa lacuna impacta a maneira como os discursos circulam e são aderidos na internet, dificultando o diálogo efetivo entre a educação formal, as dinâmicas digitais contemporâneas e o mundo real com seus inúmeros desafios.

Ao analisar de forma panorâmica os dados coletados entre alunos e professores, observo tanto avanços quanto desafios significativos para integrar gêneros textuais digitais, como os memes, ao ambiente educacional. Do lado dos alunos, uma maioria expressa familiaridade e interesse natural pelos memes, reconhecendo seu potencial para discutir temas sociais e contribuir para debates relevantes. Essa receptividade evidencia um cenário em que os estudantes já interagem com esses gêneros de forma espontânea e atribuem a eles um valor expressivo para sua formação social e cultural.

Em contraste, os dados sobre os professores revelam uma postura mais cautelosa e, em alguns casos, resistente. Enquanto alguns docentes percebem os memes

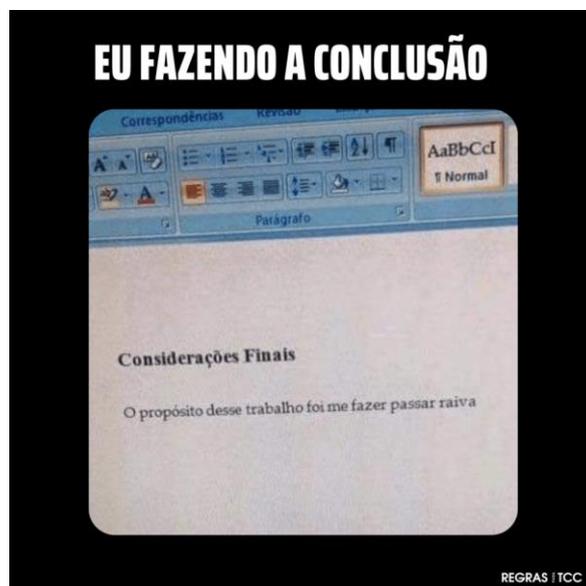
como recursos com potencial pedagógico, uma parcela significativa ainda considera que esses gêneros carecem de complexidade para um uso educacional pleno, possivelmente influenciados por uma formação que não contemplou esses recursos. Esses dados também sugerem que a formação de professores precisa evoluir para atender às novas demandas do ambiente digital, superando metodologias tradicionais e incorporando de maneira estruturada os gêneros com esse perfil.

É importante ressaltar que, embora minha pesquisa tenha se voltado especificamente para os memes, algumas perguntas estabeleceram paralelos com outros gêneros textuais digitais, buscando compreender o fenômeno de forma mais ampla. Esse destaque dado aos memes não implica que sejam considerados o gênero mais importante, mas sim que eles servem como um ponto de partida para levantar novas hipóteses e reflexões. Essas hipóteses podem ser validadas ou confrontadas em pesquisas futuras que queiram explorar outros gêneros ou aprofundar a análise sobre a integração de linguagens digitais na educação.

O avanço dependerá, portanto, da atualização das licenciaturas e do desenvolvimento de uma pedagogia que não só acolha essas linguagens, mas também as utilize como pontes para conectar o conteúdo curricular à realidade cotidiana dos alunos, promovendo um ensino mais engajado e conectado ao mundo digital.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imagem 117 - Meme “Conclusão”.



Fonte: Reprodução/Regras para TCC

Para encerrar esta tese, pretendo retomar os objetivos com o intuito de avaliar até que ponto consegui contemplá-los, analisar sua estrutura e compreender sua real contribuição para a comunidade acadêmica. Meu principal objetivo era investigar se as práticas de ensino no campo das linguagens têm incluído o estudo dos memes como práticas de linguagem digital, analisando sua estrutura e conteúdo como gêneros textuais digitais e sua contribuição para a construção de significados e para a formação de posicionamentos em contextos sociais e culturais. Nesse sentido, acredito que a leitura dos documentos realizada, minha imersão em pesquisas oriundas de diferentes campos do conhecimento e, principalmente, a construção de um roteiro voltado para a análise de memes me permitiram identificar fragilidades importantes quanto à presença dos gêneros textuais digitais no ensino. Fica claro, após este trabalho, que existem barreiras significativas que impedem um tratamento mais expressivo e isso, como observado, está presente em toda a cadeia formativa, desde as licenciaturas até as salas de aula do Ensino Básico. Outro ponto que pode ser afirmado nestas considerações finais é que, historicamente, a nossa percepção sobre a realidade – ou seja, os sentidos que construímos para entender o mundo ao nosso redor – tem sido fortemente mediada e influenciada por gêneros textuais que fazem uso de uma combinação didática entre imagem e linguagem verbal. Hoje, essa

combinação tem se mostrado ainda mais sofisticada, quebrando barreiras espaciais e inserindo novos atores nos processos interativos.

Assim, nos primeiros capítulos, apresentei uma discussão mais ampla sobre os memes, considerando como eles se inserem nas práticas de interação possibilitadas pelo mundo digital. Como venho pesquisando esse gênero há mais de dez anos, sempre que um movimento de caráter social ou político ganha espaço nas mídias, rapidamente passo a observar como os memes são utilizados e de que maneira os atores sociais operam com eles para alcançar diversos objetivos. Compreendi, desde cedo, que as percepções da sociedade são construídas e moldadas por diferentes frentes, nenhuma delas atuando de forma isolada ou sendo completamente determinante. No entanto, me causava estranheza que os memes fossem tratados sempre como algo menor, como se representassem uma espécie de registro cômico e leve, independentemente da seriedade dos temas abordados.

Ao longo desse primeiro capítulo, foi possível investigar como os memes contribuem para a formação de percepções coletivas, especialmente em momentos de crise. A análise trouxe à tona os mecanismos pelos quais esses gêneros digitais podem influenciar a compreensão pública de questões sociais e políticas, desvendando de que forma se tornam veículos de interpretações compartilhadas e críticas sociais.

Costumo dizer que culturas frequentemente tratadas como banais são justamente as que merecem atenção. Essa visão, que as percebe como práticas inofensivas, permite que elas circulem sem muito controle ou monitoramento, até que se integrem silenciosamente ao imaginário coletivo e contribuam para a construção das percepções sociais. Nesse sentido, os memes deixam de ser meros veículos de humor e passam a funcionar como instrumentos de influência, participando ativamente da modelagem de valores e ideologias no cenário digital. Por isso, nesse mesmo capítulo, decidi iniciar a discussão explorando o conceito de verdade, aproximando-o da ciência histórica e criando diálogos entre autores de diferentes áreas do conhecimento, como Veyne (1984), Paul e Foucault (2009). Assim, empreendi uma abordagem interdisciplinar que percorre toda a tese e transforma este trabalho em um exercício de conexão entre abordagens frequentemente consideradas independentes ou pouco relacionadas.

Também analisei essas narrativas se inserem em uma dinâmica que fortalece um conjunto de ferramentas de controle, atuando sobre as pessoas para convencê-

las de determinadas crenças. Para alcançar essa análise, utilizei imagens históricas, relacionando-as com períodos de crise na saúde, pois, conforme mencionado na introdução, o início da pandemia coincidiu com os primeiros trabalhos para esta tese. Ao revisitar três eventos históricos distintos — a Peste, a Revolta da Vacina e a Pandemia de Aids — busquei identificar similaridades no uso estratégico de gêneros textuais, reforçando a importância de estudá-los para compreender como, ainda hoje, eles continuam a influenciar nossas percepções da realidade, participando ativamente na construção de visões de mundo que, ainda que não as determinem por completo, contribuem para a forma como interpretamos e respondemos aos contextos sociais ao nosso redor.

No capítulo seguinte, intitulado *A Dinâmica dos Memes: retomadas conceituais e uma nova arquitetura pensada para o mundo digital*, considereei essencial me debruçar sobre os memes, com o objetivo de retomar e consolidar alguns conceitos fundamentais, dado que este gênero ainda é visto como uma “novidade” no campo dos estudos textuais. Esse capítulo funciona como um emblema da tese, pois apresenta os memes de forma estruturada, ressaltando sua relevância como gênero textual que se constitui também como fenômeno discursivo. Ao explorar sua arquitetura no contexto digital, busco justificar a importância de estudar os memes não apenas como formas de expressão cultural, mas como práticas que podem sugerir reflexões sobre dinâmicas sociais, políticas e comunicativas, ainda que essa potencialidade não seja o foco central da discussão.

Esse esforço trouxe reflexões que considero não apenas pertinentes, mas também urgentes, sobretudo porque reforçam a ideia de que há uma demanda crescente por compreender a dinâmica de produção, circulação e interpretação desses conteúdos no contexto digital contemporâneo. Outro aspecto importante, que dialoga diretamente com a proposta interdisciplinar do trabalho, foi a retomada de imagens históricas, como quadros e pinturas rupestres. Essas imagens ilustram a potência da cultura visual ao longo do tempo, destacando como, hoje, a nossa relação com as imagens continua a evoluir e se complexificar. Os memes, nesse contexto, tornam-se um gênero que ocupa um espaço significativo nas interações online, reforçando a necessidade de compreendê-los como fenômenos discursivos ricos e multifacetados. Essa discussão também abre caminho para futuras pesquisas que explorem a conexão entre os memes e o ambiente educacional, mostrando como o contexto digital pode ser integrado às práticas pedagógicas, seja como objeto de

estudo ou como ferramenta de ensino, sem perder de vista as dinâmicas complexas do mundo online.

O quarto capítulo, que contempla o terceiro objetivo específico da tese, nasceu da minha tentativa de aproximar o estudo dos memes de autores que usualmente não se relacionam diretamente com esse gênero. Apesar de já existirem alguns trabalhos, mencionados nesta pesquisa, que adotam a perspectiva da linguagem conforme proposta por Bronckart (1999), eu queria dar alguns passos adiante, associando seus conceitos e, ao mesmo tempo, repensando-os e propondo algumas flexibilizações que permitissem uma leitura mais ampla e adaptada aos memes. Esse esforço visava, portanto, a abertura de novos caminhos interpretativos que favorecessem uma análise mais contextualizada e dinâmica dos memes.

É fundamental destacar que foi ao estudar a teorização de Bronckart (1999) e os pressupostos do *Interacionismo Sociodiscursivo* que surgiu a ideia de, no capítulo seguinte, propor uma metodologia própria para a análise de memes, concebendo uma espécie de arquitetura analítica que possibilitasse a identificação e nomeação de alguns dos elementos composicionais dos memes. Essa arquitetura, ao considerar os memes como fenômenos sociais e discursivos complexos, almeja capturar as particularidades desse gênero, fornecendo uma estrutura que permita que eles sejam trabalhados nas salas de aula a partir de uma nomenclatura que os caracterize como práticas de linguagem e de interação social.

Essa iniciativa também concretiza um desejo antigo de criar uma ferramenta que auxilie no processo de ensino e aprendizagem, ampliando a presença dos memes no contexto educacional. Como demonstrado no capítulo 7, a pesquisa identificou que ainda há uma dificuldade em integrá-los às práticas de ensino, especialmente na área de linguagens. Essa arquitetura, portanto, visa oferecer um caminho para superar essas barreiras, facilitando o uso dos memes como recursos pedagógicos que dialogam com a realidade digital dos estudantes.

Evidentemente, como um dos meus objetivos era analisar os memes criados no período da pandemia de covid-19, com foco no impacto que tiveram nas interações que negavam a ciência, considerei pertinente utilizar essa metodologia para, no capítulo 6, entender melhor como se deu a construção de narrativas em torno dessa questão. Durante essa análise, ficou claro que os memes não apenas veicularam ideias contrárias à ciência, mas também participaram ativamente da formação de discursos que contestavam recomendações científicas e sanitárias, evidenciando o

papel dos memes como agentes de influência no campo das percepções sociais. A partir dessa análise, foi possível identificar como os memes moldam as percepções sociais sobre a crise, expressando e reforçando respostas coletivas a esse momento histórico. Essa abordagem reforçou a importância de compreender os memes como instrumentos discursivos que, ao longo da pandemia, ajudaram a estruturar visões e opiniões sobre a crise de saúde. Dessa forma, o método desenvolvido mostrou-se essencial para captar as nuances dessas narrativas, permitindo uma análise detalhada dos elementos presentes nas composições textuais que contribuíram para a difusão de mensagens de cunho negacionista.

O penúltimo capítulo, por sua vez, trouxe informações relevantes sobre a relação dos espaços de ensino e aprendizagem com os memes. Ele aponta para algumas questões que, sem dúvida, precisam ser repensadas, como a baixa presença dos gêneros textuais digitais nos currículos das licenciaturas, o que demonstra uma lacuna importante na formação docente. Essa ausência pode limitar o potencial dos professores para trabalhar com ferramentas e linguagens contemporâneas que dialogam diretamente com a realidade digital dos estudantes. As reflexões presentes nesse capítulo também indicam que a inclusão de gêneros textuais digitais, como os memes, nos currículos de formação pode contribuir para tornar o ensino mais próximo e relevante para as novas gerações, promovendo um ensino de linguagens que dialogue com as práticas sociais atuais. Além disso, essa abordagem tem o potencial de fomentar, em futuras gerações, a capacidade de discernir melhor entre o que é ou não verdade, incentivando uma postura crítica e analítica frente às informações compartilhadas no ambiente digital. Não é de se espantar que a tese, ao se voltar para a análise dos memes que circularam durante a pandemia, demonstre que a maior parte desses são memes de posicionamento, ou seja, produções que expressam opiniões e refletem tomadas de posição sobre questões sociais, políticas e científicas.

O último capítulo, que contempla o último objetivo específico, deu voz aos principais atores envolvidos nessa dinâmica: professores e estudantes. Para mim, era primordial que esse diálogo fosse possível, pois é a partir dele que emergem percepções diretas sobre o papel dos memes no ambiente educacional. Os encontros mostraram que os estudantes enxergam os memes não apenas como forma de entretenimento; uma parte considerável deles reconhece que, em algumas interações, os memes servem como ferramentas para expressar opiniões, explorar temas sociais e, até mesmo, aprender de maneira informal. Por outro lado, um número significativo

de professores, ainda que também percebam um potencial pedagógico nos memes, relatam que não possuem as ferramentas necessárias para integrá-los efetivamente em suas práticas de ensino. Essa falta de preparo ressalta a necessidade de uma formação que inclua gêneros digitais e que capacite os docentes para utilizar os memes como recursos didáticos.

Quero encerrar não apenas com o desejo de que esta tese contribua para futuras pesquisas nessa área, mas também com a esperança de que a universidade se torne mais receptiva a estudos que tomam gêneros mais populares como objeto de investigação. A resistência que encontrei ao longo dessa década dedicada aos estudos dos memes muitas vezes veio de pessoas envolvidas diretamente com os processos de ensino. Essa resistência, na maioria dos casos, não se relacionava com dificuldades metodológicas ou com desconhecimento do tema, mas sim com uma visão de que os memes não merecem o mesmo rigor analítico reservado a outros gêneros.

Esse tipo de visão limita o potencial da academia de se aproximar da realidade digital e dos novos modos de expressão das gerações atuais. Espero que, com o tempo, essa perspectiva seja superada e que pesquisas voltadas para gêneros populares, como os memes, sejam reconhecidas por seu valor, tanto como objetos de estudo quanto como ferramentas de análise cultural. Nesse sentido, considero como possibilidades mais estudos voltados para a arquitetura dos memes, sobretudo os que são arranjados a partir de outros elementos composicionais, como vídeos e som. Também considero pertinentes estudos que ampliem e ramifiquem propostas de classificação ou categorização, pois contribuem para o tratamento que esses gêneros podem receber em sala de aula. Além disso, penso que análises que busquem testar os processos de combinação podem trazer novas explicações para a popularidade de alguns memes, especialmente quando focam na caracterização dos espaços em que eles costumam ser usados com maior intensidade. Vejo também como possível a construção de uma ampla análise com foco na memetização da comunicação tradicional, visto que, como mostrei, os memes não apenas são citados e incorporados como pauta no jornalismo, mas parecem orientar ou influenciar a produção de conteúdo antes tida como "mais formal". Por fim, considero fundamental a ampliação de pesquisas em torno do impacto dos memes na formação do senso crítico dos estudantes, com o objetivo de formar atores sociais com maior capacidade de identificar e combater a onda de desinformação que tem colocado a sociedade em

risco, seja do ponto de vista político, seja do ponto de vista da segurança pública.

11 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Eduardo (org.). **A Revolta da Vacina e o negacionismo dos positivistas: como a política e os jornais boicotaram Oswaldo Cruz**. Curitiba: Zelig Digital, 2021.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 1986.

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Mário da Gama Kury. 3. ed. Brasília: Editora UnB, 2007.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS . **Imprensa Brasileira – Dois Séculos de História**. Brasília: ANJ, 2023. Disponível em: <https://www.anj.org.br/historia-da-imprensa-brasileira/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

ÁVILA, Maribel Chagas de; COX, Maria Inês Pagliarini. **O “internetês” e o legado da história da escrita**. Signótica, Goiânia, 2008.

AXT, M. **Linguagem e telemática: tecnologias para inventar-construir conhecimento**. In: PELLANDA, N. M. C.; PELLANDA, E. C. (Org). **Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **A Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria de Lourdes S. de Araújo. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

BARTHES, Roland. **A Retórica da Imagem**. In: Mitologias. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1984.

BAZERMAN, Charles. **Systems of genres and the enactment of social intentions**. In: Freedman, Aviva; Medway, Peter. *Genre and the New Rhetoric*. London: Taylor & Francis, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Pequena história da fotografia**. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGER, Peter L. **Uma realidade construída: uma visão sociológica do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. **Social network sites: Definition, history, and scholarship**. Journal of Computer-Mediated Communication, 2007.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. São Paulo: Edusp, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

BRASIL DE FATO. **Você não vai se transformar em jacaré: 10 mentiras sobre vacinas que circulam por aí**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/12/18/voce-nao-vai-se-transformar-em-jacare-10-mentiras-sobre-vacinas-que-circulam-por-ai>. Acesso em: 6 jun. 2023.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Anuário Estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro, 1985. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 2 ago. 2023.

_____. Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 27 dez. 1961.

_____. Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 12 ago. 1971.

_____. **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**. 1932. Disponível em: https://www2.fcc.org.br/Manifesto_Pioneiros_Educacao_Nova.pdf. Acesso em: 2 ago. 2023.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução**. Brasília: MEC/SEB, 1997.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2006.

_____. Secretaria de Estado dos Negócios da Educação. **Diretrizes para a Educação Brasileira**. Brasília, 1976.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

BRITO, Antonio Carlos. **Tropicalismo: sua estética, sua história**. Revista Vozes, São Paulo, n.9, 1972.

BRONCKART, J.P. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

_____. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

CAPES. **Portal de Periódicos CAPES**. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 4 dez. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CATÁLOGO DA 17ª BIENAL DE SÃO PAULO. **Arte e videotexto**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1983.

CHESTERMAN, Andrew. **Memes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1997.

CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem: a linguagem na internet**. São Paulo: Contexto, 2005.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e Contradição: Elementos Metodológicos para uma Teoria da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez, 2014.

DANTAS, Luis Fernando. **A história da imprensa no Brasil: 1808-2008**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **O gene egoísta**. 2. ed. São Paulo: Itatiaia, 2007.

DENNETT, Daniel. **Darwin's Dangerous Idea: Evolution and the Meanings of Life**. New York: Simon & Schuster, 1995.

DIONÍSIO, Ângela. **Multimodalidade e gêneros textuais**. Recife: EdUFPE, 2011.

DURKHEIM, Émile. **A Evolução Pedagógica na França**. Tradução de Júlio Granel. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ECO, U. **From Internet to Gutenberg**. Palestra apresentada na Italian Academy for

Advanced Studies in America em 12 de novembro de 1996. Disponível em: http://www.italianacademy.columbia.edu/pdfs/lectures/eco_internet_gutenberg.pdf. Acesso em: 15 dez. 2022.

ECO, Umberto. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. Tradução de Giovanni Cutolo. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1984.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FAVA, Valéria. **Letramentos na web: gêneros, interação e ensino**. Campinas: Pontes Editores, 2016.

FERNANDES, Cleonara Maria. **Política Educacional e Ensino Médio no Brasil**. Campinas: Papyrus, 2004.

FERREIRA-ALVES, José; GONÇALVES, Óscar. **Educação narrativa do professor**. Porto: Porto Editora, 2001.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. **A Relação entre a Peste Negra e os Judeus**. Vértices, n. 20, p. 26-46, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/vertices/article/view/179257>. Acesso em: 02 dez. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FROHMANN, Bernd. **The power of images: a discourse analysis of the cognitive viewpoint**. Journal of Documentation, 1995.

GEORGIA STATE UNIVERSITY LIBRARY. **Reagan's Response – Out in the Archives**. Georgia State University, 2019. Disponível em: <https://exhibits.library.gsu.edu/out-in-the-archives/hiv-aids/reagans-response/>. Acesso em: 17 dez. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria C. da N. Barbosa. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GÓMEZ, Ángel Pérez. **Educação na era digital: a escola educativa**. Tradução de Marisa Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

JACOMELI, Maria Aparecida Martins. **Educação e ideologia na ditadura militar: análise dos discursos de intelectuais brasileiros (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 2010.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. **A new literacies sampler**. New York: Peter Lang, 2007.

KOMESU, Fabiana; TENANI, Luciani. **Internetês: a língua na rede**. Campinas: Pontes Editores, 2021.

KRESS, G., & VAN LEEUWEN, T. **Reading Images: The Grammar of Visual Design**. 2ª ed. Londres: Routledge, 2006.

LADJALI, Cécile. **Mauvaise langue**. Paris: Flammarion, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 2011.

LI MUISIS, Gilles. **Antiquitates Flandriae**. Manuscrito MS 13076-77, fol. 12v. Bibliothèque Royale de Belgique, c. 1350. Disponível em: World History Encyclopedia.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2012.

LIMA-NETO, Vicente de. **Meme é gênero? Questionamentos sobre o estatuto genérico do meme**. Universidade Federal Rural do Semi-Árido, UFERSA, Caraúbas, RN, Brasil, 2020.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. **Rui Barbosa e a Educação Brasileira: Pensamento Educacional no Contexto Histórico**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2010.

MACHLUP, Fritz. **The Production and Distribution of Knowledge in the United States**. Princeton: Princeton University Press, 1962.

MAINARDI, D. **De papo em papo, sem ideia**. Veja, p. 221, 4 out. 2000.

MALODIA, Suresh & DHIR, Amandeep & BILGIHAN, Anil & SINHA, Pranao & TIKOO, Tanishka. **Meme marketing: How marketers can drive better engagement using viral memes?**. Psychology & Marketing, 2022.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Cambridge, MA: MIT Press, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARWICK, Alice E. **Status Update: Celebrity, Publicity, and Branding in the Social Media Age**. New Haven: Yale University Press, 2013.

MASUDA, Yoneji. **An introduction to the information society**. Tóquio: Perikan-Sha, 1968.
_____. **A sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1982.

MELLO, Sérgio Carvalho Benício de; MARÇAL, Maria Christianni Coutinho; FONSÊCA, Francisco Ricardo Bezerra. **Os sentidos do trabalho precarizado na Metrôpolis: fato e ficção!** Organizações & Sociedade, Salvador, 2009.

MELO, José Marques de. **História social da imprensa brasileira**. São Paulo: Paulus, 2012.

MILNER, Ryan M. **The World Made Meme: Public Conversations and Participatory**

Media. Cambridge: MIT Press, 2016.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o golpe de 1964 na caricatura: imprensa e ideologia no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MUSEU DE MEMES. **Se tomar a vacina vai virar jacaré.** Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/se-tomar-a-vacina-vai-virar-jacare>. Acesso em: 6 jun. 2023.

O MALHO. Rio de Janeiro: **O Malho, acervo 1902-1954.** Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/O-malho/116300>.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica e Filosofia das Linguagens.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

PEZZELLA, Maria Cristina Cereser; CAMARGO, Ricardo Antônio Lucas. **Sociedade da informação e suas repercussões na política econômica.** Joaçaba: Editora Unoesc, 2017.

PLATÃO. **A República.** Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 2. ed. São Paulo, 2002.

PLOTKIN, Henry C. **Darwin machines and the nature of knowledge.** Harvard: Harvard University Press, 1993.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1992.

Referência ABNT: CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

REVISTA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. **25 frases de destaque.** São Paulo, n. 24, 1981.

RIBEIRO, Tiago da Silva. **Internetês: abreviaturas e outras estratégias de escrita.** 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

ROJO, R. H. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane. **Letramentos e multimodalidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social.** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SANTOS, M. **Tecnologia e sociedade: uma introdução à sociologia da tecnologia**. São Paulo: Editora XYZ, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SHIFMAN, Limor. **Memes in Digital Culture**. Cambridge: The MIT Press, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, Vítor Manuel de Oliveira e Costa. **Memes na Internet como Gênero Textual: uma análise pragmática**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SOARES, Magda Becker. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SONTAG, Susan. **AIDS and Its Metaphors**. Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1989.

SWALES, John M. **Genre Analysis: English in Academic and Research Settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TUFEKCI, Zeynep. **Twitter and Tear Gas: The Power and Fragility of Networked Protest**. New Haven: Yale University Press, 2018.

VAN DIJCK, José. **A Cultura da Conectividade: Uma História Crítica das Redes Sociais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2016.

VARIS, Piia; BLOMMAERT, Jan. **Conviviality and collectives on social media: Virality,**

memes, and new social structures. *Multilingual Margins: A Journal of Multilingualism from the Periphery*, 2015.

VARIS, Piia; BLOMMAERT, Jan. **Conviviality and Re-semiotization in Superdiversity.** In: *Journal of Language, Identity & Education*, v. 14, n. 4, 2015.

VEYNE, Paul. **Acreditavam os gregos em seus mitos?**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

ZANIBONI Netto, Vergínio. **Videotexto no Brasil.** São Paulo: Nobel, 1986.

ZIMAN, John. **Real Science: What it is and what it means.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

12. ANEXOS

12.1 FORMULÁRIO APLICADO COM OS ESTUDANTES

NARRATIVAS

DIGITAIS

NOME (OPCIONAL): _____ E-MAIL: _____

REDE Pública Privada Pública e Privada

OBJETIVO

Compreender essas práticas comunicativas possibilitará identificar oportunidades para aprimorar as estratégias pedagógicas, promovendo a atualização e aproximação com as linguagens contemporâneas.

PERGUNTAS

<p>Em qual ano do Ensino Médio você está?</p> <p>1º Ano do Médio. <input type="radio"/></p> <p>2º Ano do Médio. <input type="radio"/></p> <p>3º Ano do Médio. <input type="radio"/></p> <p>Estou no EJA. <input type="radio"/></p>	<p>Você acredita que esse gênero influencia a opinião das pessoas?</p> <p>Sim, são gêneros que carregam discursos e ideias que podem ser facilmente aceitas. <input type="radio"/></p> <p>Não, penso que a interação com esse tipo de gênero é superficial e com baixo tempo de duração. <input type="radio"/></p> <p>Talvez, a depender do conteúdo presente neles é possível que algumas pessoas se deixem influenciar e outras não. <input type="radio"/></p>
<p>Nas redes sociais, você costuma interagir (curtir ou compartilhar) com memes?</p> <p>Sim, frequentemente <input type="radio"/></p> <p>Sim, ocasionalmente <input type="radio"/></p> <p>Não, nunca <input type="radio"/></p>	<p>Na sala de aula, com que frequência os professores usam memes?</p> <p>Sempre <input type="radio"/></p> <p>Algumas vezes <input type="radio"/></p> <p>Raramente <input type="radio"/></p> <p>Nunca <input type="radio"/></p>
<p>Se não interage com memes, indique abaixo um possível motivo:</p> <p>Memes são ferramentas perigosas <input type="radio"/></p> <p>Tenho dificuldade para interpretá-los <input type="radio"/></p> <p>Prefiro interagir com outros conteúdos <input type="radio"/></p>	<p>*Quais áreas de atuação englobam os professores que incorporam o uso de memes em sala de aula?</p> <p>Linguagens e Códigos (Português, Inglês, etc.) <input type="radio"/></p> <p>Ciências Humanas (História, Geografia, etc.) <input type="radio"/></p> <p>Ciências da Natureza (Biologia, Química, etc.) <input type="radio"/></p> <p>Matemática e suas Tecnologias. <input type="radio"/></p>

Quando seu professor utiliza memes, ele geralmente utiliza para:

Criar um ambiente de aula mais leve e provocar humor.

Realizar críticas sociais e explorar temas atuais.

Explicar as nuances e discutir os discursos presentes nos memes.

Das duas frases listadas, qual você acha que melhor explica a verdadeira intenção do meme abaixo.



"Trata-se de um meme que tem o propósito de persuadir as pessoas a receberem a vacina, ilustrando tanto de forma textual quanto visual as consequências negativas que podem ocorrer ao optar pela não imunização."

É um meme que tenta convencer as pessoas a não se vacinarem, usando argumentos comumente defendidos pelos que são a favor dessa prática."

Você acredita que os memes devem ser usados em sala de aula para discutir temas sociais, como a aplicação ou a não aplicação de vacinas em um contexto de pandemia.

"Sim, acredito que uma análise dele ajudaria a levantar pontos importantes."

"Depende do mediador, se ele é capaz ou não de explorar esse tipo de gênero."

"Não, penso que é um conteúdo fraco, sem potencial para análise de qualidade."

Entre os memes abaixo, qual você acredita que transmita sua mensagem de forma mais eficaz?



Meme 1



Meme 2

Você acredita que os professores estão preparados para trabalhar com os memes em sala de aula?

Não estão preparados.

Estão preparados.

Se você marcou "não estão preparados" na pergunta anterior, indique, na sua opinião, qual é a principal razão para isso.

Eles não dominam esse tipo de comunicação digital.

São resistentes a novas tecnologias.

Não parecem interessados.

12.2 FORMULÁRIO APLICADO COM OS PROFESSORES

NARRATIVAS

DIGITAIS

NOME (OPCIONAL): _____ **E-MAIL:** _____

REDE Pública Privada Pública e Privada

OBJETIVO

Compreender essas práticas comunicativas possibilitará identificar oportunidades para aprimorar as estratégias pedagógicas, promovendo a atualização e aproximação com as linguagens contemporâneas.

PERGUNTAS

Por favor, indique quando você terminou sua graduação:

Terminei minha graduação entre 2002 e 2006

Terminei minha graduação entre 2007 e 2011

Terminei minha graduação entre 2012 e 2016

Terminei minha graduação entre 2017 e 2021

Terminei minha graduação nos últimos 2 anos

Terminei minha graduação antes de 2022.

Em sua opinião, qual a importância dos gêneros textuais das mídias digitais no contexto educacional?

Muito importante, pois engaja os estudantes

Importante, mas deve ser usado com moderação

Pouco importante, não vejo relevância educacional

Não tenho opinião formada sobre o assunto

Você utiliza memes como recursos pedagógicos em suas aulas?

Sim, frequentemente

Sim, ocasionalmente

Não, nunca

Você vê potencial nos memes para o desenvolvimento de habilidades amplas, como leitura e interpretação?

São uma ferramenta eficaz para desenvolver habilidades de leitura e interpretação.

Sim, mas é preciso conhecer o gênero a fundo para que essa utilização seja realmente eficaz.

Não vejo relação entre o uso de memes e o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação.

NARRATIVAS DIGITAIS

PERGUNTAS

Você vê alguma relação entre o trabalho com memes em sala de aula e os posicionamentos dos estudantes sobre narrativas do ambiente digital, como as relacionadas a pautas sociais, incluindo debates sobre vacinas?

Sim, eles recursos podem influenciar as opiniões dos estudantes sobre questões sociais.



Não, acredito que eles não têm impacto significativo sobre os posicionamentos dos alunos.



Na universidade, você recebeu alguma formação específica sobre o uso pedagógico de memes, virais ou banners?

Sim, participei de discussões sobre memes, mas de forma muito pontual e superficial.



Não, não tive oportunidade de trabalhar esse tipo de conteúdo na universidade.



Sim, cursei disciplinas que abordaram especificamente o uso pedagógico desse gênero.



Meu nome é Raphael e sou aluno do doutorado em educação, sob a orientação da Dra. Tícia Ferro. Minha pesquisa tem como foco o uso de gêneros textuais das mídias digitais, como memes, virais e banners, na sala de aula do nível médio. A relevância deste estudo reside na compreensão das narrativas construídas nas redes sociais, pois essas linguagens têm se tornado cada vez mais presentes no cotidiano dos estudantes.

Agradecemos imensamente a participação de todos, pois será por meio dessa colaboração que poderemos aprofundar nossos conhecimentos sobre o tema, enriquecendo o campo da educação e o entendimento das linguagens contemporâneas nas redes sociais.